



P.S. Eu te Amo

Existem amores que duram mais que uma vida

Cecelia Ahern

Autora #1 best-seller
com mais de 13 milhões de livros vendidos







P.S. Eu te Amo

Existem amores que duram mais que uma vida

Cecelia Ahern

Autora #1 best-seller
com mais de 13 milhões de livros vendidos



Sinopse

Apaixonados desde a escola secundária, Holly e Gerry era um casal que conseguia

terminar as frases um do outro, e mesmo quando brigavam (como sobre quem sairia da

cama para apagar a luz a cada noite) eles acabavam rindo. Holly não sabia onde estaria sem

Gerry. Nenhum dos dois sabia. E foi assim que a lista começou como uma brincadeira. Se

algo acontecesse a Gerry, ele teria de deixar para Holly uma lista de coisas que ela deveria

fazer a fim de sobreviver sã e salva. Então, aos trinta anos, Holly vivencia o impensável:

Gerry é diagnosticado com uma doença terminal. Holly não sabe e na verdade não quer

continuar sem ele, mas Gerry tem planos diferentes para ela. Dois meses após a morte de

Gerry Holly sai de casa e depara-se com um misterioso pacote. Quando o abre, descobre

que Gerry manteve a palavra: ele lhe havia deixado a lista. Uma carta para cada um dos dez

meses que seguiam a sua morte, todas assinaladas com um “Ps, eu te amo”. As cartas

instruem Holly a realizar uma série de tarefas inesperadas. Algumas delas a deixam rindo

alto, outras fazem-na tremer na base.

Quer as execute sozinha ou com suas melhores amigas, as tarefas por fim mostram

a Holly um mundo muito mais vasto do que aquele que foi forçada a deixar para trás.

Rodeada de amigos e de inteligência aguçada e de uma família rude e cativante que a

sufoca, ama-a e a deixa louca, Holly hesita, se contorce, chora, e brinca na sua trajetória em

direção a uma nova vida.

Com uma linguagem nova e original em ficção, “Ps, eu te amo.” é uma história

terna, divertida e inesperadamente romântica, que os leitores guardarão em seus corações e

mentes muito tempo depois de terem fechado suas páginas.

Cecelia Aherne, a filha de vinte e dois anos do Primeiro-Ministro da Irlanda é graduada em Jornalismo e Comunicação e estava estudando para o mestrado no cinema,

quando decidiu deixar a escola e escrever seu primeiro romance. Ela vive em Dublin.

CECELIA AHERN

PS, Eu te amo

Tradução: ANGELA NOGUEIRA PESSOA

Relume Dumará

Título original: PS, love you

© Copyright 2004: Hyperion, Nova York

© Copyright 2005. Direitos para tradução cedidos à EDIOURO PUBLICAÇÕES LTDA.

Publicado por Editora Relume Ltda.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso, CEP 21042-235 - Rio de Janeiro, RJ

Tel. (21)2564-6869 (PABX) - Fax (21)2560-1183

www.relumedumara.com.br

A RELUME DUMARA É UMA EMPRESA EDIOURO PUBLICAÇÕES

Revisão Argemiro de Figueiredo

Editoração Dilmo Milheiros

Capa Isabella Perrotta/Hybris Design

CIP-Brasil Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A239p Ahern, Cecelia, 1981-

PS, Eu te amo Cecelia Ahern tradução de Angela Nogueira Pessoa Rio de Janeiro

Relume Dumará, 2005

Tradução de: PS, love you ISBN 85-7316-389-5

1. Perda (Psicologia) - Ficção. 2. Ficção americana.

Pessoa, Ângela Nogueira. II. Título.

05-0611 CDD813

CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer

meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

Para David

Um

HOLLY SEGUROU O SUÉTER AZUL de algodão contra o rosto e o perfume

familiar imediatamente a fulminou, uma devastadora tristeza contraindo seu estômago e

despedaçando seu coração. Alfinetes e agulhas percorreram a parte posterior do pescoço e

um bolo na garganta ameaçou sufocá-la. O pânico assumiu o comando. Salvo o baixo

zumbido da geladeira e o ocasional lamento dos canos, a casa achava-se silenciosa. Estava

sozinha. A bile subiu-lhe até a garganta e ela correu para o banheiro, onde desmoronou de

joelhos diante do vaso sanitário.

Gerry partira e jamais voltaria. Aquela era a realidade. Ela nunca mais correria os

dedos por seu cabelo macio, nunca mais partilharia uma piada secreta por sobre a mesa em

um jantar comemorativo, nunca mais choraria em seu colo quando chegasse em casa após

um dia difícil no trabalho e necessitasse apenas de um abraço; nunca mais dividiriam a

cama novamente, nunca mais seria acordada por seus ataques de espirro a cada manhã,

nunca mais ririam tanto que o estômago dela doeria, nunca mais brigaria com ele a respeito

de quem era a vez de se levantar e apagar a luz do quarto. Tudo o que restava

era um

conjunto de lembranças e uma imagem de seu rosto que se tornava mais e mais indefinida a

cada dia.

O plano dos dois era muito simples. Permanecer juntos pelo resto de suas vidas.

Um plano que qualquer um em seu círculo de amigos concordaria que era realizável. Todos

os consideravam excelentes amigos, amantes e almas gêmeas destinadas a ficarem juntas.

Mas por acaso, um dia o destino havia mesquinhamente mudado de ideia.

O fim chegara cedo demais. Depois de se queixar de uma forte dor de cabeça por

alguns dias, Gerry concordara com a sugestão de Holly de procurar o médico. O que foi

feito numa quarta-feira de trabalho, num intervalo de almoço. O médico achou que o

sintoma devia-se ao estresse ou ao cansaço e declarou que, na pior das hipóteses, ele

poderia precisar de óculos. Gerry não havia ficado contente com aquilo. Andara se

preocupando com a ideia de usar óculos. Ele não precisava ter se preocupado, já que, como

foi descoberto, o problema não eram seus olhos. Era o tumor crescendo dentro de seu

cérebro.

Holly deu a descarga no vaso sanitário e, tiritando por causa da friagem do chão

revestido de cerâmica, firmou-se sobre os pés com passo vacilante. Ele tinha 30 anos. Não

era de forma alguma o homem mais saudável da terra, mas era saudável o bastante para...

bem, para levar uma vida normal. Quando estava muito doente, corajosamente dizia

brincando que não deveria ter vivido com tanta segurança. Devia ter consumido drogas,

bebido mais, viajado mais, saltado de aviões enquanto depilava as pernas... a lista

continuava. Mesmo quando ele zombava a respeito, Holly conseguia enxergar o

arrependimento em seus olhos. Arrependimento pelas coisas que nunca encontrara tempo

para fazer, pelos lugares que nunca vira, e sofrimento pela perda das experiências futuras.

Será que ele lamentava a vida que tivera com ela? Holly nunca duvidara de que ele a amava,

mas temia que sentisse haver perdido um tempo precioso.

Envelhecer tornou-se algo que ele desejava desesperadamente realizar, em vez de

ser apenas uma temida fatalidade. Quão presunçosos ambos haviam sido em jamais

considerar o envelhecimento uma realização e um desafio. Ficar mais velhos era algo que

queriam tanto evitar...

Holly deslizou de um cômodo a outro enquanto derramava suas grossas e salgadas

lágrimas. Seus olhos estavam vermelhos e doloridos e aquela noite parecia não ter fim.

Nenhum dos aposentos na casa a confortava. Somente silêncios indesejados à medida que

fitava a mobília ao seu redor. Quis que o sofá lhe estendesse os braços, mas até mesmo ele

a ignorou.

Gerry não ficaria contente com aquilo, pensou. Respirou fundo, secou os olhos e

tentou estimular algum bom senso dentro de si. Não, Gerry não ficaria nada satisfeito.

Exatamente como vinha acontecendo em noites alternadas nas últimas

semanas,

Holly caiu num sono intermitente nas primeiras horas da manhã. Todos os dias, dava por si

atravessada sobre alguma peça de mobília; naquele dia foi o sofá. Mais uma vez, um

telefonema de um amigo preocupado ou um membro da família a acordou. Eles decerto

pensavam que tudo que ela fazia era dormir. Onde estavam as ligações enquanto

perambulava indiferente pela casa como um zumbi, procurando nos aposentos... o quê? O

que esperava encontrar?

— Alô - respondeu com voz fraca. Estava rouca em consequência das lágrimas,

mas havia muito parara de se preocupar em parecer forte para quem quer fosse. Seu melhor

amigo partira e ninguém entendia que maquilagem alguma, ar fresco ou fazer compras iria

preencher o vazio em seu coração.

— Oh, desculpe, querida, acordei você? - a voz preocupada da mãe de Holly soou

através da linha. Sempre a mesma conversa. Todas as manhãs sua mãe ligava para ver se ela

sobrevivera à noite sozinha. Sempre com medo de acordá-la, ainda assim sempre aliviada

ao ouvir-lhe a respiração; sentindo-se segura ao saber que a filha havia enfrentado os

fantasmas noturnos.

— Não, eu estava somente cochilando, está tudo bem. - Sempre a mesma resposta.

— Seu pai e Declan saíram e eu estava pensando em você, querida. - Por que aquela

voz suave, simpática, sempre produzia lágrimas nos olhos de Holly? Ela podia imaginar o

rosto preocupado da mãe, sobrancelhas franzidas, testa vincada de preocupação. Aquilo a

fez lembrar se do porquê de estarem todos preocupados, quando não deveriam estar. Tudo

deveria estar normal. Gerry deveria achar-se ali ao lado dela, girando os olhos na direção do

teto, tentando fazê-la rir à medida que sua mãe tagarelava. Tantas vezes Holly tivera de

entregar o telefone a Gerry, tomada por um acesso de riso. Então ele começava a

conversar, ignorando Holly enquanto ela pulava ao redor da cama, ensaiando as caretas

mais bobas e executando as danças mais engraçadas somente para tê-lo de volta. Raras

vezes funcionava.

Ela fez “hummm” e “ahh” durante a conversa, ouvindo, mas sem escutar uma palavra.

— Está um dia lindo, Holly. Faria um bocado bem a você sair para dar um passeio.

Pegue um pouco de ar fresco.

— Hummm, acho que sim. - Lá estava novamente, ar fresco - a suposta solução

para todos os seus problemas.

— Talvez eu ligue mais tarde e possamos conversar.

— Não, obrigada, mãe, estou bem.

Silêncio.

— Tudo certo, então... telefone se mudar de ideia. Estou livre o dia todo.

— OK.

Outro silêncio.

— Obrigada, de qualquer forma.

— Certo, então... cuide-se, querida.

— Vou fazer isto. - Holly estava prestes a recolocar o fone no gancho quando

ouviu a voz de sua mãe novamente.

— Oh, Holly, quase esqueci. Aquele envelope para você ainda está aqui, sabe, aquele do qual lhe falei. Está sobre a mesa da cozinha. Você pode querer pegá-lo, está aqui

há semanas e deve ser importante.

— Duvido. Provavelmente é outro cartão.

— Não, não acho que seja, meu amor. Está endereçado a você e acima do seu nome diz... oh, espere enquanto o pego em cima da mesa... - O fone sendo abaixado, som

de saltos de sapato sobre a cerâmica em direção à mesa, cadeira arranhando o chão, passos

ficando mais altos, o fone sendo levantado...

— Você ainda está aí?

— Estou.

— Certo, está escrito no alto "A Lista". Não tenho certeza do que isto significa,

meu amor. Vale a pena dar uma...

Holly deixou cair o fone.

Dois

GERRY, APAGUE A LUZ! - Holly soltou um risinho nervoso enquanto assistia a

seu marido se despir diante dela. Ele dançava pelo aposento, fazendo um strip-tease,

desabotoando vagorosamente a camisa branca de algodão com seus dedos longos e finos.

Ergueu a sobrancelha esquerda na direção de Holly, deixou a camisa escorregar por sobre

os ombros, agarrou-a com a mão direita e girou-a sobre a cabeça. Holly riu nervosamente

outra vez.

— Apagar a luz? O quê, e perder tudo isto? - ele abriu um sorriso amplo e atrevido

enquanto flexionava os músculos. Não era um homem vaidoso, mas tinha muito do que se

envaidecer, pensou Holly. O corpo era forte e perfeitamente definido. As longas pernas

eram musculosas, em função das horas passadas na academia. Não era muito alto, mas era

alto o bastante para fazer com que Holly se sentisse segura quando ele se colocava

protetoramente ao lado de seu corpo mignon. Do que ela mais gostava, quando o abraçava,

era que sua cabeça descansava harmoniosamente à altura do queixo dele, onde podia sentir-

lhe a respiração soprando de leve os cabelos e fazendo cócegas em sua cabeça.

O coração dela deu um salto quando ele abaixou as cuecas, segurou as com a ponta

dos dedos dos pés e atirou-as na direção de Holly, em cuja cabeça aterrissou.

— Bem, pelo menos está mais escuro aqui embaixo - riu ela. Ele sempre conseguia

fazê-la rir. Quando chegava em casa cansada e aborrecida depois do trabalho, ele era

sempre simpático e ouvia suas queixas. Raramente brigavam e, quando isso ocorria, era a

respeito de bobagens que os faziam rir mais tarde, como quem havia deixado ligada a luz da

varanda o dia todo ou quem tinha esquecido de ligar o alarme à noite.

Gerry terminou o strip-tease e mergulhou na cama. Aninhou-se ao lado da mulher,

enfiando os pés congelados sob as pernas dela para se aquecer.

— Aaaagh! Gerry, seus pés parecem pedras de gelo! - Holly sabia que aquela posição significava que ele não tinha a mínima intenção de se mover um milímetro. —

Gerry - preveniu a voz de Holly.

— Holly - ele a imitou.

— Você não se esqueceu de nada?

— Não, não que eu me lembre — disse ele num tom atrevido.

— A luz?

— Ah, sim, a luz - murmurou ele sonolento e fingiu roncar alto.

— Gerry!

— Que eu me lembre, tive de sair da cama e fazer isto à noite passada.

— É, mas você estava de pé exatamente ao lado do interruptor um segundo atrás!

— É... exatamente um segundo atrás - repetiu ele sonolento.

Holly suspirou. Detestava ter de sair da cama quando estava acomodada e confortável, pôr o pé no chão de madeira frio e então tatear no escuro de volta à cama. Ela reclamou.

— Não devo fazer isso o tempo todo, Hol. Um dia destes, posso não estar mais

aqui e então, o que você vai fazer?

— Vou fazer com que meu marido apague a luz - bufou Holly, fazendo o melhor

que podia para chutar os pés gelados dele para longe dos dela.

— Ah!

— Ou simplesmente vou me lembrar e eu mesma fazer isso antes de vir para a cama.

Gerry bufou.

— Poucas chances de acontecer, meu bem. Vou ter de deixar uma mensagem ao

lado do interruptor antes de partir para que você se lembre.

— Quanta consideração da sua parte, mas prefiro que você simplesmente me deixe

seu dinheiro.

— E um bilhete no aquecedor central - prosseguiu ele.

— Ha-ha.

— E na caixa de leite.

— Você é muito engraçado, Gerry.

— E nas janelas, para que você não as abra e dispare o alarme de manhã.

— Ei, por que você simplesmente não me deixa uma lista, em seu testamento, das

coisas que preciso fazer se acha que vou ser tão incompetente sem você?

— Não é má ideia - riu ele.

— Muito bem então, vou apagar a maldita luz. — Holly deixou a cama com raiva,

fez uma careta quando pôs o pé no chão gelado e apagou a luz. Estendeu os braços no

escuro e vagorosamente começou a procurar o caminho de volta à cama.

— Alô?!!! Holly, você se perdeu? Tem alguém aí fora, fora, fora, fora? gritou Gerry

no quarto às escuras.

— Sim, estou uauuuuuuuuu! - uivou ela ao bater com o dedão contra o pé da cama.

— Merda, merda, merda, droga, filho da puta, merda, bosta!

Gerry resfolegou e abafou o riso embaixo do cobertor.

— Número dois em minha lista: Tome cuidado com o pé da cama...

— Oh, cale a boca, Gerry, e pare de ser tão mórbido - esbravejou Holly, aninhando

nas mãos seu pobre pé.

— Quer que eu dê um beijo para passar? — perguntou ele.

— Não, estou bem - replicou Holly num tom triste. - Se eu pudesse somente colocar os pés aqui para esquentá-los...

— Aaaaah! Jesus Cristo, eles estão gelados!

— Hi-hi-hi - ela havia rido.

E assim a brincadeira a respeito da lista havia surgido. Fora uma ideia tola e simples,

logo compartilhada com seus amigos mais chegados, Sharon e John McCarthy. Foi John

quem se aproximou de Holly no corredor da escola quando tinham apenas 14 anos e

murmurou as famosas palavras: "Meu amigo quer saber se você vai sair com ele." Após

vários dias de discussões intermináveis e reuniões de emergência com suas amigas, Holly

finalmente aceitou.

— Ah, vá em frente, Holly - encorajara Sharon —, ele é tão divertido, e pelo menos

não tem sardas no rosto inteiro como John.

Como Holly invejava Sharon nesse momento. Sharon e John haviam se casado no

mesmo ano que Holly e Gerry. Holly era a mais nova do grupo, com 23, o restante tinha

24. Uns diziam que ela era muito jovem e davam-lhe lições de moral a respeito de como, na

sua idade, deveria estar conhecendo o mundo e se divertindo. Em vez disso, Gerry e Holly

viajaram juntos pelo mundo. Isso fazia muito mais sentido porque, bem, quando não

estavam juntos, Holly simplesmente tinha a sensação de que um órgão vital de seu corpo

estava faltando.

O dia de seu casamento esteve longe de ser o melhor de sua vida. Ela sonhara com

um casamento de conto de fadas, como a maioria das garotas, com um vestido de princesa

e um dia lindo e ensolarado em um local romântico, cercado por todos que lhe eram

chegados e queridos. Imaginou que a recepção seria a melhor noite de sua vida, viu-se

dançando com todos os amigos, sendo admirada por todos e sentindo-se

especial. A

realidade foi completamente diferente.

Acordou na casa dos pais aos gritos de "Não consigo encontrar minha gravata!"

(seu pai) ou "Meu cabelo está uma merda" (sua mãe), e o melhor de todos: "Estou

parecendo uma maldita baleia! Não vou de jeito nenhum a essa porcaria de casamento

assim. Vai ser um escândalo. Mãe, olha para o meu estado! Holly, pode procurar outra

dama de honra porque eu não vou. Ei! Jack, me devolva essa merda de sacador de cabelo,

ainda não terminei!" (Essas inesquecíveis declarações foram feitas pela irmã mais nova,

Ciara, que normalmente sofria explosões de raiva e se recusava a sair de casa, reclamando

que não tinha nada para vestir, não obstante seu guarda-roupa abarrotado. Atualmente

estava vivendo em algum lugar da Austrália com estranhos, e o único contato que a família

tinha com ela era um e-mail a cada poucas semanas.) A família de Holly passou o resto da

manhã tentando convencer Ciara que ela era a mulher mais linda do mundo. Enquanto

isso, Holly vestia-se em silêncio, sentindo-se um lixo. Ciara afinal concordou em sair de

casa quando o normalmente calmo pai de Holly gritou com a voz mais alta que podia, para

a surpresa de todos: "Ciara, este é o maldito dia de Holly, não o seu. E você vai ao

casamento e vai se divertir, e quando Holly descer você vai dizer a ela o quanto ela está

linda, e não quero ouvir um pio seu pelo resto do dia. Assim, quando Holly desceu, todos

fizeram “ooh” e “aah” enquanto Ciara, parecendo uma garota de 10 anos que acabara de

levar uma palmada no traseiro, olhava para ela chorosa com lábios trêmulos e dizia: “Você

está linda, Holly”. Os sete se espremeram dentro da limusine, Holly, seus pais, seus três

irmãos e Ciara, e sentaram-se num silêncio aterrorizados durante todo o trajeto até a igreja.

Agora o dia inteiro lhe parecia um borrão. Ela mal tivera tempo de falar com Gerry,

já que ambos eram puxados em direções opostas para conhecer a tia-avó Betty, que vivia

num buraco qualquer no fim do mundo, a quem não via desde que nascera, e o tio-avô

Toby, da América, que jamais fora mencionado, mas que de repente era um membro muito

importante da família.

Tampouco a haviam informado de que seria tão cansativo. No final da noite, as

bochechas de Holly estavam doloridas de sorrir para fotografias e seus pés matavam-na,

por ter de correr de um lado para o outro o dia todo num pequeno par de sapatos idiotas,

que não haviam sido desenhados para caminhadas. Queria desesperadamente juntar-se à

ampla mesa onde estavam seus amigos, que uivavam de rir a noite toda, obviamente se

divertindo. Melhor para eles, pensou Holly. Mas assim que pôs os pés na suíte de lua de

mel com Gerry, seus tormentos desapareceram e o significado de tudo aquilo ficou claro.

As lágrimas rolaram mais uma vez pelo rosto de Holly e ela percebeu que estivera

sonhando acordada de novo. Sentava-se congelada no sofá, com o telefone

ainda fora do
gancho ao seu lado. O tempo simplesmente parecia passar por ela aqueles dias, sem que
soubesse que horas eram ou mesmo em que dia estava. Parecia estar vivendo fora do
corpo, adormecida para tudo que não fosse a dor em seu coração, em seus ossos, em sua
cabeça. Sentia-se apenas tão cansada... Seu estômago resmungou e ela deu-se conta de que
não conseguia se lembrar da última vez que havia comido. Teria sido no dia anterior?
Arrastou os pés até a cozinha vestindo o roupão de Gerry e seus chinelos cor-de-
rosa favoritos, de Diva das Discotecas, que Gerry havia comprado no Natal anterior. Ela
era sua diva das discotecas, ele costumava dizer. Sempre a primeira na pista de dança,
sempre a última a sair da boate. Huh, onde estava aquela garota agora? Abriu o refrigerador
e fitou as prateleiras vazias. Somente vegetais e iogurte com a data de validade havia muito
vencida, deixando um cheiro horrível na geladeira. Não havia nada para comer. Deu um
sorriso cansado enquanto sacudia a caixa de leite. Vazia. Terceiro item na lista...
No Natal dois anos antes, Holly fora às compras com Sharon atrás de um vestido
para o baile anual que frequentavam no Hotel Burlington. Fazer compras com Sharon era
sempre perigoso, e John e Gerry haviam brincado a respeito de como, mais uma vez,
ficariam sem presentes no Natal, em função da Jornada de compras das mulheres. Eles não
estavam errados. Pobres maridos negligenciados, era assim que as mulheres

sempre os
chamavam.

Naquele Natal, Holly gastara uma escandalosa quantia no Brown Thomas, no
mais

lindo vestido branco que já vira.

— Merda, Sharon, isto vai fazer um rombo enorme no meu bolso — disse
Holly

culpada, mordendo o lábio e correndo os dedos sobre o tecido suave.

— Ah, não se preocupe, Gerry pode costurá-lo para você - replicou Sharon,
ao que

se seguiu a sua infame gargalhada. — E, por sinal, pare de me chamar de
”merda Sharon”.

Sempre que fazemos compras você se dirige a mim dessa forma. Se não
tomar cuidado,

posso começar a me ofender. Compre esse maldito troço, Holly. Afinal de
contas, é Natal,

época de presentes e tudo mais.

— Meu Deus, você é tão diabólica, Sharon. Nunca mais venho às compras
com

você. Isto é a metade do meu salário. O que vou fazer durante o resto do mês?

— Holly, você prefere comer ou ficar maravilhosa? - Ainda valia a pena
pensar a

respeito?

— Vou levar - disse Holly excitada à vendedora.

O vestido era decotado, o que deixava perfeitamente à mostra o colo miúdo e
bonito de Holly, e aberto na coxa, revelando suas pernas alongadas. Gerry não
consequira

tirar os olhos dela. Mas não por estar tão linda. Ele simplesmente não
consequia entender

por que, em nome de Deus, aquela pequena tira de tecido havia custado tanto.
Uma vez no

baile, a diva das discotecas excedeu-se nas bebidas alcoólicas e conseguiu
destruir o vestido,

derramando vinho tinto na parte da frente. Holly tentou, mas não conseguiu conter as

lágrimas, enquanto os homens informavam bêbados, a suas parceiras, que o número 54 da

lista prevenia contra beber vinho tinto usando um vestido branco caro. Então ficou

decidido que leite era a bebida favorita, já que não seria visível se fosse derramado em

vestidos brancos caros.

Mais tarde, quando Gerry derrubou seu drinque, fazendo-o escorrer sobre o colo

de Holly, ela anunciou à mesa (e a algumas das mesas próximas), chorosa, mas séria:

— Regra 55 da lista: nunca, jamais comprou um vestido branco caro. Assim ficou

combinado, e Sharon acordou de seu coma em algum lugar embaixo da mesa para aplaudir

e oferecer apoio moral. Fizeram um brinde (depois que o atônito garçom havia entregado a

bandeja repleta de copos de leite) a Holly e a sua séria adesão à lista.

— Sinto muito pelo vestido branco caro, Holly - soluçara John antes de disputar

um táxi, rebocando Sharon com ele na direção de casa.

Seria possível que Gerry tivesse mantido a palavra e escrito uma lista antes de morrer? Ela passara todos os minutos de cada dia com ele até sua morte, e ele nunca a

havia mencionado, nem ela notara qualquer indício de que ele a estivesse escrevendo. Não,

Holly, fique calma e não seja estúpida. Queria tão desesperadamente que ele voltasse, que

estava imaginando todo tipo de coisas malucas. Ele não faria isso. Ou faria?

Três

HOLLY ATRAVESSAVA um campo repleto de lírios; o vento soprava

gentilmente e as pétalas sedosas faziam cócegas na ponta de seus dedos à medida que ela

avançava através dos longos emaranhados de vegetação verde brilhante. O solo produzia

uma sensação macia e instável sob seus pés descalços, e seu corpo estava tão leve que ela

parecia quase flutuar logo acima da superfície de terra porosa. Ao seu redor, pássaros

assoviavam sua alegre canção enquanto cuidavam de seus afazeres. O sol erguia-se tão

brilhante no céu sem nuvens, que tinha de proteger os olhos, e a cada vez que o vento

roçava seu rosto, o doce perfume dos lírios preenchia-lhe as narinas. Sentia-se tão... feliz,

tão livre. Um sentimento estranho naqueles dias.

De repente o céu escureceu, à medida que seu sol caribenho desaparecia atrás de

uma gigantesca nuvem cinzenta. O vento recrudescera e o ar resfriou-se. Ao redor, as

pétalas de seus lírios corriam desordenadamente pelo ar, nublando-lhe a visão. O solo,

antes macio, fora substituído por pequenas pedras afiadas, que cortavam e arranhavam seus

pés a cada passo. Os pássaros haviam parado de cantar e em vez disso empoleiravam-se em

seus galhos e observavam. Algo estava errado e ela sentiu medo. Ao longe, à sua frente,

uma pedra cinzenta era visível em meio à alta vegetação. Desejou voltar correndo para suas

lindas flores, mas precisava descobrir o que havia adiante.

Quando deslizou mais para perto, ouviu Bang! Bang! Bang! Apressou o passo e

correu por sobre as pedras afiadas e por entre a vegetação de bordas cortantes, que

golpeavam seus braços e pernas. Caiu de joelhos diante da placa acinzentada e soltou um

grito de dor quando percebeu do que se tratava. O túmulo de Gerry. Bang! Bang! Bang! Ele

estava tentando sair! Estava chamando seu nome; ela podia ouvi-lo!

Holly saltou para fora do sono com uma forte batida na porta.

— Holly! Holly! Sei que você está aí! Por favor, me deixe entrar! - Bang! Bang!

Bang! Confusa e semi-adormecida, percorreu o caminho até a porta para deparar com uma

Sharon frenética.

— Cristo! O que estava fazendo? Estou batendo na porta há séculos! - Holly olhou

ao redor, ainda não completamente desperta. Estava claro e levemente fresco, devia ser de

manhã.

— Bem, não vai me deixar entrar?

— Sim, Sharon, desculpe, eu estava só cochilando no sofá.

— Deus, você está com um aspecto terrível, Hol. - Sharon estudou seu rosto antes

de lhe dar um grande abraço.

— Uau, obrigada. - Holly girou os olhos e virou-se para fechar a porta. Sharon

nunca era evasiva, mas por isso gostava tanto dela, por sua honestidade. Também por esse

motivo Holly não estivera disponível para Sharon no mês anterior. Não queria ouvir a

verdade. Não queria ouvir que tinha de dar seguimento à própria vida; simplesmente

queria... oh, não sabia o que queria. Estava feliz com sua infelicidade. De alguma forma

aquilo parecia certo.

— Meu Deus, está tão abafado aqui, quando foi a última vez que você abriu

uma

janela? - Sharon circulou pela casa abrindo janelas e recolhendo xícaras e pratos vazios.

Levou-os para a cozinha, onde os colocou na máquina de lavar louças e então procedeu à limpeza.

— Oh, você não tem de fazer isso Sharon — protestou Holly com voz fraca.
—

Eu faço...

— Quando? No ano que vem? Não quero você vivendo num cortiço enquanto o

resto de nós finge não notar. Por que não vai lá para cima e toma uma chuva e,

quando descer, tomamos uma xícara de chá?

Uma chuva. Quando fora a última vez que até mesmo se lavara? Sharon estava

certa, devia estar repugnante com seu cabelo engordurado, unhas escuras e roupão sujo. O

roupão de Gerry. Mas aquilo era algo que ela não planejava lavar nunca. Queria que ficasse

exatamente como Gerry o havia deixado. Infelizmente, seu perfume começava a

desaparecer, substituído pelo inconfundível mau cheiro da própria pele.

— Oh, mas não tenho leite. Não tenho saído para... — Holly sentiu-se envergonhada por sua falta de cuidado com a casa e consigo mesma. Não permitiria, de

maneira nenhuma, que Sharon olhasse dentro da geladeira, ou Sharon definitivamente a

internaria.

— Tchã-tchã - fez Sharon, erguendo uma sacola que Holly ainda não havia percebido que ela trouxera. — Não se preocupe. Cuidei disso. Ao que tudo indica, você

não come há semanas.

— Obrigada, Sharon. - Um bolo formou-se na garganta de Holly e lágrimas lhe

subiram aos olhos. A amiga estava sendo tão boa para ela.

— Pare com isso! Nada de lágrimas hoje! Só diversão, riso e alegria geral, minha

cara amiga. Agora, chuveiro, rápido!

Holly sentia-se quase humana quando voltou ao andar de baixo. Vestia um training

azul e deixara seus cabelos compridos e louros (e castanho nas raízes) caírem sobre os

ombros. Todas as janelas do andar inferior estavam completamente abertas e a brisa fresca

varreu a cabeça de Holly. Foi como se removesse todos os seus maus pensamentos e

medos. Holly riu diante da possibilidade de sua mãe estar certa afinal. Precipitou-se para

fora de seu transe e respirou fundo, à medida que olhava ao redor. Não podia ter

demorado mais de meia hora, mas Sharon havia arrumado e esfregado, passado o aspirador

de pó e ajeitado, lavado e borrifado purificador de ar em todos os cômodos. Seguiu o ruído

na cozinha, onde Sharon esfregava os acendedores do fogão. As bancadas estavam

resplandecentes; as torneiras prateadas e o escoadouro na pia cintilavam.

— Sharon, você é um perfeito anjo! Não posso acreditar que tenha feito tudo isto!

E em tão pouco tempo!

— Ah! Você sumiu por mais de uma hora. Eu estava começando a pensar que tinha

caído no ralo. O que poderia ter acontecido, dada a magreza em que está. - Ela examinou

Holly de cima a baixo.

Uma hora? Mais uma vez os devaneios haviam assumido o comando da mente de

Holly.

— Comprei alguns legumes e frutas, coloquei o queijo e os iogurtes ali e leite, claro.

Não sei onde você guarda massa e enlatados, então simplesmente os pus lá. Oh, e guardei

algumas refeições para micro-ondas no freezer. Isto deve resolver por algum tempo, mas

por sua aparência, vai durar o ano todo. Quanto peso você perdeu?

Holly olhou para baixo, na direção do próprio corpo; seu training estava folgado no

traseiro e o cadarço da cintura achava-se puxado ao máximo; ainda assim, o traje lhe caía

sobre os quadris. Ela não notara a perda de peso. Foi trazida de volta à realidade mais uma

vez pela voz de Sharon.

— Coloquei alguns biscoitos ali para acompanhar o seu chá. Jammy Dodgers, seus

favoritos.

Aquilo era demais para Holly. Os Jammy Dodgers foram a gota d'água. Sentiu as

lágrimas começarem a escorrer por seu rosto.

— Oh, Sharon - choramingou ela —, muito obrigada. Você tem sido tão boa comigo e tenho sido uma megera horrível como amiga. - Sentou-se à mesa e agarrou as

mãos de Sharon. — Não sei o que faria sem você. - Sharon acomodou-se diante dela em

silêncio, permitindo-lhe continuar. Era isso o que Holly vinha temendo, começar a chorar

na frente das pessoas em todas as ocasiões possíveis. Mas não se sentiu envergonhada.

Sharon simplesmente bebericava com paciência seu chá e segurava lhe a mão

como se

aquilo fosse normal. Por fim, as lágrimas pararam de cair. — Obrigada.

— Sou sua melhor amiga, Hol. Se não a ajudar, quem vai fazer isto? - disse Sharon,

apertando-lhe a mão e lançando um sorriso encorajador.

— Acho que eu deveria estar ajudando a mim mesma.

— Pah! - Sharon deu-lhe um tapinha, sacudindo a mão em sinal de pouco caso. —

Quando você estiver pronta. Não leve em consideração todas essas pessoas que dizem que

você deveria voltar ao normal em um ou dois meses. De qualquer jeito, sofrer faz parte de

ajudar a si mesma.

Ela sempre dizia as coisas certas.

— Bem, de qualquer modo tenho feito um bocado disto. Já cansei de me lamentar.

— Não é possível! — disse Sharon, fingindo repugnância. — E só dois meses depois que seu marido está frio na sepultura.

— Oh, pare! As pessoas vão dizer estas coisas o tempo todo, não?

— Provavelmente, mas danem-se elas. Há crimes piores no mundo do que aprender a ser feliz outra vez.

— Acho que sim.

— Prometa que vai comer.

— Prometo. Obrigada por ter aparecido, Sharon, realmente adorei a conversa.
-

disse Holly abraçando com gratidão a amiga, que tirara o dia de folga no trabalho para estar

com ela. — Já me sinto muito melhor.

— Você sabe que é bom estar com pessoas, Hol. Os amigos e a família podem ajudar. Bem, na verdade, pensando melhor, talvez não a sua família - brincou ela —, mas

pelo menos o resto de nós pode.

— Eu sei, entendo isto agora. Simplesmente achei que poderia lidar com tudo sozinha, mas não posso.

— Prometa que vai telefonar. Ou pelo menos sair de casa de vez em quando.

— Prometo. - Holly girou os olhos. — Você está começando a parecer minha mãe.

— Nós todos estamos apenas cuidando de você. O K, vejo você em breve - disse

Sharon, beijando-a na bochecha. — E coma - acrescentou, cutucando-a nos quadris com a

ponta do dedo.

Holly acenou enquanto Sharon se afastava em seu carro. Estava quase escuro.

Haviam passado o dia rindo e fazendo piadas sobre os velhos tempos, então chorando,

seguindo-se mais algum riso, então mais choro novamente. Sharon lhe dera uma nova

perspectiva também. Holly não havia sequer pensado no fato de que Sharon e John haviam

perdido seu melhor amigo, que seus pais haviam perdido o genro e os pais de Gerry, o

único filho. Simplesmente estivera muito ocupada pensando em si mesma. Fora bom estar

no meio dos vivos outra vez, em lugar de perder tempo com os fantasmas do passado. O

dia seguinte seria um novo dia e ela pretendia começá-lo recolhendo aquele envelope.

Quatro

HOLLY COMEÇOU BEM SUA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA, acordando cedo.

Entretanto, embora tenha ido para a cama cheia de otimismo e excitada com as

possibilidades que se projetavam a sua frente, foi novamente golpeada pela dura realidade

de quão difícil seria cada momento. Mais uma vez acordou em uma cama

vazia, numa casa

silenciosa; havia, porém, um pequeno atalho. Pela primeira vez, em mais de dois meses,

acordara sem a ajuda de um telefonema. Como todas as manhãs, ajustou sua mente ao fato

de os sonhos com Gerry e ela juntos, que haviam povoado sua mente nas dez horas

anteriores, serem apenas isso - sonhos.

Tomou uma chuveirada e vestiu-se confortavelmente com seu jeans preferido, tênis

e uma camiseta rosa-bebê. Sharon estava certa a respeito de seu peso, seu jeans, outrora

apertado, mal se sustentava com a ajuda de um cinto. Fez uma careta diante de seu reflexo

no espelho. Estava feia. Tinha olheiras, seus lábios estavam rachados e mordidos e seu

cabelo parecia um desastre. A primeira coisa a fazer era ir até o salão e rezar para que

conseguissem dar um jeito nela.

— Jesuuus, Holly! - exclamou seu cabelereiro Leo. — Olhe para o seu estado!

Pessoal, abram alas! Abram alas! Tenho uma mulher aqui em situação crítica! - Ele piscou

para ela e começou a afastar as pessoas do caminho. Puxou uma cadeira e empurrou-a para

dentro dela.

— Obrigada, Leo. Estou me sentindo realmente atraente agora - resmungou Holly,

tentando esconder seu rosto cor de beterraba.

— Bem, não se sinta, porque você está em pedaços. Sandra, prepare para mim o de

sempre; Colin, pegue o papel laminado; Tânia, pegue minha bolsinha de truques lá em cima

e diga a Paul para não se dar ao trabalho de pegar seu almoço, ele vai cuidar do meu cliente

de meio-dia. - Leo dava ordens a todos ao redor, sacudindo loucamente as mãos, como se

estivesse prestes a realizar uma cirurgia de emergência. Talvez fosse verdade.

— Desculpe, Leo, eu não pretendia bagunçar o seu dia.

— Claro que pretendia, querida, por que mais você viria correndo aqui na hora do

almoço, numa sexta-feira, sem marcar hora? Para contribuir para a paz mundial?

Holly mordeu o lábio com ar de culpa.

— Mas eu não faria isso por ninguém mais, a não ser por você, querida.

— Obrigada.

— Como você está? - Ele descansou seu pequeno e magro traseiro sobre a bancada,

encarando Holly. Leo devia ter cinquenta anos; apesar disso, a pele era tão imaculada e o

cabelo, claro, tão perfeito, que ele não parecia ter um dia a mais do que 35. O cabelo cor de

mel combinava com a pele cor de mel, e sempre se vestia de forma impecável. Era o

bastante para fazer uma mulher se sentir um lixo.

— Terrível.

— É, é o que parece.

— Obrigada.

— Bom, pelo menos quando sair daqui, vai ter algo consertado. Eu cuido de cabelos, não de corações.

Holly sorriu com gratidão ante o jeito estranho e rápido com que ele demonstrou

seu entendimento.

— Mas Jesuuus, Holly, quando você chegou na porta da frente, viu a palavra "mágico" ou "cabeleireiro" diante do salão? Você devia ter visto a aparência

da mulher que

entrou aqui hoje. Vestida como uma garotinha. Não muito longe dos sessenta, eu diria. E

me entregou uma revista com a Jennifer Aniston na capa. "Quero ficar desse jeito", ela

disse.

Holly riu da impressão que ele causava. Suas expressões faciais e suas mãos, tudo se

movia ao mesmo tempo.

— "Jesuuus", falei, "sou um cabeleireiro, não um cirurgião plástico. O único jeito

de você ficar assim é recortar a fotografia e pregar na sua cabeça."

— Não! Leo, você não disse isto a ela. - O queixo de Holly caiu de surpresa.

— Claro que disse! A mulher precisava ouvir, então não é certo ajudar? Deslizando

aqui para dentro vestida como uma adolescente. A aparência dela!

— Mas o que ela disse? - Holly secou as lágrimas de riso dos olhos. Não ria assim

havia meses.

— Folhee as páginas da revista e topei com uma foto linda da Joan Collins. Disse

que aquela era a praia dela. Ela pareceu feliz o bastante.

— Leo, provavelmente ela estava apavorada demais para dizer que detestou!

- Ah, quem se importa? Tenho amigos suficientes.

— Não sei como - riu Holly.

— Não se mexa - ordenou Leo. De repente, Leo ficou terrivelmente sério, os lábios

apertados de concentração, enquanto separava o cabelo de Holly a fim de prepará-lo para a

tintura. Foi o bastante para que Holly desatasse a rir novamente.

— Por favor, Holly - disse Leo exasperado.

— Não consigo evitar, Leo, você deu a partida e agora não consigo parar! —

Leo

interrompeu o que estava fazendo e observou-a divertido.

— Sempre achei que você ia acabar num hospício. Ninguém nunca me dá ouvidos.

Ela riu mais ainda.

— Oh, sinto muito, Leo. Não sei o que há de errado comigo, simplesmente não

consigo parar de rir. - O estômago de Holly doía de tanto rir, e ela estava consciente de

todos os olhares curiosos que estava atraindo, mas não podia evitar. Era como se todas as

risadas perdidas nos dois meses anteriores estivessem saindo de uma só vez.

Leo parou de trabalhar e virou de costas para o espelho; apoiou-se na bancada e

pôs-se a observá-la.

— Não precisa se desculpar, Holly, ria o quanto quisesse, você sabe que dizem que rir

faz bem para o coração.

— Eu não ria assim há séculos - disse ela entre risos.

— Bem, você não tem tido muito do que achar graça, suponho - ele deu um sorriso

triste. Leo também adorava Gerry. Eles provocavam um ao outro sempre que se

encontravam, mas ambos sabiam que era tudo brincadeira e se gostavam muito. Leo

arrancou-se de seus pensamentos, despenteou o cabelo de Holly alegremente e plantou um

beijo no alto da cabeça dela. — Mas você vai ficar bem, Holly Kennedy — assegurou ele.

— Obrigada, Leo — disse ela acalmando-se, comovida com a preocupação dele.

Leo voltou a trabalhar em seu cabelo, adotando sua expressão divertida de ligeira

concentração. Holly riu com nervosismo outra vez.

— Agora você está rindo, Holly, mas espere até que eu, por acidente, deixe sua

cabeça cheia de listras coloridas. Vamos ver quem vai rir então.

— Como vai Jamie? - perguntou Holly, mudando habilmente de assunto, antes que

se sentisse envergonhada de novo.

— Ele me deu um fora - disse Leo, calcando com força o pedal da cadeira, lançando Holly para o alto, fazendo-a sacudir loucamente no assento.

— O-oh Le-eo, si-iin-to mui-iii-to. Voo-cês dois e-ram tão in-críii-veis juntos.

Ele parou de bombear e fez uma pausa.

— Bem, não somos tão in-críii-veis juntos agora, garota. Acho que ele está saindo

com outra pessoa. Certo. Vou colocar dois tons de louro; uma cor dourada e o louro que

você tinha antes. Senão vai ficar daquela cor inconveniente, reservada apenas às prostitutas.

— Leo, desculpe. Se ele tiver um mínimo de juízo, vai perceber o que está perdendo.

— Ele não deve ter juízo nenhum; nós nos separamos dois meses atrás e ele ainda

não percebeu. Ou percebeu e está adorando. Estou de saco cheio; já aturei o bastante dos

homens. Vou simplesmente virar heterossexual.

— Leo, isto é a coisa mais estúpida que já ouvi..

Holly precipitou-se para fora do salão satisfeita. Sem Gerry ao seu lado, alguns

homens olharam em sua direção, algo que lhe pareceu estranho e a fez se sentir pouco

confortável; então correu para a segurança de seu carro e preparou-se para a casa de seus

pais. Até então o dia estava correndo bem. Fora uma boa medida visitar Leo.

Mesmo de

coração partido, ele se esforçara para fazê-la rir. Holly tomou nota daquilo.

Parou no meio-fio diante da casa de seus pais em Portmarnock e respirou fundo.

Para surpresa de sua mãe, a primeira coisa que Holly fizera pela manhã fora ligar a fim de

combinarem uma hora para se encontrar. Eram três e meia naquele instante e Holly estava

sentada do lado de fora no carro, com o estômago dando voltas. Além das visitas que os

pais lhe haviam feito nos dois meses anteriores, Holly dificilmente passara um tempo

apropriado com a família. Não queria toda a atenção voltada para ela; não queria perguntas

indiscretas a respeito de como estava se sentindo e o que ia fazer a seguir sendo disparadas

contra ela o dia todo. De qualquer forma, era hora de deixar o medo de lado. Eles eram sua

família.

A casa de seus pais situava-se do lado oposto ao mar, na estrada para a praia de

Portmarnock, a bandeira azul testemunhando a limpeza do lugar. Ela estacionou o carro e

fitou o mar do outro lado da estrada. Havia morado ali desde o dia em que nascera até o

dia em que se mudara para viver com Gerry. Adorava acordar ao som do oceano agitando-

se contra as rochas e do canto excitado das gaivotas. Era maravilhoso ter o mar como

jardim da frente, especialmente durante o verão. Na ocasião, Sharon vivia na esquina um

pouco adiante, e nos dias mais quentes do ano as garotas aventuravam-se pela estrada com

suas melhores roupas de verão, de olho nos rapazes mais bonitos. Sharon com

seu cabelo

castanho, pele clara e seios enormes. Sharon era escandalosa, gritando e chamando-os.

Holly apenas ficava calada e namorava com os olhos, fixando-os em seu garoto favorito e

não os movendo até que ele notasse. Holly e Sharon realmente não haviam mudado tanto

desde então.

Ela não pretendia ficar muito tempo, somente conversar um pouco e pegar o envelope, que concluía que talvez fosse de Gerry. Estava cansada de se castigar,

conjeturando sobre seu conteúdo, de modo que estava determinada a acabar com sua

silenciosa tortura. Respirou fundo, tocou a campainha e plantou um sorriso no rosto para

que todos vissem.

— Oi, querida! Entre, entre! - disse sua mãe, com a expressão acolhedora e carinhosa que Holly simplesmente queria beijar sempre que via.

— Oi, mãe. Como vai? - Holly entrou e foi confortada pelo odor familiar do lar. —

Está sozinha?

— Estou, seu pai saiu com Declan para comprar tinta para o quarto dele.

— Não me diga que você e papai ainda estão pagando tudo para ele!

— Bem, seu pai pode estar, mas eu certamente não. Ele está trabalhando à noite

agora, então pelo menos tem algum dinheiro. Embora não vejamos um centavo dele sendo

gasto em nada aqui. - Ela riu e levou Holly para a cozinha, onde ligou a chaleira.

Declan era o irmão mais novo de Holly e o bebê da família, assim, sua mãe e seu

pai achavam que ainda precisavam mimá-lo. Se alguém visse o "bebê": Declan era uma

criança de 22 anos, estudando produção de cinema na faculdade e constantemente trazia

uma câmera de vídeo nas mãos.

— Que emprego ele conseguiu agora? - Sua mãe levantou os olhos para o céu.

— Ele se juntou a uma banda qualquer. O Peixe Orgástico, acho que é como se

chamam, ou algo assim. Fico enjoada só de ouvir falar nisto, Holly. Se ele contar mais uma

vez quem estava nas gravações prometendo contratá-los e quão famosos vão se tornar, vou

ficar louca.

— Pobre Deco, não se preocupe, no final das contas ele vai encontrar alguma coisa.

— Eu sei, e é engraçado porque de todos vocês, crianças encantadoras, é com ele

que menos me preocupo. Ele vai encontrar seu caminho.

Elas levaram as canecas para a sala de estar e acomodaram-se diante da televisão.

— Você está incrível, querida, adorei o cabelo. Acha que Leo cuidaria do meu uma

hora dessas, ou estou muito velha para o estilo dele?

— Bem, desde que você não queira o corte de cabelo da Jennifer Aniston, não vai

ter problemas. - Holly contou a história da mulher no salão e ambas rolaram de rir.

— Bem, não quero a aparência da Joan Collin, então vou evitá-lo.

— Seria prudente.

— Teve sorte com algum emprego? - A voz da mãe soou despreocupada, mas Holly podia perceber que ela estava louca para saber.

— Não, ainda não, mãe. Para ser honesta, sequer comecei a procurar; não sei exatamente o que quero fazer.

— Você está certa - a mãe assentiu. — Leve o tempo de que precisar e pense

sobre

o que gostaria de fazer, ou de outra maneira vai acabar se precipitando e arranjando um

emprego que detesta, como da última vez.

Holly surpreendeu-se ao ouvir aquilo. Embora sua família sempre houvesse sido

uma fonte de apoio durante anos, descobriu-se emocionada com a abundância desse amor.

O último emprego de Holly fora trabalhar como secretária para um tratante inútil e

inflexível no gabinete de um procurador. Havia sido forçada a deixar o emprego quando o

traste não conseguira entender que precisava de algum tempo afastada do trabalho para

estar ao lado de seu marido agonizante. Agora precisava procurar outro. Quer dizer, outro

emprego. Aquela altura, parecia inimaginável ir para o trabalho pela manhã.

Holly e sua mãe relaxaram, conversando a intervalos por algumas horas, até que

Holly finalmente tomou coragem de perguntar pelo envelope.

— Oh, claro, querida, esqueci completamente. Espero que não seja nada importante; está ali há muito tempo.

— Logo vou descobrir.

Elas despediram-se e Holly saiu o mais rápido que pôde.

De pé na grama, observando a areia e o mar dourados, Holly correu as mãos sobre

o envelope. Sua mãe não o descrevera muito bem, já que não era de forma alguma um

envelope, mas um pesado pacote marrom. O endereço fora datilografado sobre uma

etiqueta, portanto ela não conseguia nem mesmo imaginar sua origem. E acima do

endereço havia duas palavras grandes em negrito - **A LISTA**.

Seu estômago ensaiou uma pequena dança. Se não fosse de Gerry, Holly teria finalmente de aceitar o fato de que ele partira, partira completamente de sua vida, e

precisava começar a pensar em viver sem ele. Se fosse dele, estaria diante do mesmo futuro,

mas ao menos poderia agarrar-se a uma lembrança recente. Uma lembrança que teria de

durar por toda a vida.

Seus dedos trêmulos rasgaram delicadamente o lacre da embalagem. Ela virou o

pacote de cabeça para baixo e sacudiu seu conteúdo. Caíram dez diminutos envelopes

separados, do tipo que se esperaria encontrar em um buquê de flores, cada um com o

nome de um mês diferente. Seu coração saltou algumas batidas quando ela viu a caligrafia

familiar em uma folha solta sob a pilha de envelopes.

Era de Gerry.

Cinco

HOLLY PRENDEU A RESPIRAÇÃO e, com lágrimas nos olhos e o coração aos

pulos, leu a caligrafia familiar, ciente de que quem se sentara para lhe escrever nunca mais

seria capaz de fazê-lo novamente. Correu os dedos sobre as palavras, sabendo que fora ele

a última pessoa a tocar a página.

Minha querida Holly,

Não sei onde você está ou exatamente quando vai ler isto. Espero

apenas que minha carta a encontre segura e com saúde. Você me

segredou, não muito tempo atrás, que não poderia prosseguir sozinha.

Você pode, Holly.

Você é forte e corajosa e vai conseguir passar por isto.

Compartilhamos alguns lindos momentos juntos e você fez minha vida...
você fez minha vida. Não tenho arrependimentos. Mas sou somente um
capítulo em sua vida, haverá muitos mais. Guarde nossas maravilhosas
lembranças, mas, por favor, não tenha medo de construir mais algumas.
Obrigado por ter me dado a honra de ser minha mulher. Por tudo,
sou eternamente grato.

Sempre que precisar de mim, saiba que estou com você.

Te amo para sempre

Seu marido e melhor amigo,

Gerry

PS, prometi uma lista, então aqui está ela. Os próximos envelopes
devem ser abertos exatamente quando indicado e têm de ser obedecidos. E
lembre-se, eu a estou vigiando, portanto saberei...

Holly desatou a chorar, a tristeza devastando-a. Ainda assim, ao mesmo
tempo

sentiu alívio; alívio porque Gerry de alguma forma continuaria a estar com ela
por mais um

curto intervalo. Manuseou os pequenos envelopes brancos e examinou os
meses. Estavam

em abril. Ela perdera março, então delicadamente selecionou o envelope
correspondente.

Abriu-o devagar, desejando saborear cada momento. Dentro havia um
pequeno cartão com

a caligrafia de Gerry.

Dizia:

Evite as contusões e compre um abajur para sua cabeceira.

PS, eu te amo.

As lágrimas transformaram-se em riso quando ela percebeu que seu Gerry
havia

voltado!

Holly leu e releu a carta repetidas vezes, numa tentativa de chamá-lo de volta

à vida.

Por fim, quando não conseguia mais enxergar as palavras através das lágrimas, olhou para o

mar. Sempre achava o mar tão tranquilizante, e mesmo quando criança, atravessava a

estrada correndo em direção à praia se estivesse preocupada e precisasse pensar. Seus pais

sabiam que quando desaparecia, podiam encontrá-la à beira-mar.

Ela fechou os olhos e sorveu e expeliu o ar junto com o gentil suspiro das ondas.

Era como se o mar respirasse ampla e profundamente, puxando a água para dentro quando

inalava e empurrando-a toda de volta sobre a areia quando exalava. Continuou a respirar

junto com ele e sentiu a frequência do pulso desacelerar, à medida que se acalmava.

Lembrou-se de como costumava se deitar ao lado de Gerry nos últimos dias e ouvir-lhe o

som da respiração. Sentia-se apavorada em abandoná-lo para atender a porta, preparar-lhe

alguma coisa para comer ou ir ao banheiro, caso aquela fosse a hora que ele tivesse

escolhido para deixá-la. Quando voltava à cabeceira dele, sentava-se imóvel, num silêncio

apavorado, enquanto ouvia sua respiração e examinava seu peito em busca de movimento.

Mas ele sempre conseguia esperar. Havia desorientado os médicos com sua força e

determinação de viver; Gerry não estava preparado para partir sem luta. Manteve seu bom

humor exatamente até o fim. Estava tão fraco e sua voz tão serena, mas Holly aprendera a

entender essa nova linguagem, como uma mãe com seu bebê balbuciante, quase

aprendendo a falar. Riam juntos até tarde da noite, outras noites abraçavam-se e choravam.

Holly manteve-se forte do princípio ao fim, já que seu novo emprego era estar ali sempre

que ele precisava dela. Olhando para trás, sabia que necessitava mais dele do que ele dela.

Necessitava ser necessária, a fim de sentir que não estava à espera, sem tomar nenhuma

atitude, completamente impotente.

No dia 2 de fevereiro, às quatro horas da manhã, Holly segurou com força a mão

de Gerry e lançou-lhe um sorriso encorajador enquanto ele dava seu último suspiro e

fechava os olhos. Não queria que ele sentisse medo e não queria que percebesse que estava

com medo, porque naquele momento não estava. Sentira alívio, alívio pelo fato de o

sofrimento dele haver terminado e alívio por ter estado ali com ele para testemunhar a

tranquilidade de sua morte. Sentiu-se aliviada por tê-lo conhecido, amado e sido amada por

ele e aliviada porque a última coisa que ele vira fora o rosto dela sorrindo para ele,

encorajando-o e assegurando-lhe que estava tudo bem se ele se libertasse.

Os dias seguintes lhe pareciam um borrão naquele momento. Ocupara-se com os

arranjos para o funeral e recebera e cumprimentara parentes e velhos amigos de colégio,

que não encontrava havia anos. Permanecera tão firme e calma no decorrer de tudo aquilo

porque finalmente podia pensar com clareza. Sentia-se apenas agradecida pelo fato de,

depois de meses, o sofrimento dele haver chegado ao fim. Não lhe ocorreu que

experimentaria a raiva ou a amargura que sentia agora, pela vida que lhe fora tirada. O

sentimento não chegou até que foi recolher o atestado de óbito de seu marido.

E surgiu em grande estilo.

Enquanto se sentava na sala de espera lotada da clínica de saúde local esperando

que seu número fosse chamado, perguntou a si mesma por que, em nome de Deus, o

número de Gerry havia sido chamado tão cedo na vida. Comprimia-se entre um jovem

casal e um casal de idosos. A imagem do que ela e Gerry haviam sido e um vislumbre do

que o futuro poderia ser. E tudo aquilo simplesmente pareceu injusto. Viu-se espremida

entre os ombros de seu passado e de seu futuro perdido, e sentiu-se sufocar. Percebeu que

não deveria estar ali.

Nenhum de seus amigos tinha de estar ali.

Ninguém de sua família tinha de estar ali.

Na realidade, a maioria da população do mundo não tinha de estar na posição em

que ela se encontrava naquele momento.

Não parecia justo.

Depois de apresentar a prova oficial da morte de seu marido aos gerentes de banco

e às companhias de seguro, como se o olhar em seu rosto não fosse prova suficiente, Holly

voltou para casa, para o seu ninho, e encerrou-se longe do resto do mundo, que continha

centenas de lembranças de sua vida de outrora. A vida com a qual estivera tão feliz. Então,

por que recebera uma outra, muito pior do que a primeira?

Isso ocorrera dois meses atrás, e ela não saíra de casa desde então. E que

recepção

havia tido, pensou, sorrindo na direção dos envelopes. Gerry estava de volta.

Holly continha a excitação a duras penas enquanto digitava furiosamente, com mão

trêmula, o número de Sharon. Depois de alcançar alguns números errados, por fim se

acalmou e concentrou-se em digitar o número correto.

— Sharon! - gritou ela assim que atenderam. — Você nunca vai adivinhar! Meu

Deus, não posso acreditar!

— Eh não... é John, mas vou chamá-la para você agora. - Um John bastante preocupado apressou-se a alcançar Sharon.

— O quê, o quê, o quê? - ofegou uma Sharon completamente sem fôlego. — O

que aconteceu? Você está bem?

— Estou ótima! - Holly riu histericamente, sem saber se ria ou chorava e de repente

esquecendo-se de como estruturar uma frase.

John observava Sharon, que se sentava à mesa da cozinha parecendo muito confusa

enquanto tentava, com todas as forças, entender a Holly balbuciante do outro lado da linha.

Era algo sobre a sra. Kennedy ter entregado a Holly um envelope marrom com uma

lâmpada de cabeceira dentro. Tudo muito preocupante.

— Pare.- gritou Sharon, para grande surpresa de Holly e John. — Não consigo

entender uma palavra do que você está dizendo, então, por favor - Sharon falava bem

devagar — desacelere, respire fundo e comece bem do início, de preferência usando

palavras da língua inglesa.

De repente, ela ouviu soluços baixinhos do outro lado da linha.

— Oh, Sharon - as palavras de Holly soavam calmas e entrecortadas —, ele me

escreveu uma lista. Gerry me escreveu uma lista.

Sharon congelou no assento à medida que digería a informação.

John viu os olhos de sua mulher se arregalarem e rapidamente puxou uma cadeira,

sentou-se ao lado dela e inclinou a cabeça na direção do telefone, a fim de ouvir o que

estava acontecendo.

— OK, Holly, quero que você venha até aqui o mais rápido possível, mas da forma

mais segura que puder. - Ela calou-se novamente e afastou a cabeça de John com um

safanão, como se ele fosse uma mosca, a fim de se concentrar no que acabara de ouvir. —

São... boas notícias?

John ergueu-se da mesa ofendido e começou a marchar sobre o chão da cozinha,

tentando adivinhar o que poderia ser.

— Oh, sim, Sharon - gemeu Holly —, realmente são.

— Certo, venha até aqui agora e podemos conversar sobre isto.

— OK.

Sharon desligou o telefone e sentou-se em silêncio.

— O quê? O que foi? - perguntou John, incapaz de suportar o fato de ser deixado

de fora naquele assunto obviamente grave.

— Desculpe, querido. Holly está a caminho. Ela... Hummm... ela disse que, eh...

— O quê? Pelo amor de Deus!

— Ela disse que Gerry lhe escreveu uma lista

John a encarou, examinou seu rosto e tentou decidir se ela estava falando sério. Os

olhos azuis e preocupados de Sharon lhe devolveram o olhar e ele percebeu que sim.

Juntou-se a ela na mesa e ambos sentaram-se em silêncio e fitaram a parede, perdidos em pensamentos.

Seis

UAU - FOI TUDO QUE Sharon e John conseguiram dizer enquanto os três reuniam-se em torno da mesa da cozinha em silêncio, observando o conteúdo do pacote

que Holly havia esvaziado como prova. A conversação entre eles fora mínima nos últimos

minutos, já que tentavam decidir como se sentiam. Ocorreu mais ou menos assim:

— Mas como ele conseguiu...

— Mas por que não percebemos que ele... bem... meu Deus.

— Quando você acha que ele... bem, acho que ele ficava sozinho de vez em quando...

Holly e Sharon simplesmente olhavam uma para a outra, enquanto John balbuciava

e gaguejava, tentando imaginar exatamente quando, onde e como seu amigo, com uma

doença terminal, conseguira realizar aquela ideia sozinho, sem que ninguém descobrisse.

— Uau - repetiu ele por fim, depois de chegar à conclusão que Gerry fizera exatamente aquilo. Levara a cabo a tarefa sozinho.

— Eu sei - concordou Holly. — Então vocês dois não tinham absolutamente nenhuma ideia disto?

— Bem, não sei quanto a você, Holly, mas está bastante claro para mim que John

foi o gênio por trás disso tudo - disse Sharon sarcástica.

— Ha-ha - replicou John secamente. — Bem, ele manteve sua palavra de qualquer

forma, não foi? - John olhou para ambas com um sorriso no rosto.

— Ele certamente manteve - disse Holly em tom calmo.

— Você está bem, Holly? Quer dizer, como se sente a respeito disto, deve ser...

estranho - declarou Sharon outra vez, claramente preocupada.

— Estou ótima. - Holly ficou pensativa. — Na verdade, acho que é a melhor coisa

que poderia ter acontecido agora! De qualquer forma, é engraçado termos ficado tão

surpresos, levando-se em consideração o quanto insistimos nesta lista. Quer dizer, eu devia

estar esperando por isto.

— É, mas nunca esperamos que um de nós fizesse isto! - disse John.

— Mas por que não? - questionou Holly. — Este era o objetivo principal da lista!

Sermos capazes de ajudar nossos entes queridos depois de termos partido.

— Acho que Gerry foi o único que levou a coisa realmente a sério.

— Sharon, Gerry foi o único de nós que partiu, quem sabe o quão a sério alguém

mais pode ter levado isto?

Fez-se silêncio.

— Bem, vamos estudar isto mais de perto, então - entusiasmou-se John, subitamente começando a se divertir. — Há quantos envelopes?

— Humm... dez - contou Sharon, participando do espírito da nova tarefa.

— Certo, quais são os meses? - perguntou John. Holly ordenou a pilha.

— Março, o da lâmpada de cabeceira que eu já abri, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

— Então existe uma mensagem para cada um dos meses restantes do ano — disse

Sharon devagar, perdida em seus pensamentos. Eles estavam todos pensando a mesma

coisa; Gerry havia planejado aquilo sabendo que não passaria de fevereiro.

Todos levaram

um tempo ponderando a respeito e por fim Holly olhou para seus amigos com alegria. O

que quer que Gerry houvesse guardado para ela seria interessante, mas ele já conseguira

fazê-la se sentir quase normal outra vez. À medida que ria com John e Sharon enquanto

adivinham o que os envelopes continham, era como se ele ainda estivesse com eles.

— Esperem aí! - exclamou John muito sério.

— O quê?

Os olhos azuis de John cintilaram.

— Já estamos em abril e você ainda não abriu o envelope.

— Oh, eu me esqueci disso! Oh não, será que devo fazer isto agora?

— Vá em frente - encorajou Sharon.

Holly pegou o envelope e começou a abri-lo devagar. Havia somente mais oito para

serem abertos depois desse e queria apreciar cada segundo antes que tudo aquilo se

tornasse outra lembrança. Puxou o pequeno cartão.

Uma diva das discotecas precisa estar sempre linda. Vá comprar

uma roupa, já que vai precisar dela no próximo mês!

PS, eu te amo...

— Ooooh - gritaram John e Sharon excitados —, ele está ficando misterioso!

Sete

HOLLY ESTÁ DEITADA NA CAMA, apagando e acendendo o abajur com um

sorriso no rosto. Ela e Sharon tinham ido fazer compras no Bed Knobs e no Broomsticks

em Malahide e ambas finalmente concordaram a respeito do bonito suporte de madeira

entalhada e do quebra-luz de cor creme, que combinava com a mobília de

madeira creme

do quarto principal (claro que elas haviam escolhido o mais ridiculamente caro, seria errado

quebrar a tradição). E embora Gerry não estivesse fisicamente com ela enquanto o

comprava, sentiu que haviam feito a compra juntos.

Ela havia corrido as cortinas do quarto a fim de testar sua nova mercadoria. O abajur de cabeceira suavizava o aposento, fazendo-o parecer mais aquecido. Quão

facilmente aquilo poderia ter acabado com suas discussões noturnas, mas talvez nenhum

dos dois quisesse terminá-las. Haviam se tornado uma rotina, algo familiar que os fazia se

sentir mais próximos. Holly daria qualquer coisa naquele momento por uma daquelas

ligeiras discussões. E sairia alegremente de sua cama aconchegante por ele, caminharia

alegremente sobre o chão frio por ele, alegremente se machucaria no pé da cama enquanto

tateava no escuro de volta ao leito. Mas esse tempo havia passado.

A voz de Gloria Gaynor em “Will Survive” arrastou-a de volta ao presente, quando

percebeu que seu telefone celular estava tocando.

— Alô?

— Bom dia, amiga, estou em caaaasa! - gritou uma voz familiar.

— Oh meu Deus, Ciara! Eu não sabia que você estava voltando para casa!

— Bem, na verdade, nem eu, mas fiquei sem dinheiro e decidi fazer uma surpresa

para todos vocês!

— Uau, aposto que mamãe e papai devem ter ficado surpresos.

— Bem, papai deixou cair a toalha de susto quando saiu do chuveiro. - Holly cobriu

o rosto com as mãos.

— Ciara, você não fez isso! - censurou.

— Nada de abraços no papai quando o vi! - zombou Ciara.

— Tsk, tsk, tsk. Mude de assunto, posso imaginar a cena - disse Holly.

— Bem, estou ligando para dizer que estou em casa, obviamente, e que mamãe está

organizando um jantar esta noite para comemorar.

— Comemorar o quê?

— O fato de eu estar viva.

— Oh, OK. Pensei que você poderia ter alguma novidade ou algo especial.

— Que estou viva.

— O...K. Então, quem vai?

— A família inteira.

— Eu não mencionei que vou ao dentista arrancar todos os meus dentes? Sinto

muito, não posso ir.

— Eu sei, eu sei, eu disse a mesma coisa a mamãe, mas não nos reunimos há séculos. Quando foi a última vez que viu Richard e Meredith?

— O bom e velho Dick; bem, ele estava em plena forma no funeral. Tinha um monte de coisas inteligentes e reconfortantes para me dizer como "Já pensou em doar o

cérebro dele para a ciência médica?" É, ele é um irmão tão fantástico...

— Meu Deus, Holly, desculpe. Esqueci o funeral. - A voz da irmã mudou. — Sinto

muito não ter comparecido.

— Ciara, não seja boba, ambas decidimos que era melhor que você ficasse - disse

Holly energicamente. — É muito caro ficar indo e voltando da Austrália, então não vamos

trazer isso de volta, certo?

— OK.

Holly mudou rapidamente de assunto.

— Então, quando você diz toda a família quer dizer...?

— Sim, Richard e Meredith estão trazendo nossos pequenos e adoráveis sobrinhos.

E você vai ficar satisfeita de saber que Jack e Abbey estão vindo; Declan vai estar presente

de corpo, mas provavelmente não de mente, mamãe, papai e eu, claro, e você virá.

Holly gemeu. Ainda que se queixasse de sua família, tinha um ótimo relacionamento com seu irmão Jack. Ele era somente dois anos mais velho que ela,

portanto sempre haviam sido muito chegados enquanto cresciam, e ele fora muito protetor

em relação a ela. A mãe os chamava de seus "dois capetinhas", porque estavam sempre

planejando alguma maldade perto de casa (tais maldades eram normalmente dirigidas a seu

irmão mais velho, Richard). Jack era parecido com Holly tanto na aparência quanto na

personalidade, e ela o considerava o mais normal de seus irmãos. Isso também contribuiu

para que ela se entendesse com sua companheira de sete anos, Abbey, e quando Gerry

estava vivo, os quatro muitas vezes se encontravam para jantar e beber. Quando Gerry

estava vivo... Deus, aquilo não parecia certo.

Ciara era uma questão totalmente diferente. Jack e Holly estavam convencidos que

ela vinha do planeta Ciara, população: um. Ciara era parecida com seu pai, pernas

compridas e cabelo escuro. Tinha várias tatuagens e piercings no corpo, em consequência

de suas várias viagens pelo mundo. Uma tatuagem para cada país, seu pai costumava

brincar. Uma tatuagem para cada homem, Holly e Jack estavam convencidos.

Claro que o mais velho da família, Richard (ou Dick, como era chamado por Jack e

Holly), desaprovava toda aquela bobagem. Richard nascera com a séria doença de ser um

eterno velho. Sua vida girava ao redor de regras, regulamentos e disciplina. Quando jovem,

possuía um amigo; eles tiveram uma briga aos dez anos; depois disso, Holly não conseguia

lembrar-se dele levando ninguém em casa, tendo namoradas ou saindo para se socializar.

Para ela e Jack, era um mistério o local onde ele encontrara sua igualmente triste mulher,

Meredith. Provavelmente numa convenção anti-alegria.

Não que Holly tivesse a pior família do mundo, eles simplesmente eram uma mistura estranha de gente. Esses enormes confrontos de personalidades em geral levavam a

discussões nas horas mais impróprias ou, como os pais de Holly preferiam chamá-las,

”discussões pesadas”. Eles conseguiam se entender, mas se todos realmente tentassem e

mantivessem seu melhor comportamento.

Holly e Jack encontravam-se frequentemente para almoçar ou beber, apenas para se

informar da vida um do outro; interessavam-se um pelo outro. Ela apreciava sua

companhia e, mais que um irmão, o considerava um amigo. Ultimamente não se viam

muito. Jack a entendia bem e sabia quando ela precisava de seu espaço.

As únicas vezes que Holly tomava conhecimento da vida do irmão mais moço

Declan era quando ligava à procura dos pais e ele atendia. Declan não era um grande

conversador. Era um ”garoto” de 22 anos que ainda não se sentia absolutamente

confortável na companhia de adultos. Portanto, Holly na verdade nunca sabia muito sobre

ele. Um bom garoto; simplesmente tinha a cabeça um pouco nas nuvens.

Ciara, sua irmãzinha de 24 anos, estivera fora o ano inteiro e Holly havia sentido

saudades. Elas nunca haviam sido o tipo de irmãs que trocam roupas e brincam a respeito

de rapazes, seus gostos diferiam muito. Mas como as duas únicas meninas numa família de

irmãos, elas estabeleceram uma ligação. Ciara era mais chegada a Declan, ambos

sonhadores. Jack e Holly sempre haviam sido inseparáveis quando crianças e amigos

quando adultos. Isso excluía Richard. Ele ficava de fora, solitário na família, mas Holly

suspeitava que ele gostava do sentimento de estar separado daqueles a quem não conseguia

absolutamente entender. Holly estava com medo de suas palestras sobre tudo que era

maçante, seu interrogatório insensível a respeito da vida dela e a completa sensação de

frustração que experimentaria, comentário após comentário, à mesa de jantar. Mas era um

jantar de boas-vindas para Ciara e Jack estaria lá; Holly podia contar com ele.

Portanto, Holly esperava ansiosamente por aquela noite? Absolutamente não.

Holly bateu relutante à porta da casa de sua família e imediatamente ouviu o som de

pés pequeninos voando na direção da entrada, seguido de uma voz que não poderia

pertencer a uma criança.

— Mamãe! Papai! É tia Holly, é tia Holly!

Era o sobrinho Timothy, o sobrinho Timothy.

A alegria do garoto foi subitamente esmagada por uma voz austera. (Embora

fosse

incomum o fato de o sobrinho estar contente com sua chegada; as coisas deviam estar

especialmente chatas ali.)

— Timothy! O que eu disse a você a respeito de correr pela casa? Você pode cair e

se machucar, agora fique de pé ali no canto e pense sobre o que eu disse. Fui clara?

— Sim, mamãe.

— Por favor, Meredith, ele vai se machucar no tapete ou no sofá estofado?

Holly riu consigo mesma; Ciara definitivamente estava em casa. Justo quando estava pensando em fugir, a porta se abriu e lá estava Meredith. Seu rosto parecia ainda

mais azedo e pouco receptivo do que de costume.

— Holly. - Ela acenou com a cabeça em reconhecimento.

— Meredith - imitou Holly.

Uma vez na sala de estar, Holly procurou por Jack, mas, para sua decepção, não o

viu em lugar algum. Richard estava de pé diante da lareira, vestindo um suéter surpreendentemente colorido; talvez estivesse se soltando naquela noite. Permanecia com

as mãos nos bolsos, balançando para frente e para trás, do calcanhar à ponta dos dedos dos

pés, como um sujeito prestes a dar uma lição de moral em alguém. A lição de moral era

dirigida ao seu pobre pai, Frank, que se sentava pouco à vontade na poltrona favorita,

parecendo um aluno de colégio sendo castigado. Richard estava tão absorto em sua história

que não viu Holly entrar. Holly lançou de longe um beijo ao pobre pai, não querendo

tomar parte na conversa. Seu pai sorriu para ela e fingiu agarrar o beijo.

Declan estava arriado no sofá, usando um jeans rasgado e camiseta do South

Park,

da série de TV, tragando furiosamente um cigarro, quando Meredith invadiu seu espaço e o

advertiu contra os perigos do fumo.

— Sério? Eu não sabia disso - disse ele, manifestando um interesse preocupado

enquanto se livrava do cigarro. O rosto de Meredith pareceu satisfeito, até que Declan

piscou na direção de Holly, alcançou o maço mais uma vez e imediatamente acendeu outro.

— Diga mais alguma coisa, por favor, estou morrendo de vontade de saber. - Meredith o

encarou com desgosto.

Ciara escondia-se atrás do sofá, jogando pipoca na parte posterior da cabeça do

pobre Timothy. Ele estava de pé no canto do aposento, olhando para a parede e achava-se

assustado demais para se virar. Abbey parecia fincada ao chão e era comandada pela

pequena Emily, de cinco anos, e por uma boneca com ar diabólico. Ela capturou os olhos

de Holly e articulou silenciosamente em sua direção: "Me ajude".

— Oi, Ciara. - Holly aproximou-se da irmã, que se pôs de pé num salto e deu-lhe

um grande abraço, apertando Holly com um pouco mais de força que o habitual. — Bonito

cabelo.

— Gostou?

— É, rosa é realmente a sua cor. - Ciara pareceu satisfeita.

— Foi o que tentei dizer a eles - informou ela, desviando os olhos e encarando

Richard e Meredith. — Então, como está minha grande mana? - perguntou Ciara baixinho,

acariciando o braço de Holly.

— Oh, você sabe - Holly deu um sorriso cansado —, vou levando.

— Jack está na cozinha ajudando mamãe com o jantar, caso esteja procurando por

ele, Holly - avisou Abbey, arregalando os olhos e murmurando "Me ajude" mais uma vez.

Holly ergueu as sobrancelhas na direção de Abbey.

— Verdade? Ele não é ótimo por ajudar mamãe?

— Oh, Holly, você não sabe o quanto Jack adora cozinhar, ele simplesmente ama.

Nunca é o bastante - disse ela sarcástica.

O pai de Holly riu consigo mesmo, o que interrompeu as investidas de Richard.

- O que é tão engraçado, pai?

Frank remexeu-se nervosamente no assento.

— Acho simplesmente extraordinário que tudo isto aconteça em um único tubo de

ensaio minúsculo.

Richard lançou um olhar de desaprovação ante a estupidez de seu pai.

— Sim, mas você tem de entender que esses são tão minúsculos, pai, que é especialmente fascinante. Os organismos se combinam com o... - E ele por aí foi, enquanto

seu pai se acomodava de volta na cadeira e tentava evitar o contato visual com Holly.

Holly entrou na cozinha na ponta dos pés, onde encontrou o irmão à mesa, com os

pés para o alto apoiados em uma cadeira, mastigando alguma coisa.

— Ah, aqui está ele, o chefe em pessoa.

Jack sorriu e ergueu-se.

— Aí está minha irmã preferida. - Ele torceu o nariz. — Vejo que também veio a

esta coisa amarrada. - Ele caminhou na direção dela e estendeu os braços para

oferecer-lhe

um de seus grandes abraços de urso. — Como vai? - perguntou baixinho em seu ouvido.

— Estou bem, obrigada. - Holly deu um sorriso triste e beijou-o na face, antes de

se virar para a mãe. — Querida mãe, estou aqui para oferecer meus serviços neste

momento extremamente tenso e atarefado de sua vida - disse Holly, plantando um beijo na

bochecha afogueada da mãe.

— Oh, não sou simplesmente a mulher mais sortuda do mundo por ter filhos tão

preocupados como vocês? - disse Elizabeth com sarcasmo. Deixe-me dizer, vocês podem

escorrer a água daquelas batatas ali.

— Mãe, conte sobre a época em que você era menina, durante a fome, e as batatas

havam acabado - disse Jack, exagerando no sotaque irlandês.

Elizabeth golpeou-lhe a cabeça com o pano de prato, brincando.

— Com certeza foi antes do meu tempo, filho - disse ela, seguindo com a brincadeira.

— Claro que sim - respondeu Jack.

— Não foi não, de jeito maneira - disse Holly, aderindo ao jogo. Ambos pararam e

olharam para ela.

— Desde quando existe em irlandês uma expressão como "de jeito maneira"? - riu

sua mãe.

— Ah, calem a boca vocês dois. - Holly juntou-se a seu irmão à mesa.

— Espero que vocês dois não estejam planejando nenhuma maldade esta noite. Eu

gostaria que esta fosse uma ocasião sem discussões, para variar.

— Mãe, estou chocado que este pensamento tenha sequer cruzado a sua mente —

Jack piscou para Holly.

— Tudo bem - disse ela, sem acreditar numa palavra daquilo. — Bem, desculpem,

meus nenéns, mas não há mais nada a ser feito aqui. O jantar vai estar pronto em alguns

minutos...

— Oh. - Holly estava desapontada.

Elizabeth reuniu-se a seus filhos à mesa e os três olharam para a porta da cozinha,

todos pensando a mesma coisa.

— Não, Abbey - gritou Emily —, você não está fazendo o que eu mandei - e desatou a chorar. Isso foi imediatamente seguido de uma alta gargalhada de Richard; ele

devia ter dito alguma piada, porque era o único que estava rindo.

— Mas acho que é importante que todos fiquemos aqui de olho no jantar — acrescentou Elizabeth.

— OK, pessoal, o jantar está sendo servido - anunciou Elizabeth, e todos se dirigiram à sala de jantar. Houve um instante de confusão, como nos aniversários de

criança, enquanto todos brigam para sentar ao lado de seu melhor amigo. Holly ficou

satisfeita com sua posição afinal e acomodou-se com sua mãe à esquerda, na extremidade

da mesa, e Jack à direita. Abbey sentou-se entre Jack e Richard, com uma carranca no

rosto. Jack teria que ajeitar as coisas quando chegasse em casa. Declan acomodou-se em

frente a Holly e, ao lado dele, havia um lugar vago, onde Timothy deveria estar sentado,

depois vinha Emily e Meredith, depois Ciara. O pai de Holly cortou um dobrado sentando-

se à cabeceira da mesa entre Richard e Ciara, mas ele era um sujeito tão calmo, que era o

melhor deles para aquela tarefa.

Todos fizeram "ooh" e "aah" quando Elizabeth trouxe a comida e o aroma encheu

o aposento. Holly sempre adorara a comida da mãe; ela nunca tinha medo de experimentar

novos sabores e novas receitas, traço que não havia transmitido à filha.

— Ei, o pobrezinho do Timmy deve estar morrendo de fome lá fora - exclamou

Ciara para Richard. — Ele já deve ter cumprido sua pena agora.

Ela sabia que estava pisando em terreno perigoso, mas adorava o perigo e, mais

importante, adorava aborrecer Richard. Afinal, precisava recuperar o tempo perdido, ficara

longe por um ano.

— Ciara, é importante que Timothy saiba quando fez algo errado - explicou Richard.

— É, mas você não pode apenas dizer isto a ele? - O restante da família fez força

para não rir.

— Ele precisa saber que suas ações podem ter consequências sérias, para não repeti-las.

— Bem - disse ela, elevando a voz em algumas oitavas —, ele está perdendo toda

esta comida deliciosa. Hummmmmmmmm - acrescentou, lambendo os beiços.

— Pare com isto, Ciara - cortou Elizabeth.

— Ou você vai ter de ficar de pé no canto da parede - acrescentou Jack com voz

severa.

A mesa desatou a rir, exceto Meredith e Richard, claro.

— Então Ciara, conte-nos suas aventuras na Austrália - atalhou Frank rapidamente.

Os olhos de Ciara se acenderam.

— Oh, foi um período maravilhoso, pai, eu definitivamente recomendo a qualquer

um que vá até lá.

— No entanto é um voo horrivelmente longo - disse Richard.

— É, mas vale a pena.

— Você fez mais alguma tatuagem? - perguntou Holly.

— Fiz, veja. - Dizendo isso, Ciara levantou-se e abaixou as calças, mostrando uma

borboleta no traseiro.

Mamãe, papai, Richard e Meredith protestaram escandalizados, enquanto os outros

dobravam-se de tanto rir. Isso prosseguiu por longo tempo. Por fim, quando Ciara havia

pedido desculpas e Meredith havia retirado a mão dos olhos de Emily, a mesa se acalmou.

— São coisas nojentas - disse Richard com aversão.

— Acho as borboletas bonitas, papai - disse Emily com grandes olhos inocentes.

— Sim, algumas borboletas são bonitas, Emily, mas estou falando sobre tatuagens.

Elas podem provocar todo tipo de doenças e problemas. - O sorriso de Emily desapareceu.

— Ei, não fiz isto num lugar suspeito, compartilhando agulhas com traficantes de

drogas, sabe? O lugar era perfeitamente limpo.

— Bem, isso é um paradoxo, se é que já ouvi algum - disse Meredith repugnada.

— Esteve num desses lugares recentemente, Meredith? - perguntou Ciara, forçando

um pouco demais a barra.

— Bem, em... n-n-não - gaguejou ela —, nunca estive num lugar assim, muito

obrigada, mas sei que eles existem. - Então se virou para Emily. São lugares sujos, horríveis,

Emily, aonde só vai gente perigosa.

— Tia Ciara é perigosa, mamãe?

— Só para menininhas de cinco anos com cabelo vermelho - disse Ciara, estufando

as bochechas.

Emily congelou.

— Richard, querido, não acha que Timmy pode vir agora para comer alguma coisa?

- perguntou Elizabeth educadamente.

— É Timothy - cortou Meredith.

— Sim, mãe, acho que está tudo bem.

Um Timothy muito desconsolado entrou devagar no aposento com a cabeça baixa

e silenciosamente ocupou seu lugar ao lado de Declan. O coração de Holly transbordou

por ele. Como era cruel tratar uma criança daquela forma, como era cruel impedir o garoto

de ser criança... seus pensamentos compassivos reduziram-se no mesmo instante, quando

sentiu o pequeno pé do garoto chutar-lhe a perna por baixo da mesa. Deveriam tê-lo

deixado lá fora.

— Então Ciara, vamos, conte as fofocas, fez alguma coisa louca e maravilhosa por

lá? - Holly pressionou-a por mais informações.

— Oh sim, na verdade fiz um bungee-jump, bem, fiz alguns. Tenho a fotografia

aqui. - Ela remexeu em seu bolso de trás e todos desviaram o olhar a título de prevenção,

caso ela estivesse planejando revelar mais alguma parte de sua anatomia. Felizmente, ela

apenas removeu a carteira; fez circular a foto ao redor da mesa e continuou a explicar.

— O primeiro que fiz foi de uma ponte e minha cabeça bateu na água quando caí...

— Oh Ciara, isto parece perigoso - disse sua mãe com as mãos no rosto.

— Não, não é perigoso mesmo - assegurou ela.

A foto foi passada para Holly e ela e Jack desataram a rir. Ciara estava pendurada de

cabeça para baixo numa corda, com o rosto contorcido em meio a um grito de puro terror.

Seu cabelo (azul, na ocasião) lançava-se em todas as direções, como se ela houvesse sido

eletrocutada.

— Foto atraente, Ciara. Mãe, você precisa emoldurar isto para colocar em cima da

lareira - brincou Holly.

— Sim! - Os olhos de Ciara iluminaram-se quando aquele pensamento a alcançou.

— É uma ideia incrível.

— Claro, querida, simplesmente vou tirar aquele em que você está fazendo sua

Primeira Comunhão e substituir por este - disse Elizabeth sarcástica.

— Bem, não sei qual deles é mais assustador - disse Declan.

— Holly, o que você vai fazer no seu aniversário? - perguntou Abbey, inclinando-

se na direção de Holly. Ela estava visivelmente louca para cair fora da conversa que estava

tendo com Richard.

— Oh, isto mesmo! - gritou Ciara. — Você vai fazer trinta em algumas semanas!

— Não vou fazer nada demais - ela preveniu a todos. — Não quero nenhuma

festa

surpresa ou qualquer coisa do gênero, por favor.

— Oh, você tem de... - disse Ciara.

— Não, ela não é obrigada a nada se não quiser - seu pai interrompeu e piscou em

sinal de apoio na direção de Holly.

— Obrigada, pai. Vou apenas sair com as garotas para dançar e beber ou algo parecido. Nada louco, nada selvagem.

Richard manifestou desaprovação quando a fotografia o alcançou e passou-a a seu

pai, que abafou o riso à vista de Ciara.

— Sim, concordo com você, Holly - disse Richard —, estas comemorações de aniversário são sempre um pouco constrangedoras. Adultos agindo como crianças, fazendo

brincadeiras infantis e bebendo demais. Você está totalmente certa.

— Bem, na verdade adoro estas festas, Richard - replicou Holly —, mas simplesmente não estou com o humor muito festivo este ano, só isso.

Fez-se silêncio por um momento, antes que Ciara se intrometesse:

— Então vai ser uma noite com as garotas.

— Posso dar uma de penetra com minha câmera? — perguntou Declan.

— Para quê?

— Só para conseguir uma sequencia sobre boates e material para a faculdade.

— Bem, se isto vai ajudar... mas você sabe que não vou aos lugares da moda de que

você gosta.

— Não, não me importa aonde você v... AI! - gritou ele e encarou Timothy ameaçadoramente.

Timmy estendeu-lhe a língua e a conversa continuou. Depois que o primeiro prato

havia terminado, Ciara deixou o aposento e voltou com uma sacola cheia nas mãos,

anunciando:

— Presentes!!

Timothy e Emily aplaudiram. Holly esperava que Ciara houvesse se lembrado de

trazer algo para eles.

Seu pai ganhou um bumerangue colorido, que ele fingiu atirar na mulher; Richard

recebeu uma camiseta com um mapa da Austrália, que ele imediatamente passou a explicar

para Timmy e Emily à mesa; Meredith, comicamente, não recebeu nada; Jack e Declan

ganharam camisetas com fotos depravadas e um texto dizendo "Fiquei na moita"; a mãe de

Holly recebeu uma coleção de receitas aborígenes e a Holly ganhou um "apanhador de

sonhos", peça de artesanato que agarrava os sonhos bons e filtrava os maus, feito com

penas muito coloridas e varetas.

— Para que todos os seus sonhos se tornem realidade — Ciara havia sussurrado

em seu ouvido antes de dar-lhe um beijo na bochecha.

Felizmente Ciara havia trazido balas para Timmy e Emily, que se pareciam estranhamente com as que se poderia comprar no armazém local. Estas foram rapidamente

arrebatadas por Richard e Meredith, que reclamaram que elas estragariam os dentes dos

garotos.

— Bem, devolva-as para que eu possa estragar os meus — exigiu Ciara. Timmy e

Emily olharam com ar triste para os presentes que todos haviam recebido, e Richard

imediatamente os castigou por não se concentrarem no mapa da Austrália. Timmy fez uma

careta na direção de Holly e um sentimento afetuoso voltou ao seu coração. Sempre que as

crianças agiam como se merecessem o tratamento duro que recebiam, era mais fácil para

Holly lidar com ele. Na verdade, chegava quase a apreciar que fosse aplicado.

- Acho melhor pegarmos a estrada, Richard, ou as crianças vão cair de sono - anunciou Meredith. As crianças, entretanto, estavam bem acordadas e chutavam Holly e

Declan sob a mesa repetidas vezes.

— Bem, antes que todo mundo desapareça - declarou o pai de Holly em voz alta,

sobrepujando a conversa. A mesa silenciou. - Eu gostaria de propor um brinde a nossa

linda filha Ciara, já que este é seu jantar de boas-vindas. - Ele sorriu para a filha e Ciara

adorou toda aquela atenção.

— Sentimos sua falta, querida, e estamos contentes de que esteja em casa em segurança - completou Frank. Ergueu o copo no ar. — A Ciara!

— A Ciara! — repetiram todos, e liquidaram o conteúdo de seus copos.

Assim que a porta se fechou atrás de Richard e Meredith, todos, um por um, começaram a sair. Holly deu um passo em direção ao ar gelado e caminhou até o carro

sozinha. Sua mãe e seu pai ficaram na porta acenando enquanto ela se afastava, mas ainda

assim se sentiu solitária. Normalmente, saía dos jantares com Gerry; se não com ele,

voltava para casa para ele. Mas não naquela noite, ou na seguinte, ou na noite depois dessa.

Oito

HOLLY ESTAVA DIANTE DO ESPELHO de corpo inteiro e inspecionava a si

mesma. Cumprira as ordens de Gerry e comprara uma roupa nova. Para quê, não sabia,

mas várias vezes todos os dias impedia-se, a duras penas, de abrir o envelope de maio.

Faltavam somente dois dias, e a expectativa não deixava espaço para que pensasse em mais

nada.

Decidira-se por um traje completamente negro, para combinar com seu humor atual. Calças pretas justas afinavam-lhe as pernas e pareciam feitas sob medida para

descansar sobre suas botas pretas. Um colete preto, que a fazia parecer dotada de um seio

maior, completava o traje com perfeição. Leo fizera um trabalho maravilhoso em seu

cabelo, prendendo-o no alto e deixando mechas caírem em frouxas ondulações ao redor de

seus ombros. Holly correu os dedos pelos cabelos e sorriu à lembrança da hora que passara

no cabeleireiro. Havia chegado ao salão com o rosto corado e sem fôlego.

— Sinto tanto, Leo, fiquei presa ao telefone e não percebi a hora passar.

— Não se preocupe, querida, instruí a equipe para registrar para meia hora mais

tarde sempre que você marca hora. Colin! - gritou ele, estalando os dedos no ar. Colin

deixou tudo e correu.

— Meu Deus, você está tomando tranquilizante de cavalo ou algo especial? Olhe só

o comprimento do seu cabelo, e só o cortei há algumas semanas atrás.

Ele calcou vigorosamente a cadeira, erguendo Holly mais alto.

— Alguma coisa especial esta noite? - perguntou ele, investindo contra a cadeira.

— Três-ponto-zero - disse ela, mordendo o lábio.

— O que é isto, o trajeto do seu ônibus local?

— Não, estou fazendo três-ponto-zero!

— Claro que eu sabia disso, querida, Colin! - gritou ele novamente, estalando

os

dedos no ar.

Com isso, Colin surgiu da sala dos funcionários atrás de Holly, com um bolo na

mão, seguido de uma fila de cabeleireiros, que se juntaram a Leo num coro de Parabéns

para você. Holly ficou muda.

— Leo! - foi tudo que conseguiu dizer. Lutou contra as lágrimas que brotaram de

seus olhos e fracassou miseravelmente. A essa altura, todo o salão estava envolvido e Holly

sentia-se simplesmente atordoada com aquela demonstração de carinho. Quando tudo

terminou, todos aplaudiram e o trabalho normal foi retomado.

Holly sentiu-se incapaz de falar.

— Deus todo-poderoso, Holly, uma semana você está aqui dentro rindo tanto que

praticamente cai da cadeira, na próxima visita está chorando!

— Mas isto foi tão especial, Leo, obrigada - disse ela, secando as lágrimas e dando-

lhe um forte abraço e um beijo.

— Bem, eu tinha de arrasá-la depois de você ter me torturado - disse ele, afastando-

a pelos ombros, pouco confortável ante aquela demonstração de sentimentalismo.

Holly riu, lembrando-se da festa surpresa nos cinquenta anos de Leo. O tema havia

sido "plumas e rendas", se lembrava bem. Holly usara um vestido rendado justo e Gerry,

que estava sempre pronto para uma brincadeira, usara uma cobra de plumas cor-de-rosa

para combinar com sua camisa e gravata da mesma cor. Leo queixou-se de estar

insuportavelmente envergonhado, mas todos sabiam que secretamente adorava toda aquela

atenção. No dia seguinte, ligou para os convidados e deixou uma mensagem ameaçadora

em suas secretárias eletrônicas. Holly ficou aterrorizada de marcar hora com Leo nas

semanas subsequentes, temendo que ele a assassinasse. Houve quem dissesse que os

negócios andaram devagar para Leo naquela semana.

— Bem, você gostou do stripper naquela noite, de qualquer forma - provocou Holly.

— Gostei? Saí com ele durante um mês depois daquilo. O ordinário.

Uma fatia de bolo foi oferecida a cada cliente e todos se viraram para ela para agradecer.

— Não sei por que todos estão agradecendo a você - resmungou Leo num sussurro. — Fui eu o idiota que comprou o bolo.

— Não se preocupe, Leo, vou garantir que a gorjeta cubra a despesa.

— Ficou louca? Sua gorjeta não cobriria o custo da minha passagem de ônibus para casa.

— Leo, você mora aqui ao lado.

— Exatamente!

Holly contraiu os lábios e fingiu estar aborrecida. Leo riu.

— Trinta anos e você ainda age feito uma criancinha. Para onde vai esta noite?

— Não vou a nenhum lugar alucinante. Só quero uma noite normal, gostosa e tranquila, com as meninas.

— Foi o que eu disse nos meus cinquenta anos. Quem vai?

— Sharon, Ciara, Abbey e Denise, que não vejo há séculos.

— Ciara voltou?

— Sim, ela e seu cabelo rosa.

— Bendita hora! Ela vai ficar longe de mim se souber o que é bom para ela.
Certo

madame, a senhora está fabulosa, vai ser a bela do baile; divirta-se!

Holly parou de sonhar acordada e voltou a olhar para seu reflexo no espelho do

quarto. Não se sentia com trinta anos. Mas, por outro lado, como alguém com trinta anos

deveria se sentir? Quando era mais jovem, os trinta pareciam tão distantes... Achava que

uma mulher dessa idade seria muito sábia e inteligente, teria a vida estabelecida, com um

marido, filhos e uma carreira. Ela não possuía nenhuma dessas coisas. Ainda se sentia tão

perdida quanto aos vinte, somente com uns poucos cabelos brancos a mais e pés-de-

galinha ao redor dos olhos. Sentou-se na beirada da cama e continuou a encarar a si

mesma. Não havia nada que valesse a pena comemorar aos trinta.

A campainha soou e Holly pôde ouvir a tagarelice e os risos excitados das garotas lá

fora. Tentou animar-se, respirou fundo e plantou um sorriso no rosto.

— Feliz aniversário! - gritaram todas em uníssono.

Ela encarou aqueles rostos felizes e foi imediatamente contagiada por seu entusiasmo. Levou as amigas para a sala de estar e acenou para a câmera conduzida por

Declan.

— Não, Holly, você deve ignorá-lo - sibilou Denise e arrastou Holly pelo braço até

o sofá, onde todas a rodearam e imediatamente começaram a empurrar presentes na

direção de seu rosto.

— Abra os meus primeiro - berrou Ciara, golpeando Sharon com tanta força para

tirá-la do caminho, que ela foi cair longe do sofá. Sharon congelou de horror, sem saber

como reagir, então explodiu num riso nervoso.

— OK, acalme-se, todo mundo - disse a voz da razão (Abbey), lutando para levantar uma Sharon histérica. — Acho que deveríamos estourar o champanhe primeiro e

então abrir os presentes.

— Certo, desde que ela abra os meus primeiro - reclamou Ciara.

— Ciara, prometo abrir os seus primeiro. - Holly dirigiu-se a ela como se falasse a

uma criança.

Abbey correu até a cozinha e voltou com uma bandeja repleta de taças de champanhe.

— Querem champanhe, queridinhas?

As taças haviam sido um presente de casamento e uma delas trazia gravados os

nomes de Holly e Gerry, à qual Abbey, com tato, removera do conjunto.

— Certo, Holly, você pode fazer as honras - disse Abbey, entregando-lhe a garrafa.

Todas correram para se proteger e abaixaram a cabeça quando Holly começou a

remover a rolha.

— Ei, pessoal, não sou tão ruim assim!

— É, a esta altura ela é veterana nisto - disse Sharon, surgindo de trás do sofá com

uma almofada na cabeça.

As garotas aclamaram quando ouviram o "pop" e arrastaram-se para fora de seus

esconderijos.

— O som do paraíso - disse Denise dramática, pousando a mão sobre o coração.

— OK, agora abra meu presente! - gritou Ciara novamente.

— Ciara! - bradaram todas.

— Depois do brinde - acrescentou Sharon. Elas ergueram suas taças.

— Tudo bem; para minha melhor dentre as melhores amigas do mundo, que teve

um ano tão difícil, mas que, do princípio ao fim, foi a pessoa mais corajosa e mais forte que

já conheci. Ela é uma inspiração para todas nós. Que ela seja feliz pelos próximos trinta

anos de sua vida! A Holly!

— A Holly - responderam todas em coro. Seus olhos brilhavam sob o efeito das

lágrimas quando tomaram um gole da bebida, exceto, claro, os de Ciara, que havia virado

de uma só vez sua taça de champanhe e lutava para entregar seu presente a Holly em

primeiro lugar.

— OK, primeiro você precisa usar esta tiara, porque é nossa princesa por esta noite, e segundo, aqui está meu presente, de mim para você!

As garotas ajudaram Holly a colocar a tiara cintilante que, por sorte, combinava

perfeitamente com seu colete preto reluzente e naquele momento, rodeada por suas

amigas, sentiu-se uma princesa.

Holly removeu com cuidado a faixa do pacote primorosamente embrulhado.

— Oh, simplesmente rasgue! - disse Abbey para a surpresa de todas. Holly olhou

para dentro da caixa, confusa.

— O que é isto?

— Leia! - disse Ciara excitada.

Holly começou a ler em voz alta o que estava escrito na caixa:

— Funciona com bateria; é um... oh meu Deus! Ciara! Como você é maliciosa! -

Holly e as garotas riam histericamente.

— Bem, eu definitivamente vou precisar disto - riu Holly, erguendo a caixa para a câmera.

Declan parecia prestes a vomitar.

— Gostou? - perguntou Ciara buscando aprovação. — Eu queria dar isto a você no

jantar no outro dia, mas achei que não seria apropriado...

— Meu Deus! Bem, estou contente que você o tenha guardado até agora! - riu Holly, abraçando a irmã.

— OK, eu sou a próxima - disse Abbey, colocando seu embrulho no colo de Holly.

— É meu e de Jack, portanto não espere nada parecido com o de Ciara!

— Eu ia ficar preocupada se Jack me desse algo assim - disse ela, abrindo o presente de Abbey. — Oh, Abbey, é lindo! - exclamou Holly, segurando o álbum de

fotografias revestido de prata de lei.

— Para suas novas recordações - disse Abbey baixinho.

— Oh, é perfeito - assegurou ela, envolvendo Abbey com os braços e estreitando-a.

— Obrigada.

— Bem, o meu é menos sentimental, mas, como uma companheira do sexo feminino, tenho certeza de que vai gostar - disse Denise, entregando-lhe um envelope.

— Oh, genial! Sempre quis ir até lá - exclamou Holly quando o abriu. — Um fim

de semana de mordomias na clínica de saúde e beleza Heaven's.

— Deus, você fala como se estivesse indo a um encontro às escuras - provocou

Sharon.

— Então nos informe quando marcar a data; é válido por um ano, e o resto de nós

pode reservar na mesma ocasião. Faça disto umas férias!

— Foi uma ideia incrível, Denise, obrigada!

— OK, último, mas não menos importante! - Holly piscou na direção de Sharon.

Sharon remexia as mãos com nervosismo enquanto observava o rosto de Holly.

Era uma grande moldura de prata, com uma fotografia de Sharon, Denise e Holly

no baile de Natal, dois anos atrás.

— Oh, estou usando meu vestido branco caro! - gemeu Holly de brincadeira.

— Antes que ele fosse destruído - apontou Sharon.

— Céus, sequer me lembro da foto sendo batida!

— Sequer me lembro de ter estado lá - resmungou Denise.

Holly continuou a observar a foto com ar triste enquanto se encaminhava à lareira.

Aquele fora o último baile ao qual ela e Gerry haviam ido, já que ele estava muito

doente para comparecer no ano anterior.

— Bem, vou colocá-la no lugar mais importante - anunciou Holly, dirigindo-se à

prateleira sobre a lareira e instalando a moldura ao lado de sua foto de casamento.

— OK, meninas, vamos fazer alguns drinques de verdade! - gritou Ciara, e todos se

abaixaram buscando segurança, enquanto outra garrafa de champanhe era aberta.

Duas garrafas de champanhe e várias garrafas de vinho tinto depois, as garotas

saíram de casa aos tropeços e amontoaram-se dentro de um táxi. Em meio às risadas e à

gritaria, alguém conseguiu explicar ao motorista aonde estavam indo. Holly insistiu em

sentar-se no banco do passageiro e em abrir seu coração para John, o

motorista do táxi,

que provavelmente desejava matá-la no momento em que chegaram à cidade.

— Tchau, John - gritaram todas para seu novo melhor amigo antes de despencar

sobre o meio-fio na cidade de Dublin, de onde o observaram afastar-se em alta velocidade.

Elas haviam decidido (enquanto bebiam sua terceira garrafa de vinho) tentar a sorte no

Boudoir, o clube mais elegante de Dublin. O clube era reservado somente aos ricos e

famosos, e todos sabiam que se alguém não era rico e famoso, precisava possuir um cartão

de sócio para ter o acesso garantido. Denise caminhou até a porta, balançando friamente

sua carteira de sócia da locadora de vídeo na cara do segurança. Acreditem ou não, foi

barrada.

Os únicos rostos famosos que elas viram abordando os seguranças para entrar no

clube, enquanto lutavam para passar, foram alguns leitores da estação nacional de TV, a

quem Denise, hilária, lançava um sorriso e desejava sem parar um "boa noite" muito sério.

Infelizmente, depois disso, Holly não se lembrava de mais nada.

Holly acordou com a cabeça latejando. Sua boca estava tão seca quanto a sandália

de Gandhi e sua visão, defeituosa. Apoiou-se em um dos cotovelos e tentou abrir os olhos,

que, por algum motivo, estavam colados. Deu uma olhada ao seu redor. Estava claro,

muito claro, e o quarto parecia estar girando. Algo muito estranho estava acontecendo.

Holly avistou-se no espelho adiante e ficou assustada. Teria sofrido algum acidente a noite

passada? Suas energias a abandonaram e ela desmoronou em cheio sobre as costas

novamente. De repente, o alarme começou a soar e ela ergueu ligeiramente a cabeça do

travesseiro e abriu um dos olhos. "Oh, leve o que quiser", pensou, "desde que você me

traga um copo d'água antes de sair." Depois de um curto tempo, ela percebeu que não era

o alarme, mas o telefone tocando ao lado da cama.

— Alô? - grasnou.

— Ah, bem, eu não sou a única - soou uma voz muito doente na outra extremidade.

— Quem é? - grasnou Holly novamente.

— Meu nome é Sharon, acho - veio a resposta —, mas não me pergunte quem é

Sharon, porque não sei. O homem ao meu lado na cama parece achar que o conheço. -

Holly ouviu a risada alta de John ao fundo.

— Sharon, o que aconteceu a noite passada? Por favor, me esclareça.

— Aconteceu o álcool na noite passada - disse Sharon sonolenta. — Muito, muito

álcool.

— Alguma outra informação?

— Não.

— Sabe que horas são?

— Duas horas.

— Por que você está me ligando a esta hora da manhã?

— Da tarde, Holly.

— Oh! Como isto aconteceu?

— Gravidade ou algo parecido. Eu faltei esta aula na escola.

— Oh, Deus, acho que estou morrendo.

— Eu também.

— Acho que simplesmente vou voltar a dormir, talvez quando acorde o chão tenha

parado de se mexer.

— Boa ideia, e Holly, bem-vinda ao clube dos trinta. - Holly soltou um gemido.

— Não comecei da forma que pretendo continuar. A partir de agora, vou ser uma

mulher de trinta anos sensível e madura.

— É, foi o que eu disse também. Boa noite.

— Boa noite.

Segundos mais tarde, Holly havia adormecido. Acordou em variados estágios durante o dia para atender ao telefone, todas as conversas parecendo fazer parte de seus

sonhos. E fez diversas viagens à cozinha para se reidratar.

Por fim, às nove horas daquela noite, Holly sucumbiu às demandas gritantes de seu

estômago por comida. Como sempre, não havia nada na geladeira, então decidiu curar-se

com uma encomenda de comida chinesa. Encolheu-se de pijama na poltrona, assistindo à

ótima programação de sábado à noite na TV, enquanto se empanturrava de comida. Após

o trauma de se ver sem Gerry em seu aniversário na véspera, Holly surpreendeu-se ao

perceber que se sentia bastante satisfeita consigo mesma. Era a primeira vez, desde que

Gerry havia morrido, que se sentia confortável na própria companhia. Havia uma modesta

chance de que conseguisse prosseguir sem ele.

Mais tarde naquela noite, Jack ligou para seu celular.

— Ei, mana, o que está fazendo?

— Assistindo à TV, comendo comida chinesa - disse ela.

— Bem, você parece em boa forma. Ao contrário da minha pobre namorada, que

está aqui ao meu lado, sofrendo.

— Nunca mais vou sair com você, Holly - ela ouviu Abbey gritar debilmente ao

fundo.

— Você e suas amigas corromperam a mente de Abbey - brincou ele.

— Não me culpe, ela estava se saindo muito bem por conta própria, até onde consigo me lembrar.

— Ela diz que não consegue se lembrar de nada.

— Nem eu. Talvez seja algo que ocorra assim que se chega aos trinta; isto nunca

me aconteceu antes.

— Ou talvez seja apenas um plano diabólico de todas vocês, para não ter de nos

contar o que aprontaram.

— Quem me dera... a propósito, obrigada pelo presente; é lindo.

— Fico feliz que tenha gostado. Levei séculos para encontrar a coisa certa.

— Mentiroso.

Ele riu.

— De qualquer maneira, estou ligando para saber se você vai à apresentação de

Declan amanhã à noite.

— Onde é?

— No Hogans.

— De jeito nenhum. Nunca mais coloco os pés num pub, principalmente para ouvir uma banda de rock escandalosa, com guitarras berrando e bateria barulhenta -

declarou Holly.

— E a velha desculpa do "Nunca mais vou beber novamente", não é? Bem, não

beba então. Por favor, vá, Holly. Declan está realmente nervoso e ninguém mais vai.

— Ah, então sou o último recurso? Bom saber que você me tem em tão alta conta.

— Não é isto. Declan adoraria vê-la lá e quase não tivemos oportunidade de conversar naquele jantar; não saímos juntos há séculos - implorou ele.

— Bem, dificilmente vamos ter uma conversa íntima com o Peixe Orgástico martelando suas músicas - disse ela com sarcasmo.

— Na verdade, eles agora se chamam Morangos Negros, e acho que fazem um som

suave e doce - riu ele.

Holly segurou a cabeça e suspirou:

— Por favor, não me faça ir, Jack.

— Você vai.

— OK, mas não vou ficar a noite toda.

— Bem, podemos discutir isto quando chegarmos lá. Declan vai ficar orgulhoso

quando eu contar a ele; a família normalmente nunca vai a essas coisas.

— Certo então, por volta das oito?

— Perfeito.

Holly desligou e enterrou-se na poltrona por mais algumas horas. Sentia-se tão

estufada que não conseguia se mover. Talvez toda aquela comida chinesa não tivesse sido

uma boa ideia afinal de contas.

Nove

HOLLY CHEGOU AO HOGAN'S sentindo-se muito melhor do que na véspera,

mas suas reações ainda estavam um pouco mais lentas que o normal. Suas reações

pareciam piorar gradualmente à medida que ficava mais velha, e o dia anterior ganhara a

medalha de ouro da maior ressaca de todas. Saía para uma longa caminhada ao longo da

orla marítima, de Malahide até Portmarnock, mais cedo, e a brisa leve e fresca havia

ajudado a clarear sua desordenada cabeça. Fora convidada para o jantar de domingo na casa

dos pais, onde recebera de presente um lindo vaso de cristal Waterford pelo seu

aniversário. Tinha sido um dia maravilhoso e relaxante com os pais, e ela quase precisou ser

arrancada do sofá para ir ao Hogan's. O Hogans era um clube popular de três andares,

situado no centro da cidade, e mesmo num domingo o lugar estava lotado. O primeiro

andar era uma boate da moda, que tocava todas as músicas recentes em cartaz. Era aonde

as pessoas jovens e bonitas iam para exibir a última moda. O pavimento térreo era um pub

irlandês tradicional para o pessoal mais velho (em geral frequentado por homens de mais

idade, empoleirados em bancos altos ao lado do bar e inclinados sobre sua dose de bebida,

vendo a vida passar). Algumas noites por semana, havia um grupo de música irlandesa

tradicional, que tocava todos os sucessos antigos e era popular entre os jovens e os mais

velhos. O porão, escuro e sujo, era onde as bandas normalmente se apresentavam; a

clientela compunha-se meramente de estudantes e Holly parecia ser a pessoa mais velha ali.

O bar consistia numa minúscula bancada na extremidade do longo corredor e estava

cercado por uma imensa multidão de jovens estudantes vestindo jeans imundos e camisetas

rasgadas, empurrando-se violentamente uns aos outros, a fim de serem servidos. Os

funcionários do bar também tinham a aparência de quem deveria estar na escola e corriam

de um lado para o outro a centenas de quilômetros por hora, o suor pingando dos rostos.

O porão era abafado, sem nenhuma ventilação ou ar condicionado, e Holly estava

achando difícil respirar no ar enfumaçado. Praticamente todos ao seu redor pareciam fumar

e os olhos dela já incomodavam. Holly temia pensar em como estaria o lugar dentro de

uma hora, embora parecesse a única a se incomodar com isso. Acenou na direção de

Declan, para que ele soubesse que estava ali, mas decidiu não se aproximar, já que ele se

achava rodeado por uma multidão de garotas. Não queria restringir a liberdade do irmão.

Quando mais nova, Holly abrira mão do ambiente estudantil. Decidira não ir para a

faculdade depois do colégio e em vez disso começara a trabalhar como secretária, pulando

de emprego em emprego a cada poucos meses, para terminar no horrível trabalho que

abandonara para poder estar com Gerry enquanto ele estava doente. Em todo caso,

duvidava que houvesse permanecido por muito mais tempo. Gerry havia estudado

marketing na Universidade de Dublin, mas nunca se enturmara muito com os colegas de

faculdade; em vez disso, optara por sair com Holly, Sharon e John, Denise e com quem

quer que ela estivesse na ocasião. Olhando à sua volta, Holly não achava que tinha perdido

nada especial.

Por fim, Declan conseguiu livrar-se de suas fãs e abriu caminho na direção de Holly.

— Olá, sr. Popular, sinto-me privilegiada por ser a próxima com quem você escolheu conversar. - As garotas olhavam Holly de cima a baixo e se perguntavam que

diabos Declan havia visto naquela mulher mais velha.

Declan riu e esfregou as mãos, com ar atrevido.

— Eu sei! Este negócio de banda é incrível, parece que vou ter um bocado de movimento esta noite - disse ele com arrogância.

— Como sua irmã, é sempre um prazer ser informada disto - replicou Holly sarcástica.

Achou impossível manter uma conversa com Declan, já que ele se recusava a fazer

contato visual com ela, procurando, em lugar disso, a multidão.

— Certo, Declan, vá, por que não? E paquere estas garotas lindas, em vez de ficar

enterrado aqui com sua velha irmã.

— Não, não é isto - disse ele na defensiva. — É que fomos informados que um

sujeito de uma gravadora poderia estar vindo para nos ver tocar esta noite.

— Que legal! - Os olhos de Holly ampliaram-se de entusiasmo por seu irmão.

Aquilo obviamente significava muito para ele, e ela sentia-se culpada por nunca haver

demonstrado interesse pelo assunto. Olhou em volta e tentou localizar alguém que se

parecesse com um sujeito de uma gravadora. Como seria ele? Não que ele fosse ficar

sentado a um canto com um caderno de anotações e uma caneta, rabiscando furiosamente.

Por fim, seus olhos caíram sobre um sujeito que parecia muito mais velho que o restante

do grupo, mais próximo da idade dela. Vestia uma jaqueta de couro preta, calças largas

pretas e camiseta preta e mantinha as mãos nos quadris, fitando o palco. Sim, ele era

definitivamente o cara da gravadora, já que um princípio de barba lhe cobria toda a

mandíbula e ele parecia não ir para a cama havia dias. Devia ter ficado acordado a noite

toda, todas as noites, naquela semana, assistindo a concertos e apresentações e provavelmente dormira o dia todo. Provavelmente, também cheirava mal. A não ser que o

sujeito fosse apenas um esquisitão, que gostasse de ir a noitadas de estudantes e paquerar

todas as jovens. Também era uma possibilidade.

— Ali, Deco! - Holly ergueu a voz acima do barulho e indicou o homem. Declan

parecia excitado e seus olhos acompanharam o dedo que ela apontava. Seu sorriso

desapareceu quando reconheceu o sujeito.

— Não, este é apenas Danny - gritou ele e assoviou para chamar sua atenção.

Danny girou, tentando ver quem o chamava, acenou com a cabeça em sinal de reconhecimento e abriu caminho na direção deles.

— Ei, cara - disse Declan, apertando-lhe a mão.

— Ei, Declan, como vocês estão instalados? - O homem parecia tenso.

— OK.

Declan acenou sem entusiasmo. Alguém devia ter dito a Declan que agir de forma

despreocupada era legal.

— A passagem de som correu bem? - O sujeito pressionou-o, atrás de mais informação.

— Houve alguns problemas, mas nós resolvemos.

— Então está tudo certo?

— Com certeza.

— Bom. - Seu rosto relaxou e ele virou-se para cumprimentar Holly. — Desculpe-

me por tê-la ignorado, sou Daniel.

— Prazer em conhecê-lo, sou Holly.

— Oh, desculpe - interrompeu Declan. — Holly, este é o proprietário; Daniel, esta

é minha irmã.

— Irmã? Uau, vocês não são nada parecidos.

— Graças a Deus! - Holly articulou silenciosamente as palavras na direção de Daniel, de modo que Declan não pudesse enxergar e ele riu.

— Ei Deco, é a nossa vez! - gritou-lhe um rapaz de cabelo azul.

— Vejo vocês dois mais tarde - e ele saiu correndo.

— Boa sorte! - gritou Holly atrás dele. — Então você é um Hogan disse, virando-se

para encarar Daniel.

— Bem, na verdade não, sou um Connelly - sorriu ele. — Só assumi o comando

deste lugar algumas semanas atrás.

— Oh. - Holly ficou surpresa. — Eu não sabia que eles haviam vendido. Então

você vai mudar o nome para Connellys?

— Não dá para colocar todas estas letras lá na frente, é um pouco longo demais.

Holly riu.

— Bem, todos conhecem o nome Hogan a esta altura; provavelmente seria uma

estupidez mudá-lo.

Daniel concordou com um aceno de cabeça.

— Na verdade, este foi o motivo principal.

De repente, Jack surgiu na entrada e Holly acenou para ele.

— Sinto tanto estar atrasado... perdi alguma coisa? - perguntou ele, dando-lhe um

abraço e um beijo.

— Não, ele está justamente prestes a começar. Jack, este é Daniel, o proprietário.

— Prazer em conhecê-lo - disse Daniel, apertando-lhe a mão.

— Eles são bons? - Jack perguntou-lhe, balançando a cabeça na direção do palco.

— Para dizer a verdade, nunca os ouvi tocar - disse Daniel preocupado.

— Isto foi muito corajoso da sua parte! - riu Jack.

— Espero que não tenha sido coragem demais - disse ele, virando-se para olhar

para frente, à medida que os rapazes se encaminhavam para o palco.

— Estou reconhecendo algumas pessoas aqui - disse Jack, examinando o público.

— A maioria tem menos de 18 anos.

Uma jovem, vestida com jeans rasgado e um top que deixava à mostra a barriga,

aproximou-se de Jack devagar, com um sorriso inseguro no rosto. Pousou o dedo sobre os

lábios, como se lhe pedisse para ficar quieto. Jack sorriu e acenou de volta.

Holly olhou para Jack com ar interrogativo.

— O que isto quis dizer?

— Sou o professor de inglês dela no colégio. Ela tem somente 16 ou 17 anos. De

qualquer forma, é uma boa menina. — Jack a seguiu com os olhos enquanto passava, então

acrescentou: — Mas é melhor que ela não se atrase para a aula amanhã.

Holly observou a garota tomar um gole com os amigos, desejando ter tido um professor como Jack na escola; todos os alunos pareciam adorá-lo. E era fácil ver por quê;

ele era um tipo de pessoa cativante.

— Bem, não diga a ele que eles têm menos de 18 anos - disse Holly num sussurro,

balançando a cabeça na direção de Daniel.

O público aclamou e Declan assumiu sua personalidade mau humorada, enquanto

passava a correia da guitarra por sobre os ombros. A música começou e depois disso não

houve possibilidade de manter nenhum tipo de conversa. O público começou a pular para

cima e para baixo, e logo o pé de Holly foi pisado. Jack apenas olhou para ela e riu,

divertido com o seu óbvio desconforto.

— Posso trazer uma bebida para vocês dois? - gritou Daniel, fazendo com a mão

um gesto de quem bebe alguma coisa. Jack pediu uma Budweiser e Holly contentou-se com

um Sevxn-Up. Eles observaram Daniel lutar contra a multidão dançante e passar para trás

do bar para fazer os pedidos. Retornou minutos depois com as bebidas e um banco para

Holly. Eles voltaram a atenção para o palco novamente e observaram seu irmão atuar. A

música, na realidade, não fazia o gênero de Holly, e era tão alta e barulhenta que ela achava

difícil dizer se eles eram de fato bons. Era um estilo muito diferente dos sons tranquilos de

seu CD favorito, de rock suave, portanto talvez não estivesse na posição certa para julgar

os Morangos Negros. De qualquer forma, o nome na verdade dizia tudo.

Quatro músicas depois, Holly já tivera o bastante e deu um abraço e um beijo de

despedida em Jack.

— Diga a Declan que fiquei até o fim!— gritou. — Foi um prazer conhecê-lo,

Daniel. Obrigada pelas bebidas - bradou ela e abriu caminho de volta à civilização e ao ar

saudável e frio. No carro, a música continuou a soar em seus ouvidos por todo o caminho

até em casa. Eram dez horas quando chegou. Somente mais duas horas até maio. O que

significava que poderia abrir outro envelope.

Holly sentou-se à mesa da cozinha tamborilando nervosamente com os dedos na

madeira. Engoliu sua terceira xícara de café e descruzou as pernas. Manter-se acordada por

mais duas horas provou-se mais difícil do que pensara; evidentemente, ainda estava cansada

dos excessos de sua festa. Deu pancadas com os pés sob a mesa, sem seguir nenhum ritmo

em especial, então cruzou outra vez as pernas. Eram 11:30 da noite. O envelope estava

diante dela e ela podia quase vê-lo colocar a língua para fora, cantarolando: "Nã-nã-nã-nã."

Ela o pegou e o fez correr por suas mãos. Quem saberia se o abrisse mais cedo?

Sharon e John provavelmente tinham até mesmo esquecido que havia um envelope para

maio e era bem possível que Denise estivesse nocauteada depois do estresse de seus dois

dias de ressaca.

Mas não era verdade.

Gerry saberia.

Sempre que Holly segurava o envelope na mão, sentia uma conexão com Gerry. As

duas últimas vezes em que os abrira, fora como se Gerry estivesse sentado bem ao seu

lado, rindo de suas reações. Tinha a sensação de que estavam participando juntos de uma

brincadeira, embora se achassem em dois mundos diferentes. Mas ela podia senti-lo, e ele

saberia se ela trapaceasse, saberia se ela desobedecesse às regras do jogo.

Depois de outra xícara de café, ela estava subindo pelas paredes. O ponteiro pequeno do relógio parecia estar se preparando para uma participação em Baywatch, com

seu lento movimento ao redor do mostrador, mas por fim deu meia-noite. Mais uma vez,

ela girou o envelope devagar e apreciou cada momento do processo. Gerry sentava-se

diante dela à mesa.

— Vamos, abra!

Ela rompeu cuidadosamente o lacre e correu os dedos sobre ele, sabendo que a

última coisa a tocá-lo fora a língua de Gerry. Fez o cartão deslizar para fora do envelope e

o abriu.

Vamos, diva das discotecas! Enfrente seu medo de karaokê no Club

Diva este mês e, nunca se sabe, você pode ser recompensada...

PS, eu te amo...

Sentia que Gerry a observava; os cantos de seus lábios ergueram-se num sorriso e

ela começou a rir. Holly repetia sem parar "de jeito nenhum!", sempre que recuperava o

fôlego. Por fim, acalmou-se e anunciou para o aposento:

— Gerry! Seu safado! Não vou, de jeito nenhum, passar por isso; absolutamente!

Gerry riu alto.

— Isto não é engraçado. Você sabe como me sinto a respeito e me recuso a fazer

isto. De maneira nenhuma. Não faço.

— Você sabe que tem de fazer - riu Gerry.

— Não!

— Faça isto por mim.

— Nem por você, nem por mim, nem em nome da paz mundial. Detesto karaokê!

— Faça isto por mim - repetiu ele.

O som do telefone fez Holly pular na cadeira. Era Sharon.

— OK, são meia-noite e cinco; o que dizia no envelope? John e eu estamos morrendo de curiosidade!

— O que os faz pensar que o abri?

— Ah! - bufou Sharon. — Vinte anos de amizade me qualificam como uma expert

em você; agora vamos, o que ele diz.

— Não vou fazer isto - declarou Holly bruscamente.

— O quê? Não vai contar?

— Não, não vou fazer o que ele quer que eu faça.

— Por quê? O que é?

— É apenas uma tentativa patética de Gerry de ser engraçado. - Ela focalizou o teto.

— Agora estou curiosa - disse Sharon —, conte.

— Holly, acabe com o mistério, o que é? — John estava ao telefone no andar de baixo.

— OK... Gerry quer que eu... eu... *cantenumkaraokê* — disparou ela.

— Ha? Holly, não entendemos uma palavra do que você disse - desesperou-se Sharon.

— Não, eu entendi - interrompeu John. — Acho que ouvi alguma coisa sobre karaokê. Estou certo?

— Está - replicou Holly, como uma menininha corajosa.

— E você tem de cantar? - perguntou Sharon.

— Si-iim - respondeu ela devagar. Talvez, se não respondesse, aquilo não precisasse acontecer.

Os outros dois começaram a rir tão alto que Holly teve de afastar rapidamente o fone do ouvido.

— Liguem novamente quando os dois calarem a boca - disse ela zangada, desligando.

Minutos depois, eles ligaram outra vez.

— Sim?

Ela ouviu Sharon resfolegar no telefone, ter novo acesso de riso e então a linha ficou muda.

Dez minutos mais tarde, ela ligou novamente.

— Sim?

— Certo. - A voz de Sharon soava excessivamente séria, num tom de "vamos voltar aos negócios". — Desculpe pelo riso, estou bem agora. Não olhe para mim, John -

disse Sharon longe do aparelho. — Sinto muito, Holly, é que fiquei pensando na última vez em que você...

— Sim, sim, sim - interrompeu ela —, não precisa trazer isto de volta. Foi o dia

mais embaraçoso de minha vida, portanto me lembro dele vagamente. Eis o motivo por

que não vou fazer isto.

— Holly, você não pode deixar que uma coisa idiota destas a prejudique!

— Bem, se isto não prejudica uma pessoa, então estão todos loucos do ponto de

vista médico!

— Holly, foi só uma pequena queda...

— Sim, obrigada! Lembro muito bem! De qualquer modo, sou um horror

cantando, Sharon; acho que isto ficou maravilhosamente estabelecido da última vez!

Sharon permaneceu calada.

— Sharon?

Ainda o silêncio.

— Sharon, ainda está aí?

Não houve resposta.

— Sharon, você está rindo? - perguntou Holly.

Ela ouviu um pequeno grunhido e a linha ficou muda.

— Que amigos maravilhosamente compreensivos eu tenho - resmungou baixinho.

— Oh, Gerry! - gritou Holly. — Achei que você iria me ajudar, não me provocar um

ataque de nervos!

Ela dormiu muito pouco naquela noite.

Dez

— FELIZ ANIVERSÁRIO, HOLLY! Ou eu deveria dizer feliz aniversário atrasado?

Richard deu um risinho nervoso. A boca de Holly se escancarou com o choque, à

vista de seu irmão mais velho de pé na soleira da porta. Aquele era um acontecimento raro;

na verdade, era a primeira vez. Ela abria e fechava a boca como um peixe, sem saber

absolutamente o que dizer.

— Comprei para você uma mini-orquídea Phalaenopsis - disse ele, estendendo-lhe

uma planta num vaso. — Elas foram cortadas novas, brotaram e estão prontas para

florescer.

Aquilo soava como um anúncio. Holly ficou ainda mais impressionada quando ele

tocou os diminutos botões cor-de-rosa.

— Puxa vida, Richard, orquídeas são as minhas favoritas!

— Bem, de qualquer forma você tem um grande e bonito jardim aqui; bonito e... —

ele limpou a garganta - verde. Crescido demais, talvez... - Sua voz extinguiu-se e ele deu

início ao balanço aborrecido que costumava fazer com os pés.

— Você gostaria de entrar ou está só de passagem? — “Por favor, diga não, por favor, diga não.” Apesar do atencioso presente, Holly não estava nada propensa à

companhia de Richard.

— Sim, vou entrar por um instante.

Ele limpou os pés à porta durante uns bons dois minutos antes de entrar em casa.

Ele fazia Holly lembrar-se de seu antigo professor de matemática na escola, com seu

cardigã marrom de tricô e calças marrons que terminavam exatamente sobre os pequenos e

polidos sapatos marrons. Não tinha um fio de cabelo fora do lugar na cabeça e suas unhas

estavam limpas e perfeitamente manicuradas. Holly podia imaginá-lo medindo-as com uma

pequena régua todas as noites, para ver se não ultrapassavam o padrão europeu de

comprimento exigido para unhas, se tal coisa existisse.

Richard nunca parecia confortável na própria pele. Parecia asfixiado até a morte por

sua gravata (marrom) fortemente apertada e sempre caminhava como se tivesse uma longa

trave enfiada no traseiro. Nas raras ocasiões em que sorria, o sorriso nunca conseguia

alcançar seus olhos. Era o sargento responsável pelo treinamento de seu próprio corpo,

gritando e punindo-se cada vez que escorregava para um comportamento humano. Era o

que ele fazia consigo mesmo, e o mais triste era que se achava melhor do que todos por

isso. Holly conduziu-o à sala de estar e colocou o vaso de cerâmica provisoriamente em

cima da TV.

— Não, não, Holly - disse ele, sacudindo o dedo na direção dela, como se ela fosse

uma criança desobediente. — Você não deve colocá-la aí. Ela precisa ficar num local

fresco, longe do frio e do sol forte e de correntes de ar quente.

— Oh, claro. - Holly pegou de volta o vaso e procurou em pânico, ao redor do aposento, um local apropriado. O que ele havia dito? Um lugar longe do frio e aquecido?

Por que ele sempre conseguia fazê-la se sentir como uma garotinha incompetente?

— O que acha daquela mesa pequena no centro? Ela ficaria segura ali. - Holly obedeceu e colocou o vaso sobre a mesa, quase esperando que ele dissesse "boa menina".

O que ele felizmente não fez.

Richard assumiu sua posição favorita ao lado da lareira e inspecionou o aposento.

— Sua casa é muito limpa - comentou.

— Obrigada, eu simplesmente, eh... eu a limpo. - Ele assentiu como se já soubesse.

— Você quer um chá ou um café? - perguntou ela, esperando que ele dissesse não.

— Sim, ótimo - disse ele, aplaudindo. — Chá seria excelente. Só com leite, sem

açúcar.

Holly voltou da cozinha com duas canecas de chá e depositou-as sobre a mesa de

centro. Torcia para que o vapor que se elevava das canecas não assassinasse a pobre planta.

— Você só precisa molhá-la regularmente e alimentá-la durante os meses da primavera. - Ele ainda estava falando da planta. Holly assentiu, sabendo muito bem que não faria nada daquilo.

— Eu não sabia que você tinha dedos verdes, Richard - disse ela, tentando desanuviar o ambiente.

— Só quando estou pintando com as crianças. Pelo menos é o que Meredith fala -

riu ele, lançando uma de suas raras piadas.

— Você trabalha muito em seu jardim? - Holly estava ansiosa para manter a conversa fluindo; com a casa muito quieta, qualquer silêncio era amplificado.

— Oh sim, adoro trabalhar no jardim. - Os olhos dele se iluminaram.

— Os sábados são meus dias de jardim - disse ele, sorrindo para sua caneca de chá.

Para Holly, era como se um completo estranho estivesse sentado ao seu lado.

Percebeu que sabia muito pouco sobre Richard e ele igualmente sabia muito pouco sobre

ela. Mas esse fora o modo como Richard sempre quisera manter as coisas; sempre se

distanciara da família, mesmo quando eram mais jovens. Nunca compartilhava com eles as

novidades excitantes, ou contava como fora seu dia. Estava sempre cheio de fatos, fatos e

mais fatos. A primeira vez que a família sequer ouviu falar de Meredith foi no dia em que

ambos apareceram para jantar, a fim de anunciar seu noivado. Infelizmente, nesse estágio,

era muito tarde para convencê-lo a não se casar com o dragão de cabelos de fogo e olhos

verdes. Não que ele houvesse lhes dado ouvidos, de qualquer modo.

— Então - anunciou ela, alto demais no aposento ecoante —, alguma coisa

estranha ou assustadora? Como o porquê de você estar aqui?

— Não, não, nada estranho, está tudo indo, como sempre. - Ele tomou um gole de

chá e um instante mais tarde acrescentou: — Nada assustador tampouco, no que diz

respeito a isto. Simplesmente pensei em aparecer e dizer olá enquanto estava na área.

— Ah, certo. É raro você estar deste lado da cidade - riu Holly. — O que o traz ao

obsuro e perigoso mundo da zona norte?

— Ah, só um pequeno negócio - resmungou ele consigo mesmo. — Mas meu carro

está estacionado do outro lado do rio Liffey, claro!

Holly forçou um sorriso.

— Só estou brincando, claro - ele acrescentou. — Está ali na frente da casa... ele

está seguro, não está? - perguntou, sério.

— Acho que deve estar tudo OK - disse Holly sarcástica. — Hoje não parece haver

nenhum suspeito vagando pelo beco em plena luz do dia. Era um desperdício usar seu

humor com ele. — Como estão Emily e Timmy, desculpe, quero dizer, Timothy? - Havia

sido um lapso honesto dessa vez.

Os olhos de Richard se iluminaram.

— Oh, eles estão bem, Holly, muito bem. De qualquer forma, preocupam. - Ele

afastou os olhos e inspecionou a sala de estar.

— O que você está querendo dizer? - perguntou Holly, pensando que talvez Richard pudesse se abrir com ela.

— Não é nada especial, Holly. Crianças em geral são uma preocupação. - Ele empurrou o aro dos óculos para cima do nariz e olhou-a nos olhos. — Creio que você é

feliz por não ter de se preocupar com estas besteiras de crianças - disse ele rindo.

Fez-se silêncio.

Foi como se Holly tivesse recebido um chute no estômago.

— Então, ainda não encontrou emprego? - continuou ele.

Holly imobilizou-se na cadeira, em choque. Não podia acreditar que ele tivesse tido

a audácia de lhe dizer aquilo. Sentia-se insultada e ferida e o queria longe de sua casa.

Realmente não estava mais disposta a ser educada e decerto não podia se dar ao incômodo

e explicar, para aquela mente insignificante e estreita, que sequer começara a procurar

emprego, já que ainda estava sofrendo com a morte de seu marido. Uma “bobagem” pela

qual ele não teria que passar pelos próximos cinquenta anos.

— Não - vomitou ela.

— Então o que está fazendo para ganhar dinheiro? Inscreveu-se no seguro social?

— Não, Richard - disse ela, tentando não perder a paciência. — Não me inscrevi

no seguro social, recebo uma pensão de viúva.

— Ah, uma coisa incrível e cômoda, não?

— Cômoda não é bem a palavra que uso; devastadora, deprimente é mais apropriado.

A atmosfera estava tensa. De repente, ele deu um tapa na perna, sinalizando o fim

da conversa.

— Preciso ir e voltar ao trabalho então - anunciou ele, levantando-se e se estirando

exageradamente, como se tivesse permanecido sentado por horas.

— OK - Holly estava aliviada. — É melhor ir enquanto seu carro ainda está lá. -

Mais uma vez ela desperdiçou seu humor; ele estava espreitando pela janela para verificar.

— Você está certa; ele ainda está lá, graças a Deus. De qualquer modo, foi bom ver

você e obrigado pelo chá - disse ele para um ponto na parede acima da cabeça dela.

— De nada, e obrigada pela orquídea - disse Holly, de dentes cerrados. Ele atravessou o jardim e parou no meio do caminho para examiná-lo. Balançou a cabeça em

sinal de desaprovação e gritou para ela:

— Você realmente precisa conseguir alguém para arrumar esta bagunça - e partiu

em seu carro marrom estilo familiar.

Holly espumava enquanto o observava afastar-se e fechou a porta com força.

Aquele homem fazia seu sangue ferver tanto, que sentia vontade de nocauteá-lo. Ele

simplesmente não tinha ideia... de nada.

Onze

— OH!, SHARON, EU O DETESTO! - lamentou-se Holly ao telefone com sua

amiga, mais tarde naquela noite.

— Simplesmente ignore, Holly, ele não consegue fazer melhor, é um idiota - replicou ela irritada.

— Mas é isto o que me irrita mais ainda. Todo mundo diz que ele não consegue

fazer melhor, que não é culpa dele. Ele é um homem, Sharon. Tem 36 anos. Devia saber

muito bem manter a boca fechada. Ele diz estas coisas de propósito - bufou ela.

— Realmente não acho que ele faça isto de propósito, Holly - disse ela, conciliadora. — Acho, de fato, que ele apareceu para desejar a você um feliz aniversário...

— Sim! E o que isto quer dizer? - protestou Holly. — Desde quando ele

alguma

vez apareceu na minha casa para me dar um presente de aniversário? Nunca! Desde nunca!

— Bem, trinta é mais importante do que os outros...

— Não, aos olhos dele não é! Ele chegou a dizer isto no jantar algumas semanas

atrás. Se me lembro bem, suas palavras exatas foram - e ela imitou a voz dele — não

concordo com comemorações bobas blá-blá-blá, sou um idiota blá-blá-blá. Ele é realmente

um babaca.

Sharon riu da amiga, que parecia ter dez anos de idade.

— Certo, então ele é um monstro diabólico que merece arder no inferno!

Holly fez uma pausa.

— Bem, eu não iria tão longe, Sharon...

Sharon riu.

— Eu simplesmente não consigo agradar, não é?

Holly deu um ligeiro sorriso. Gerry saberia exatamente como estava se sentindo,

saberia exatamente o que dizer e exatamente o que fazer. Ele lhe daria um de seus famosos

abraços e todos os problemas dela se evaporariam. Agarrou um travesseiro em sua cama e

o abraçou com força. Não conseguia se lembrar da última vez que abraçara alguém,

realmente abraçara alguém. E o mais deprimente, sequer conseguia imaginar-se abraçando

uma pessoa da mesma forma novamente.

— Alôôôô? Terra para Holly! Você ainda está aí ou estou falando sozinha outra

vez?

— Desculpe, Sharon, o que disse?

— Eu disse, já pensou mais naquele negócio do karaokê?

— Sharon! - uivou Holly. — Não tenho mais de pensar neste assunto.

— Oh, fique calma, mulher! Eu estava só pensando que podíamos alugar uma máquina de karaokê e montá-la na sua sala de estar. Desse jeito, você vai estar fazendo o

que ele quer, sem o constrangimento. O que acha?

— Não, Sharon, é uma grande ideia, mas não vai funcionar; ele quer que eu faça

isto no Clube Diva, onde quer que seja este lugar.

— Ah! Que lindo! Por que você é a sua diva das discotecas?

— Acho que esta foi a ideia geral - disse Holly, num tom deplorável.

— Ah! Foi uma bela ideia, mas Clube Diva? Nunca ouvi falar.

— Bem, então já está resolvido, se ninguém sabe onde ele fica, simplesmente não

posso fazer isto, posso? - perguntou Holly, satisfeita por haver encontrado uma maneira de

escapar.

Ambas se despediram e assim que Holly desligou, o telefone tocou novamente.

— Oi, querida.

— Mãe! - disse Holly acusadora.

— Meu Deus, o que eu fiz agora?

— Recebi uma visitinha do seu filho perverso hoje e não estou muito contente.

— Oh, sinto muito, querida, tentei ligar para você mais cedo para dizer que ele

estava a caminho, mas só consegui a maldita secretária eletrônica; você alguma vez liga o

telefone?

— Esta não é a questão, mãe.

— Eu sei, sinto muito. Por que, o que ele fez?

— Ele abriu a boca. É aí que reside o problema.

— Oh não, e ele estava tão entusiasmado para dar a você o presente!

— Bem, não estou negando que o presente tenha sido muito legal e atencioso e

todas estas coisas maravilhosas, mas ele disse as palavras mais ofensivas sem piscar um

olho!

— Quer que eu fale com ele para você?

— Não, está tudo bem; somos meninos e meninas crescidos agora. Mas obrigada

de qualquer jeito. Então, o que você está tramando? - Holly estava ansiosa para mudar de

assunto.

— Ciara e eu estamos assistindo a um filme de Denzel Washington. Ciara acha que

vai se casar com ele um dia - riu Elizabeth.

— Eu vou! - gritou Ciara ao fundo.

— Bem, sinto muito por acabar com a alegria dela, mas ele já é casado.

— Ele é casado, querida. - Elizabeth passou a mensagem adiante.

— Casamentos hollywoodianos... — resmungou Ciara ao fundo.

— Vocês duas estão sozinhas? - perguntou Holly.

— Frank está no pub e Declan na faculdade.

— Faculdade? Mas são dez da noite! - riu Holly. Declan provavelmente estava em

algum lugar fazendo algo ilegal e usando a faculdade como desculpa. Sua mãe não seria

ingênua a ponto de acreditar naquilo, especialmente depois de ter tido quatro outros filhos.

— Ele é muito esforçado quando se determina, Holly, está trabalhando em algum

projeto. Não sei o que é; não presto atenção metade do tempo.

— Mãe! — replicou Holly, sem acreditar numa palavra.

— De qualquer maneira, meu futuro genro está de volta à televisão, então

preciso

desligar - riu Elizabeth. — Você não quer vir para cá para se juntar a nós?

— Obrigada mas não, estou bem aqui.

— Está certo, meu amor, mas se mudar de ideia, sabe onde estamos. Tchau, querida.

De volta a sua casa vazia e silenciosa.

Holly acordou na manhã seguinte ainda completamente vestida e deitada em sua

cama. Sentia-se escorregar para os velhos hábitos outra vez.

Todos os pensamentos positivos das últimas semanas estavam se evaporando um

pouco a cada dia. Era tão cansativo tentar ser feliz o tempo todo, que simplesmente não

tinha mais energia. Quem se importava se a casa estava uma bagunça? Ninguém, a não ser

ela, iria vê-la, e ela, de uma maneira ou de outra, não se importava. Quem se importava se

ela não estivesse usando maquiagem ou não tomasse banho por uma semana? Ela

certamente não tinha a intenção de impressionar ninguém. O único sujeito que via com

regularidade era o entregador de pizza, e precisava dar gorjeta para fazê-lo sorrir. Quem,

diabos, se importava? O celular vibrou ao lado dela, sinalizando uma mensagem. Era de

Sharon.

CLUBE DIVA Nº 36700700 PENSE SOBRE. SERIA DIVERTIDO. FAZ isso POR GERRY?

Gerry estava morto, teve vontade de digitar em resposta. Mas desde que começara a

abrir os envelopes, ele não parecia estar morto para ela. Era como se estivesse longe, de

férias e lhe escrevesse cartas, portanto, ele não partira de fato. Bem, o mínimo

que podia

fazer era ligar para o clube e checar a situação. O que não significava que tivesse de

continuar com aquilo.

Discou o número e um homem atendeu. Não conseguiu pensar em nada para dizer,

então rapidamente desligou. Oh, por favor, Holly, disse a si mesma, na verdade não é tão

difícil assim, diga simplesmente que uma amiga está interessada em cantar.

Holly se preparou e pressionou REDIAL.

A mesma voz atendeu.

— Clube Diva.

— Alô, eu queria saber se vocês promovem noites de karaokê aí.

— Sim, promovemos, elas são na... - ela o ouviu folhear algumas páginas —, sim,

desculpe, são às quintas-feiras.

— Quinta-feira?

— Não, desculpe, desculpe, um momento... - Ele folheou mais algumas páginas. —

Não, elas são nas noites de terça-feira.

— Tem certeza?

— Sim, são definitivamente na terça.

— Certo, hummm, bem, eu estava pensando se, hummm... - Holly respirou fundo e

começou novamente. — É possível que uma amiga esteja interessada em cantar e ela queria

saber o que precisa fazer.

Houve uma longa pausa do outro lado.

— Alô? - Será que o sujeito era um idiota?

— Sim desculpe, na verdade eu não organizo as noites de karaokê, então...

— OK. - Holly estava perdendo a paciência. Ela custara muito a reunir a coragem

para de fato fazer a chamada e um idiota inútil e desqualificado não iria arruinar a situação.

— Bem, há alguém aí que possa me dar uma dica?

— Eh, não, não há, o clube na verdade não está aberto ainda, ainda é quase madrugada - veio a resposta sarcástica.

— Bem, muito obrigada, você deu uma ajuda tremenda - disse ela, rebatendo o sarcasmo dele.

— Perdão, se puder simplesmente esperar um momento, vou tentar descobrir para

você. - Holly foi colocada na espera e forçada a ouvir Greensleeves pelos cinco minutos

seguintes.

— Alô? Você ainda está aí?

— Mal e porcamente - disse ela zangada.

— OK, sinto muito pela demora, mas precisei fazer uma ligação. Como é o nome

de sua amiga?

Holly congelou, não previra aquilo. Bem, talvez ela pudesse simplesmente dar seu

nome e então fazer "sua amiga" ligar de volta e cancelar, se mudasse de ideia.

- Hummm, o nome dela é Holly-Kennedy.

— OK, bem, na verdade há um concurso nas noites de terça-feira. Ele dura um

mês e a cada semana duas, entre dez pessoas, são escolhidas, até a última semana do mês,

na qual seis pessoas cantam novamente na final.

Holly engoliu em seco. Não queria fazer aquilo.

— Mas infelizmente - continuou ele -, os concorrentes já se inscreveram com alguns meses de antecedência, então diga a sua amiga Holly que talvez ela possa tentar

novamente no Natal. É quando será o próximo concurso.

— Oh, OK.

— Por falar nisso, o nome Holly Kennedy me soa familiar. Ela seria irmã de Declan Kennedy?

— Eh, sim, por que, você a conhece? - perguntou uma Holly chocada.

— Eu diria que conheço. Encontrei com ela rapidamente outra noite, com seu irmão.

Será que Declan estava circulando por aí e apresentando garotas como sua irmã? O

doente e deformado... Não, não podia ser, o que ele tinha na cabeça?

— Declan se apresentou no Clube Diva?

— Não, não - riu ele —, ele tocou com sua banda lá embaixo, no porão. Holly tentou digerir rapidamente a informação, até que por fim conseguiu.

— O Clube Diva é no Hogan's? - Ele riu novamente.

— Sim, é no andar superior. Talvez eu devesse anunciar um pouco mais!

— É Daniel que está falando? - perguntou Holly de repente e então se mordeu por ser tão estúpida.

— Eh, sim, eu conheço você?

— Hummm, não! Não, você não conhece! Holly apenas o mencionou numa conversa, eis tudo. - Então ela se deu conta da impressão que aquilo causava.
— Muito

rapidamente, numa conversa - acrescentou. — Ela disse que você lhe trouxe uma banqueta.

- Holly começou a bater com a cabeça de leve na parede.

Daniel riu outra vez.

— Oh, certo, bem, diga-lhe que se ela quiser cantar no karaokê no Natal, posso

inscrever o nome dela agora. Você não iria acreditar na quantidade de gente que quer se

inscrever.

— Verdade? - disse Holly com voz fraca. Sentia-se como uma boba.

— Oh, a propósito, com quem estou falando? - Holly marchava sobre o chão de seu quarto.

— Hummm, Sharon, você está falando com Sharon.

— Certo, Sharon, bem, tenho seu número no identificador de chamadas, então ligo para você se alguma coisa se modificar.

— OK, muito obrigada. - E ele desligou.

E Holly se jogou na cama, cobrindo a cabeça com o edredom, à medida que sentia

seu rosto ficar roxo de vergonha. Escondeu-se sob as cobertas, amaldiçoando-se por ter

sido tão imbecil. Por fim, depois de se convencer de que poderia aparecer em público

novamente (isso levou muito tempo), arrastou-se para fora da cama e pressionou o botão

da secretária eletrônica.

— Oi Sharon, eu devo ter simplesmente sentido saudades suas. É Daniel, aqui do

Clube Diva. - Ele fez uma pausa e então, rindo, acrescentou. — No Hogans. Hummm, eu

estava justamente examinando a lista de nomes no livro e parece que alguém já inscreveu o

nome de Holly alguns meses atrás, na verdade é uma das primeiras inscrições. A não ser

que seja uma outra Holly Kennedy... - completou. — De qualquer forma, ligue de volta

quando tiver uma oportunidade, para que possamos resolver isto. Obrigado.

Holly sentou-se na beirada da cama, chocada, incapaz de se mover nas horas seguintes.

Doze

SHARON, DENISE E HOLLY estavam sentadas perto da janela no Bewleys Café,

observando a rua Grafton. Elas frequentemente se encontravam ali para ver o mundo

passar. Sharon sempre dizia que era a melhor saída que poderia dar para ver vitrines, já que

tinha uma vista panorâmica de todas as suas lojas favoritas.

— Não posso acreditar que Gerry tenha planejado tudo isto! — arfou Denise quando ouviu as novidades. Lançou os longos cabelos castanhos atrás dos ombros e seus

brilhantes olhos azuis cintilaram na direção de Holly com entusiasmo.

— Vai ser um pouco de diversão, não vai? - perguntou Sharon entusiasmada.

— Oh Deus. - O estômago de Holly se contorcia só de ela pensar naquilo. — Eu

realmente, realmente, realmente ainda não quero fazer isso, mas sinto que tenho de

terminar o que Gerry começou.

— Esse é o espírito da coisa, Hol! - disse Denise — e vamos todos estar lá para

torcer por você!

— Agora espere um minuto, Denise - disse Holly, mudando o tom festivo. —

Quero só você e Sharon lá, mais ninguém. Não quero de forma alguma fazer disto um

grande acontecimento. Vamos manter isto entre nós.

— Mas Holly! - protestou Sharon. — É um grande acontecimento! Ninguém podia

sequer pensar que você faria karaokê de novo depois da última vez...

— Sharon! - advertiu Holly. — Certa pessoa não vai falar destas coisas. Certa pessoa ainda está machucada com a experiência.

— Bem, acho que certa pessoa é uma idiota por não superar isto - murmurou Sharon.

— Então, quando vai ser a grande noite? - Denise mudou de assunto, percebendo

as más vibrações.

— Na próxima terça - gemeu Holly, inclinando-se para frente e batendo de brincadeira com a cabeça na mesa. Os clientes próximos a encararam com curiosidade.

— Ela conseguiu o dia de folga — anunciou Sharon para o aposento, apontando na direção de Holly.

— Não se preocupe, Holly; isto lhe dá exatamente sete dias para se transformar na

Mariah Carey. Nenhum problema - disse Denise, sorrindo para Sharon.

— Oh, por favor, teríamos mais chances se ensinássemos Lennox Lewis a dançar

balé - disse Sharon.

Holly ergueu os olhos depois de bater a cabeça.

— Bem, obrigada pela força, Sharon.

— Ooh, mas imagine Lennox Lewis num par de calças apertadas, aquela bundinha

espremida dançando por aí... - disse Denise com ar sonhador.

Holly e Sharon pararam de rosar uma para a outra para olhar na direção da amiga.

— Você perdeu o juízo, Denise.

— O quê? - perguntou Denise, abandonando sua fantasia na defensiva. —

Simplesmente imaginem aquelas coxas grossas e musculosas...

— Que poderiam quebrar seu pescoço em dois se você chegasse perto dele — completou Sharon.

— Isto é um aviso e tanto - disse Denise, arregalando os olhos.

— Já posso até imaginar a cena toda - intrometeu-se Holly, os olhos perdidos na

distância. — Os anúncios funerários diriam: "Denise Hennessey morreu tragicamente,

esmagada até a morte por um tremendo par de coxas, após um breve vislumbre do

paraíso..."

— Gosto disso - concordou Denise. — Ooh, e que forma de morrer! Me deem um

pedaço desse paraíso!

— OK, vocês duas - interrompeu Sharon, apontando o dedo na direção de Denise

—, guardem suas fantasias sórdidas para si próprias, por favor. E você - apontou para

Holly —, pare de tentar mudar de assunto.

- Você está apenas com ciúmes, Sharon, porque seu marido não conseguiria quebrar um graveto entre suas coxinhas magras - provocou Denise.

— Perdão, mas as coxas de John são perfeitas, eu só queria que as minhas se parecessem mais com as dele — concluiu Sharon.

— Agora você! - Denise apontou para Sharon. — Guarde as suas fantasiuzinhas

sórdidas para si mesma.

— Meninas, meninas! - Holly estalou os dedos no ar. — Vamos nos concentrar em

mim agora, concentrar em mim. — Ela gesticulou graciosamente, levando as mãos em

direção ao peito.

— Certo, sra. Egocêntrica, o que está planejando cantar?

— Não tenho a mínima ideia, por isso convoquei esta reunião de emergência.

— Não, não é isto. Você me falou que queria fazer compras - disse Sharon.

— Verdade? - perguntou Denise, olhando para Sharon e erguendo uma sobrancelha. — Achei que as duas tivessem vindo me ver no meu intervalo de almoço.

— As duas estão certas - declarou Holly. - Estou procurando ideias e preciso das

duas.

— Hã-hã! Boa resposta - ambas concordaram, para variar.

— OK, OK! - exclamou Sharon entusiasmada. — Acho que tenho uma ideia. Qual

era aquela música que cantamos por duas semanas inteiras na Espanha, que não

conseguíamos tirar da cabeça e que nos enlouquecia?

Holly deu de ombros. Se a canção as enlouquecia, dificilmente seria uma escolha

muito boa.

— Não sei, não fui convidada para aquelas férias - resmungou Denise.

— Você sabe qual é, Holly!

— Não consigo lembrar.

— Oh, você precisa lembrar.

— Sharon, acho que ela não consegue se lembrar - Denise disse a Sharon, decepcionada.

— Oh, qual é? - Sharon apoiou o rosto nas mãos, irritada. Holly deu de ombros

mais uma vez. — OK, lembrei!! - anunciou ela alegremente, e começou a cantar alto no

café. — “Sol, mar, sexo, areia, vamos, garoto, me dê a mão!”

Os olhos de Holly se arregalaram e suas bochechas ficaram vermelhas de vergonha,

à medida que as pessoas nas mesas próximas se viravam para olhar. Voltou-se para Denise,

em busca de apoio para silenciar Sharon.

— Ooh ooh ooh tão sexy, tão sexy! - Denise juntou-se a Sharon. Algumas pessoas

olhavam divertidas, mas a maioria manifestava desaprovação, enquanto Denise e Sharon

gorjeavam a suja canção europeia, que havia feito sucesso alguns verões atrás. Exatamente

quando estavam prestes a cantar o refrão pela quarta vez (nenhuma delas conseguia

lembrar a letra), Holly conseguiu fazê-las se calar.

— Meninas, não posso cantar esta música! Além disso, a letra é escrita por um

homem.

— Bem, pelo menos você não teria de cantar muito - brincou Denise, abafando o

riso.

— De jeito nenhum! Não vou cantar rap num concurso de karaokê!

— Bastante justo - concordou Sharon.

— Certo; bem, que CD você está escutando no momento? - Denise ficou séria novamente.

— Westlife? - Holly olhou para elas esperançosa.

— Então cante uma música do Westlife - encorajou Sharon. — Assim, ao menos

vai se lembrar de todas as palavras.

Sharon e Denise começaram a rir descontroladamente.

— Você pode não conseguir acertar o tom - Sharon lançou entre risos.

— Mas pelo menos vai saber as palavras! - Denise conseguiu concluir, antes que as

duas se dobrassem sobre a mesa.

A princípio Holly ficou irritada, mas vendo as duas inclinadas, segurando o estômago num ataque histérico, teve de esboçar um sorriso. Elas estavam certas, Holly era

completamente desafinada e não tinha uma nota na cabeça. Encontrar uma música que

conseguisse de fato cantar seria impossível. Afinal, depois que as garotas se aquietaram

outra vez, Denise olhou para o relógio e lamentou-se por ter de voltar ao trabalho. Elas

deixaram o Bewley's (para a alegria da maioria dos outros clientes).

— Os miseráveis provavelmente vão dar uma festa agora - Sharon resmungou entre

dentes, passando por suas mesas.

As três se deram os braços e percorreram a rua Grafton, encaminhando-se à loja de

roupas na qual Denise era gerente. O dia estava ensolarado e o ar apenas ligeiramente frio.

A rua Grafton estava movimentada como sempre, com pessoas correndo de um lado para

o outro no intervalo de almoço, enquanto os fregueses circulavam, aproveitando a ausência

de chuva. Em cada trecho do caminho havia um artista lutando para chamar a atenção do

público, e Denise e Sharon executaram rapidamente alguns embaraçosos passos de dança

irlandesa enquanto passavam por um sujeito que tocava violino. Ele piscou para elas e elas

jogaram algum dinheiro dentro de seu gorro de lã no chão.

— Certo, senhoras desocupadas, é melhor que eu volte ao trabalho - disse Denise,

empurrando a porta de sua loja. Assim que as funcionárias a viram, pararam de fofocar

sobre o balcão e imediatamente começaram a arrumar as grades de roupa. Holly e Sharon

tentaram não rir. Elas se despediram e as duas se dirigiram ao Stephens Green para pegar o

carro.

— "Sol, mar, sexo, areia" — cantou Holly baixinho para si mesma. — Merda, Sharon! Você enfiou esta música idiota na minha cabeça agora — queixou-se.

- Está vendo? Lá vem você outra vez com essa coisa de "merda Sharon". Muito

negativo, Holly. - Sharon começou a sussurrar a canção.

— Oh, cale a boca! - riu Holly, golpeando-a no braço.

Treze

ERAM QUATRO HORAS quando Holly finalmente saiu da cidade e voltou para

casa em Swords. A diabólica Sharon a convencera a fazer compras apesar de tudo, o que

resultou na aquisição de uma blusa que Holly era de longe muito velha para usar.

Realmente precisava prestar atenção às despesas a partir de agora; seus recursos estavam se

esgotando rapidamente e, sem uma renda regular, podia vislumbrar tempos difíceis à frente.

Precisava pensar em conseguir um emprego, mas já estava achando duro o bastante se

levantar da cama pela manhã; outro emprego deprimente de nove às cinco não iria resolver

seus problemas. Mas ajudaria a pagar as contas. Holly suspirou alto; tinha de lidar com tudo

sozinha. Só o fato de pensar nisso já a deprimia, e o problema era que passava muito

tempo solitária, pensando no assunto. Precisava de pessoas ao seu redor, como naquele dia

com Denise e Sharon, já que elas sempre conseguiam desviar seu pensamento das

dificuldades. Ligou para sua mãe para ver se estava tudo bem se desse uma passada por lá.

— Claro que sim, meu amor, você é sempre bem-vinda. - Então ela abaixou a voz

para um sussurro: — Desde que saiba que Richard está aqui.

— Cristo! - O que queriam dizer todas aquelas visitas de repente?

Holly ponderou ir direto para casa quando ouviu aquilo, mas convenceu-se de que

estava sendo tola. Ele era seu irmão, e mesmo sendo bastante inconveniente, não podia

continuar a evitá-lo para sempre.

Chegou a uma casa extremamente cheia e barulhenta e sentiu-se de volta aos velhos

tempos, ouvindo gritos e tumulto em cada aposento. Sua mãe estava colocando um lugar

extra à mesa exatamente no instante em que entrou.

— Mãe, você deveria ter me dito que estava dando um jantar — disse Holly, dando-lhe um abraço e um beijo.

— Por quê? Você já jantou?

— Não, na verdade estou morrendo de fome, mas espero que isto não cause muito

problema para você.

— Problema nenhum, querida, isto simplesmente significa que o pobre Declan vai

ter de passar o resto do dia sem comida, é tudo - disse ela, provocando o filho, que estava

se sentando.

Ele fez uma careta na direção dela.

O clima estava muito mais relaxado dessa vez, ou talvez Holly apenas estivesse

muito tensa no último jantar em família.

— Então, sr. Trabalhador Esforçado, por que não está na faculdade hoje? - perguntou ela com sarcasmo.

- Estive a manhã toda na faculdade - replicou ele, com uma careta — e vou voltar

às oito horas, na verdade.

— É muito tarde - disse seu pai, espalhando molho por todo o prato. Ele sempre

acabava com mais molho do que comida no prato.

— É, mas foi à única hora que consegui para gravar a sequência de edição.

— É só uma sequência de edição, Declan? - perguntou Richard, elevando a voz.

— Sim. - Sempre sociável.

— E quantos alunos são?

— É uma turma pequena, somos somente 12.

— Eles não têm recursos para mais?

— Para quê? Alunos? - instigou Declan.

— Não, para outra sequência de edição.

— Não, é uma faculdade pequena, Richard.

— Acho que as universidades maiores devem estar mais bem equipadas para coisas

assim; são melhores em geral.

E ali estava a alfinetada pela qual todos estavam esperando.

— Não, eu não diria isso, as instalações são tope de linha; simplesmente há menos

pessoas, conseqüentemente menos equipamentos. E os professores não são piores que os

professores de universidades; eles têm uma vantagem, porque trabalham tanto na indústria

como ensinando. Em outras palavras, eles praticam o que pregam. Não é só um troço

teórico.

“Bom para você, Declan”, pensou Holly, e piscou o olho através da mesa na direção do irmão.

— Imagino que eles não sejam bem pagos, então provavelmente não têm escolha, a

não ser dar aulas também.

— Richard, trabalhar em filmagem é um emprego muito bom; você está falando de

gente que passou anos na faculdade estudando para graduação e mestrado...

- Oh, você vai conseguir uma graduação por isto? - Richard estava surpreso. – Pensei que estivesse fazendo apenas um cursinho.

Declan parou de comer e olhou para Holly em choque. Era engraçado como a ignorância de Richard ainda surpreendia a todos.

— Quem você acha que faz todos esses programas de jardinagem aos quais assiste,

Richard? - intrometeu-se Holly. — Não é somente um monte de pessoas fazendo um

cursinho.

O pensamento de que havia um conhecimento especializado envolvido naquilo

evidentemente nunca lhe passara pela mente.

— São programas ótimos - concordou ele.

— Sobre o que é o seu projeto, Declan? - perguntou Frank. Declan terminou de

mastigar a comida antes de falar.

— É meio complicado de explicar, mas basicamente é sobre a vida noturna em

Dublin.

— Ooh, e vamos estar nela? - perguntou Ciara entusiasmada, quebrando seu silêncio pouco habitual.

— Sim, devo mostrar a parte posterior da cabeça de vocês ou algo assim - brincou

ele.

— Bem, mal posso esperar para ver - disse Holly, encorajadora.

— Obrigado. - Declan pôs de lado sua faca e seu garfo e começou a rir.

— Ei, o que foi isto que ouvi a respeito de você cantar num concurso de karaokê

na semana que vem?

— O quê? - gritou Ciara, olhos quase saltando das órbitas. Holly fingiu não saber

nada a respeito.

— Ah, por favor, Holly! — insistiu ele. — Danny me contou! — Ele voltou-se para

o resto da mesa e explicou: — Danny é o proprietário do lugar onde fiz minha apresentação na outra noite e ele me contou que Holly se inscreveu num concurso de

karaokê no clube no andar de cima.

Todos fizeram "ooh" e "aah" e comentaram o quanto aquilo era incrível. Holly

recusou-se a desistir.

— Declan, Daniel está só brincando com você. Claro que todos sabem que não

consigo cantar! Agora, por favor - ela dirigiu-se ao resto da mesa —, honestamente, se eu

fosse cantar num concurso de karaokê, eu contaria a todos vocês. - Ela riu como se a ideia

fosse ridícula. Na verdade, a ideia era muito ridícula.

— Holly - riu ele. — Vi seu nome na lista! Não minta!

Holly pôs de lado a faca e o garfo; de repente, não sentia mais fome.

— Holly, por que não nos contou que ia cantar numa competição? - perguntou sua

mãe.

— Porque não sei cantar!

— Então, por que vai fazer isto? - Ciara rebentava de rir.

Precisava contar a eles, caso contrário, Declan lhe arrancaria uma confissão e ela

não gostava de mentir para seus pais. Era simplesmente uma vergonha que Richard

também estivesse ouvindo.

— OK, na verdade é uma história complicada, mas basicamente Gerry inscreveu

meu nome meses atrás, porque de fato queria que eu participasse e, por mais que eu não

queira, sinto que preciso fazer isto. É idiota, eu sei.

Ciara subitamente parou de rir.

Holly sentiu-se paranoica com sua família a encarando e enfiou os cabelos nervosamente atrás da orelha.

— Bem, acho que é uma ideia maravilhosa - seu pai anunciou de repente.

— Sim - acrescentou sua mãe —, e todos estaremos lá para apoiá-la.

— Não, mãe, vocês realmente não têm de fazer isso, não é nada de mais.

— De maneira nenhuma, minha irmã vai cantar num concurso sem que eu esteja

presente - declarou Ciara.

— Aqui, aqui - disse Richard. — Vamos todos nós, então. Nunca estive num karaokê antes, seria... - ele esquadrinhou o cérebro à procura da palavra certa — ...

divertido.

Holly soltou um gemido e fechou os olhos, desejando ter ido direto da cidade para

casa. Declan ria histericamente.

— Sim, Holly, vai ser... hummm... - disse ele, coçando o queixo — ... divertido!

— Quando vai ser? - perguntou Richard, sacando sua agenda.

— Eh... sábado - mentiu Holly e Richard começou a escrever.

— Não é não! - bradou Declan. — É na próxima terça, sua mentirosa!

— Merda! - praguejou Richard, para a surpresa de todos. — Alguém tem um corretor ortográfico?

Holly não conseguia parar de ir ao banheiro. Estava nervosa e praticamente não

dormira na noite anterior. E a aparência combinava perfeitamente com o estado de espírito.

Havia imensas bolsas sob os olhos injetados de sangue e os lábios estavam mordidos.

O grande dia chegara, seu pior pesadelo, cantar em público.

Holly era o tipo de pessoa que não cantava sequer no chuveiro, com medo de quebrar todos os espelhos. Mas cara, estava perdendo um tempão no banheiro naquele dia!

Não havia laxante melhor que o medo e Holly se sentia como se houvesse perdido seis

quilos num único dia. Seus amigos e sua família haviam sido encorajadores como de

costume, enviando-lhe cartões de boa sorte. Sharon e John haviam mandado até mesmo

um buquê de flores, que ela colocou sobre a mesinha de centro, livre de correntes de ar, do

calor e do vento, ao lado de sua orquídea semimorta. Denise lhe havia "comicamente"

enviado um cartão de condolências.

Holly vestia a roupa que Gerry lhe dissera para comprar em abril e o amaldiçoava.

Havia coisas muito mais importantes agora do que se preocupar com detalhes irrelevantes

como sua aparência. O cabelo estava solto, para que pudesse cobrir o rosto o máximo

possível e exagerara no rimel à prova d'água, como se aquilo fosse impedi-la de chorar.

Podia antever que a noite terminaria em lágrimas. Tendia a ter poderes psíquicos quando

precisava encarar os dias mais fodidos de sua vida.

John e Sharon pegaram Holly de táxi e ela recusou-se a conversar com eles, amaldiçoando a todos por forçarem-na a fazer aquilo. Sentia-se fisicamente doente e não

conseguia manter-se quieta. Cada vez que o táxi parava num sinal vermelho, considerava a

possibilidade de saltar fora e desaparecer, mas no momento em que reunia coragem, os

sinais ficavam verdes novamente. As mãos moviam-se com nervosismo e ela abria e

fechava a bolsa, fingindo para Sharon que procurava alguma coisa, apenas para se manter

ocupada.

— Relaxe, Holly - disse Sharon em tom tranquilizador —, tudo vai ficar bem.

— Cai fora! - rebateu ela.

Eles continuaram em silêncio pelo resto do caminho; nem mesmo o motorista do

táxi falava. Finalmente chegaram ao Hogan's, e John e Sharon passaram por maus pedaços

tentando fazê-la parar de esbravejar (algo a respeito de preferir pular no rio

Liffey) e

persuadindo-a a entrar. Para grande horror de Holly, o clube estava completamente

apinhado e ela precisou se espremer no meio da multidão para abrir caminho até sua

família, que havia reservado uma mesa (exatamente ao lado do banheiro, como solicitado).

Richard sentava-se desajeitadamente sobre uma banquetta, parecendo deslocado em

seu terno.

— Então, me fale destas regras, pai; o que Holly vai ter de fazer?

O pai de Holly explicou as regras do karaokê para Richard e o nervosismo dela

começou a aumentar ainda mais.

— Oh, Deus, isto é terrível, não? - disse Richard, olhando ao redor intimidado.

Holly achava que ele sequer havia estado em um clube noturno antes.

A visão do palco a apavorou; era muito maior do que esperava e havia uma tela

gigantesca na parede para que a multidão enxergasse as letras das músicas. Jack sentava-se

com o braço ao redor dos ombros de Abbey; ambos lhe lançaram um sorriso encorajador.

Holly olhou para eles com raiva e afastou os olhos.

— Holly, simplesmente hoje aconteceu uma coisa engraçada - disse Jack, rindo. —

Lembra daquele sujeito, Daniel, que encontramos semana passada?

Holly apenas o encarou, observando seus lábios se moverem, mas pouco se lixando

para o que ele dizia.

— Bem, eu e Abbey chegamos aqui primeiro para segurar a mesa e estávamos nos

beijando e o seu homem se aproximou e sussurrou em meu ouvido que você

estaria aqui

esta noite. Ele pensou que estivéssemos saindo e que eu estivesse sacaneando você! - Jack e

Abbey riam histericamente.

— Bem, acho isto nojento - disse Holly, afastando-se.

— Não - tentou explicar Jack —, ele não sabia que éramos irmãos. Tive de explicar... - a voz de Jack morreu quando Holly disparou um olhar de advertência em sua direção e o silenciou.

— Oi, Holly - disse Daniel, aproximando-se dela com uma prancheta na mão. —

OK, a ordem hoje à noite é a seguinte: a primeira a subir no palco é uma garota chamada

Margaret, então um cara chamado Keith e então você sobe depois dele. Está bem assim?

— Então sou a terceira.

— Sim, depois...

— É tudo que preciso saber - cortou Holly grosseiramente. Tudo que desejava era

sair daquele estúpido clube, que todos parassem de perturbá-la e a deixassem sozinha, para

rogar pragas diabólicas para todos eles. Queria que a terra se abrisse e a engolisse, que uma

catástrofe natural ocorresse e todos precisassem evacuar o prédio. Na verdade, aquilo era

uma boa ideia; olhou em volta freneticamente, procurando por um botão que disparasse o

alarme de incêndio, mas Daniel ainda estava falando com ela.

— Olhe, Holly, realmente sinto muito por incomodá-la outra vez, mas você poderia me dizer qual das suas amigas é Sharon? - Ele parecia temer que ela pulasse em sua

jugular. Ele estava certo, pensou ela, apertando os olhos.

— Ela está ali. - Holly apontou para Sharon. — Espere aí, por quê?

— Quero apenas me desculpar pela última vez que falamos. - Ele começou a caminhar na direção de Sharon.

— Por quê? - perguntou Holly com pânico na voz, fazendo-o virar-se outra vez.

— Tivemos um pequeno desentendimento no telefone semana passada. - Ele olhou

para ela confuso, sem entender o motivo de precisar lhe dar explicações.

— Sabe, você realmente não tem de fazer isto, ela provavelmente já se esqueceu

por completo a esta altura - gaguejou ela. Aquilo era a última coisa de que precisava.

— Ainda assim eu gostaria de me desculpar - e ele se encaminhou na direção de

Sharon.

Holly saltou de sua banqueta.

— Sharon, oi, sou Daniel, quero apenas me desculpar pela confusão no telefone na

semana passada.

Sharon o encarou como se ele tivesse dez cabeças.

— Confusão?

— No telefone, se lembra?

John colocou o braço protetoramente ao redor da cintura da mulher.

— No telefone?

— Eh... sim, no telefone - assentiu ele.

— Qual o seu nome mais uma vez?

— Hummm, é Daniel.

— E nós conversamos por telefone? - perguntou Sharon, um sorriso surgindo em

seu rosto.

Holly gesticulava loucamente na direção dela, atrás das costas de Daniel. Daniel

limpou a garganta, nervoso.

— Sim, você ligou para o clube na semana passada e eu atendi, isso acende alguma

luz?

— Não, querido, você pegou a garota errada - disse Sharon com educação.

John lançou a Sharon um olhar carregado por tê-lo chamado de querido; por ele,

teria dito a Daniel aonde ir. Daniel passou a mão pelos cabelos e pareceu ainda mais

confuso; começou a virar-se para encarar Holly.

Holly balançava freneticamente a cabeça para Sharon.

— Oh... - disse Sharon, parecendo finalmente ter lembrado. — Oh, Daniel! -

gritou, um pouco entusiasmada demais. — Meu Deus, sinto muito, meus neurônios

parecem que estão um pouco desativados. - Ela riu como uma louca. — Deve ser muito

disto - riu ela, erguendo sua bebida.

O alívio espalhou-se pelo rosto de Daniel.

— Meu Deus, por um minuto pensei que estivesse ficando louco! Certo, então você

se lembra de termos tido aquela conversa por telefone?

— Oh, aquela conversa que tivemos por telefone. Escute, não se preocupe com

aquilo - disse ela, balançando a mão em sinal de desinteresse.

— É que simplesmente assumi o comando do lugar algumas semanas atrás e não

tinha certeza dos arranjos exatos para esta noite.

— Oh, não se preocupe.. todos nós precisamos de tempo... para nos adaptarmos...

às situações... sabe? - Sharon olhou para Holly para ver se tinha ou não dito a coisa certa.

— Bem, foi ótimo conhecer você pessoalmente afinal - riu Daniel. - Quer que lhe

traga uma banqueta ou algo especial? - perguntou ele, tentando ser engraçado.

Sharon e John se sentaram e o encararam em silêncio, sem saber o que dizer àquele

estranho sujeito.

John observou com olhar suspeito enquanto Daniel se afastava.

— O que quer dizer tudo isto? - Sharon perguntou a Holly, assim que ele estava

fora do alcance de sua voz.

— Explico mais tarde - disse Holly, virando-se para encarar o palco. O anfitrião do

karaokê subia ao palco naquele momento.

— Boa noite, senhoras e senhores! - anunciou ele.

— Boa noite! - gritou Richard, parecendo entusiasmado. Holly girou os olhos para

o teto.

— Temos uma noite excitante à nossa frente... - Ele continuou e continuou e continuou com sua voz de DJ, enquanto Holly saltava nervosamente de um pé para o

outro. Precisava desesperadamente do banheiro outra vez.

— Como primeira concorrente desta noite, temos Margaret, de Tallaght, que vai

cantar o tema do Titanic, My Heart Will Go On, de Celine Dion. Por favor, palmas para a

maravilhosa Margaret! - O público delirou. O coração de Holly disparou. A música mais

difícil do mundo; típico.

Quando Margaret começou a cantar, o lugar ficou tão silencioso que era quase possível ouvir um alfinete cair. Holly olhou ao redor e observou os rostos das pessoas.

Todos olhavam para Margaret com assombro, incluindo a família de Holly, os traidores. Os

olhos de Margaret estavam fechados e ela cantava com tanto ardor que parecia ter vivido

cada linha da canção. Holly a detestou e considerou a possibilidade de fazê-la

tropeçar

quando voltasse ao seu lugar.

- Isso não foi inacreditável? - anunciou o DJ. A multidão aclamou novamente e

Holly preparou-se para não ouvir esse som depois de sua própria canção. - O próximo

candidato é Keith; vocês devem se lembrar dele como o vencedor do ano passado e ele vai

cantar America, de Neil Diamond. Preparem-se para Keith! — Holly não precisava ouvir

mais nada e correu para dentro do banheiro.

Marchava de um lado para o outro dentro do toalete e tentava se acalmar; seus joelhos tremiam, seu estômago contorcia-se e ela sentia um princípio de vômito subir-lhe à

boca. Olhou-se no espelho e tentou respirar bem fundo. Não funcionou, só fez com que se

sentisse tonta. O público aplaudiu lá fora e Holly congelou. Ela era a próxima.

— Keith não foi ótimo, senhoras e senhores?

Muitos aplausos novamente.

- Talvez Keith esteja a caminho do recorde de vencer dois anos seguidos; bem, a

noite não pode ficar melhor do que isto!

Estava prestes a ficar muito pior.

— A seguir, temos uma novata no concurso. Seu nome é Holly e ela vai cantar...

Holly correu para o reservado e se trancou lá dentro. Não havia nada no mundo

que a fizesse sair dali.

— Então, senhoras e senhores, por favor, vamos aplaudir Holly! Houve uma grande aclamação.

Catorze

HAVIA TRÊS ANOS que Holly subira ao palco para sua estreia num karaokê.

Coincidentemente, fazia três anos desde que Holly subira ao palco para se apresentar num karaokê.

Uma grande multidão de amigos seus se dirigira ao pub local em Swords para comemorar o trigésimo aniversário de um dos rapazes. Holly estava extremamente cansada,

pois andara fazendo horas extras nas duas semanas anteriores. Na verdade, não estava com

disposição de sair para festejar. Tudo o que queria era ir para casa, tomar um belo e longo

banho, colocar o pijama menos sexy que possuía, comer montes de chocolate e aninhar-se

com Gerry no sofá, diante da TV.

Depois de ficar de pé num trem superlotado durante todo o trajeto de Blackrock

até a estação de Sutton, Holly definitivamente não tinha disposição para enfrentar aquele

tormento novamente, num pub superlotado e abafado. No trem, metade de seu gosto havia

sido achatada contra a janela e a outra metade alojada sob o suarento sovaco de um sujeito

muito pouco higiênico. Logo atrás dela, um homem lançava ruidosos vapores alcoólicos

em seu pescoço. O fato de, todas as vezes que o trem balançava, ele pressionar

”acidentalmente” seu barrigão de cerveja contra as costas dela não melhorava a situação.

Enfrentara aquele ultraje todos os dias, por duas semanas, indo para o trabalho e voltando

para casa e não conseguia suportar mais. Queria seu pijama.

Por fim chegou à estação de Sutton e as pessoas ali, muito espertas, acharam que

era uma grande ideia entrarem todas no trem enquanto o povo tentava sair. Ela levou tanto

tempo para abrir caminho no meio da multidão para sair do trem, que no instante em que

alcançou a plataforma, viu o ônibus que fazia a sua conexão se afastar, lotado de pessoas

pequenas e alegres, sorrindo para ela através da janela. E porque já passava das seis horas,

a lanchonete havia fechado e ela ficou em pé no frio congelante, esperando outra meia hora

até que o ônibus seguinte chegasse. A experiência só fortaleceu seu desejo de aconchegar-se

diante da TV.

Mas aquela não era para ser uma boa noite em casa. Seu querido marido possuía

outros planos. Chegou cansada e extremamente irritada a uma casa abarrotada de gente e

com música pesada. Pessoas que ela sequer conhecia perambulavam por sua sala de estar

com latas de cerveja nas mãos e desmoronavam sobre o sofá, onde ela pretendia passar as

próximas horas. Gerry permanecia de pé ao lado do toca-CDs, bancando o DJ e tentando

parecer legal. Nunca na vida ele parecera tão pouco legal como naquele momento.

— O que há de errado com você? - perguntou Gerry, depois de vê-la subir as escadas furiosa, na direção do quarto de dormir.

— Gerry, estou cansada, estou irritada, não estou a fim de sair esta noite, e você

sequer me perguntou se estava tudo bem convidar todas estas pessoas. E, por falar nisto,

quem são eles? - gritou ela.

— São amigos de Conor e, por falar nisto, esta também é minha casa! - ele gritou

de volta.

Holly colocou os dedos sobre as têmporas e começou a massagear gentilmente a

cabeça; estava com uma enxaqueca terrível e a música a deixava louca.

— Gerry - disse ela com tranquilidade, tentando aparentar calma —, não estou

dizendo que você não possa convidar pessoas. Seria legal se você tivesse planejado com

antecedência e me falado. Então eu não me incomodaria, mas hoje, de todos os dias,

quando estou tão cansada - sua voz enfraquecia a cada palavra —, eu apenas queria relaxar

em minha própria casa.

— Todo dia é a mesma coisa - retrucou ele. — Você nunca quer fazer coisa alguma, nunca; nada. Toda noite você é a mesma. Chega em casa de mau humor e puta

comigo por tudo!

O queixo de Holly caiu.

— Desculpe! Tenho trabalhado muito!

— E eu também, mas não me vejo pulando no seu pescoço toda vez que as coisas

não saem como planejo.

— Gerry, isto não tem nada a ver com as coisas não saírem da forma como planejo,

isto tem a ver com você convidar a rua inteira para dentro de nossa c...

— Hoje é sexta! - gritou ele, silenciando-a. — É fim de semana! Quando foi a última vez que você saiu? Deixe seu trabalho para trás e se divirta, para variar. Pare de agir

como uma avó - E ele disparou para fora do quarto, batendo a porta.

Depois de passar longo tempo no quarto odiando Gerry e sonhando com o divórcio, ela conseguiu acalmar-se e pensar racionalmente sobre o que ele havia dito. E ele

estava certo. OK, ele não estava certo na maneira como se expressara, mas ela fora mal-

humorada e megera o mês inteiro e sabia disso.

Holly era o tipo de pessoa que parava de trabalhar às cinco da tarde e desligava o

computador, as luzes, trancava a escrivaninha e corria para pegar o trem às 5h01, quer seus

patrões gostassem disso ou não. Nunca levava trabalho para casa e nunca se estressava

quanto ao futuro porque, com toda a franqueza, não se importava; telefonava doente tantas

manhãs de segunda-feira quanto possível, desde que não corresse o risco de ser despedida.

Mas devido a um lapso de concentração enquanto procurava um novo emprego, viu-se

aceitando um cargo num escritório que a obrigava a levar uma papelada para casa, a

concordar em trabalhar até tarde e se preocupar com o serviço, com o qual não estava

deforma alguma satisfeita. Como conseguira ficar ali o mês inteiro era o que todos se

perguntavam, portanto Gerry estava certo.

Doía só de pensar naquilo. Ela não saía com ele ou com seus amigos havia semanas

e pegava no sono todas as noites no minuto em que sua cabeça batia no travesseiro.

Pensando nisso, aquele era provavelmente o principal problema de Gerry, não se importar

com o mau humor.

Mas aquela noite seria diferente. Pretendia mostrar a seu marido e seus amigos

negligenciados que continuava sendo a Holly irresponsável, divertida e frívola de sempre,

que podia beber mais do que todos eles e ainda assim andar em linha reta por todo o

caminho até em casa. Esse show de bobagens começou com o preparo de

coquetéis

caseiros, só Deus sabe o que havia neles, mas realizaram sua pequena mágica e às onze

horas todos dançavam pelo caminho até o pub, onde acontecia um karaokê. Holly exigiu

ser a primeira a concorrer e importunou o apresentador até conseguir o que queria. O pub

estava lotado e naquela noite havia um grupo barra-pesada que saíra para uma despedida de

solteiro. Era como se uma equipe de filmagem tivesse chegado ao pub algumas horas antes

e trabalhado sem parar preparando o cenário para a catástrofe. Eles não poderiam ter feito

melhor.

O DJ fez uma tremenda propaganda de Holly, depois de acreditar em suas mentiras

sobre ser cantora profissional. Gerry perdera toda a capacidade de falar e de enxergar, de

tanto rir, mas ela estava determinada a mostrar a ele que ainda podia se divertir. Ele não

precisava planejar o divórcio. Holly decidiu cantar Like a Virgin e dedicou a canção ao

sujeito que estava se casando no dia seguinte. Assim que começou a cantar, deu-se conta de

que nunca ouvira tantos "buuuuu" em toda a sua vida e em volume tão alto. Mas estava tão

bêbada que não se importou e continuou a cantar para seu marido, que parecia ser o único

que não trazia uma expressão mal humorada no rosto.

Finalmente, quando as pessoas começaram a atirar coisas no palco e o próprio apresentador as encorajou a vaiar ainda mais alto, Holly sentiu que seu trabalho ali estava

feito. Quando devolveu o microfone, houve uma aclamação tão alta que os clientes do pub

vizinho entraram correndo. Era ainda mais gente para vê-la tropeçar degraus abaixo em

seus sapatos de salto alto e cair em cheio sobre o rosto. Todos olhavam enquanto sua saia

voava por sobre sua cabeça, para revelar a calcinha velha que em outros tempos havia sido

branca, mas na ocasião estava cinza, e que ela não se dera ao trabalho de trocar quando

chegara em casa do trabalho.

Holly foi levada ao hospital para cuidar de seu nariz quebrado.

Gerry perdeu a voz de tão alto que riu e Denise e Sharon colaboraram com a situação batendo fotografias da cena do crime, as quais Denise escolheu como capa dos

convites de sua festa de Natal, com o cabeçalho "Vamos ficar bêbados!".

Holly jurou nunca mais participar de um karaokê.

Quinze

— HOLLY KENNEDY? VOCÊ ESTÁ AQUI? - trovejou a voz do apresentador.

O aplauso do público tornou-se uma conversa alta, enquanto todos olhavam ao redor à

procura de Holly. Bem, eles ficariam procurando por longo tempo, pensou ela enquanto

abaixava o assento do vaso sanitário e sentava-se para esperar que a excitação acalmasse,

antes que se adiantassem para a próxima vítima. Fechou os olhos, descansou a cabeça nas

mãos e rezou para que aquele momento passasse. Queria abrir os olhos e achar-se a salvo

em casa, dali a uma semana. Contou até dez, rezando por um milagre, então lentamente

abriu os olhos outra vez.

Ainda estava no banheiro.

Por que não podia, pelo menos por uma vez, de repente adquirir poderes

mágicos?

Sempre acontecia com as garotas americanas nos filmes e simplesmente não era justo...

Holly sabia que aquilo aconteceria; desde o momento em que abrira o envelope e

lera a terceira carta de Gerry, previra as lágrimas e a humilhação. Seu pesadelo se tornara

realidade.

Lá fora, o clube parecia muito silencioso e uma sensação de calma a envolveu quando se deu conta de que estavam passando para o cantor seguinte. Seus ombros

relaxaram e ela afrouxou os punhos, seu maxilar relaxou e o ar fluiu mais facilmente para

dentro de seus pulmões. O pânico havia passado, mas ela decidiu esperar até que o

próximo cantor começasse sua música antes de escapar correndo. Não podia nem mesmo

pular pela janela porque não estava no andar térreo, bem, não a menos que quisesse

mergulhar para a morte. Mais uma coisa que sua amiga americana seria capaz de fazer.

Fora do reservado, Holly ouviu a porta do banheiro se abrir e fechar. Uh-oh, eles

vinham pegá-la. Quem quer que fossem eles.

— Holly? - Era Sharon. — Holly, sei que você está aí, então simplesmente me escute, OK? - Holly conteve as lágrimas que começavam a brotar. — Tudo bem, sei que

isto é um pesadelo absoluto e sei que você tem uma fobia enorme desse tipo de coisa, mas

você precisa relaxar, certo? - A voz de Sharon era tão tranquilizante que os ombros de

Holly relaxaram mais uma vez. — Holly, detesto ratos, você sabe disso. - Holly franziu as

sobrancelhas, querendo saber aonde aquela conversinha estimulante iria chegar. — - E meu

pior pesadelo seria sair daqui para um quarto cheio de ratos. Agora você pode imaginar?

Holly sorriu e lembrou-se da vez em que Sharon fora viver com ela e Gerry por

duas semanas, depois de capturar um rato em sua casa. John, claro, recebeu permissão para

as visitas conjugais.

— Bem, eu estaria exatamente aí onde você está agora e nada no mundo me poria

para fora. - Ela fez uma pausa.

— O quê? - disse a voz do DJ no microfone e então começou a rir. — Senhoras e

senhores, parece que nossa cantora está no banheiro neste instante. - O salão inteiro

desatou a rir.

— Sharon! - a voz de Holly tremeu de medo. Sentia-se como se a multidão furiosa

estivesse prestes a colocar a porta abaixo, arrancar-lhe as roupas e carregá-la por cima das

cabeças até o palco, para sua execução. O pânico assumiu o comando pela terceira vez.

Sharon apressou sua próxima sentença.

— De qualquer forma, Holly, tudo que estou dizendo é que você não precisa fazer

isto se não quiser. Ninguém aqui a está forçando...

— Senhoras e senhores, vamos fazer com que Holly saiba que é a próxima candidata! - gritou o DJ. — Vamos! - Todos começaram a bater com os pés e cantar o

nome dela.

— Bem, pelo menos ninguém que se importa com você a está forçando a fazer isto

- gaguejou Sharon, agora sob a pressão da multidão que se aproximava. — Mas se não

fizer, sei que nunca vai ser capaz de se perdoar. Gerry queria que você cantasse por uma

razão.

— HOLLY! HOLLY! HOLLY!

— Oh Sharon! - repetiu Holly mais uma vez, em pânico. Subitamente as paredes do

reservado pareceram se fechar sobre ela; gotas de suor formaram-se sobre sua testa.

Precisava sair dali. Irrompeu porta afora. Os olhos de Sharon se arregalaram à vista de sua

perturbada amiga, que parecia ter acabado de ver um fantasma. Seus olhos estavam

vermelhos e inchados, com linhas negras de rimel escorrendo pelo rosto (esses negócios à

prova d'água nunca funcionam) e as lágrimas haviam arrancado toda a sua maquiagem.

— Não se importe com eles, Holly - disse Sharon com serenidade —, eles não podem obrigá-la a fazer nada que não quiser.

O lábio inferior de Holly começou a tremer.

— Não! - disse Sharon, agarrando-a pelos ombros e olhando-a nos olhos. — Sequer pense nisto!

Seu lábio parou de tremer, mas não o restante de seu corpo. Por fim, Holly quebrou o silêncio.

— Não sei cantar, Sharon - sussurrou ela, seus olhos arregalados de terror.

— Sei disto! - disse Sharon rindo. — E sua família sabe disto! Danem-se os outros!

Você nunca mais vai ver a cara feia deles! Quem liga para o que pensam? Eu não, você liga?

Holly pensou um minuto a respeito.

— Não - sussurrou.

— Não ouvi, o que você disse? Você liga para o que eles pensam?

— Não - disse ela, um pouco mais forte.

— Mais alto! - Sharon a sacudiu pelos ombros.

— Não! - gritou ela.

- Mais alto!

- NÃÃÃÃÕOOOOOOOOO! NÃO ME IMPORTO COM O QUE ELES

PENSAM! - Holly gritou tão alto que a multidão começou a se aquietar do lado de fora.

Sharon parecia ligeiramente abalada, estava provavelmente um pouco surda e permaneceu

imóvel por um instante. As duas sorriram uma para a outra e então começaram a rir como

loucas de sua própria estupidez.

— Simplesmente deixe que este seja mais um dia das bobagens de Holly, assim

poderemos rir disto daqui a alguns meses - implorou Sharon.

Holly lançou um último olhar a seu reflexo no espelho, lavou as manchas de rimel,

respirou fundo e precipitou-se para fora como uma mulher encarregada de uma missão.

Abriu a porta para seus ardorosos fãs, que estavam todos diante dela e cantavam seu nome.

Todos começaram a aplaudir quando a avistaram, portanto ela fez uma saudação

extremamente teatral e encaminhou-se para o palco ao som de aplausos e risos e de um

grito de Sharon dizendo “Que se danem!”.

Agora Holly tinha a atenção de todos, quer gostasse disso ou não. Se não tivesse

corrido para o banheiro, as pessoas que estavam conversando ao fundo provavelmente não

a teriam notado cantar, mas naquele instante ela havia atraído mais atenção ainda.

Mantinha-se de braços cruzados no palco e encarava a audiência em choque.
A

música começou sem que sequer percebesse e ela perdeu os primeiros versos da canção. O

DJ interrompeu a trilha e voltou ao começo.

O silêncio era completo. Holly limpou a garganta e o som ecoou pelo salão.
Olhou

para baixo na direção de Denise e Sharon em busca de ajuda e toda a sua mesa mantinha os

polegares levantados para ela. Normalmente Holly teria rido da bobagem de tudo aquilo,

mas naquele exato momento, o ato era estranhamente confortador. Afinal, a música

começou outra vez e Holly segurou com força o microfone nas duas mãos, preparando-se

para cantar. Com voz extremamente trêmula e tímida, começou:

— O que você faria se eu desafinasse? Se levantaria e me abandonaria? -
Denise e

Sharon desataram a rir ante a maravilhosa escolha da música e lançaram uma grande

aclamação. Holly se esforçava por continuar, cantando horivelmente e parecendo a ponto

de desandar a chorar. Justamente quando achou que estava prestes a ouvir os "buuuu" mais

uma vez, sua família e amigos se juntaram ao refrão.

— Ooh, vou me safar com uma ajudinha de meus amigos; sim, vou me safar com

uma ajudinha de meus amigos.

O público virou-se para a mesa de sua família e amigos e riu e o ambiente ficou um

pouco mais caloroso. Holly preparou-se para a chegada da nota mais alta e gritou do auge

de seus pulmões:

— Você preciiiiiiiisa de alguém? - Conseguiu assustar até mesmo a si própria com o

volume e algumas pessoas a ajudaram a cantar: - Preciso de alguém para amar.

— Você preciiiiiiiisa de alguém? — repetiu ela e segurou o microfone na direção do

público para encorajá-lo, e todos cantaram: — Preciso de alguém para amar. — E eles

ofereceram a si mesmos uma rodada de aplausos.

Holly sentia-se menos nervosa nesse momento e lutava para abrir caminho através

do restante da música. As pessoas ao fundo voltaram a conversar, a equipe do bar

continuou a servir as bebidas e a bater com os copos, até que Holly percebeu que era a

única a ouvir a si mesma.

Quando finalmente acabou de cantar, umas poucas mesas educadas diante dela e

sua própria mesa à direita eram as únicas a aplaudir. O DJ tirou o microfone da mão dela e

conseguiu dizer em meio aos risos:

— Por favor, uma salva de palmas para a incrivelmente corajosa Holly Kennedy!

Dessa vez, sua família e seus amigos foram às únicas pessoas a aplaudir. Denise e

Sharon aproximaram-se dela com as faces molhadas de lágrimas de riso.

— Estou tão orgulhosa de você! - disse Sharon, atirando os braços ao redor do pescoço de Holly. — Foi horrível!

— Obrigada pela ajuda, Sharon - disse ela enquanto abraçava a amiga. Jack e Abbey

a aclamaram e Jack gritou:

— Terrível! Absolutamente terrível!

A mãe de Holly lançou-lhe um sorriso encorajador, ciente de haver passado

para a

filha seu especial talento como cantora, e o pai de Holly mal podia olhar nos olhos dela de

tanto rir. Tudo que Ciara conseguiu fazer foi repetir sem parar:

— Eu não sabia que alguém podia ser tão ruim.

Declan acenou para ela através do salão com a câmera na mão e virou o polegar

para baixo. Holly escondeu-se numa das extremidades da mesa e tomou um gole de água

enquanto todos a congratulavam por ser tão desesperadamente ruim. Não conseguia se

lembrar da última vez em que se sentira tão orgulhosa.

John arrastou-se até Holly e se apoiou na parede ao lado dela, de onde observou em

silêncio o próximo número no palco. Por fim, reuniu coragem para falar e disse:

— Sabe, Gerry provavelmente está aqui com você - e olhou para ela com olhos

marejados.

Pobre John, ele também havia perdido seu melhor amigo. Ela lançou-lhe um sorriso encorajador e olhou em torno. Ele estava certo. Holly podia sentir a presença de

Gerry. Podia senti-lo colocando os braços em volta dela e dando-lhe um dos abraços dos

quais sentia tanta falta.

Uma hora depois, os cantores haviam finalmente terminado e Daniel e o DJ saíram

para computar os votos. Todos haviam recebido um cupom de votação quando pagaram a

entrada e Holly não teria o descaramento de escrever seu próprio nome, então entregou seu

cupom a Sharon. Era bastante óbvio que Holly não ganharia, mas essa nunca fora sua

intenção. E se por um remoto acaso ganhasse, tremeria de medo de pensar que precisaria

voltar em duas semanas para repetir toda aquela experiência. Não havia aprendido nada

com aquilo, a não ser que detestava mais ainda o karaokê. O ganhador do ano anterior,

Keith, levara pelo menos uns trinta amigos, o que significava que era seguramente o

vencedor, e Holly duvidava muito que seus "ardorosos fãs" votassem nela.

Quando os vencedores estavam prestes a ser anunciados, o DJ colocou um patético

CD com uma trilha de tambores. Daniel subiu ao palco mais uma vez, em seu uniforme de

jaqueta de couro preto e pantalonas pretas, e foi recebido com assobios e gritos das garotas.

Inquietantemente, a mais barulhenta delas era Ciara. Richard parecia excitado e cruzava os

dedos na direção de Holly. Um gesto muito carinhoso, mas muito ingênuo, pensou ela; ele

obviamente não compreendia as "regras" corretamente.

Houve um pouco de constrangimento quando a trilha de tambores começou a pular e o DJ correu para o equipamento para interrompê-la. Os vencedores foram

anunciados sem dramaticidade, em meio a um silêncio mortal.

— Bem, eu gostaria de agradecer a todos por participar da competição desta noite;

vocês nos forneceram um ótimo entretenimento. - A última parte foi dirigida a Holly e ela

deslizou na cadeira, envergonhada. — Certo, então as duas pessoas que passarão para a

final são - Daniel fez uma pausa para produzir um efeito dramático — Keith e Samantha!

Holly pulou de excitação e começou a dançar numa roda, abraçada com Denise e

Sharon. Nunca sentira tanto alívio na vida. Richard parecia muito confuso e o restante da

família congratulou Holly por seu vitorioso fracasso.

— Eu votei na loura - anunciou Declan, desapontado.

— Só porque ela possuía peitos grandes - riu Holly.

— Bem, todos temos nossos dons individuais - concordou Declan. Holly perguntou-se qual seria o seu, enquanto se sentava novamente.

Devia ser um sentimento maravilhoso, o de ganhar alguma coisa, o de se ser possuidor de um dom. Holly nunca ganhara nada na vida; não praticava esportes, não sabia

tocar nenhum instrumento e, agora que pensava naquilo, percebia que não possuía nenhum

hobby ou interesse especial. O que colocaria em seu CV quando por fim começasse a

circular, candidatando-se a um emprego? “Gosto de beber e fazer compras” não cairia

muito bem. Tomou um gole de sua bebida, pensativa. Holly vivera sua vida interessada

somente em Gerry; na verdade, tudo o que fazia girava ao redor dele. De certa maneira, ser

sua mulher era a única coisa em que era boa; ser sua companheira era tudo que sabia fazer.

Agora, o que possuía? Nenhum trabalho, nenhum marido e não conseguia sequer cantar

num concurso de karaokê, que dirá vencê-lo.

Sharon e John pareciam absortos numa discussão acalorada, Abbey e Jack olhavam-

se nos olhos como dois adolescentes fulminados pela paixão, Ciara enroscava-se em

Daniel, e Denise estava... Na verdade, onde estava Denise?

Holly olhou ao redor e localizou-a sentada no palco, balançando as pernas e atacando, numa atitude bastante provocante, o apresentador do karaokê. Os pais de Holly

havam se dado as mãos logo depois que o nome dela não fora anunciado como vencedor,

o que deixara de fora... Richard. Richard comprimia-se ao lado de Ciara e Daniel, olhando

em volta como um cachorrinho perdido e tomando um gole de sua bebida em cada um dos

poucos segundos fora da paranoia. Holly se deu conta de que devia estar parecida com ele...

uma completa perdedora. Mas aquele perdedor ao menos possuía mulher e dois filhos por

quem voltar para casa, ao contrário de Holly, que tinha um encontro com um jantar de

micro-ondas.

Holly mudou de lugar e sentou-se numa banquetta elevada em frente a Richard e

iniciou uma conversa.

— Está se divertindo?

Ele levantou os olhos de sua bebida, surpreso que alguém houvesse falado com ele.

— Sim, obrigado, estou me divertindo, Holly.

Se aquele era o divertimento dele, Holly temia pensar como seria quando ele não

estivesse se divertindo.

— Na verdade, estou surpresa de que tenha vindo, não pensei que este fosse seu

ambiente.

— Oh, sabe... é preciso dar apoio à família. - Ele girou sua bebida.

— Então, onde está Meredith esta noite?

— Emily e Timothy - disse ele, como se aquilo explicasse tudo.

— Você trabalha amanhã?

— Sim - disse ele de repente, bebendo seu drinque de uma só vez —, portanto, é

melhor eu cair fora. Você foi um grande divertimento esta noite, Holly. - Ele

olhou sem

jeito para sua família, ponderando se os interrompia e se despedia, mas por fim decidiu o

contrário. Acenou para Holly e lá se foi, manobrando através da compacta multidão.

Holly estava sozinha mais uma vez. Por mais que quisesse agarrar sua bolsa e correr

para casa, sabia que tinha de ficar até o final. Haveria muitas ocasiões, no futuro, em que

estaria sozinha assim, a única solitária na companhia de casais, e precisava se acostumar.

Então se amaldiçoou por ser tão infantil; não poderia ter pedido uma família e amigos mais

compreensivos. Holly desejava saber se essa fora a intenção de Gerry. Será que achava que

aquela situação era o que ela precisava? Será que ele achava que aquilo poderia ajudá-la?

Talvez ele estivesse certo, porque ela estava obviamente sendo testada. Aquilo a estava

obrigando a tornar-se corajosa de mais de uma maneira. Ficara de pé num palco e cantara

para centenas de pessoas, e naquele momento estava presa a uma situação em que se

achava cercada de casais. Eles estavam por todo lado. Qualquer que fosse o plano de

Gerry, estava sendo forçada a tornar-se mais corajosa sem ele. “Apenas fique até o final”,

disse a si mesma.

Holly sorriu enquanto observava sua irmã conversar com Daniel. Ciara não se parecia com ela em nada, era tão despreocupada e confiante e parecia nunca se perturbar

com coisa alguma. Durante todo o tempo que Holly era capaz de lembrar, Ciara nunca

conseguira manter um emprego ou um namorado; seu cérebro estava sempre

em algum

outro lugar, perdido no sonho de visitar outro país distante. Holly desejava ser mais

parecida com ela, mas era um pássaro tão caseiro que não podia imaginar-se mudando para

longe de sua família e amigos e abandonando tudo que construía para si mesma ali. Pelo

menos, não conseguiria nunca abandonar a vida que antes tivera.

Voltou a atenção para Jack, que ainda estava perdido em algum mundo com Abbey.

Desejava até mesmo conseguir ser mais parecida com ele; ele adorava seu trabalho como

professor de escola secundária. Era o tranquilo professor de inglês que todos os

adolescentes respeitavam, e sempre que Holly e Jack cruzavam com um de seus alunos na

rua, eles o cumprimentavam com um largo sorriso e um "Olá, mestre!". Todas as garotas se

sentiam atraídas por ele e todos os rapazes queriam ser como ele quando ficassem mais

velhos. Holly suspirou alto e esvaziou sua bebida. Agora se sentia entediada.

Daniel a examinou.

— Holly, posso conseguir uma bebida para você?

— Não, obrigada, Daniel; de qualquer forma, logo vou para casa.

— Ah Hol! - protestou Ciara. — Você não pode ir para casa tão cedo! É a sua noite!

Holly não sentia como se aquela fosse a sua noite. Sentia-se como se tivesse entrado

de penetra numa festa e não conhecesse ninguém ali.

— Estou bem, obrigada - assegurou ela a Daniel outra vez.

— Você vai ficar - insistiu Ciara. — Consiga para ela uma vodca com Coca-Cola e

eu vou querer o mesmo novamente - ela ordenou a Daniel.

— Ciara! - exclamou Holly, envergonhada com a grosseria da irmã.

— Não, está tudo bem! – afirmou Daniel. — Eu perguntei - e encaminhou-se para

o bar.

— Ciara, isto foi tão grosseiro - Holly criticou a irmã.

— O quê? Ele não tem de pagar por isto, ele é o dono do maldito lugar - disse ela,

na defensiva.

— O que não quer dizer que você possa sair por aí pedindo bebidas de graça...

— Onde está Richard? - interrompeu Ciara.

— Foi para casa.

— Merda! Há quanto tempo? - Ela pulou da cadeira em pânico.

— Não sei, cerca de cinco ou dez minutos. Por quê?

— Era ele que ia me levar para casa! - Ela atirou os casacos de todos em uma pilha

no chão, enquanto olhava ao redor procurando sua bolsa.

— Ciara, você nunca vai alcançá-lo agora, ele já foi há muito tempo.

— Não, eu vou. Ele estacionou há quilômetros de distância e vai ter de voltar por

este caminho para ir para casa. Vou alcançá-lo quando estiver passando. - Ela por fim

achou a bolsa e correu para a porta gritando: — Tchau, Holly! Parabéns, você estava uma

merda! - e desapareceu porta afora.

Holly estava só mais uma vez. Ótimo, pensou, quando viu Daniel voltando com as

bebidas, agora estava presa conversando com ele, completamente sozinha.

— Aonde foi Ciara? - perguntou Daniel, colocando os drinques sobre a mesa e

sentando-se diante de Holly.

— Ela me pediu para dizer que realmente sentia muito, mas precisava caçar

meu

irmão atrás de uma carona. - Holly mordeu o lábio com ar culpado, sabendo muito bem

que Ciara sequer pensara duas vezes em Daniel enquanto corria para a porta.
— Desculpe-

me por ter sido tão grosseira com você mais cedo. - Então ela começou a rir.
— Meu

Deus, você deve achar que somos a família mais rude do mundo. Ciara fala um pouco

demais; ela não pensa no que diz metade do tempo.

— E você? - sorriu ele.

— No momento, sim — riu ela novamente.

— Ei, isto é ótimo, simplesmente quer dizer que sobrou mais bebida para você -

disse ele, empurrando o copo colorido através da mesa na direção dela.

— Ugh, o que é isto? - Holly torceu o nariz com o cheiro. Daniel afastou os olhos

sem jeito e limpou a garganta.

— Não consigo me lembrar.

— Oh, por favor! - riu Holly. — Você acabou de pedir! É um direito da mulher

saber o que está bebendo, sabe!

Daniel olhou para ela com um sorriso no rosto.

— É chamado de BJ. Você devia ter visto a cara do garçom quando pedi. Acho que

ele não sabia que era um drinque!

— Oh, Deus - disse Holly. - O que Ciara está pretendendo bebendo isto? O cheiro

é horrível!

— Ela disse que achava fácil de engolir. - Ele riu outra vez.

— Oh, sinto muito, Daniel, às vezes ela é realmente ridícula. - Holly balançou a

cabeça, referindo-se à irmã.

Daniel olhou por sobre os ombros de Holly com ar divertido.

— Bem, de qualquer forma parece que sua amiga está tendo uma boa noite.

Holly girou o corpo e viu Denise e o DJ enrascados um no outro junto ao palco.

Suas poses provocantes haviam obviamente funcionado.

— Oh, não, não o DJ horrível que me forçou a sair do banheiro - gemeu Holly.

— É Tom O'Connor, da Dublin FM - disse Daniel. — É um amigo meu.

Holly cobriu o rosto de vergonha.

— Ele está aqui esta noite porque o karaokê foi transmitido ao vivo pela rádio -

disse ele sério.

— O quê? - Holly quase teve um ataque cardíaco pela vigésima vez naquela noite.

O rosto de Daniel abriu-se num sorriso.

— Brincadeira; eu só queria ver com que cara você ia ficar.

— Meu Deus, não faça isto comigo - disse Holly, pousando a mão sobre o coração.

— Ter estas pessoas aqui me ouvindo já foi ruim o bastante, que dirá a cidade inteira. -

Daniel a olhava com uma expressão divertida nos olhos enquanto ela esperava que o

coração se acalmasse.

— Se não se importa que eu pergunte, se detesta tanto isto, por que se inscreveu? -

perguntou ele com cuidado.

— Oh, meu hilariante marido achou que seria engraçado inscrever sua desafinada

mulher numa competição de canto.

Daniel riu.

— Você não foi tão ruim assim! Seu marido está aqui? - perguntou ele,

olhando ao

redor.

— Não quero que ele pense que estou tentando envenenar sua mulher com esta

mistura terrível. - Ele acenou na direção do copo de bebida.

Holly olhou ao redor e sorriu.

— Sim, ele definitivamente está aqui... em algum lugar.

Dezesseis

HOLLY PRENDEU O LENÇOL no varal com um pregador e pensou a respeito

de como havia se arrastado de um lado para o outro pelo restante de maio, tentando

colocar a vida numa espécie de ordem. Os dias passavam quando ela se sentia feliz,

satisfeita e confiante de que tudo estaria bem, e então, tão rápido quanto chegava, esse

sentimento desaparecia novamente, e ela sentia a tristeza se instalando mais uma vez.

Tentou descobrir uma rotina na qual pudesse alegremente lançar-se, de modo que sentisse

que pertencia a seu corpo e seu corpo pertencia a essa vida, em vez de perambular como

um zumbi, assistindo ao resto do mundo viver suas próprias vidas enquanto ela aguardava

sem nada fazer que a sua terminasse. Infelizmente, a rotina não resultara exatamente no

que esperava. Deu consigo mesma imóvel durante horas na sala de estar, revivendo cada

uma das lembranças que ela e Gerry haviam compartilhado. Melancolicamente, passava a

maior parte do tempo pensando a respeito de cada briga que tinham tido, desejando poder

voltar atrás, desejando retomar cada palavra horrível que alguma vez lhe

dissera. Rezava

para que Gerry houvesse sabido que suas palavras haviam sido fruto da raiva e não

refletiam seus verdadeiros sentimentos. Torturava-se pelas ocasiões em que agira de forma

egoísta, saindo à noite com suas amigas quando estava zangada com ele, em vez de ficar em

casa. Punia-se por ter-se afastado dele quando deveria tê-lo abraçado, quando guardava

ressentimentos por vários dias em vez de perdoá-lo, quando certas noites dormia direto,

em vez de fazer amor com ele. Queria retomar cada um dos momentos em que ele ficara

furioso com ela e a odiara. Queria que todas as suas lembranças fossem de bons

momentos, mas os maus continuavam voltando para assombrá-la. Havia sido todos uma

perda de tempo tão grande.

E ninguém lhes dissera que dispunham de pouco tempo.

Portanto, havia os dias felizes, nos quais perambulava por aí sonhando acordada,

com nada mais além de um sorriso no rosto, e se pegava rindo estupidamente enquanto

caminhava pela rua e uma das brincadeiras dos dois estalava dentro de sua cabeça. Aquela

era sua rotina. Caía em dias de escura depressão, então por fim reunia forças para ser

positiva e pular fora daquilo por outros poucos dias. Mas o menor e mais simples incidente

disparava as lágrimas novamente. Era um processo cansativo e na maior parte do tempo ela

não se dava ao trabalho de lutar contra sua mente. Ela era muito mais forte que qualquer

músculo de seu corpo.

Os amigos e a família iam e vinham, às vezes ajudando-a a combater as lágrimas,

outras vezes a fazendo rir. Mas até mesmo em seu riso faltava alguma coisa. Ela nunca

parecia verdadeiramente feliz; parecia estar apenas passando tempo enquanto esperava por

algo mais. Sentia-se cansada de meramente existir; queria viver. Mas qual a razão de viver,

se não havia vida naquilo? Tais perguntas cruzavam sua mente repetidamente, até ela

chegar a ponto de não querer acordar de seus sonhos - eram eles que pareciam reais.

No fundo, sabia que era normal sentir-se assim, particularmente não pensava que

estava perdendo a razão. Sabia que as pessoas diziam que um dia se sentiria feliz

novamente e que aquele sentimento seria só uma lembrança distante. Chegar a esse dia é

que era a parte difícil.

Ela lia e relia a carta original de Gerry repetidas vezes, analisando cada palavra e

cada sentença, e a cada dia um novo significado surgia. Mas ela podia sentar ali até o dia de

São Nunca tentando ler nas entrelinhas e adivinhar a mensagem oculta. O fato era que, na

verdade, nunca saberia exatamente o que ele quisera dizer, porque nunca falaria com ele

outra vez. Era com aquele pensamento que tinha mais dificuldade de se reconciliar e aquilo

a estava matando.

Maior havia terminado e junho chegara, trazendo noites longas e resplandecentes e

as lindas manhãs que surgiam com elas. E junto a esses dias ensolarados e brilhantes, junho

trouxe claridade. Nada de se esconder dentro de casa assim que escurecia, e nada de ficar

na cama até à tarde. Era como se a Irlanda inteira tivesse saído da hibernação, dado uma

boa espreguiçada e um bocejo e houvesse começado a viver novamente. Era hora de abrir

todas as janelas e arejar a casa, de libertá-la dos fantasmas do inverno e dos dias escuros,

era hora de levantar cedo com o canto dos pássaros e sair para uma caminhada, de olhar as

pessoas nos olhos, de sorrir e dizer olá, em vez de se ocultar sob camadas de roupa com os

olhos no chão, enquanto se corria de um destino a outro, ignorando o mundo. Era hora de

parar de se esconder na escuridão e de manter a cabeça erguida e ficar face a face com a

verdade.

Junho também trouxe outra carta de Gerry.

Holly se sentara ao sol do lado de fora, deleitando-se com a nova claridade da vida,

e com nervosismo, ainda que entusiasmada, leu a quarta carta. Adorava a sensação que

provocavam o cartão e as saliências da caligrafia de Gerry sob seu dedo, à medida que este

corria sobre a tinta seca. No interior, a caligrafia elegante havia listado os itens que lhe

pertenciam e que permaneciam em casa, e ao lado de cada uma de suas posses, ele

explicava o que queria que Holly fizesse com elas e para onde desejava que fossem

enviadas. No fim, dizia:

PS, eu te amo Holly, e sei que você me ama. Você não precisa dos

meus pertences para se lembrar que estou por perto, não precisa guardá-

los como prova de que vivi ou ainda vivo em sua mente. Você não precisa usar meu suéter para me sentir ao seu redor; ainda estou aí... sempre envolvendo-a com meus braços.

Holly achou difícil chegar a um acordo com isso. Quase desejava que ele lhe pedisse

para fazer karaokê outra vez. Ela teria pulado de um avião por ele, corrido mil quilômetros,

qualquer coisa, exceto esvaziar os armários e desfazer-se da presença dele em casa. Mas ele

estava certo e ela sabia disso. Não podia se agarrar às coisas dele para sempre. Não podia

fingir para si mesma que ele voltaria para recolhê-las. O Gerry material havia partido; não

precisava mais de roupas.

Era uma tarefa emocionalmente esgotante. Levou dias para completá-la. Reviveu

um milhão de lembranças com cada traje e pedaço de papel que ensacou. Segurava cada

item perto de si antes de dizer adeus. Toda vez que um objeto separava-se de seus dedos,

era como dizer adeus a uma parte de Gerry novamente. Foi difícil, muito difícil e algumas

vezes, difícil demais.

Ela informou a sua família e seus amigos o que estava prestes a fazer, e embora

todos tenham oferecido ajuda e apoio mais uma vez, Holly sabia que tinha de fazer aquilo

sozinha. Precisava de seu tempo. Dizer um adeus completo, porque não teria nada de volta.

Assim como Gerry, seus pertences não retornariam. Apesar do desejo de ficar sozinha,

Jack apareceu algumas vezes para oferecer certo apoio fraternal e Holly apreciou o fato.

Cada objeto possuía uma história e eles conversaram e riram das lembranças que os

cercavam. Ele estava ao lado dela quando ela chorou e estava quando ela finalmente limpou

as mãos uma na outra, livrando a pele da poeira restante. Havia sido uma tarefa difícil, mas

que precisava ser feita. E que se tornou mais fácil com a ajuda de Gerry. Holly não

precisava se preocupar em tomar todas as grandes decisões, Gerry as havia tomado por ela.

Gerry a estava ajudando e, dessa vez, Holly sentiu que o ajudava também.

Ela ria à medida que empacotava as fitas cassete empoeiradas do grupo de rock

favorito dele dos tempos de escola. Pelo menos uma vez por ano, Gerry topava com a

velha caixa de sapatos, em seus esforços por controlar a desarrumação que crescia dentro

de seu armário. Então ele fazia a música heavy metal explodir em cada alto-falante na casa

para atormentar Holly com suas guitarras estridentes e som de má qualidade. Ela sempre

lhe dizia que mal podia esperar para ver o fim daquelas fitas. O alívio não a invadiu, como

em outros tempos supusera.

Os olhos pousaram sobre uma bola amarrotada no fundo do guarda-roupa - o uniforme de futebol americano da sorte de Gerry. Ainda estava coberto de grama e

manchas de barro, frescas de seu último dia vitorioso no campo. Ela o segurou junto a si e

inspirou fundo; o cheiro de cerveja e suor era débil, mas ainda estava lá. Separou-o para ser

lavado e passado e entregue a John.

Tantos objetos, tantas lembranças. Tudo estava sendo etiquetado e ensacado,

exatamente como ocorria em sua mente. Tudo estava sendo guardado em local acessível,

de onde vez por outra poderiam ser requisitados para ensinar e ajudar na vida futura.

Objetos em outros tempos tão cheios de vida e importância, mas que naquele momento

jaziam no chão. Sem ele, eram apenas coisas.

O smoking de casamento de Gerry, seus ternos, camisas e gravatas que ele lamentava ter de vestir todas as manhãs antes de ir para o trabalho. As modas dos anos

passados, os ternos brilhantes dos anos 80 e os trainings desgastados dobrados juntos. Um

tanque de oxigênio da primeira vez que mergulharam com equipamento, uma concha que

ele recolhera do fundo do oceano dez anos atrás, sua coleção de bolachas de cerveja de

cada bar em cada país que haviam visitado. Cartas e cartões de aniversário que os amigos e

a família lhe haviam enviado ao longo dos anos. Cartões de Holly do Dia dos Namorados.

Ursos de pelúcia e bonecos da infância, guardados para serem enviados de volta a seus pais.

Registros de contas, seus tacos de golfe para John, livros para Sharon, lembranças, lágrimas

e riso para Holly.

A vida inteira dele empacotada em vinte sacos de lixo.

As lembranças dele e dela empacotadas na mente de Holly.

Cada item desenterrou pó, lágrimas, riso e lembranças. Ela ensacou os objetos,

limpou o pó, secou os olhos e arquivou as lembranças.

O celular de Holly começou a tocar e ela largou a cesta de roupa na grama, embaixo

do varal, e atravessou correndo as portas do quintal na direção da cozinha

para atender o
telefone.

— Alô?

— Vou transformá-la numa estrela! - A voz de Declan berrou histericamente do

outro lado e ele rompeu num riso incontrolável.

Holly esperou que ele se acalmasse, enquanto esquadrihava seu cérebro e tentava

imaginar a que ele poderia estar se referindo.

— Declan, você está bêbado?

— Só um pouquinho talvez, mas isso é totalmente irrelevante - soluçou ele.

— Declan, são dez horas da manhã! - riu Holly. — Você já foi para a cama?

— Não - soluçou ele novamente —, estou no trem indo para casa agora e vou estar

na cama em aproximadamente três horas.

— Três horas! Onde você está? - riu Holly outra vez. Aquilo a divertia, uma vez

que a fazia lembrar-se de quando costumava ligar para Jack a manhã inteira de todo tipo de

lugar, depois de ter aprontado numa noite fora de casa.

— Estou em Galway. A premiação foi ontem à noite - disse ele, como se ela devesse saber.

— Desculpe a minha ignorância, mas a que premiação você estava assistindo?

— Eu lhe disse!

— Não, não disse.

— Falei com Jack para contar a você, o safado... - Ele tropeçava nas palavras.

— Bem, ele não contou - ela o interrompeu —, então agora você pode me contar.

— A premiação da mídia estudantil foi à noite passada e eu venci! - gritou ele, e

Holly ouviu o que parecia ser o vagão inteiro comemorando com ele. Estava

satisfeita pelo

irmão.

— E o prêmio é que o filme vai ao ar no Canal 4 na próxima semana! Pode acreditar? - Houve mais aclamações dessa vez e Holly mal conseguia entender o que ele

estava dizendo. — Você vai ficar famosa, mana! - foi à última coisa que ouviu antes que a

linha ficasse muda. Que estranho sentimento era aquele, que detectou percorrendo seu

corpo? Será que... não, não podia ser... seria possível que Holly estivesse experimentando

uma sensação de felicidade?

Telefonou para a família para contar as novidades, mas descobriu que todos já haviam recebido uma chamada semelhante. Ciara ficara séculos no telefone, tagarelando

como uma colegial excitada a respeito de como ela estaria na TV, e seu relato por fim

terminou com ela casando-se com Denzel Washington. Ficou decidido que a família se

reuniria no Hogans na quarta seguinte para assistir à exibição do documentário. Daniel

gentilmente oferecera o Clube Diva como local de encontro para que eles pudessem assistir

ao filme na grande tela na parede. Holly estava feliz pelo irmão e ligou para Sharon e

Denise para informar as novidades.

— Oh, essas são ótimas notícias, Holly! - sussurrou Sharon excitada.

— Por que você está sussurrando? - sussurrou Holly em resposta.

— A velha enrugada aqui decidiu que seria uma grande ideia nos proibir de receber

chamadas pessoais - lamentou-se Sharon, referindo-se a sua chefe. — Ela diz que passamos

mais tempo conversando no telefone com amigos do que negociando, então

está rondando

nossas mesas a manhã toda. Juro que estou me sentindo de volta à escola novamente, com

a bruxa velha de olho em nós. — Subitamente, ela começou a falar mais alto e assumiu um

tom formal. — Posso pegar seus dados, por favor?

Holly riu.

— Ela está aí?

— Sim, totalmente - continuou Sharon.

— Certo, bem, então não vou prender você muito tempo. Os detalhes são que vamos todos nos reunir no Hogans na quarta à noite para assistir ao filme, portanto você é

bem-vinda.

— Isto é ótimo... Certo. - Sharon fingiu anotar os dados dela.

— Excelente, vamos nos divertir. Sharon, o que vou vestir?

— Hummm... novo ou de segunda mão?

— Na verdade não posso bancar nada novo; embora você tenha me obrigado a

comprar aquele top algumas semanas atrás, me recuso a usá-lo já que não tenho mais 18

anos. Portanto, provavelmente alguma coisa velha.

— OK... vermelho.

— A blusa vermelha que eu usei no seu aniversário?

— Sim, exatamente.

— É, talvez.

— Qual sua situação atual em termos de trabalho?

— Para ser honesta, ainda não comecei sequer a procurar. - Holly mordeu a parte

interna da boca e franziu as sobrancelhas.

— E data de nascimento?

— Ha-ha, cale a boca, sua puta - riu Holly.

— Sinto muito, só fornecemos seguro de veículo para pessoas de 24 anos ou mais.

Temo que você seja muito jovem.

— Tomara. OK, falo com você mais tarde.

— Obrigada por ligar.

Holly sentou-se à mesa da cozinha, perguntando-se o que deveria usar na semana

seguinte; queria algo novo. Queria parecer atraente e vistosa para variar e estava enjoada de

todas as suas velhas roupas. Talvez Denise tivesse algo em sua loja. Estava prestes a

telefonar quando recebeu uma mensagem de texto de Sharon.

BRUXA BEM na COLA

FALO VC depois

Holly pegou o telefone e ligou para Denise no trabalho.

— Alô, Casuais - atendeu uma Denise muito educada.

— Alô, Casuais, aqui é Holly. Sei que não devo ligar para você no trabalho, mas só

queria dizer que o documentário de Declan ganhou algum tipo de prêmio estudantil sei-lá-

o-quê e vai ao ar na quarta-feira à noite.

— Oh, isto é tão legal, Holly! Vamos estar nele? - perguntou ela excitada.

— Acho que sim. De modo que vamos todos nos reunir no Hogans para assisti-lo

nessa noite. Quer ir?

— Oooh, claro! Posso levar meu novo namorado também - ela deu um risinho nervoso.

— Que novo namorado?

— Tom!

— O sujeito do karaokê? - perguntou Holly chocada.

— Sim, claro! Oh, Holly, estou tão apaixonada! - deu uma risadinha infantil.

— Apaixonada? Mas você o conheceu há poucas semanas!

— Eu não me importo; só leva um minuto... como diz o ditado!

— Uau, Denise... Não sei o que dizer!

— Diga que isto é incrível!

— Sim... uau... quer dizer... claro... na verdade, é uma ótima notícia!

— Tente não parecer tão entusiasmada, Holly - disse ela sarcástica. — De qualquer

forma, mal posso esperar para que você o conheça, você certamente vai adorá-lo. Bem, não

tanto quanto eu, mas com certeza vai realmente, realmente gostar dele. - E ela continuou a

divagar a respeito de quão incrível era ele.

— Denise, você está esquecendo que já o conheci? - Holly interrompeu-a no meio

de uma história de Tom impedindo uma criança de se afogar.

— Sim, eu sei que já o conheceu, mas eu preferia que o tivesse conhecido quando

não estivesse agindo como uma demente se escondendo em banheiros e gritando em

microfones.

— Estou ansiosa por isto então...

— Legal, vai ser incrível! Nunca estive em minha própria première antes! - disse ela

excitada.

Holly girou os olhos diante do tom dramático da amiga e elas se despediram.

Holly mal fez o serviço de casa naquela manhã, já que passou a maior parte do

tempo conversando ao telefone. Seu celular queimava e lhe provocava dor de cabeça. Deu

de ombros. Sempre que sentia dor de cabeça se lembrava de Gerry. Detestava ouvir seus

entes queridos se queixando de dores de cabeça e enxaquecas e imediatamente se lançava

sobre eles, advertindo-os dos perigos e de como precisavam levar aquilo mais a sério e ir ao

médico. Terminava deixando os petrificados com suas histórias e eles por fim paravam de

lhe contar quando se sentiam mal.

Ela suspirou alto; estava se tornando tão hipocondríaca que até mesmo sua médica

ficava doente ao vê-la. Holly corria para ela em pânico pelas mínimas coisas, se sentia uma

dor na perna ou um espasmo no estômago. Na semana anterior, convencera-se de que

havia algo errado com seus pés; seu dedão, nos dois pés, simplesmente não pareciam muito

bem. A médica os examinou com seriedade e então começou imediatamente a rabiscar sua

prescrição numa tira de papel, enquanto Holly a observava aterrorizada. Por fim, ela lhe

estendeu o pedaço de papel e, garatujados naquela caligrafia que só médicos conseguem

realizar com perfeição, estavam os dizeres: “Compre sapatos maiores”.

Pode ter sido engraçado, mas lhe custou quarenta euros.

Holly passara os últimos minutos ao telefone, ouvindo Jack esbravejar e delirar por

causa de Richard. Richard também lhe fizera uma visitinha. Holly se perguntava se ele

estava só tentando se ligar aos irmãos, após passar anos se escondendo deles. Bem, parece

que era muito pouco e muito tarde para a maioria deles. Era certamente muito difícil tentar

manter uma conversa com alguém que ainda não dominara a arte da cortesia. “Oh, pare

pare pare!”, gritou silenciosamente para si mesma. Precisava parar de se atormentar, parar

de pensar, parar de sobrecarregar o cérebro, e decerto precisava parar de

conversar consigo

mesma. Estava se deixando louca.

Mais de duas horas depois terminou afinal de pendurar a roupa lavada, acrescentou

outra carga à máquina e a ligou. Ligou o rádio na cozinha, fez a televisão vociferar na sala

de estar e voltou ao trabalho. Talvez assim conseguisse calar aquela vozinha em sua cabeça.

Dezessete

HOLLY CHEGOU AO HOGAN'S e abriu caminho por entre os mais velhos no

pub, para alcançar o Clube Diva no andar de cima. A banda tradicional estava em plena

atividade e o grupo reunia todas as suas canções irlandesas favoritas. Eram somente sete e

meia, portanto o clube ainda não estava oficialmente aberto. Olhando ao redor do clube

vazio, Holly observou um cenário completamente diferente daquele que a havia

aterrorizado tanto algumas semanas atrás. Ela foi a primeira a chegar e acomodou-se numa

mesa exatamente em frente à imensa tela, a fim de ter uma visão perfeita do documentário

do irmão; não que o lugar fosse lotar a ponto de que alguém ficasse em seu caminho.

O som de vidro quebrado no bar a fez pular e ela ergueu os olhos para ver quem se

juntara a ela no salão. Daniel surgiu de trás do bar com uma pá de lixo e uma vassoura na

mão.

— Oh, oi, Holly, não percebi que alguém tinha entrado. - Ele olhou para ela surpreso.

— Sou só eu, cheguei cedo para variar. - Ela aproximou-se do bar para

cumprimentá-lo. Ele parecia diferente naquela noite, pensou, inspecionando-o.

— Meu Deus, você está realmente adiantada - disse ele, olhando para o relógio —,

os outros provavelmente não estarão aqui em menos de uma hora ou algo assim.

Holly pareceu desconcertada e olhou de relance para o relógio.

— Mas são sete e meia, a exibição começa às oito, não? - Daniel pareceu confuso.

— Não, fui informado de que começa as nove, mas posso estar errado... - Ele estendeu a mão para o jornal daquele dia e examinou a página de TV. — Certo, nove horas,

Canal 4.

Holly girou os olhos.

— Oh não, sinto muito, vou circular pela cidade um pouco e volto mais tarde então

- disse ela, saltando de sua banqueta.

— Ei, não seja boba. - Os dentes brancos dele falsearam. — As lojas estão todas

fechadas agora e você pode me fazer companhia, isto é, se não se importar...

— Bem, não me importo se você não se importar...

— Eu não me importo - disse ele firme.

— Bem, então vou ficar - disse ela, subindo alegremente na banqueta outra vez.

Daniel apoiou as mãos nas torneiras, numa típica atitude de garçom.

— Então, agora que isto está resolvido, o que deseja? - perguntou ele sorrindo.

— Bem, isto é incrível, não precisar entrar na fila ou berrar meu pedido através do

bar - brincou ela. — Vou beber uma água com gás, por favor.

— Nada mais forte? - Ele ergueu as sobrancelhas. Seu sorriso era contagiante; parecia ir de orelha a orelha.

— É melhor que não, ou vou estar bêbada antes que todos cheguem aqui.

— Bem pensado - concordou ele e estendeu o braço para a geladeira atrás dele para

apanhar a garrafa de água. Holly descobriu o que o fazia parecer tão diferente; ele não

estava usando o seu preto-marca registrada. Vestia um jeans desbotado e uma camisa azul-

clara aberta, com uma camiseta branca por baixo, que faziam seus olhos azuis cintilarem

mais ainda que o usual. As mangas da camisa estavam enroladas até abaixo dos cotovelos.

Holly podia ver seus músculos através do tecido leve. Desviou os olhos rapidamente,

enquanto ele fazia o copo deslizar na direção dela.

— Posso preparar alguma coisa para você? - perguntou ela.

— Não obrigado, eu cuido disso.

— Não, por favor - insistiu Holly. — Você já me serviu muitos drinques, é a minha

vez.

— Certo, vou tomar uma Budweiser então, obrigado. - Ele apoiou-se no bar e continuou a encará-la.

— O quê? Você quer que eu pegue a cerveja? - riu Holly, saltando da banqueta e

contornando o bar. Daniel se afastou e a observou com ar divertido.

— Eu sempre quis trabalhar num bar quando criança - disse ela, agarrando um

copo de cerveja e colocando-o sob a torneira. Estava se divertindo.

— Bem, eis aí um biscate, se estivesse procurando emprego - observando o trabalho dela com atenção.

— Não, obrigada, acho que faço um serviço melhor do outro lado do bar — riu

ela, enchendo o copo de cerveja.

— Hummm... bem, se você em algum momento estiver procurando emprego, sabe

aonde vir - disse Daniel após um gole de cerveja. — Você fez um bom trabalho.

— Não é exatamente uma cirurgia cerebral - sorriu ela, encaminhando-se ao outro

lado do bar. Pegou sua bolsa e lhe entregou o dinheiro. — Guarde o troco — riu.

— Obrigado - ele sorriu, virando-se para abrir a caixa registradora, e ela se colocou

de lado para inspecionar-lhe o traseiro. Era bonito; de qualquer forma era firme, mas não

tão bonito quanto o de Gerry, decidiu.

— Seu marido a abandonou esta noite novamente? - provocou ele, contornando o

bar para juntar-se a ela. Holly mordeu o lábio e perguntou a si mesma como responder. Na

verdade, aquele não era o momento de conversar sobre algo tão deprimente com alguém

com quem estava somente jogando conversa fora, mas ela não queria que o pobre homem

ficasse perguntando todas as vezes que a visse. Ele logo descobriria a verdade, o que

causaria ainda mais constrangimento.

— Daniel - disse ela com cuidado —, não quero deixá-lo sem jeito, mas meu marido morreu.

Daniel parou no meio do caminho e suas faces coraram ligeiramente.

— Oh, Holly, sinto muito, eu não sabia - disse ele com sinceridade.

— OK, eu sei que você não sabia. - Ela sorriu para mostrar-lhe que estava tudo

bem.

— Não o conheci na outra noite, mas se alguém tivesse me contado, eu teria ido ao

funeral prestar meus respeitos. - Ele sentou-se ao lado dela no bar.

— Oh, não, Gerry morreu em fevereiro, Daniel, ele não estava aqui na outra noite.

Daniel pareceu confuso.

— Eu pensei que você tivesse me dito que ele estava aqui... - disse ele, pensando

que houvesse entendido mal e sua voz extinguiu-se.

— Oh, sim. - Holly olhou para os próprios pés constrangida. — Bem, ele não estava aqui - disse, olhando ao redor do clube —, mas estava aqui e ela colocou a mão

sobre o coração.

— Ah, entendo - disse ele, afinal compreendendo. — Bem, então naquela noite

você foi ainda mais corajosa do que pensei, considerando as circunstâncias - disse ele com

gentileza. Holly estava surpresa de quão à vontade ele parecia estar. Em geral as pessoas

gaguejavam e titubeavam para dizer uma frase e então se esquivavam ou mudavam de

assunto. Sentia-se relaxada na presença dele, como se pudesse conversar abertamente, sem

receio ou sem chorar. Holly sorriu, balançando a cabeça, e explicou de forma sucinta a

história da lista.

— Foi por isto que saí correndo depois da apresentação de Declan daquela vez –

riu Holly.

— Por acaso não foi porque eles eram muito ruins? - brincou Daniel, então pareceu

perder-se em seus pensamentos. — Ah, sim, está certo, era dia 30 de abril.

— Sim, eu não podia esperar mais para abrir o envelope - explicou Holly.

— Hummm... quando é o próximo?

— Junho - disse ela excitada.

— Então não vou vê-la em 30 de junho - disse ele secamente.

— Agora você entendeu a essência da coisa - riu ela.

— Cheguei! - anunciou Denise para o salão vazio deslizando porta adentro, elegantemente vestida, com o traje que havia usado no baile do ano anterior. Tom entrou

atrás dela, rindo e recusando-se a afastar os olhos dela.

— Meu Deus, você está toda enfeitada - observou Holly, fitando a amiga de cima

abaixo.

No final das contas, Holly decidira usar apenas jeans, botas pretas e uma blusa preta

bastante simples. Não se sentira com disposição para se enfeitar, especialmente porque

estavam somente sentados em um clube vazio, mas Denise não entendera absolutamente a

ideia.

— Bem, não é todo dia que vou à minha própria première, certo? - brincou ela.

Tom e Daniel cumprimentaram-se com abraços.

— Benzinho, este é Daniel, meu melhor amigo - disse Tom, apresentando Denise a

Daniel. Daniel e Holly ergueram as sobrancelhas um para o outro e sorriram, ambos

registrando o emprego da palavra "benzinho".

— Oi, Tom. - Holly apertou a mão dele depois que Denise a apresentou e ele beijou-a no rosto. — Sinto muito pela última vez que o encontrei, não estava me sentindo

muito equilibrada naquela noite. - Holly corou à lembrança do karaokê.

— Oh, sem problema - sorriu Tom gentilmente. — Se você não tivesse participado,

eu não teria conhecido Denise, então estou contente que tenha feito isso - acrescentou ele,

virando-se para encarar Denise. Daniel e Holly trocaram um olhar satisfeito

por seus

amigos e Holly instalou-se em sua banqueta sentindo-se bastante confortável na companhia

daqueles dois novos homens.

Pouco depois, Holly descobriu que estava se distraindo; não apenas fingindo rir ou

achar as coisas divertidas, sentia-se genuinamente feliz. Aquele pensamento tornou-a ainda

mais feliz, assim como o fato de saber que Denise havia por fim encontrado alguém de

quem realmente gostava.

Minutos mais tarde, o restante da família Kennedy chegou, junto com Sharon e

John. Holly correu para cumprimentar os amigos.

— Olá, querida - disse Sharon, dando-lhe um abraço. — Está aqui há muito tempo?

Holly começou a rir.

— Pensei que estava combinado as oito, então cheguei às sete e meia.

— Oh, não. - Sharon parecia aborrecida.

— Não se preocupe, foi ótimo. Daniel me fez companhia - disse ela, apontando

para ele.

— Ele? - disse John zangado. — Tome cuidado com ele, Holly, ele é um pouco

estranho. Você devia ter ouvido as bobagens que estava dizendo a Sharon na outra noite.

Holly deu um risinho nervoso e rapidamente desculpou-se por deixá-los para juntar-se a sua família.

— Meredith não está com você esta noite? - corajosamente perguntou a Richard.

— Não, não está - rebateu ele num tom rude e encaminhou-se para o bar.

— Por que ele ainda se dá ao trabalho de vir para estas coisas? - queixou-se

ela a

Jack, enquanto este a consolava brincando, mantendo sua cabeça junto ao peito e alisando-

lhe os cabelos.

— OK pessoal! - Declan ficou de pé numa banquetta e anunciou para o grupo:
—

Porque Ciara não conseguia se decidir sobre o que vestir esta noite, estamos todos

atrasados e meu documentário está prestes a começar a qualquer minuto. Então, se todos

puderem simplesmente calar a boca e se sentar seria ótimo.

— Oh, Declan. - A mãe de Holly advertiu-o pela grosseria.

Holly olhou ao redor do salão à procura de Ciara e localizou-a colada a Daniel no

bar. Riu consigo mesma e acomodou-se para assistir ao documentário. Assim que o locutor

fez a apresentação, todos aclamaram, mas foram rapidamente silenciados por um Declan

furioso, que não queria que eles perdessem nada.

As palavras “As Garotas e a Cidade” sobrepunham-se a uma linda imagem noturna

da cidade de Dublin, e Holly sentiu-se nervosa. As palavras “As Garotas” surgiram sobre

uma tela negra, seguidas de uma tomada de Sharon, Denise, Abbey e Ciara, espremidas

uma ao lado da outra na parte posterior de um táxi. Sharon estava falando:

— Olá! Eu sou Sharon e estas são Abbey, Denise e Ciara. - Cada uma das garotas

posou para o seu close à medida que eram apresentadas. — E estamos a caminho da casa

de nossa melhor amiga Holly, porque hoje é o aniversário dela...

A cena mudou para as meninas surpreendendo Holly com gritos de “Feliz Aniversário” na porta de entrada da casa dela. A câmera retornou a Sharon no

táxi:

— Esta noite vamos ser só nós, as garotas, e homem NENHUM...

A cena pulou para Holly abrindo os presentes e erguendo o vibrador para a câmera

e dizendo:

— Bem, definitivamente vou precisar disto!

Então pulou para Sharon no táxi, dizendo:

— Vamos tomar muitos e muitos drinques...

Agora Holly estava estourando o champanhe, depois as garotas estavam dando

cabo de vários drinques no Boudoir, e por fim a cena mostrava Holly com a tiara torta na

cabeça, bebendo o conteúdo de uma garrafa de champanhe até o final com um canudo.

— Vamos sair para dançar...

Seguiu-se uma tomada das garotas no Boudoir, executando alguns movimentos

embaraçosos na pista de dança. Sharon foi mostrada em seguida, falando sinceramente.

— Mas nada muito selvagem! Vamos ser boas meninas esta noite!

A próxima cena exibia as garotas protestando loucamente enquanto eram conduzidas para fora do clube por três seguranças.

O queixo de Holly caiu e ela olhou chocada para Sharon, que estava igualmente

surpresa. Os homens apenas riam incontrolavelmente e davam tapinhas nas costas de

Declan, cumprimentando-o por expor suas companheiras. Holly, Sharon, Denise, Abbey e

até mesmo Ciara escorregaram em seus assentos sentindo-se humilhadas.

Que diabos Declan havia feito?

Dezoito

FEZ-SE SILÊNCIO COMPLETO no clube enquanto todos olhavam para a

tela

em expectativa. Holly prendeu a respiração; agora sentia-se nervosa a respeito do que iria

aparecer. Talvez as garotas fossem ser lembradas do que exatamente haviam sido

convenientemente bem sucedidas em esquecer. A verdade a apavorava. Afinal de contas,

quão bêbadas deviam estar para apagar completamente os acontecimentos daquela noite? A

menos que alguém estivesse mentindo, e nesse caso elas deveriam estar ainda mais nervosas

naquele momento. Holly olhou para as garotas. Todas roíam as unhas. Holly cruzou os

dedos.

Um novo título apareceu na tela, “Os Presentes”. “Abra o meu primeiro”, gritava

Ciara na TV, empurrando seu presente na direção de Holly e impelindo Sharon para longe

do sofá e para o chão. Todos no clube riam enquanto assistiam a Abbey colocar uma

horrorizada Sharon de pé. Ciara afastou-se de Daniel e foi, na ponta dos pés, juntar-se ao

restante das garotas, em busca de segurança. Todos faziam “ooh” e “aah”, à medida que

um por um os presentes de aniversário de Holly eram revelados. Um bolo formou-se na

garganta de Holly quando Declan ampliou as duas fotografias sobre a lareira enquanto

Sharon fazia seu brinde.

Mais uma vez um novo título tomou conta da tela, “Jornada para a Cidade”, e a

sequencia mostrava as garotas caindo umas sobre as outras para entrar no táxi de sete

lugares. Era óbvio que estavam bastante bêbadas a essa altura. Holly estava

chocada; na

verdade, achou que nesse estágio estivesse inteiramente sóbria.

— Oh, John - lamentou-se Holly embriagada, no assento do passageiro, para o

motorista de táxi. — Estou fazendo 30 anos hoje, pode acreditar nisto?

John, o motorista do táxi, que não ligava a mínima para a idade dela, lançou-lhe um

olhar e riu.

— Tenho certeza que você é só uma criança, Holly.

A voz dele era baixa e áspera. A câmera ampliou o rosto de Holly e ela encolheu-se

à vista de si mesma. Parecia tão bêbada, tão triste.

— O que vou fazer, John? - queixou-se ela. — Tenho trinta anos! Não tenho emprego, não tenho marido, não tenho filhos e tenho trinta anos! Eu disse isto a você? -

perguntou ela, inclinando-se na direção dele. Atrás dela, Sharon ria estupidamente. Holly

deu-lhe um tapa.

Ao fundo, as garotas conversavam excitadas umas com as outras. Na verdade, parecia que estavam conversando todas ao mesmo tempo; era difícil entender como

qualquer tipo de conversa estava acontecendo.

— Divirta-se esta noite, Holly, não se deixe apanhar por emoções bobas no seu

aniversário. Se preocupe com essa merda toda amanhã, meu amor. — John lhe pareceu tão

gentil, que Holly lembrou-se de ligar para ele e agradecer.

A câmera continuou com Holly, enquanto ela inclinava a cabeça contra a janela e

permanecia em silêncio, perdida em pensamentos pelo restante do trajeto. Holly não

conseguia recobrar-se do fato de parecer tão sozinha. Não gostou daquilo. Olhou ao redor

envergonhada e capturou o olhar de Daniel. Ele piscou para ela, num incentivo. Bem, se

precisava de piscadelas de incentivo, pensou, então todos deviam estar achando a mesma

coisa. Ela sorriu debilmente e virou-se para encarar a tela, a tempo de ver a si mesma

gritando com as garotas na rua O'Connell.

— Certo, garotas. Vamos para o Boudoir esta noite e ninguém vai nos impedir de

entrar, especialmente seguranças idiotas que pensam que são donos do lugar. - E ela

caminhou no que pensou na ocasião que fosse uma linha reta. Todas as garotas aplaudiram

e seguiram atrás dela.

A cena imediatamente pulou para os dois seguranças, do lado de fora do Boudoir,

balançando a cabeça.

— Não esta noite, meninas, desculpem. - A família de Holly rolava de rir.

— Mas vocês não entendem - disse Denise calmamente para os seguranças.
—

Vocês sabem quem somos?

— Não - disseram ambos e olharam por sobre suas cabeças, ignorando-as.

— Huh! - Denise pôs as mãos nos quadris e apontou para Holly. - Mas esta é muito, muito, extremamente famosa... hummm... princesa Holly da família real da...

Finlândia. - Na câmera, Holly franziu a testa na direção de Denise.

Sua família mais uma vez rolava de rir.

— É impossível escrever um roteiro melhor do que este - riu Declan.

— Oh, ela é da realeza, não é? - O segurança com um bigode deu um riso forçado.

— Na verdade, sim - disse Denise séria.

— A Finlândia tem uma família real, Paul? - O Homem do Bigode virou-se para

Paul.

— Acho que não, chefe - foi a resposta.

Holly ajustou a tiara torta em sua cabeça e ofereceu a ambos um aceno real.

— Viu? - disse Denise satisfeita. — Vocês vão ficar muito envergonhados se não a

deixarem entrar.

— Supondo que a deixemos entrar, você vai ter de ficar do lado de fora - disse o

Homem do Bigode e gesticulou para que as pessoas atrás delas na fila passassem e

entrassem no clube.

Holly lançou-lhes seu aceno real enquanto passavam.

— Oh, não não não não - riu Denise. — Você não está entendendo. Eu sou... sua

dama de companhia, portanto preciso estar com ela o tempo todo.

— Bem, então você não vai se incomodar de fazer companhia a ela daqui de fora,

até que ela saia na hora de fechar. - Paul forçou o sorriso.

Tom, Jack e John começaram a rir e Denise afundou ainda mais no assento.

Por fim, Holly falou:

— Oh, minha real pessoa precisa de um drinque. Minha real pessoa está com muita

sede.

Paul e o Homem do Bigode bufaram e tentaram manter uma expressão séria, enquanto continuavam a olhar por sobre suas cabeças.

— Não, honestamente, garotas, não esta noite, é preciso ser membro.

— Mas sou um membro da família real! - disse Holly com austeridade. — Fora

com suas cabeças! — ordenou ela, apontando para ambos.

Denise rapidamente forçou o braço de Holly para baixo.

— Honestamente, a princesa e eu não seremos nenhum problema, só nos deixem

entrar para alguns drinques - implorou ela.

O Homem do Bigode abaixou os olhos na direção das duas, então os ergueu para o céu.

— Tudo bem então, entrem - disse ele, dando um passo para o lado.

— Deus o abençoe - disse Holly, fazendo o sinal-da-cruz na direção deles quando passou.

— O que ela é, uma princesa ou um padre? - riu Paul enquanto ela entrava no clube.

— Ela está fora de si - riu o Homem do Bigode —, mas é a melhor desculpa que

ouvi desde que estou neste emprego. — E os dois abafaram o riso. Eles recuperaram a

compostura no momento em que Ciara e seu séquito aproximaram-se da porta.

— Está tudo bem se minha equipe de filmagem me acompanhar? - perguntou Ciara

com segurança num excelente sotaque australiano.

— Aguarde enquanto vou verificar com o gerente. - Paul virou de costas e falou no

walkie-talkie. — Sim, não há problema, vá em frente disse ele, abrindo a porta para ela.

— Esta é aquela cantora australiana, não é? - perguntou o Homem do Bigode a

Paul.

— É, boa música aquela.

— Diga aos garotos lá dentro para ficarem de olho na princesa e em sua dama de

companhia - disse o Homem do Bigode. — Não vamos querer que incomodem a cantora

de cabelo cor-de-rosa.

O pai de Holly engasgou- com a bebida de tanto rir, e Elizabeth friccionou-lhe

as

costas enquanto ria sem parar.

Observando a imagem do interior do Boudoir na tela, Holly lembrou-se de ter ficado desapontada com o clube. O aspecto do "Boudoir" sempre fora um mistério. As

garotas haviam lido em uma revista que havia uma coluna de água no interior, na qual

Madonna aparentemente pulara uma noite. Holly imaginara uma imensa cascata caindo

pelas paredes do clube, que continuava a fluir em riachos borbulhantes por toda parte,

enquanto pessoas glamourosas sentavam-se ao seu redor e na qual, ocasionalmente,

mergulhavam seus copos para enchê-los com mais champanhe. Mas em vez de sua cascata

de champanhe, o que Holly obteve foi um aquário descomunal no centro do bar circular. O

que aquilo tinha a ver com o que quer que fosse, ela não sabia. Seus sonhos haviam-se

estilhaçado. O local não era tão grande quanto imaginava e era decorado em vermelho vivo

e dourado. Um dos seus lados mais afastados era uma imensa cortina que fazia as vezes de

divisória, bloqueada por outro segurança de aspecto ameaçador.

Na parte superior do salão, a principal atração era uma pesada cama king-size, inclinada num tablado voltado para o restante do clube. Em cima dos lençóis de seda

dourados, havia duas modelos esqueléticas, vestidas com não mais que tinta dourada e

minúsculas tangas douradas. Era tudo um pouco sórdido demais.

— Olhe o tamanho daquelas tangas! - arfou Denise com aversão. — Tenho um

curativo no meu dedo mindinho maior do que aquilo.

Ao lado dela no Clube Diva, Tom riu baixinho e começou a mordiscar o dedo mínimo de Denise. Holly desviou os olhos e voltou seu olhar para a tela.

— Boa noite e bem-vindos ao noticiário da meia-noite, sou Sharon McCarthy.
-

Sharon estava diante da câmera com uma garrafa que fazia as vezes de microfone na mão e

Declan havia posicionado a câmera de forma a capturar o mais famoso locutor da Irlanda

na tomada.

— Hoje, no trigésimo aniversário da princesa Holly da Finlândia, sua real pessoa e

sua dama de companhia finalmente conseguiram acesso ao Boudoir, famoso ponto de

encontro de celebridades. Também está presente a musa australiana do rock, Ciara, e sua

equipe de filmagem e... - Ela mantinha o dedo no ouvido como se estivesse recebendo mais

informação. — Acaba de entrar uma notícia, parece que o locutor favorito da Irlanda, Tony

Walsh, foi visto sorrindo há apenas alguns instantes. Aqui ao meu lado tenho uma

testemunha do fato. Bem-vinda, Denise. - Denise posou sedutoramente para a câmera. —

Denise, onde você estava quando este fato ocorreu?

— Bem, eu estava bem ali, ao lado da mesa dele, quando vi o fato acontecer.
-

Denise sugou as bochechas e sorriu para a câmera.

— Pode explicar para nós o que sucedeu?

— Eu estava ali parada, cuidando dos meus próprios assuntos, quando o sr. Walsh

tomou um gole da sua bebida e então, pouco depois, sorriu.

— Meu Deus, Denise, isto é uma notícia fascinante. Tem certeza de que foi um

sorriso?

— Bem, podem ter sido gases que produziram nele uma careta, mas outras pessoas

ao meu redor também acham que foi um sorriso.

— Então outras pessoas testemunharam o fato?

— Sim, a princesa Holly, aqui ao meu lado, viu tudo.

A câmera girou para focalizar Holly, que bebia de uma garrafa de champanhe com

um canudo.

— Então, Holly, você pode nos contar, eram gases ou um sorriso? - Holly pareceu

confusa, então girou os olhos.

— Oh, gases, desculpe, acho que é este champanhe que está fazendo isto comigo.

O Clube Diva estourou de rir. Jack, como sempre, era o que ria mais alto. Holly

escondeu o rosto de vergonha.

— Certo então... - disse Sharon, tentando não rir. — Então vocês ouviram aqui em

primeira mão. À noite em que o mais sombrio apresentador foi visto sorrindo. Novamente

para vocês do estúdio. - O sorriso de Sharon desapareceu quando ela olhou para cima e viu

Tony Walsh de pé ao lado dela e, o que não era de surpreender, sem um sorriso no rosto.

Sharon engoliu em seco e disse “Boa noite”, e a câmera foi desligada. A essa altura,

todos no clube estavam rindo, incluindo as garotas. Holly estava achando tudo aquilo

simplesmente tão ridículo que teve de rir.

A câmera foi novamente ligada e dessa vez focalizava o espelho do banheiro feminino. Declan filmava do lado de fora, através de uma abertura no vão da porta e o

reflexo de Denise e Sharon era claramente visível.

— Eu estava só me divertindo - bufou Sharon, retocando seu batom.

— Não dê atenção a este miserável, Sharon, ele apenas não quer a câmera na cara

dele a noite inteira, especialmente em sua noite de folga. Posso entender isto.

— Oh, acho que você está do lado dele - disse Sharon irritada.

— Ah, cale a boca, sua piranha reclamona - atacou Denise.

— Onde está Holly? — perguntou Sharon, mudando de assunto.

— Não sei, da última vez que a vi estava ensaiando alguns passos de funk na pista

de dança - disse Denise. As duas entreolharam-se e riram.

— Ah... nossa pobre diva das discotecas - disse Sharon triste. — Espero que ela

encontre alguém maravilhoso lá fora esta noite e se esbalde com ele.

— É - concordou Denise. — Vamos então, vamos encontrar um cara para ela -

disse, recolocando a maquiagem na bolsa.

Assim que as garotas saíram do banheiro, a descarga do vaso sanitário fez-se ouvir

num dos reservados. A porta se abriu e dele saiu Holly. O largo sorriso de Holly apagou-se

rapidamente quando viu seu rosto na tela. Através da fenda na porta, era possível enxergar

seu reflexo no espelho; os olhos estavam vermelhos de tanto chorar. Ela assoou o nariz e

encarou-se miseravelmente no espelho por um momento. Respirou fundo, abriu a porta e

avançou na direção do andar de baixo, para juntar-se a suas amigas. Holly não se lembrava

de haver chorado naquela noite; na verdade, achava que houvesse enfrentado muito bem.

Esfregou o rosto, enquanto se atormentava a respeito do que surgiria a seguir, que não

conseguiu se lembrar.

Por fim, a cena mudou e as palavras “Operação Cortina Dourada” apareceram.

— Oh, meu Deus, Declan, seu ordinário! - gritou Denise muito alto, e correu para

o banheiro a fim de esconder-se.

Ela havia, obviamente, se lembrado de algo. Declan riu entre dentes e acendeu

outro cigarro.

— Certo, garotas - Denise estava anunciando. — Agora é hora da Operação Cortina Dourada.

— Huh? - fizeram Sharon e Holly, tontas, do sofá onde haviam desmoronado em

êbrio estupor.

— Operação Cortina Dourada - exclamou Denise excitada, tentando colocá-las de

pé. — É hora de penetrar no bar VIP!

— Quer dizer que este não é ele? - perguntou Sharon sarcástica, olhando ao redor.

— Não! É aonde vão às verdadeiras celebridades! - disse Denise excitada, apontando para a cortina dourada, que estava bloqueada talvez pelo maior e mais alto

homem do planeta.

— Para ser honesta, Denise, realmente não me importo com onde as celebridades

estão - Holly elevou a voz. — Estou bem onde estou — e ela aninhou-se no sofá

aconchegante.

Denise gemeu e girou os olhos.

— Garotas! Abbey e Ciara estão lá dentro, por que nós não estamos?

Jack olhou com curiosidade para sua companheira. Abbey ergueu ligeiramente os

ombros e apoiou o rosto na mão. Nada daquilo refrescava a memória de ninguém, exceto,

claro, a de Denise, e ela escapara correndo do lugar. O sorriso de Jack de repente

desapareceu, e ele escorregou na cadeira e cruzou os braços. Era óbvio que estava tudo

bem se a irmã fizesse papel de boba, mas sua namorada era um assunto diferente. Jack

colocou os pés em cima da cadeira a sua frente e sossegou para assistir ao resto do

documentário.

Assim que Sharon e Holly ouviram que Abbey e Ciara estavam no local,

endireitaram o corpo atentamente e ouviram o plano de Denise.

— Certo, meninas, eis o que vamos fazer!

Holly virou de costas para a tela e cutucou Sharon. Não conseguia se lembrar de ter

feito ou dito nada daquilo; estava começando a achar que Declan havia contratado sócias

para ensaiar uma brincadeira terrível. Sharon virou-se para encará-la com olhos arregalados

e preocupados e deu de ombros. Não, ela também não estava lá naquela noite. A câmera

seguia as três garotas à medida que se aproximavam, de forma suspeita, da cortina dourada

e perambulavam como idiotas. Sharon finalmente reuniu coragem para dar um tapinha no

ombro do gigante, fazendo-o olhar em volta e fornecendo a Denise tempo suficiente para

escapar por sob a cortina. Ela ficou de gatinhas e introduziu a cabeça no bar VIP, enquanto

o traseiro e as pernas ficavam de fora, do outro lado da cortina.

Holly chutou-a no traseiro para apressá-la.

— Não consigo vê-las! - sibilou Denise. — Oh, meu Deus! Elas estão

conversando

com aquele ator de Hollywood! - Ela puxou de volta a cabeça por baixo da cortina e olhou

para Holly excitada. Infelizmente, Sharon não tinha mais o que dizer ao segurança gigante e

ele girou a cabeça exatamente a tempo de pegar Denise.

— Não não não não não! - disse Denise calmamente mais uma vez. Você não está

entendendo! Esta é a princesa Holly da Suécia!

— Finlândia - corrigiu-a Sharon.

— Desculpe, Finlândia - disse Denise, ainda de gatinhas. — Eu a estou saudando.

Junte-se a mim!

Sharon ajoelhou-se rapidamente e as duas começaram a cultuar os pés de Holly.

Holly olhou sem jeito ao redor à medida que todos no clube começavam a olhar, e mais

uma vez lançou-lhes seu aceno real. Ninguém pareceu muito impressionado.

— Oh, Holly! - disse sua mãe, tentando recuperar o fôlego depois de tanto rir.

O grande e musculoso segurança virou de costas e falou no walkie-talkie.

— Rapazes, estou com um problema com a princesa e a dama de companhia.

Denise fitou ambas as garotas em pânico e balbuciou:

— Escondam-se!

As garotas ficaram de pé num salto e fugiram. A câmera procurou as meninas em

meio ao público, mas não conseguiu encontrá-las.

De seu lugar no Clube Diva, Holly gemeu alto e segurou a cabeça nas mãos quando

por fim se deu conta, de repente, do que estava prestes a acontecer.

Dezenove

PAUL E O HOMEM DO BIGODE DISPARARAM escada acima na direção do

clube e reuniram-se ao grandalhão próximo à cortina dourada.

— O que está acontecendo? - perguntou o Homem do Bigode.

— Aquelas garotas em quem você disse para ficar de olho tentaram engatinhar para

o outro lado - disse o grandão com ar sério. Olhando para ele, dir-se-ia que seu emprego

anterior implicava matar pessoas, se tentassem rastejar para o outro lado. Ele estava

levando muito a sério aquela violação da segurança.

— Onde elas estão? - perguntou o Homem do Bigode. O grandalhão limpou a garganta e afastou os olhos.

— Estão escondidas, chefe.

O Homem do Bigode girou os olhos.

— Escondidas?

— Sim, chefe.

— Onde? No clube?

— Acho que sim, chefe.

— Você acha que sim?

— Bem, elas não passaram por nós quando estávamos entrando, então ainda têm

de estar aqui - interveio Paul.

— Certo - suspirou o Homem do Bigode. — Bem, vamos começar a procurar então; consiga alguém para ficar de olho na cortina.

A câmera seguia escondida os três seguranças enquanto eles rondavam o clube ,

procurando atrás de sofás, sob as mesas, atrás de cortinas; pegaram alguém para verificar

até mesmo os banheiros. A família de Holly ria histericamente da cena que se desenrolava

diante de seus olhos.

Armou-se alguma confusão na parte de cima do clube e os seguranças

encaminharam-se na direção do barulho para resolver a questão. Um grupo começava a se

juntar e as duas raquíticas dançarinas vestidas com tinta dourada pararam de dançar e

olharam com expressão horrorizada para a cama. A câmera focalizou a cama king-size,

inclinada para o espetáculo. Sob os lençóis de seda dourados, parecia haver três porcos

brigando debaixo de um cobertor. Sharon, Denise e Holly rolaram, gritando umas com as

outras, tentando ser o mais rápidas possível, a fim de não serem notadas. O grupo de

observadores aumentou e logo a música parou. As três grandes idiotas debaixo da cama

pararam de se contorcer e subitamente congelaram, sem saber o que estava acontecendo do

lado de fora.

Os três seguranças contaram até três e puxaram as cobertas para fora da cama. Três

garotas com o olhar muito assustado surgiram, como cervos capturados pela luz de faróis, e

permaneceram deitadas de costas, tão imóveis quanto possível, com os braços rigidamente

esticados ao lado do corpo.

— Minha real pessoa só precisava tirar um cochilo antes de ir - disse Holly em seu

tom majestoso e as outras garotas desataram a rir.

— Vamos, princesa, a brincadeira acabou - disse Paul. Os três homens

acompanharam as garotas até o exterior, assegurando-lhes que nunca mais receberiam

permissão para voltar ao clube.

— Posso só dizer a minhas amigas que saímos? - perguntou Sharon. Os homens

manifestaram impaciência e afastaram os olhos.

— Perdão? Estou falando sozinha? - Perguntei a vocês se estava tudo bem se eu

entrasse e dissesse a minhas amigas que temos de sair?

— Olhem, parem de brincadeiras, garotas - disse o Homem do Bigode zangado. —

Suas amigas não estão lá dentro. Agora andem, vamos, de volta para suas camas.

— Perdão - disse Sharon irritada —, tenho duas amigas no bar VIP; uma delas tem

cabelos cor-de-rosa e a outra...

— Garotas! - ele elevou a voz. — Ela não quer que ninguém a incomode. Ela não é

mais amiga de vocês do que o homem da lua. Agora, desapareçam antes que se metam em

mais confusão.

Todos no clube uivavam de rir.

A cena mudou para “A Longa Jornada de Volta a Casa”, e as garotas num táxi.

Abbey sentava-se como um cachorro, com a cabeça pendurada do lado de fora da janela

aberta, por ordem do motorista.

— Você não vai vomitar no meu táxi. Ou você enfia a cabeça fora da janela ou vai

andando para casa. - O rosto de Abbey estava quase roxo e seus dentes rangiam, mas ela

não ia andar por todo o caminho até em casa. Ciara sentava-se de braços cruzados e raiva

no rosto, furiosa com as garotas por terem-na forçado a sair do clube tão cedo e, mais

embaraçoso ainda, por arruinarem seu disfarce de cantora de rock famosa. Sharon e Denise

havam caído no sono, com a cabeça apoiada uma na outra.

A câmera girou para focalizar Holly, que se achava de novo sentada no

assento do

passageiro. Mas dessa vez não alugava o ouvido do motorista; descansava a cabeça no

encosto e olhava direto para frente, para a noite escura. Holly sabia no que estava pensando

enquanto assistia a si mesma. Hora de voltar para casa, para aquela casa enorme e vazia,

sozinha novamente.

— Feliz aniversário, Holly - a vizinha de Abbey tremeu.

Holly virou-se para lançar-lhe um sorriso e ficou face a face com a câmera.

— Você ainda está filmando com essa coisa? Desligue isso! - E ela derrubou a câmera da mão de Declan.

Fim.

Enquanto Daniel ia acender as luzes no clube, Holly escapou rapidamente do grupo

e desapareceu pela porta mais próxima. Precisava reunir seus pensamentos antes que todos

começassem a conversar sobre aquilo. Viu-se em um minúsculo depósito, cercada de

esfregões, baldes e galões vazios. Que lugar estúpido para se esconder, pensou ela. Sentou-

se em cima de um galão e refletiu a respeito do que acabara de ver. Estava chocada. Sentia-

se confusa e furiosa com Declan; ele lhe dissera que estava fazendo um documentário

sobre a vida noturna. Lembrava-se claramente que ele nada mencionara sobre fazer dela e

de suas amigas um espetáculo. E ele literalmente fizera delas um espetáculo. Se ele

houvesse perguntado educadamente se podia fazer aquilo, seria diferente. Embora, ainda

assim, ela não tivesse concordado.

Mas a última coisa que queria fazer naquele momento era gritar com Declan

na

frente de todos. Afora o fato de o documentário tê-la humilhado por completo, Declan

realmente o filmara e editara muito bem. Se fosse outra pessoa qualquer que não ela na TV,

Holly o teria achado bastante merecedor do prêmio. Mas era ela, então o filme não merecia

ganhar... Trechos dele haviam sido engraçados, ela concordava, e não se importava tanto

com as partes em que ela e suas amigas agiam de forma tão idiota, foram as tomadas

sorradeiras de sua infelicidade que a incomodaram.

Grossas e salgadas lágrimas escorriam por seu rosto e ela envolveu o corpo com os

braços para confortar a si mesma. Vira na TV de que forma realmente se sentia. Perdida e

só. Chorou por Gerry, por si mesma, com grandes, abundantes e vigorosos soluços, que

faziam suas costelas doerem sempre que tentava prender a respiração. Não queria mais

estar sozinha, e não queria que sua família visse a solidão que tentava tanto esconder.

Queria apenas Gerry de volta e não se importava com nada mais. Não se preocupava que

ele voltasse e brigassem todos os dias, não se preocupava que estivessem quebrados e não

possuíssem uma casa ou dinheiro algum. Apenas o queria. Ouviu a porta se abrir atrás dela

e sentiu braços grandes e fortes envolver seu frágil corpo. Chorou como se meses de

angústia acumulada estivessem se desmoronando todos de uma vez.

— O que há de errado com ela? Ela não gostou do filme? — ouviu a voz de Declan

perguntar em tom preocupado.

— Apenas deixe estar, filho - disse sua mãe suavemente, e a porta se fechou atrás

deles outra vez, enquanto Daniel acariciava seus cabelos e a embalava com doçura.

Por fim, depois de chorar o que lhe pareceu serem todas as lágrimas do mundo,

Holly parou e afastou-se de Daniel.

— Sinto muito - fungou ela, secando o rosto com as mangas de sua blusa.

— Não precisa se desculpar - disse ele, afastando gentilmente as mãos dela do rosto

e estendendo-lhe um lenço de papel.

Ela sentou-se em silêncio, tentando se recompor.

— Se está angustiada por causa do documentário, então não há necessidade - disse

ele, sentando-se sobre uma caixa de copos diante dela.

— Sim, certo - disse ela sarcástica, secando as lágrimas novamente.

— Não, de verdade - disse ele honestamente. — Achei de fato engraçado. Vocês

pareceram estar se divertindo um bocado. - Ele sorriu para ela.

— Pena que não era como eu me sentia - disse ela num tom triste.

— Talvez não fosse como se sentia, mas a câmera não capta sentimentos, Holly.

— Não precisa tentar fazer com que eu me sinta melhor. - Holly estava envergonhada de ser consolada por um estranho.

— Não estou tentando fazer com que se sinta melhor, estou apenas mostrando as

coisas como são. Ninguém, a não ser você, notou o que quer que a esteja angustiando. Não

percebi nada, então por que mais alguém perceberia?

Holly sentiu-se ligeiramente melhor.

- Tem certeza?

— Estou certo de que estou certo - disse ele, sorrindo. — Agora, você

realmente

precisa parar de se esconder em todos os lugares em meu clube; posso levar isto para o

lado pessoal – riu ele.

— As garotas estão bem? - perguntou Holly, esperando que fosse só estupidez sua

afinal de contas. Ela ouviu som de risos altos no exterior.

— Elas estão ótimas, como pode ouvir - disse ele, acenando em direção à porta. —

Ciara está contente porque todos vão achar que ela é uma estrela, Denise finalmente saiu

do banheiro e Sharon simplesmente não consegue parar de rir. Embora Jack tenha feito

Abbey passar por maus pedaços por ter vomitado no caminho para casa.

Holly deu um risinho nervoso.

— Então, como vê, ninguém nem mesmo percebeu o que você enxergou.

— Obrigada, Daniel. - Ela respirou fundo e sorriu para ele.

— Está pronta para encarar seu público? - perguntou ele.

— Acho que sim. - Holly saiu ao som de risos. As luzes estavam acesas e todos

sentavam-se ao redor da mesa e partilhavam brincadeiras e histórias. Holly juntou-se à mesa

e sentou-se ao lado da mãe. Elizabeth abraçou a filha e deu-lhe um beijo no rosto.

— Bem, achei que foi ótimo - anunciou Jack entusiasmado. — Se apenas pudéssemos fazer com que Declan saísse com as garotas o tempo todo, então saberíamos

do que elas são capazes, hein John? — Ele piscou na direção do marido de Sharon.

— Bem, posso assegurar a você que o que viu não é uma saída noturna normal de

garotas - declarou Abbey.

Os garotos não estavam tendo nada daquilo.

— Então está tudo bem? - Declan perguntou a Holly, receoso de ter aborrecido a irmã.

Holly fusilou-o com o olhar.

— Pensei que você fosse gostar, Holly - disse ele preocupado.

— Eu poderia ter gostado se soubesse o que você estava fazendo — rebateu ela.

— Mas eu queria que fosse uma surpresa - disse ele sinceramente.

— Detesto surpresas - disse ela, esfregando os olhos doloridos.

— Que isto sirva de lição para você, filho - advertiu Frank. — Você não deve andar

por aí filmando as pessoas sem que elas saibam o que está fazendo. É ilegal.

— Aposto que eles não sabiam disso quando o escolheram para o prêmio — concordou Elizabeth.

— Você não vai contar para eles, vai, Holly? - perguntou Declan preocupado.

— Não se você for legal comigo nos próximos meses - disse Holly, enrolando maliciosamente o cabelo com o dedo.

Declan fez uma careta; havia sido pego e sabia disso.

— Sim, não importa - disse ele, afastando-se.

— Para dizer a verdade, Holly, tenho de admitir que achei o filme absolutamente

divertido - Sharon deu uma risadinha. — Você e sua Operação Cortina de Ouro - ela deu

um tapa na perna de Denise brincando.

Denise girou os olhos.

— Posso dizer a vocês uma coisa... Nunca mais bebo novamente. - Todos riram e

Tom colocou os braços ao redor de seus ombros. — O quê? - fez ela com ar inocente. —

Juro de verdade.

— Por falar em beber, alguém quer alguma coisa? - Daniel ergueu-se de sua cadeira.

— Jack?

— Sim, uma Budweiser, obrigado.

— Abbey?

— Hummm... um vinho branco, por favor - disse ela educadamente.

— Frank?

— Uma Guinness, obrigado, Daniel.

— Vou beber a mesma coisa — disse John.

— Sharon?

— Só uma Coca, por favor. Holly, você quer o mesmo? - perguntou, olhando para a amiga. Holly assentiu.

— Tom?

— JD e uma Coca, por favor, Dan.

— Eu também - disse Declan.

— Denise? - Daniel tentou esconder seu sorriso.

— Hummm... Vou tomar um... gim-tônica, por favor.

— Ah! - zombaram todos.

— O quê? - Ela deu de ombros como se não se importasse. — Uma bebida dificilmente vai me matar...

Holly estava de pé diante da pia, com as mangas enroladas até os cotovelos, esfregando as panelas, quando ouviu a voz familiar.

— Oi, querida.

Ergueu os olhos e o viu de pé na porta aberta que dava para o quintal.

— Olá - sorriu ela.

— Sentiu saudades?

— Claro.

— Já achou aquele novo marido?

— Claro que já, está lá em cima na cama dormindo — riu ela, secando as mãos.

Gerry balançou a cabeça e manifestou desaprovação.

— Devo ir lá em cima e sufocá-lo por dormir em nossa cama?

— Dê-lhe aproximadamente mais uma hora - brincou ela, olhando para o relógio

—, ele precisa descansar.

Ele parecia feliz, pensou ela, com o rosto descansado e ainda tão bonito quanto se

lembrava. Estava usando a camisa favorita dela, que ela comprara para ele no Natal. Ele a

encarava por sob seus longos cílios, com os grandes olhos castanhos de um filhotinho.

— Você vai entrar? - perguntou ela sorrindo.

— Não, só dei uma passada para ver como você está. Está tudo correndo bem? –

Ele apoiou-se no portal com as mãos nos bolsos.

— Mais ou menos - disse ela, avaliando as próprias mãos no ar. — Poderia estar

melhor.

— Ouvi dizer que você é uma estrela de TV agora - ele forçou um sorriso.

— Muito relutante - riu ela.

— Os homens vão cair a sua volta - assegurou ele.

— Cair a minha volta, tudo bem - concordou ela. — O problema é que eles continuam errando o alvo - disse, apontando para si mesma. — Sinto sua falta, Gerry.

— Não estou longe - disse ele suavemente.

— Vai me deixar outra vez?

— Por enquanto.

— Vejo você em breve - sorriu ela. Ele piscou para ela e desapareceu.

Holly acordou com um sorriso no rosto e sentiu-se como se houvesse dormido por

vários dias.

— Bom dia, Gerry - disse ela, olhando alegremente para o teto. O telefone tocou

ao lado dela.

— Alô?

— Meu Deus, Holly, dê uma olhada nos jornais do fim de semana - disse Sharon

em pânico.

Vinte

HOLLY IMEDIATAMENTE SALTOU da cama, vestiu um moletom e dirigiu até

a venda de jornais mais próxima. Alcançou a prateleira dos jornais e começou a folhear as

páginas à procura do que Sharon havia mencionado com tanto entusiasmo. O homem atrás

do balcão tossiu alto e Holly ergueu os olhos na direção dele.

— Isto aqui não é uma biblioteca, moça, vai ter de comprar - disse ele, acenando

para o jornal na mão dela.

— Sei disso - disse ela, irritada com a grosseria dele. Honestamente, como diabos

alguém saberia que jornal comprar se sequer soubesse qual deles continha o que procurava?

Terminou por apanhar todos os jornais da prateleira e depositar ruidosamente sobre o

balcão, sorrindo para o vendedor com doçura.

O homem pareceu assustado e começou a passar os jornais na registradora um por

um. Uma fila começou a se formar atrás dela.

Ela fitou nostalgicamente a coleção de barras de chocolates expostas diante dela e

olhou em volta para ver se alguém a estava observando. Todos a encaravam. Rapidamente

voltou-se para o balcão. Por fim, seu braço saltou e sequestrou as duas barras de chocolate

tamanho família mais próximas dela, na base da pilha. Um por um, o restante

dos

chocolates começou a deslizar para o chão. O adolescente atrás dela bufou e afastou os

olhos rindo, enquanto Holly inclinava-se com o rosto vermelho e começava a recolhê-los.

Haviam caído tantos, que precisou fazer várias viagens para cima e para baixo. A loja estava

silenciosa, a não ser por uma ou outra tossidela, oriunda da fila impaciente atrás dela.

Secretamente acrescentou mais alguns pacotes de balas à sua pilha.

— Para as crianças - disse alto ao vendedor, esperando que todos atrás dela também ouvissem.

Ele apenas rosnou e continuou a registrar os itens. Então, ela lembrou-se de que

precisava pegar leite; precipitou-se da fila até o final da loja para pegar um litro de leite do

refrigerador. Algumas mulheres manifestaram alto sua desaprovação, enquanto ela voltava

para o início da fila, onde acrescentou o leite à sua pilha. O vendedor parou de registrar

para encará-la; ela o encarou de volta com rosto inexpressivo.

— Mark — gritou ele.

Um adolescente, jovem e sardento, surgiu de um dos corredores da loja com um

marcador de preços na mão.

— Sim? - perguntou ele irritado.

— Abra a outra registradora, certo, filho? Talvez tenhamos de ficar por aqui por

algum tempo. - Ele olhou para ela furioso.

Holly fez uma careta.

Mark caminhou pesadamente na direção da segunda registradora, o tempo todo

encarando Holly. “O quê?”, pensou ela na defensiva; ”não me culpe por ter de

fazer seu

trabalho”. Ele assumiu o comando da caixa e a fila inteira atrás dela correu para o outro

lado. Satisfeita porque ninguém mais a observava, agarrou alguns pacotes de aperitivos que

estavam debaixo do balcão e os acrescentou às suas compras.

— Festa de aniversário - murmurou.

Na fila ao lado dela, o adolescente pediu baixinho um maço de cigarros.

— Você tem identidade? - perguntou Mark em voz alta.

O adolescente olhou em volta, com o rosto vermelho de vergonha. Holly bufou na

direção dele e afastou os olhos.

— Mais alguma coisa? - perguntou o vendedor com sarcasmo.

— Não obrigada, isto é tudo - disse ela de dentes cerrados. Pagou e remexeu na

bolsa, tentando guardar o troco.

— Próximo - disse o vendedor na direção do cliente atrás dela.

— Olá, quero vinte maços de Benson e...

— Desculpe - Holly interrompeu o sujeito. — Eu precisaria de uma sacola, por

favor - disse ela educadamente, fitando a imensa pilha de comestíveis a sua frente.

— Só um momento - disse o vendedor com grosseria. - Vou atender este senhor

primeiro. Sim, senhor, cigarros, não?

— Por favor - disse o cliente, olhando para Holly como que se desculpando.

— Agora - disse o vendedor voltando a ela —, o que você quer?

— Uma sacola. - Ela trincou o maxilar.

— São vinte centavos, por favor.

Holly suspirou alto e enfiou a mão na bolsa, remexendo a bagunça para encontrar o

dinheiro novamente. Outra fila formou-se atrás dela.

— Mark, assumo o comando da registradora outra vez, certo? - disse o vendedor

em tom depreciativo.

Holly retirou a moeda da bolsa, depositou-a ruidosamente sobre o balcão e começou a encher a sacola com suas compras.

— Próximo - disse ele novamente, olhando por sobre o ombro dela. Holly sentiu-

se pressionada para sair do caminho e começou a encher a sacola em pânico.

— Vou esperar até que a senhora aqui tenha acabado - disse o cliente educadamente.

Holly sorriu para ele agradecida e virou-se para deixar a loja. Afastou-se resmungando até que Mark, o garoto atrás do balcão, assustou-a, gritando:

— Ei, eu conheço você! Você é a garota da televisão!

Holly girou o corpo surpresa e a alça plástica arrebentou com o peso de todos os

jornais. Caiu tudo no chão e seus chocolates, balas e aperitivos saíram rolando em todas as

direções.

O cliente amistoso ajoelhou-se para ajudá-la a recolher as compras, enquanto o

restante da loja observava divertido e se perguntava quem era a garota da TV.

— É você, não é? - riu o garoto.

Do chão, Holly sorriu debilmente na direção dele.

— Eu sabia! - Ele bateu palmas com entusiasmo. — Você é maneira! - Sim, ela

realmente se sentia maneira, ajoelhada no chão de uma loja, procurando barras de

chocolate. O rosto de Holly ficou vermelho e ela limpou a garganta com nervosismo.

— Hummm... desculpe, poderia me dar uma outra sacola, por favor?

— Sim, são...

— Aqui estão - disse o cliente amistoso interrompendo-o, depositando uma

moeda

de vinte centavos sobre o balcão. O vendedor olhou perplexo e continuou a servir os

clientes.

— Sou Rob - disse o homem, ajudando-a a colocar todo o seu chocolate de volta

na sacola e estendendo a mão.

— Sou Holly - disse ela, um pouco constrangida pela cordialidade excessiva dele,

enquanto lhe apertava a mão. — E sou uma chocólatra.

Ele riu.

— Obrigada pela ajuda - disse ela com gratidão, pondo-se de pé.

— Sem problema. - Ele manteve a porta aberta para ela. Era bonito, pensou ela,

alguns anos mais velho que ela, e tinha os olhos de uma cor estranha, uma espécie de cinza-

esverdeado. Olhou-o de soslaio e o inspecionou mais de perto.

Ele pigarreou.

Ela corou, subitamente percebendo que estava olhando para ele como uma boba.

Caminhou na direção do carro e depositou a sacola cheia no banco traseiro. Rob a seguiu.

O coração dela deu um pequeno salto.

— Oi novamente - disse ele. — Hummm... Eu estava me perguntando se você não

gostaria de sair para beber alguma coisa. - Então ele riu, olhando de relance para o relógio.

— Na verdade, é um pouco cedo para isto, que tal um café?

Parecia um sujeito muito confiante e apoiou-se tranquilamente no automóvel diante

de Holly, suas mãos pousadas nos bolsos do jeans com os polegares para fora, e aqueles

estranhos olhos apenas a fitavam outra vez. No entanto, ele não a fazia se

sentir pouco

confortável; na verdade, agia de forma bastante descontraída, como se convidar uma

desconhecida para tomar um café fosse a coisa mais natural do mundo. Era isso que as

pessoas faziam atualmente?

— Hummm... - Holly pensou a respeito. Que mal podia haver em sair e tomar um

café com um homem que fora tão educado com ela? O fato de ele ser absolutamente

maravilhoso também ajudava. Mas, sem levar em consideração a beleza, Holly realmente

desejava companhia e ele parecia ser um sujeito gentil e decente com quem conversar.

Sharon e Denise estavam no trabalho e Holly não podia ficar ligando para sua mãe;

Elizabeth também precisava trabalhar. Holly de fato tinha necessidade de começar a

conhecer pessoas novas. A maioria dos outros amigos de Gerry e Holly haviam sido

amigos de Gerry do trabalho e de vários outros ambientes mas, uma vez ele tendo morrido,

nenhum desses “amigos” provou ser mais chegado a ponto de frequentar sua casa. Ao

menos ela sabia quem eram seus verdadeiros amigos.

Estava prestes a dizer sim a Rob, quando ele olhou de relance para a mão dela e seu

sorriso esmoreceu.

— Oh, desculpe, não percebi... - Ele recuou sem jeito, como se ela tivesse alguma

espécie de doença. — De qualquer forma, preciso correr. Ele lançou-lhe um rápido sorriso

e desapareceu estrada afora.

Holly o viu afastar-se, confusa. Havia dito alguma coisa errada? Levava muito tempo para se decidir? Será que infringira alguma das regras não manifestas desse novo

jogo de conhecer pessoas? Olhou para baixo, para a mão que o fizera sair correndo e viu

sua aliança de casamento cintilar de volta para ela. Suspirou alto e friccionou o rosto de

modo cansado.

Nesse momento, o adolescente da loja passou com um grupo de amigos e um cigarro na boca e bufou.

Ela simplesmente não podia vencer.

Holly bateu a porta do carro e olhou ao redor. Não estava disposta a voltar para

casa; estava enjoada de olhar para as paredes o dia todo, todos os dias, e de conversar

consigo mesma. Ainda eram só dez horas da manhã e estava magnificamente ensolarado ao

ar livre. Do outro lado da estrada, o café local, o Greasy Spoon, estava colocando mesas e

cadeiras do lado de fora. Seu estômago resmungou. Um bom e farto café da manhã

irlandês era exatamente do que ela precisava. Pegou seus óculos de sol no porta luvas do

carro, carregou os jornais com ambas as mãos e atravessou a estrada. Uma mulher

rechonchuda estava limpando as mesas. Trazia o cabelo bem amarrado num volumoso

coque e um vistoso avental vermelho e branco cobria seu vestido florido. Holly sentiu-se

como se houvesse acabado de entrar numa cozinha no campo.

— Fazia tempo que estas mesas não viam a luz do sol - disse ela alegremente quando Holly se aproximou do café.

— Sim, está um lindo dia, não? - disse Holly, e as duas olharam para o céu

claro e

azul. Era engraçado como o bom tempo na Irlanda sempre parecia ser a conversa do dia

com todos. Era uma visão tão rara que todos se sentiam abençoados quando finalmente

chegava.

— Você quer se sentar aqui, querida?

— Sim, é preciso aproveitar o máximo, provavelmente daqui à uma hora o bom

tempo se foi - riu Holly, acomodando-se.

— Temos de pensar positivamente, querida. - Ela ocupou-se em torno de Holly. —

Certo, vou pegar o cardápio - disse ela, virando-se para sair.

— Não, está tudo bem - chamou Holly. — Sei o que quero. Vou tomar o café da

manhã irlandês.

— Sem problema, querida. - Ela sorriu e seus olhos se arregalaram quando viu a

pilha de jornais sobre a mesa. — Está pensando em começar sua própria banca de jornais?

- riu ela disfarçadamente.

Holly baixou os olhos e riu, à vista do Arab Leader no alto da pilha. Havia agarrado

cada um dos jornais e sequer pensara em verificar o que eram. Duvidava muito que o Arab

Leader contivesse artigos sobre o documentário.

- Bem, para dizer a verdade, querida - disse a mulher, limpando a mesa ao lado dela

—, você estará fazendo um favor a todos nós se tirar aquele canalha miserável da jogada. —

Ela olhou com raiva para a loja de jornais do outro lado da estrada. - Holly riu enquanto a

mulher bamboleava de volta ao café.

Holly sentou-se ali por um instante, apenas vendo a vida se escoar. Adorava captar

fragmentos das conversas das pessoas à medida que passavam; aquilo lhe fornecia um flash

sorratário da vida alheia. Adorava adivinhar o que as pessoas faziam para viver, para onde

se dirigiam quando passavam correndo, onde moravam, se eram casadas ou solteiras...

Sharon e Holly adoravam tomar café no Bewley's com vistas para a rua Grafton, já que era

o melhor lugar para ver pessoas.

Costumavam criar pequenos enredos na cabeça para passar o tempo, mas Holly

parecia estar fazendo aquilo com muita regularidade nos últimos dias. Apenas outra

demonstração de como sua mente deixava-se capturar pela vida de outras pessoas, em vez

de focalizar-se em sua própria. A nova história que estava inventando, por exemplo,

envolia o sujeito que vinha descendo o caminho de mãos dadas com a mulher. Holly

decidiu que, às escondidas, ele era homossexual e que o homem que caminhava na direção

dos dois era amante dele. Holly prestou atenção em seus rostos à medida que se

aproximavam um do outro, perguntando-se se fariam contato visual.

Eles fizeram melhor do que isso e Holly tentou abafar um risinho nervoso quando

os três pararam exatamente em frente à mesa dela.

— Desculpe, vocês têm horas? - o amante perguntou ao homossexual disfarçado e

sua mulher.

— Sim, são dez e quinze - respondeu o homossexual disfarçado, olhando para o

relógio.

— Obrigado - disse o amante, tocando em seu braço e seguindo adiante.

Agora estava claro como o dia para Holly que aquilo era um código secreto para um

encontro mais tarde. Ela continuou a espreitar as pessoas por mais algum tempo, até que,

por fim, sentiu-se entediada e decidiu viver a própria vida para variar.

Holly percorreu rapidamente as páginas dos jornais e localizou um pequeno artigo,

na seção de crítica, que atraiu sua atenção.

“AS GAROTAS E A CIDADE”, UM SUCESSO DE AUDIÊNCIA

por Tracey Coleman

Para aqueles de vocês, desafortunados, que perderam vergonhosamente o divertido

documentário de TV “As Garotas e a Cidade” na última quarta-feira, não se desesperem,

porque ele logo estará de volta a nossas telas.

O hilariante documentário estilo “câmera escondida”, dirigido pelo irlandês Declan

Kennedy, segue cinco garotas de Dublin numa saída noturna pela cidade. Elas erguem o

véu do misterioso mundo das celebridades no badalado clube Boudoir e nos proporcionam

trinta minutos de riso incontrolável.

O espetáculo provou ser um sucesso por ocasião de sua primeira exibição no Canal

4, na quarta-feira passada, o último índice de audiência indicando 4 milhões de pessoas

sintonizadas no Reino Unido. O documentário vai ser reprisado no domingo à noite, às 11

horas, no Canal 4. É um programa de TV obrigatório, portanto, não percam!

Holly tentou manter a calma enquanto lia o artigo. Obviamente, era uma ótima

notícia para Declan, mas catastrófica para ela. Ter o documentário exibido uma vez fora

ruim o suficiente, que dirá uma segunda vez. Precisava, de fato, ter uma conversa séria com

Declan a respeito. Ela o deixara escapar fácil na outra noite, porque ele achava-se bastante

entusiasmado e ela não queria armar escândalo, mas àquela altura, tinha problemas

suficientes em sua agenda sem precisar se preocupar com mais aquilo.

Folheou rapidamente o restante dos jornais e entendeu por que Sharon estava esbravejando. Cada publicação trazia um artigo sobre o documentário e um deles chegara

até mesmo a publicar uma fotografia de Denise, Sharon e Holly de alguns anos atrás.

Como haviam posto as mãos naquilo, ela não sabia. Graças a Deus, os grandes jornais

continham notícias verdadeiras, ou Holly teria ficado realmente preocupada com o mundo.

No entanto, não estava muito contente com o emprego das palavras “garotas loucas”,

“garotas bêbadas” nem com a explicação de um dos periódicos de como elas haviam sido

“levadas àquilo”. O que aquelas palavras ao menos significavam?

O pedido de Holly finalmente chegou e ela ficou chocada, perguntando-se como

diabos daria cabo de tudo aquilo.

— Isto vai fazer você engordar, querida - disse a mulher rechonchuda, colocando

os itens sobre a mesa. — Você precisa de um pouco de carne em seus ossos, está pele e

osso - alertou ela, bamboleando para longe novamente. Holly sentiu-se satisfeita com o

elogio.

O prato estava abarrotado de salsichas, bacon, ovos, batatas rosties, chouriço escuro e branco, feijões assados, batatas fritas, cogumelos, tomates e cinco fatias de

torrada. Holly olhou em volta constrangida, esperando que ninguém pensasse que era uma

autêntica porca. Viu o insuportável adolescente caminhando na direção dela com o grupo

de amigos outra vez e pegou seu prato e correu para dentro. Não tinha muito apetite nos

últimos tempos, mas finalmente estava pronta para comer e não ia permitir que um

adolescente sardento e estúpido arruinasse a situação.

Holly devia ter ficado no Greasy Spoon mais tempo do que pensava, porque quando chegou à casa dos pais em Portmarnock eram quase duas horas. Contra as

previsões de Holly, o tempo não piorou, e o sol ainda estava alto no céu azul sem nuvens.

Holly olhou para a praia lotada, e era difícil dizer onde o céu terminava e o mar começava.

Montes de pessoas eram continuamente despejadas pelos ônibus do outro lado da estrada e

havia um perfume agradável de loção bronzeadora no ar. Grupos de adolescentes

perambulavam pela área coberta de grama com toca CDs alardeando as canções mais

recentes. Os sons e os odores traziam de volta cada uma das lembranças felizes do tempo

em que Holly era uma criança.

Holly tocou a campainha pela quarta vez e ainda assim ninguém atendeu. Sabia que

tinha de haver alguém em casa, porque as janelas do quarto estavam escancaradas no andar

de cima. Sua mãe e seu pai nunca deixariam as janelas escancaradas se não estivessem em

casa, principalmente com multidões de estranhos rondando a área. Ela atravessou o

gramado e pressionou o rosto contra a janela da sala de estar para ver se havia algum sinal

de vida. Estava prestes a desistir e desviar-se em direção à praia, quando ouviu a gritaria

entre Declan e Ciara.

— CIARA, ATENDA A MALDITA PORTA!

— JÁ DISSE QUE NÃO! EU... ESTOU... OCUPADA! - gritou ela em resposta.

— BEM, EU TAMBÉM ESTOU!

Holly tocou a campainha novamente, só para colocar lenha na fogueira.

— DECLAN! - Foi um grito de gelar o sangue.

— VÁ VOCÊ MESMA, SUA VACA PREGUIÇOSA!

— AH! EU SOU PREGUIÇOSA?!

Holly pegou seu telefone celular e ligou para a casa.

— CIARA, ATENDA O TELEFONE!

— NÃO!

— Pelo amor de Deus - queixou-se Holly em voz alta e desligou o telefone. Discou

o número do celular de Declan.

— Sim?

— Declan, abra a maldita porta agora ou vou derrubá-la a pontapés rosnou Holly.

— Oh, desculpe, Holly, pensei que Ciara tivesse atendido - mentiu ele. Ele abriu a

porta de cueca samba-canção e Holly entrou feito um ciclone.

— Jesus Cristo! Espero que vocês dois não briguem desse jeito toda vez que a campainha toca.

Ele deu de ombros, evasivo.

— Mamãe e papai estão fora - disse ele preguiçosamente e dirigiu-se à escada.

— Ei, onde você está indo?

— De volta para a cama.

— Não, não está - disse Holly com calma. — Você vai se sentar aqui comigo - disse

ela, batendo no sofá — e vamos ter um bom e longo papo sobre “As Garotas e a Cidade”.

— Não - lamentou-se Declan. — Temos de fazer isto agora? Estou realmente cansado.

— Ele esfregou os olhos com a mão fechada.

Holly não teve pena.

— Declan, são duas horas da tarde, como você ainda pode estar cansado?

— Porque eu cheguei em casa há poucas horas - disse ele descaradamente, piscando

para ela. Naquele instante, ela definitivamente não teve nenhuma pena dele, sentiu a mais

completa inveja.

— Sente-se! - disse ela, conduzindo-o ao sofá.

Ele queixou-se outra vez e arrastou o corpo cansado para cima do sofá, onde desmoronou e esparramou-se ao longo da peça inteira, sem deixar lugar para Holly. Ela

girou os olhos e arrastou a poltrona do pai para perto de Declan.

— Parece que estou numa psicanalista - riu ele, cruzando os braços atrás da cabeça

e erguendo os olhos para ela.

— Ótimo, porque realmente vou escarafunchar seus miolos. - Declan lamentou-se

mais uma vez.

— Holly, temos de fazer isto? Já conversamos sobre isto na outra noite.

— Você honestamente acha que aquilo era tudo o que eu ia dizer? Sinto muito,

Declan, mas não gosto da forma como você humilhou publicamente a mim e a minhas

amigas; vejo você na semana que vem?

— Claro que não.

— Por favor, Declan - disse ela, suavizando o tom —, simplesmente quero entender por que achou que seria uma ideia tão boa não me contar que estava filmando a

mim e a minhas amigas.

— Você sabia que eu estava filmando - disse ele na defensiva.

— Para um documentário sobre vida noturna! - Holly elevou a voz frustrada.

— E foi sobre vida noturna - riu Declan.

— Você se acha tão inteligente - ela o interrompeu e ele parou de rir. Ela contou

até dez e respirou lentamente, para impedir-se de agredi-lo.

— Vamos, Declan - disse ela com calma. — Você não acha que já estou passando

por coisas demais neste momento para ter de me preocupar também com isto? E sem você

sequer me perguntar? Por Deus que não consigo entender por que fez isto!

Declan sentou-se no sofá e ficou sério para variar.

— Eu sei, Holly, sei que você tem estado no inferno, mas pensei que isto fosse

animá-la. Eu não estava mentindo quando disse que ia filmar o clube porque era o que eu

havia planejado fazer. Mas quando levei o filme de volta à faculdade e comecei a editar,

todos o acharam tão engraçado que eu não podia não mostrá-lo às pessoas.

— Sim, mas você o colocou na TV, Declan.

— Eu não sabia qual era o prêmio, honestamente - disse ele, de olhos arregalados.

— Ninguém sabia, nem mesmo meus professores! Como eu poderia recusar quando

ganhei?

Holly deu-se por vencida e correu os dedos pelos cabelos.

— Honestamente, pensei que você gostaria dele - sorriu Declan. — Chequei até

mesmo com Ciara e até ela disse que você gostaria do filme. Desculpe se a aborreci -

murmurou ele por fim.

Holly balançou a cabeça no decorrer da explicação, percebendo que ele de fato

tivera boas intenções, embora mal orientado. De repente, ela parou. O que ele acabara de

dizer? Endireitou o corpo na poltrona, atenta.

- Declan, você acabou de dizer que Ciara sabia a respeito do filme? - Declan congelou no assento e tentou pensar num jeito de voltar atrás.

Sem conseguir pensar em nada, atirou-se para trás no sofá e cobriu a cabeça com

uma almofada, ciente de que acabara de detonar a Terceira Guerra Mundial.

— Holly, não diga nada a ela, ela vai me matar! - foi sua reação abafada.

Holly saltou da poltrona e dirigiu-se ao andar superior como um furacão, golpeando com os pés cada um dos degraus, para mostrar a Ciara que estava realmente

furiosa. Gritou-lhe ameaças ao longo de todo o caminho até em cima e esmurrou a porta

de seu quarto.

— Não entre! - gritou Ciara lá de dentro.

— Você está muito encrencada, Ciara! - gritou Holly. Abriu a porta e entrou com

um safanão, armando-se de sua expressão mais assustadora.

— Eu disse a você para não entrar! - gemeu Ciara. Holly estava prestes a começar a

gritar todo o tipo de insultos para a irmã, mas deteve-se quando viu Ciara sentada no chão

com o que parecia ser um álbum de fotografias no colo e lágrimas escorrendo pelo rosto.

Vinte e um

— CIARA, O QUE HÁ DE ERRADO? - perguntou Holly em tom apaziguador

para a irmã mais nova. Holly estava preocupada; não conseguia se lembrar da última vez

em que a vira chorar; na verdade, sequer tinha conhecimento de que Ciara sabia chorar. O

que quer que houvesse reduzido sua vigorosa irmã às lágrimas, tinha de ser sério.

— Não há nada de errado - disse Ciara, fechando o álbum de fotografias e fazendo-

o deslizar para baixo da cama. Parecia envergonhada por ter sido pega chorando e limpou o

rosto de forma desajeitada, tentando demonstrar que não estava nem aí.

Lá embaixo, no sofá, Declan emergiu de sob a almofada para dar uma espiada.

Estava misteriosamente quieto lá em cima; esperava que elas não tivessem feito nada

estúpido uma com a outra. Subiu na ponta dos pés e ouviu do lado de fora da porta.

— Alguma coisa está errada - disse Holly, atravessando o quarto para juntar-se à

irmã no chão. Não sabia como lidar com a irmã daquele jeito. Aquilo era uma completa

mudança de papéis; desde que eram crianças, era sempre Holly a encarregada da

choradeira. Ciara era supostamente a durona.

— Estou bem - cortou Ciara.

— Certo - disse Holly, olhando ao redor —, mas se alguma coisa em sua mente a

está angustiado, você sabe que pode conversar comigo a respeito, não sabe?

Ciara recusou-se a olhar para ela e apenas acenou com a cabeça. Holly começou a

levantar-se para deixar a irmã em paz, quando, de repente, Ciara desatou a chorar. Holly

rapidamente voltou a sentar-se e envolveu a irmã mais nova num abraço protetor.

— Quer me contar o que está errado? - perguntou ela com cuidado. Ciara gorgolejou alguma espécie de resposta e sentou-se para puxar outra vez o álbum de fotografias debaixo da cama. Abriu-o com mãos trêmulas e percorreu umas poucas páginas.

— Ele - disse ela num tom triste, apontando para uma foto dela e de um cara que

Holly não conhecia. Holly mal reconheceu a irmã. Ela parecia tão diferente e muito mais

jovem. A fotografia fora tirada num lindo dia ensolarado, em um barco com vistas para a

Casa de Ópera de Sidney. Ciara sentava-se alegremente nos joelhos do sujeito, com os

braços ao redor do pescoço dele, e ele olhava para ela com um imenso sorriso no rosto.

Holly não conseguia restabelecer-se do choque com a aparência da irmã. Seus cabelos

estavam louros, os quais Holly nunca antes vira na irmã, e ela exibia um incrível e largo

sorriso no rosto. Suas feições pareciam muito mais suaves e, para variar, não parecia prestes

a arrancar fora a cabeça de alguém.

— É seu namorado? - perguntou Holly cautelosamente.

— Era - fungou Ciara e uma lágrima pousou na página.

— Foi por isto que você voltou para casa? - perguntou Holly baixinho, enxugando

uma lágrima do rosto da irmã.

Ciara assentiu.

— Quer me contar o que aconteceu? - Ciara respirou fundo para tomar fôlego.

— Tivemos uma briga.

— Ele... - Holly escolhia as palavras com cuidado. — Ele não a agrediu ou

coisa

parecida, certo?

Ciara balançou a cabeça.

— Não - balbuciou ela —, foi apenas alguma coisa realmente estúpida e eu disse

que estava indo embora e ele disse que ficava satisfeito... - Sua voz consumiu-se e ela

começou a soluçar novamente.

Holly segurou-a nos braços e esperou até que Ciara estivesse pronta para falar outra

vez.

— Ele nem mesmo foi ao aeroporto para se despedir.

Holly esfregava as costas de Ciara como se ela fosse um bebê que houvesse acabado de tomar a mamadeira. Esperava que Ciara não vomitasse em cima dela.

— Ele telefonou desde então?

— Não, e estou em casa há dois meses, Holly - choramingou ela. E olhou para a

irmã mais velha com olhos tão tristes, que Holly quase sentiu vontade de chorar. Não

gostava, de forma alguma, da impressão que lhe causava aquele sujeito, por ter magoado

sua irmã. Holly lançou-lhe um sorriso encorajador.

— Então você não acha que talvez ele não seja a pessoa certa para você?

Ciara começou a chorar novamente.

— Mas eu amo Mathew, Holly, e foi só uma briga idiota. Reservei o voo apenas

porque estava zangada, não pensei que ele fosse me deixar ir...

— Ela fitou a fotografia por longo tempo.

As janelas do quarto de Ciara estavam escancaradas e Holly ouviu o som familiar

das ondas e o riso vindo da praia. Holly e Ciara haviam dividido aquele

quarto enquanto

cresciam, e um estranho sentimento de conforto a envolveu à medida que sentia os

mesmos perfumes e ouvia os ruídos familiares.

Ciara começou a acalmar-se a seu lado.

— Desculpe, Hol.

— Ei, não precisa se desculpar de jeito nenhum - disse ela, apertando lhe a mão. —

Você devia ter me contado tudo isto quando chegou em casa, em vez de ficar guardando

tudo dentro de você.

— Mas isto é tão sem importância comparado ao que aconteceu com você. Sinto-

me uma estúpida de sequer chorar por causa disto. - Ela enxugou as lágrimas, zangada

consigo mesma.

Holly estava chocada.

— Ciara, isto é um assunto sério. Perder alguém que se ama é sempre difícil, não

importa se a pessoa está viva ou... - Ela não conseguiu terminar a sentença.

— Claro que

você pode me contar qualquer coisa.

— É que você tem sido tão corajosa, Holly, que não sei como fazer isto. E aqui

estou eu, chorando por causa de um estúpido namorado com quem saí somente por alguns

meses.

— Eu? Corajosa? - riu Holíy. — Quem dera.

— Você é - insistiu Ciara. — Todo mundo diz isto. Você tem sido tão forte para

enfrentar tudo. Se eu fosse você, estaria caída numa vala em algum lugar.

— Não comece a me dar ideias, Ciara. - Holly sorriu para ela, perguntando-se

quem, com os diabos, a chamara de corajosa.

— Você esta bem de qualquer forma, não está? - perguntou Ciara preocupada, estudando lhe o rosto.

Holly abaixou os olhos na direção das mãos e fez sua aliança deslizar no dedo para

cima e para baixo. Refletiu um instante a respeito daquela pergunta e as duas perderam-se

em seus próprios pensamentos. Ciara, de repente mais calma do que Holly jamais a vira,

sentou-se pacientemente ao lado de Holly, aguardando a resposta.

— Se estou bem? - Holly repetiu a pergunta para si mesma. Olhou para frente, para

a coleção de ursos de pelúcia e bonecas, que seus pais haviam se recusado a jogar fora. —

Estou muitas coisas, Ciara - explicou Holly, continuando a girar o anel ao redor do dedo.

— Estou sozinha, estou cansada, estou triste, estou feliz, estou com sorte, estou com azar;

estou um milhão de coisas diferentes todos os dias da semana. Mas acho que bem é uma delas.

Ela olhou para a irmã e deu um sorriso triste.

— E você é corajosa - assegurou Ciara. - É calma e está no comando. E é organizada.

Holly balançou a cabeça devagar.

— Não, Ciara, não sou corajosa. Você é a corajosa. Sempre foi a corajosa. E quanto

a estar no comando, não sei o que vou fazer de um dia para o outro.

Ciara franziu a testa e balançou vigorosamente a cabeça.

— Não, estou longe de ser corajosa, Holly.

— Você é - insistiu Holly. — Todas as coisas que faz, como saltar de aviões e fazer

snowboard nos penhascos... - A voz de Holly esmoreceu enquanto ela tentava pensar em

mais coisas loucas que a irmã mais nova fazia.

Ciara balançou a cabeça num protesto.

— Não, minha querida irmã. Isto não é corajoso, isto é tolo. Qualquer um pode

fazer bungee-jump de uma ponte. Você poderia fazer isso. - Ciara cutucou-a.

Os olhos de Holly se arregalaram; ela horrorizou-se àquele pensamento e balançou

a cabeça.

A voz de Ciara tornou-se mais branda.

— Você faria se tivesse de fazer, Holly. Não há nada de corajoso nisto, há escolha

envolvida.

Ciara e Holly encararam-se, cientes da batalha uma da outra. Ciara foi a primeira a

falar.

— Bem, acho que você e eu somos mais parecidas do que pensamos. - Ela sorriu

para a irmã mais velha e Holly colocou os braços ao redor de seu pequeno corpo e a

abraçou com força.

— Bem, quem teria pensado nisto?

Para Holly, sua irmã parecia-se muito com uma criança, com seus grandes e inocentes olhos azuis. Tinha a sensação de que ambas eram crianças novamente, sentadas

no chão, onde costumavam brincar juntas na infância e onde fofocavam quando eram

adolescentes.

Sentaram-se em silêncio ouvindo os sons do exterior.

— Por que você estava gritando comigo antes? - perguntou Ciara calmamente, com

voz ainda mais infantil. Holly teve de rir da irmã, que tentava se aproveitar da situação.

— Não, esqueça, não era nada - replicou Holly, fitando o céu azul. Do lado de fora,

Declan enxugou a testa e deu um suspiro de alívio; ele estava limpo. Voltou silenciosamente, na ponta dos pés, para seu quarto e pulou de volta para a cama. Quem

quer que fosse Mathew, devia a ele um ótimo divertimento. Seu telefone emitiu um bip,

sinalizando uma mensagem, e ele franziu as sobrancelhas quando a leu: Quem, diabos, era

Sandra? Então um largo sorriso cruzou o rosto quando se lembrou da noite anterior.

Vinte e dois

ERAM OITO HORAS E AINDA ESTAVA CLARO QUANDO Holly

finalmente parou em sua garagem. Ela sorriu; o mundo nunca parecia tão completamente

deprimente quando estava claro. Passara o dia com Ciara conversando sobre suas aventuras

na Austrália. Ciara mudara de opinião pelo menos vinte vezes no espaço de poucas horas,

sobre se deveria ou não ligar para Mathew na Austrália. Quando Holly saiu, Ciara estava

inflexível na ideia de que nunca falaria com ele outra vez, o que provavelmente significava

que já devia ter ligado a essa altura.

Percorreu o caminho até a porta da frente e fitou o jardim com curiosidade. Era sua

imaginação ou ele parecia um pouco mais arrumado? Ainda estava uma completa bagunça,

com ervas daninhas e arbustos brotando por todo lado, mas algo nele parecia diferente.

O ruído de uma máquina de cortar grama fez-se ouvir e Holly olhou em volta para

encarar seu vizinho que se achava do lado de fora, trabalhando em seu próprio jardim. Ela

acenou para agradecer, presumindo que houvesse sido ele quem a havia ajudado, e ele

ergueu a mão em resposta.

Sempre fora trabalho de Gerry cuidar do jardim. Ele não era necessariamente um

jardineiro talentoso, o fato era que Holly era uma jardineira incrivelmente pouco talentosa,

portanto alguém tinha de fazer o trabalho sujo. Ficara combinado entre eles que, por nada

no mundo, Holly perderia o seu dia de folga dando duro na terra. Como resultado, o jardim

deles era simples; só um pequeno trecho de grama, rodeado por alguns arbustos e flores.

Como Gerry sabia muito pouco a respeito de jardinagem, frequentemente plantava flores

na estação imprópria ou as colocava no local errado; sempre acabavam morrendo. Mas

mesmo o trecho gramado e uns poucos arbustos agora pareciam nada mais que uma área

com excesso de vegetação. Quando Gerry morrera, o jardim morrera junto com ele.

Esse pensamento fez com que Holly se lembrasse da orquídea em sua casa. Correu

para dentro, encheu um jarro com água e derramou-a sobre a planta de aparência sedenta.

Ela não parecia muito saudável e Holly prometeu a si mesma que não a deixaria morrer sob

seus cuidados. Jogou um frango ao curry no micro-ondas e sentou-se à mesa da cozinha

para esperar. Lá fora, na rua, ainda podia ouvir as crianças brincando alegremente. Sempre

adorara quando chegavam as noites claras; sua mãe e seu pai os deixavam

brincar lá fora

por mais tempo, o que significava que ela só precisava ir para a cama muito mais tarde do

que de costume, e que sempre havia um banquete esperando por eles. Holly rememorou

aquele dia e decidiu que fora bom, exceto por um incidente isolado...

Olhou para as alianças em seu dedo anular e imediatamente sentiu-se culpada.

Quando aquele sujeito se afastou dela, Holly sentiu-se muito mal. Ele a olhara como se

estivesse prestes a começar um caso, quando aquilo seria a última coisa no mundo que

faria. Sentiu-se culpada até mesmo por considerar a hipótese de aceitar o convite dele para

saírem para um café. Se Holly houvesse deixado seu marido por não conseguir mais

suportá-lo, podia entender o fato de ser capaz, em algum momento, de se sentir atraída por

outra pessoa. Mas seu marido morreria quando ambos ainda estavam muito apaixonados, e

ela não podia simplesmente deixar de se sentir apaixonada de repente, apenas porque ele

não estava mais por perto. Ainda se sentia casada, e sair para tomar um café seria como

trair seu marido. O simples pensamento a desgostava. Seu coração, sua alma e sua mente

ainda pertenciam a Gerry. Holly continuou a girar as alianças ao redor do dedo. A que

altura deveria tirar a aliança? Gerry partira havia quase cinco meses, qual o momento

apropriado para remover a aliança e dizer a si mesma que não estava mais casada? Onde

estava o regulamento das viúvas que explicava quando exatamente a aliança deveria ser

removida? E na ocasião em que isso finalmente acontecesse, onde ela a

colocaria, onde

deveria colocá-la? Na caixa? Ao lado da cama para que pudesse se lembrar dele a cada dia?

Atormentava-se com uma pergunta atrás da outra. Não, absolutamente ainda não estava

pronta para desistir de seu Gerry; no que dizia respeito a ela, ele ainda vivia.

O micro-ondas sinalizou quando o jantar estava pronto. Ela retirou o prato e jogou-o direto na lixeira. Havia perdido o apetite.

Mais tarde naquela noite, Denise ligou para ela, irritada.

— Ligue rápido na Dublin FM!

Holly correu para o rádio e deu um tapa no interruptor.

— Sou Tom O'Connor e você está ouvindo a Dublin FM. Se você acaba de juntar-

se a nós, estamos conversando a respeito de seguranças. Inspirados na persuasão necessária

às meninas do "As Garotas e a Cidade" para tomar de assalto o Boudoir, queremos saber o

que vocês acham dos seguranças. Vocês gostam deles? São muito rígidos? O número para

ligar é...

Holly pegou o telefone outra vez, quase esquecendo que Denise ainda estava do

outro lado da linha.

— Bem? - perguntou Denise, com um risinho nervoso.

— Que diabos nós provocamos, Denise?

— É, eu sei - ela deu outro risinho nervoso. Era óbvio que estava adorando cada

minuto daquilo. — Você viu os jornais hoje?

— Vi. É tudo meio idiota, na verdade. Concordo que foi um bom documentário,

mas o que andaram escrevendo é simplesmente estúpido - disse Holly.

— Oh querida, eu adorei! E adoro ainda mais porque estou dentro da coisa!

— riu

ela.

— Aposto que sim - respondeu Holly.

Ambas ficaram caladas um instante, enquanto ouviam o rádio. Um sujeito qualquer

criticava os seguranças e Tom tentava acalmá-lo.

— Oh, escute o meu amor - disse Denise. — Ele não tem uma voz muito sensual?

— Hummm... sim - resmungou Holly. — Imagino que vocês dois ainda estejam

juntos...

— Claro - Denise parecia insultada pela declaração. — Por que não estaríamos?

— Bem, já tem algum tempo agora, Denise, isso é tudo. - Holly rapidamente tentou

explicar, para não ferir os sentimentos da amiga. — E você sempre disse que não

conseguiria ficar com um homem por mais de uma semana! Você sempre diz que detesta

ficar amarrada a uma única pessoa!

— Bem, eu disse que não conseguiria ficar com um homem por mais de uma semana, mas eu nunca disse que não ficaria. Tom é diferente, Holly - disse Denise

ofegante.

Holly estava surpresa em ouvir aquilo vindo de Denise, a garota que queria ficar

solteira pelo resto da vida.

— E o que há de tão diferente em Tom? - Holly prendeu o telefone entre o ouvido

e o ombro e acomodou-se para examinar as unhas.

— Simplesmente existe uma ligação entre nós. É como se ele fosse minha alma

gêmea. É tão atencioso, sempre me surpreendendo com presentinhos, me

levando para

jantar e me mimando. Ele me faz rir o tempo todo, e adoro estar com ele. Não fiquei

enjoada dele como de todos os outros caras. E tem mais, ele é bonito.

Holly reprimiu um bocejo, Denise tendia a dizer aquilo depois da primeira semana

com seus novos namorados e então rapidamente mudava de opinião. Mas talvez dessa vez

Denise acatasse o que havia dito; afinal de contas, estavam juntos há várias semanas agora.

— Estou muito feliz por você - acrescentou Holly honestamente.

As duas garotas ouviram um segurança conversando no rádio com Tom.

— Bem, antes de mais nada, quero apenas dizer que nas últimas noites temos tido

não sei quantas princesas e damas de companhia fazendo fila na nossa porta. Desde que o

maldito programa foi ao ar, as pessoas parecem achar que vamos deixá-las entrar se

pertencerem à realeza! E quero informar, garotas, que isto não vai funcionar novamente,

então não percam tempo!

Tom ria e tentava se recompor. Holly deu um tapa no interruptor e desligou o rádio.

— Denise - disse Holly séria —, o mundo está ficando louco.

No dia seguinte, Holly arrastou-se para fora da cama para dar um passeio pelo parque. Precisava começar a fazer algum exercício antes que se tornasse uma completa

relaxada; também precisava começar a pensar em sair à caça de um emprego. Aonde quer

que fosse, tentava se imaginar trabalhando no ambiente em questão. Descartara

definitivamente lojas de roupa (a possibilidade de ter uma chefe como Denise a dissuadira),

restaurantes, hotéis e bares e decerto não queria outro emprego de nove às cinco, o que

deixava de fora... nada. Holly decidiu que queria ser parecida com a mulher do filme que

vira na noite anterior; queria trabalhar no FBI e correr para todo lado solucionando crimes,

interrogando pessoas e por fim se apaixonando pelo parceiro, a quem odiara quando se

encontraram pela primeira vez. No entanto, como nunca havia morado na América e

tampouco possuía treinamento policial, as chances de que aquilo acontecesse não pareciam

muito promissoras. Talvez pudesse juntar-se a um circo em algum lugar...

Sentou-se num banco do parque em frente ao playground e ouviu os gritos alegres

das crianças. Desejava poder entrar, brincar no escorrega e ser empurrada nos balanços, em

vez de ficar sentada ali observando. Por que as pessoas tinham de crescer? Holly deu-se

conta de que andara sonhando em voltar à adolescência durante todo o fim de semana.

Queria ser irresponsável, vigiada, que lhe dissessem que não precisava se preocupar

com nada, que alguém mais tomaria conta de tudo. Como a vida seria fácil sem os

problemas adultos para atormentar. E ela cresceria outra vez, encontraria Gerry outra vez e

o obrigaria a ir ao médico meses antes; então estaria sentada ao lado de Gerry naquele

lugar, vendo os filhos de ambos brincarem. E se, e se, e se...

Pensou na observação mordaz de Richard sobre ela nunca precisar se preocupar

com as bobagens de crianças. Só o fato de pensar naquilo a irritava. Desejava tanto poder

estar preocupada com todas as bobagens de crianças naquele momento. Queria um

pequeno Gerry correndo pelo playground enquanto ela gritava para ele que tomasse

cuidado e desejava fazer outras coisas de mãe, como cuspir num lenço de papel e limpar

seu rostinho sujo e gorducho.

Holly e Gerry haviam começado a conversar sobre terem filhos poucos meses antes

de ele haver sido diagnosticado. Estavam bastante entusiasmados e costumavam ficar na

cama durante horas tentando escolher nomes e inventando enredos sobre como seria

serem pais. Holly sorriu ao pensar em Gerry como pai; ele teria sido fantástico. Podia

imaginá-lo incrivelmente paciente, enquanto ajudava os filhos com o dever de casa na mesa

da cozinha. Podia imaginá-lo superprotetor se a filha levasse um rapaz para casa. Imagine

se, imagine se, imagine se... Holly precisava parar de viver a vida dentro de sua cabeça,

recordando velhas lembranças e sonhando sonhos impossíveis. Aquilo nunca a levaria a

lugar algum.

“Bem, falando no diabo”, disse Holly consigo mesma, vendo Richard deixar o playground com Emily e Tommy. Ele parecia tão descontraído, refletiu, observando-o

surpresa enquanto ele caçava as crianças pelo parque. Pareciam estar se divertindo, uma

visão não muito familiar. Sentou-se ereta no banco e subiu o fecho de sua camada extra de

casca grossa, preparando-se para a conversa que teriam.

— Olá, Holly - disse Richard alegremente, avistando-a e cruzando o gramado na

direção dela.

— Olá - disse Holly, cumprimentando as crianças quando elas a atropelaram e lhe

deram um grande abraço. Aquilo fez uma grande diferença. — Você está longe de casa -

disse ela a Richard. — O que o traz por todo o caminho até aqui?

— Eu trouxe as crianças para ver vovô e vovó, não foi? - disse ele, despenteando os

cabelos de Tommy.

— E fomos ao McDonalds - disse Tommy entusiasmado e Emily aplaudiu.

— Hummm, delicioso! - disse Holly, lambendo os beiços. — Seus sortudos! O pai

de vocês não é o máximo? - disse ela, rindo. Richard parecia satisfeito. — Comendo

porcaria? - Holly questionou o irmão.

— Ah. - Ele balançou a mão em sinal de desdém e sentou-se ao lado dela. — Tudo

com moderação, está certo, Emily?

Emily, de cinco anos, acenou com a cabeça, como se houvesse entendido completamente o pai. Seus grandes e inocentes olhos verdes estavam arregalados e o

movimento de cabeça fazia com que seus cachos meio avermelhados saltassem. Ela era

incrivelmente parecida com a mãe e Holly teve de afastar os olhos. Então se sentiu culpada,

olhou para ela outra vez e sorriu... teve de afastar os olhos. Havia algo naqueles olhos e

naqueles cabelos que a assustava.

— Bem, uma refeição no McDonalds não vai matá-los - Holly concordou com o

irmão.

Timmy agarrou a garganta e fingiu sufocar. O rosto ficou vermelho à medida que

produzia ruídos de vômito, desabava no chão e ficava completamente imóvel. Richard e

Holly riram. Emily parecia prestes a chorar.

— Meu Deus - brincou Richard. — Parece que estávamos enganados, Holly, o

McDonald's de fato matou Timmy.

Holly olhou chocada para o irmão, por ter chamado o filho de Timmy, mas decidiu

não mencionar o fato; obviamente, era apenas um lapso verbal. Richard levantou-se e

atirou Timmy para cima dos ombros.

— Bem, é melhor enterrá-lo agora e fazer um funeral. - Timmy deu um risinho

nervoso enquanto permanecia pendurado de cabeça para baixo sobre os ombros do pai.

— Oh, ele está vivo!

— Não, não estou - Timmy conteve o riso.

Holly observava divertida a cena familiar que se desenrolava diante dela. Fazia

algum tempo que não testemunhava nada parecido. Nenhum de seus amigos tinha filhos e

Holly muito raramente estava por perto dos sobrinhos. Era óbvio que havia algo

seriamente errado com ela para estar adorando os filhos de Richard. E aquela não era das

mais sábias decisões, sentir-se inclinada à procriação quando não havia homem nenhum em

sua vida.

— OK, é melhor irmos andando - riu Richard. — Tchau, Holly.

— Tchau, Holly - as crianças cumprimentaram, e Holly observou Richard se afastar

com Timmy atirado sobre seu ombro direito, enquanto a pequena Emily pulava e dançava

ao lado do pai ao mesmo tempo que lhe segurava a mão.

Holly fitava divertida o estranho que se afastava com duas crianças. Quem era aquele homem que afirmava ser seu irmão? Holly certamente nunca estivera com aquele

homem antes.

Vinte e três

BARBARA TERMINOU DE ATENDER SEUS CLIENTES e assim que eles deixaram o prédio, correu para a sala dos funcionários e acendeu um cigarro. A agência de

viagens estivera tão movimentada o dia inteiro que precisara trabalhar em seu intervalo de

almoço. Melissa, sua colega de trabalho, havia ligado dizendo que estava doente aquela

manhã, embora Barbara soubesse muito bem que ela havia bebido todas na noite anterior e

o que quer que pudesse estar sentindo era auto-infligido. Portanto, estava enterrada naquele

emprego chato completamente sozinha aquele dia. É claro que era o dia mais atarefado em

décadas. Assim que chegava novembro, com suas noites escuras deprimentes e horrorosas,

manhãs carregadas, ventos cortantes e rajadas de chuva, todos entravam correndo porta

adentro, reservando férias em países lindos, quentes e ensolarados. Barbara estremeceu

quando ouviu o vento chocalhar as janelas e anotou mentalmente para pesquisar acordos

especiais de férias.

Com seu chefe finalmente ausente para realizar algumas tarefas, Barbara estava de

fato ansiando pelo intervalo para fumar um cigarro. Claro, para seu azar, a campainha

acima da porta soou nesse exato momento e Barbara amaldiçoou o cliente que

entrava na

loja para interromper seu precioso intervalo. Deu uma furiosa baforada no cigarro, que

quase a deixou tonta, reaplicou seu batom vermelho brilhante e pulverizou perfume por

todo o aposento para que seu chefe não notasse a fumaça. Deixou a sala dos funcionários

esperando ver um cliente sentado atrás do balcão, mas em vez disso, o velho ainda se

movia lentamente naquela direção. Barbara tentou não olhar e começou a pressionar

botões aleatórios no teclado do computador.

— Perdão? - ela ouviu a fraca voz do sujeito chamá-la.

— Olá, senhor, posso ajudá-lo? - disse ela pela centésima vez naquele dia. Não

desejava parecer rude encarando-o, mas ficou surpresa ao perceber como o homem na

verdade era jovem.

De longe, o aspecto abatido o fazia parecer mais velho. O corpo estava arqueado e

a bengala em sua mão parecia ser a única coisa que o impedia de desmoronar no chão

diante dela. A pele era muito pálida e oleosa, como se ele não visse o sol havia anos, mas

possuía os grandes olhos castanhos de um cachorrinho, que pareciam sorrir na direção

dela. Ela não teve escolha a não ser retribuir o sorriso.

— Eu gostaria de reservar umas férias - disse ele baixinho —, e estava me perguntando se você poderia me ajudar a escolher o lugar.

Em geral, Barbara teria intimamente gritado com o cliente por obrigá-la a realizar

aquela tarefa quase impossível. A maioria dos seus clientes era tão exigente, que ela ficaria

sentada com eles durante horas folheando revistas e tentando convencê-los para onde ir,

quando a verdade era que não ligava a mínima. Mas aquele homem parecia agradável,

portanto estava satisfeita em ajudar. Surpreendeu-se consigo mesma.

— Sem problemas, senhor, por que não se senta e procuramos em algumas revistas? - Ela apontou para a cadeira diante dela e afastou os olhos novamente, para não

assistir a sua batalha para se sentar.

— Agora - disse ela cheia de sorrisos —, há algum país em particular ao qual o

senhor gostaria de ir?

— Hummm... Espanha... Lanzarote, acho.

Barbara ficou satisfeita; aquilo seria muito mais fácil do que pensara.

— E o que está procurando são férias de verão? - Ele assentiu vagarosamente.

Eles percorreram as revistas devagar e por fim o homem encontrou um lugar de

que gostou. Barbara ficou feliz por ele ter levado em conta o seu conselho, ao contrário de

alguns dos outros clientes, que simplesmente ignoravam seus conhecimentos. Ela deveria

saber o que era melhor para eles, sendo aquele o seu trabalho e tudo mais.

— Certo, algum mês em especial? - disse ela, verificando os preços.

— Agosto? - perguntou ele, e aqueles grandes olhos castanhos sondaram tão profundamente a alma de Barbara que ela quis apenas saltar por sobre o balcão e lhe dar

um grande abraço.

— Agosto é um bom mês - concordou ela. — O senhor gostaria de vista para o

mar ou para uma piscina? A vista para o mar custa mais trinta euros - acrescentou ela

rapidamente.

Ele fitou o vazio com um sorriso no rosto, como se já estivesse lá.

— Vista para o mar, por favor.

— Boa escolha. Posso anotar seu nome e endereço?

— Oh... na verdade não é para mim... isto é uma surpresa para minha mulher e suas amigas.

Aqueles olhos castanhos pareceram tristes. Barbara limpou a garganta com nervosismo.

— Bem, é muito gentil de sua parte, senhor - ela sentiu que precisava acrescentar.

— Eu poderia anotar o nome delas então, por favor?

Ela acabou de anotar os detalhes e ele pagou a conta. Ela começou a imprimir o

contrato para entregar a ele.

— Importa-se se eu deixar as especificações com você? Quero fazer uma surpresa

para minha mulher e tenho medo de deixar papéis pela casa, para o caso de ela os encontrar.

Barbara sorriu; que mulher de sorte ele possuía.

— Não vou dizer nada a ela até julho; acha que isto pode ser mantido em segredo até lá?

— Não há problema algum, senhor; de qualquer forma, normalmente as datas dos

voos não são confirmadas até poucas semanas antes, portanto não teríamos motivo algum

para ligar para ela. Darei instruções precisas à outra equipe para não ligar para a sua casa.

— Obrigado pela ajuda, Barbara - disse ele, sorrindo tristemente com seus olhos de filhotinho.

— Foi um prazer, senhor... Clarke?

— Gerry. - Ele sorriu novamente.

— Bem, foi um prazer, Gerry, tenho certeza que sua mulher vai passar umas férias

maravilhosas. Minha amiga foi para lá no ano passado e adorou. - Barbara sentiu que

precisava reassegurá-lo de que sua mulher estaria bem.

— Bem, é melhor eu voltar para casa antes que pensem que fui sequestrado. Eu

não deveria estar sequer fora da cama, sabe? - Ele riu outra vez e um bolo formou-se na

garganta de Barbara.

Barbara levantou-se de um salto e correu até o outro lado do balcão para segurar a

porta aberta para ele. Ele sorriu agradecido enquanto passava por ela, que o observou subir

devagar no táxi que estivera esperando lá fora. Justamente quando Barbara estava prestes a

fechar a porta, seu chefe entrou e a porta o atingiu na cabeça. Ela olhou na direção de

Gerry, que ainda esperava que o táxi partisse, e ele riu e ergueu o polegar na direção dela.

Seu chefe fulminou-a com o olhar por ter deixado o balcão sozinho e avançou para

a sala dos funcionários.

— Bárbara - gritou ele —, você andou fumando aqui dentro outra vez?

Ela girou os olhos e virou-se para encará-lo.

— Meu Deus, o que há de errado com você? Você parece a ponto de começar a

chorar.

Era 1º de julho e Barbara sentava-se irritada atrás do balcão da Agência de Viagens

Swords. Todos os dias em que trabalhara naquele verão haviam sido dias

bonitos e

ensolarados, e nos dois últimos, que eram seus dias de folga, o céu desabara de tanto

chover. Tipicamente, já que voltava ao trabalho, o dia estava completamente o oposto. Era

o dia mais quente do ano, e todas as suas clientes se vangloriavam enquanto deslizavam

porta adentro, usando seus shortinhos e seus minúsculos tops e enchendo o local com o

perfume de coco do óleo de bronzear.

— Deixe estar, Barbara - resmungou Melissa. — Isto só faz as coisas piorarem.

— Como se fosse possível - lamentou-se ela, e girou na cadeira para ficar de frente

para o computador, cujo teclado começou a martelar.

— O que há com você hoje? - riu Melissa.

— Oh, nada de mais - disse Barbara de dentes cerrados —, só que é o dia mais

quente do ano e estamos enterradas nesta porcaria de emprego, neste lugar abafado, sem ar

condicionado e nestes horríveis e irritantes uniformes. - Ela gritou cada palavra na direção

do escritório de seu chefe, esperando que ele a ouvisse. — É só isso.

Melissa abafou o riso.

— Olhe, por que não vai até lá fora por alguns minutos para tomar ar e eu atendo

os próximos clientes? - perguntou Melissa, acenando para a mulher que acabava de entrar.

— Obrigada, Mel - disse Bárbara, aliviada e por poder finalmente escapar. Agarrou

seus cigarros. — Certo, vou tomar um pouco de ar fresco.

Melissa olhou para a mão de Barbara e girou os olhos

— Olá, posso ajudá-la? - ela sorriu para a mulher.

— Sim, eu gostaria de saber se Barbara ainda trabalha aqui.

Barbara imobilizou-se exatamente quando alcançava a porta e ponderou se deveria

correr para fora ou voltar ao trabalho. Gemeu e voltou ao seu lugar. Olhou para a mulher

atrás do balcão; era bonita, concluiu, mas os olhos pareciam querer saltar das órbitas

enquanto olhava freneticamente de uma garota para outra.

— Sim, sou Barbara.

— Oh, que bom! - A mulher pareceu aliviada e afundou no banco diante dela.

—

Eu estava com medo que você não trabalhasse mais aqui.

— É o que ela quer - resmungou Melissa baixinho e recebeu de Barbara uma cotovelada no estômago.

— Posso ajudá-la?

— Oh, Deus, eu realmente espero que possa - disse a mulher, ligeiramente histérica, e mexeu a bolsa. Barbara ergueu as sobrancelhas na direção de Melissa e as duas

tentaram conter o riso.

— Certo - disse ela, por fim retirando da bolsa um envelope amassado. — Recebi

isto hoje de meu marido e gostaria de saber se você pode me explicar o que é.

Barbara franziu as sobrancelhas enquanto fitava o pedaço de papel amarrotado

sobre o balcão. Uma página havia sido arrancada de uma revista de turismo e, escritas ali,

estavam às palavras: “Agente de Viagens Swords. At: Barbara.”

Barbara franziu as sobrancelhas novamente e examinou a página com mais atenção.

— Minha amiga foi para lá de férias dois anos atrás mas, fora este fato, isto não

significa nada para mim. Você não recebeu mais nenhuma informação?

A mulher balançou a cabeça vigorosamente.

— Bem, você não pode pedir mais informação a seu marido? - Barbara estava confusa.

— Não, ele não está mais aqui - disse ela num tom triste, e lágrimas brotaram em

seus olhos. Barbara entrou em pânico; se seu chefe a visse fazendo alguém chorar, ela

realmente receberia cartão vermelho. Supostamente estava em sua última advertência.

— Certo, então posso anotar seu nome? Talvez apareça alguma coisa no computador.

— É Holly Kennedy - a voz dela tremia.

— Holly Kennedy, Holly Kennedy - Melissa repetiu o nome depois de ouvi-lo na

conversa —, este nome me parece conhecido. Oh, espere aí, eu estava prestes a ligar para

você esta semana! É estranho! Havia instruções explícitas de Barbara para não ligar para

você até julho, por alguma razão...

— Oh! - Barbara interrompeu a amiga, afinal entendendo o que estava acontecendo. — Você é a mulher de Gerry? - perguntou, esperançosa.

— Sou! - Holly colocou as mãos no rosto em choque. — Ele esteve aqui?

— Sim, esteve - Barbara deu um sorriso encorajador. — Um homem agradável -

disse ela, alcançando a mão de Holly por sobre o balcão.

Melissa encarou as duas, sem saber o que estava acontecendo. O coração de Barbara enterneceu-se pela mulher do outro lado do balcão; era tão jovem e devia estar

sendo muito difícil para ela naquele momento. Mas Barbara sentia-se encantada por ser a

portadora de boas notícias.

— Melissa, pode conseguir alguns lenços de papel para Holly, por favor,

enquanto

explico a ela exatamente por que seu marido esteve aqui? - Ela sorriu de alegria para Holly

do outro lado do balcão.

Largou a mão de Holly para digitar no computador e Melissa voltou com uma caixa

de lenços de papel.

— Certo, Holly - disse ela baixinho. - Gerry reservou férias para você, para uma

Sharon McCarthy e para uma Denise Hennessey em Lanzarote por uma semana, chegando

no dia 28 de julho e voltando para casa no dia 3 de agosto.

Holly lançou as mãos ao rosto em choque e lágrimas derramaram-se de seus olhos.

— Ele estava determinado a encontrar o lugar perfeito para vocês - continuou

Barbara, satisfeita com a nova função. Sentia-se como uma dessas apresentadoras de

televisão que atira surpresas sobre os convidados. — Este é o lugar para o qual vocês estão

indo - disse ela, indicando a página amarrotada diante dela. - Vocês vão se divertir muito,

acredite, minha amiga esteve lá dois anos atrás, como já contei, e simplesmente adorou. Há

montes de restaurantes e bares nas redondezas e... - Barbara calou-se, percebendo que

Holly provavelmente não dava a mínima para o fato de sua amiga ter se divertido ou não.

— Quando ele esteve aqui? - perguntou Holly, ainda em choque. Barbara, satisfeita

com a nova função, digitou alegremente no computador.

— A reserva foi feita no dia 28 de novembro.

— Novembro? - arfou Holly. — Ele não deveria sequer ter saído da cama a essa

altura! Ele estava sozinho?

— Estava, mas havia um táxi esperando por ele do lado de fora o tempo todo.

— A que horas do dia foi isto? - perguntou Holly vivamente.

— Desculpe, mas realmente não consigo me lembrar. Foi há bastante tempo...

— Sim, claro, sinto muito - interrompeu Holly.

Barbara entendia perfeitamente. Se fosse seu marido, bem, se ela alguma vez encontrasse alguém digno de se tornar seu marido, também gostaria de conhecer cada

detalhe. Barbara contou-lhe tudo que conseguiu lembrar, até que Holly não pôde pensar

em mais nada a perguntar.

— Obrigada, Barbara, muito obrigada. - Holly inclinou-se por sobre o balcão e deu-

lhe um forte abraço.

— De jeito nenhum, sem problema. - Ela retribuiu o abraço, sentindo-se satisfeita

com sua boa ação do dia. — Volte e nos conte como vocês se saíram - sorriu ela. — Aqui

estão os detalhes. - Entregou a Holly um grosso envelope e a observou afastar-se. Suspirou,

pensando que aquele trabalho nojento não era tão nojento afinal de contas.

— Que diabos quer dizer tudo isto? - Melissa estava morta de vontade de descobrir.

Barbara começou a explicar a história.

— Certo, garotas, vou fazer meu intervalo agora. Barbara, nada de fumar na sala

dos funcionários. - Seu chefe fechou e trancou a porta e virou-se para encará-las. — Deus

todo poderoso, por que vocês estão chorando agora?

Vinte e quatro

HOLLY CHEGOU EM CASA AFINAL e acenou para Sharon e Denise, que

estavam sentadas no muro do jardim tomando banho de sol. Elas pularam assim que a

viram e correram para cumprimentá-la.

— Meu Deus, vocês chegaram aqui rápido - disse ela, tentando imprimir alguma

energia à voz. Sentia-se completa e absolutamente esgotada e na verdade não estava

disposta a explicar tudo para as garotas naquele momento. Mas teria de fazer isso.

— Sharon largou o trabalho assim que você ligou e me pegou na cidade – explicou

Denise, examinando o rosto de Holly e tentando avaliar quão má era a situação.

— Vocês não precisavam fazer isto - disse Holly com voz desanimada, enquanto

inseria a chave na porta.

— Ei, você esteve trabalhando no jardim? - perguntou Sharon, olhando ao redor e

tentando desanuviar o ambiente.

— Não, meu vizinho tem feito isto, acho. - Holly arrancou a chave da porta e procurou no chaveiro a chave correta.

— Você acha? - Denise tentou manter a conversa, enquanto Holly lutava com

uma nova chave na fechadura.

— Bem, ou é meu vizinho ou um duende vive no final do meu jardim - cortou ela,

frustrada com as chaves. Denise e Sharon olharam-se e tentaram imaginar o que fazer.

Aproximaram-se uma da outra e ficaram quietas, uma vez que Holly estava obviamente estressada e achava difícil lembrar qual chave servia na porta.

— Ah, foda-se! - gritou Holly e atirou as chaves no chão. Denise pulou para trás,

mal conseguindo evitar que o pesado chaveiro atingisse seus tornozelos.

Sharon pegou as chaves.

— Ei, querida, não se aborreça com isto - disse ela despreocupadamente. —

Acontece comigo o tempo todo; juro que estas malditas coisas ficam pulando de propósito

no chaveiro só para encher a paciência.

Holly deu um sorriso cansado, agradecida por alguém assumir o controle. Sharon

continuou a experimentar as chaves devagar, conversando calmamente com Holly em tom

monótono, como se falasse com uma criança. A porta finalmente se abriu e Holly entrou

correndo para desligar o alarme. Felizmente lembrava o número, o ano em que ela e Gerry

havam se conhecido e o ano em que se casaram.

— Certo, fiquem à vontade na sala que me junto a vocês num minuto. - Sharon e

Denise seguiram as instruções de Holly, que se encaminhou ao banheiro para jogar água

fria no rosto. Precisava pular fora daquele pasmo, assumir o controle de si mesma e ficar

tão entusiasmada a respeito daquelas férias quanto Gerry planejava. Quando se sentiu um

pouco mais viva, juntou-se às garotas na sala de estar.

Agarrou o descanso de pés do sofá e sentou-se diante das amigas.

— Certo, não vou adiar isto. Abri o envelope de julho hoje e era isto o que dizia. -

Ela remexeu na bolsa à procura do pequeno cartão, que estava preso à revista, e o entregou

às garotas. Dizia:

Tenha boas férias!

PS, Eu te amo...

— Só isto? - Denise franziu o nariz, pouco impressionada. Sharon deu-lhe uma

cotovelada nas costelas.

— Uau!

— Bem, Holly, acho que é um bilhete simpático - mentiu Sharon. — É tão... atencioso.

Holly teve de forçar um sorriso. Sabia que Sharon estava mentindo; ela sempre

dilatava as narinas quando não dizia a verdade.

— Não, tontas! - disse ela, golpeando Sharon no alto da cabeça com uma almofada.

Sharon começou a rir.

— Ainda bem, porque por um segundo eu estava começando a ficar preocupada.

— Sharon, você está sempre tão disposta a dar apoio, que algumas vezes me faz

ficar enjoada! - exclamou Holly. — Havia mais isto dentro do envelope. - Entregou-lhes a

página amarrotada que fora arrancada da revista.

Observou divertida enquanto as garotas tentavam entender a caligrafia de Gerry e

Denise finalmente levou a mão à boca.

— Oh, meu Deus - arquejou ela, adiantando-se no assento.

— O quê, o quê, o quê? - perguntou Sharon e inclinou-se para frente entusiasmada.

— Gerry reservou férias para você?

— Não. - Holly balançou a cabeça com seriedade.

— Oh. - Sharon e Denise escorregaram para trás em seus assentos, desapontadas.

Holly permitiu que um silêncio pouco confortável crescesse entre elas antes de falar

novamente.

— Garotas - disse ela com um sorriso começando a se espalhar pelo rosto —, ele

reservou férias para nós.

As garotas abriram uma garrafa de vinho.

— Isto é inacreditável - disse Denise, depois que as novidades já haviam se assentado. — Gerry foi tão meigo.

Holly assentiu, sentindo-se orgulhosa do marido, que mais uma vez conseguira

surpreender todos eles.

— Então você foi até essa tal de Barbara? - perguntou Sharon.

— Sim, e ela foi a pessoa mais gentil do mundo - sorriu Holly. — Sentou-se comigo por horas, contando a conversa que tiveram naquele dia.

— Isto foi legal. - Denise bebericou seu vinho. — Quando foi, por falar nisto?

— Ele esteve lá no final de novembro.

— Novembro? - Sharon pareceu pensativa. — Isto foi depois da segunda operação.

Holly assentiu.

— A garota disse que ele estava bastante fraco quando foi até lá.

— Não é engraçado que nenhum de nós tenha feito a mínima ideia? — perguntou

Sharon, ainda surpresa com aquilo tudo.

Todas assentiram em silêncio.

— Bem, parece que vamos partir para Lanzarote! - aclamou Denise e ergueu o

copo.

— A Gerry!

— A Gerry! - Holly e Sharon juntaram-se a ela.

— Têm certeza de que Tom e John não vão se importar? - perguntou Holly, de súbito consciente de que as garotas possuíam companheiros em quem pensar.

— Claro que John não vai se importar! - riu Sharon. — Provavelmente vai ficar

contente de se livrar de mim por uma semana!

— Sim, e eu e Tom podemos viajar por uma semana outra hora, o que me

satisfaz

plenamente - concordou Denise. — Porque assim não ficamos colados por duas semanas

em nossas primeiras férias juntos! - riu ela.

— De qualquer forma vocês dois praticamente vivem juntos! - disse Sharon, cutucando-a.

Denise deu um ligeiro sorriso, mas não respondeu e as duas mudaram de assunto.

Aquilo incomodou Holly, porque era o que elas sempre faziam. Queria ouvir como as

amigas estavam se saindo em seus relacionamentos, mas ninguém parecia lhe contar as

fofocas interessantes com medo de magoá-la. As pessoas pareciam ter medo de lhe dizer o

quão felizes se sentiam ou contar as novidades em suas vidas. Por outro lado, também se

recusavam a queixar-se das coisas ruins. Portanto, em vez de ser informada do que estava

realmente acontecendo na vida das amigas, tapeavam-na com aquela conversa fiada

mediocre sobre... nada, e aquilo estava começando a incomodá-la. Não podia ser protegida

contra a felicidade das outras pessoas para sempre; que bem aquilo lhe faria?

— Preciso dizer que aquele duende está realmente fazendo um ótimo trabalho no

jardim, Holly - Denise cortou seus pensamentos enquanto olhava pela janela.

Holly corou.

— Eu sei. Sinto muito por ter sido uma megera mais cedo, Denise - desculpou-se.

— Acho que eu realmente deveria ir até o vizinho para lhe agradecer de forma adequada.

Depois que Denise e Sharon foram para casa, Holly pegou uma garrafa de vinho

embaixo da escada e levou-a até a casa vizinha. Tocou a campainha e esperou.

— Oi, Holly - disse Derek, abrindo a porta. — Entre, entre.

Holly olhou por trás dele para dentro da cozinha e viu a família sentada ao redor da

mesa, jantando. Afastou-se ligeiramente da porta.

— Não, não quero atrapalhar vocês, só vim para lhe entregar isto. - Ela lhe estendeu a garrafa de vinho. — Como agradecimento.

— Bem, Holly, isto é realmente gentil de sua parte - disse ele, lendo o rótulo. Então

ergueu os olhos com uma expressão confusa no rosto. — Mas em agradecimento por que,

se não se importa que eu pergunte?

— Por limpar meu jardim - disse ela, corando. — Estou certa de que o condomínio

inteiro estava me amaldiçoando por estragar a aparência da rua - riu ela.

— Holly, seu jardim certamente não é problema de ninguém, todos nós entendemos, mas não tenho limpado seu jardim, sinto dizer.

— Oh. - Holly pigarreou, sentindo-se bastante constrangida. — Pensei que fosse você.

— Não, não. - Ele balançou a cabeça.

— Bem, você por acaso sabe quem vem fazendo isto? - Ela riu como uma idiota.

— Não, não tenho a mínima ideia - disse ele, parecendo bastante confuso. — Pensei que fosse você, para ser honesto. Que estranho.

Holly não fazia ideia do que dizer a seguir.

— Então talvez você queira levar isto de volta - disse ele sem jeito, empurrando a

garrafa de vinho na direção dela.

— Não, está tudo bem - riu ela novamente —, podem ficar com ela em agradecimento por... por serem supervizinhos. De qualquer maneira, vou deixar você voltar

a seu jantar. – Ela fugiu correndo pelo caminho de acesso à garagem, com o rosto

queimando de vergonha. Que espécie de idiota não saberia quem estava limpando o

próprio jardim?

Bateu em mais algumas portas no condomínio e, para seu crescente embaraço, ninguém parecia saber a respeito de que ela estava falando. Todos pareciam possuir sua

vida e seu trabalho e, bastante extraordinário, não passavam o dia vigiando o jardim dela.

Voltou para casa ainda mais confusa. Quando cruzou a porta, o telefone estava tocando e

ela correu para atender.

— Alô? - ofegou.

— O que você está fazendo, correndo uma maratona?

— Não, estava caçando duendes - explicou Holly.

— Ah, legal.

O mais estranho foi que Ciara sequer a questionou.

— É meu aniversário daqui a duas semanas. - Holly havia esquecido completamente.

— Sim, eu sei - disse ela com voz inexpressiva.

— Bem, mamãe e papai querem que todos saíamos para um jantar em família...

Holly gemeu alto.

— Exatamente - e ela gritou longe do fone —, papai, Holly disse a mesma coisa

que eu.

Holly deu uma risadinha quando ouviu o pai praguejar e resmungar ao fundo.

Ciara voltou ao telefone e disse alto para que o pai pudesse ouvir:

— OK, então minha ideia é ir em frente com o jantar em família, mas convidar

amigos também, para que esta de fato possa ser uma noite divertida. O que

acha?

— Parece bom - concordou Holly. Ciara gritou longe do telefone:

— Pai, Holly concorda com minha ideia.

— Está tudo muito bem - Holly ouviu o pai gritar —, mas não vou pagar para todas essas pessoas comerem.

— Ele tem razão - acrescentou Holly. — Sabe o que mais? Por que não fazemos

um churrasco? Desse jeito papai vai estar em seu elemento e não vai sair tão caro.

— Ei, esta é uma ideia maneira! - Ciara gritou longe do telefone mais uma vez: —

Papai, o que acha de fazermos um churrasco?

Fez-se silêncio.

— Ele está adorando a ideia - riu estupidamente Ciara. — O sr. Super Chefe vai

mais uma vez cozinhar para as massas.

Holly também riu àquele pensamento. Seu pai ficava tão excitado quando faziam

churrascos; ele levava a coisa toda bastante a sério e ficava ao lado da churrasqueira o

tempo todo, tomando conta de suas maravilhosas criações. Gerry também era assim. O que

ocorria com os homens e os churrascos? Provavelmente era a única coisa que os dois

conseguiam de fato cozinhar; ou isso, ou eram piromaníacos secretos.

— Certo, então você vai avisar Sharon e John, Denise e o seu DJ e vai convidar

aquele cara Daniel para vir também. Ele é delicioso! - riu ela histericamente.

— Ciara, eu mal conheço o sujeito. Peça a Declan para convidá-lo, ele o vê o tempo todo.

— Não, porque quero que você diga sutilmente a ele que o adoro e quero ser a mãe

dos filhos dele. Não acho que Declan se sentiria muito confortável fazendo isto.

Holly gemeu.

— Pare com isto! - cortou Ciara. — É o meu convite de aniversário!

— Tudo bem - cedeu ela —, mas por que você quer todos os meus amigos presentes? E os seus amigos?

— Holly, perdi contato com meus amigos, tenho estado longe por muito tempo. E

todos os meus outros amigos estão na Austrália e os malditos tratantes nem se deram ao

trabalho de ligar para mim - bufou ela.

Holly sabia a quem ela se referia.

— Mas você não acha que esta seria uma ótima oportunidade de recuperar os velhos amigos? Convide-os para o churrasco; é uma ótima ocasião, descontraída.

— Certo, e o que vou dizer a eles quando começarem a fazer perguntas? Você tem

emprego? Hummm... não. Tem namorado? Hummm... não. Onde você mora? Hummm...

na verdade, ainda estou morando com meus pais. Quão patética vou parecer?

Holly desistiu.

— OK, como você quiser... de qualquer forma, vou chamar os outros e... Ciara já

havia desligado.

Holly decidiu se livrar primeiro da ligação mais complicada e digitou o número do

Hogans.

— Alô, Hogans.

— Oi, posso falar com Daniel Connelly, por favor?

— Sim, só um momento. - Ela foi colocada na espera e Greensleeves retumbou em

seu ouvido.

— Alô?

— Oi, Daniel?

— Sim, quem é?

— É Holly Kennedy. - Ela dançava nervosamente pelo quarto, esperando que ele

reconhecesse o nome.

— Quem? - gritou ele, à medida que o barulho ao fundo ficava mais alto.

Holly mergulhou em sua cama constrangida.

— É Holly Kennedy. A irmã de Declan.

— Oh, Holly, olá, espere um segundo enquanto vou para algum lugar mais calmo.

Holly foi condenada a ouvir Greensleeves novamente e dançou pelo quarto, acompanhando a canção.

— Desculpe, Holly - disse Daniel, pegando o telefone outra vez e rindo. — Você

gosta de Greensleeves?

O rosto de Holly ficou vermelho e ela deu um tapa na cabeça.

— Hummm, não, realmente não. — Não conseguiu pensar em mais nada para dizer, então se lembrou do motivo da ligação. — Estou ligando somente para convidá-lo

para um churrasco.

— Oh, ótimo, sim, eu adoraria ir.

— É aniversário de Ciara de sexta a uma semana; você conhece minha irmã Ciara?

— Hummm... sim, a de cabelo cor-de-rosa. - Holly riu.

— Sim, pergunta idiota, todo mundo conhece Ciara. Bem, ela queria que eu convidasse você para o churrasco e sutilmente dissesse que quer casar com você e ser a

mãe de seus filhos.

Daniel começou a rir.

— Certo... isto foi muito sutil.

Holly perguntou se ele estaria interessado na irmã, se era o tipo dele.

— Ela faz 25 de sexta a uma semana - Holly sentiu que precisava acrescentar por

alguma razão desconhecida.

— Oh... certo.

— Hummm, bem, Denise e seu amigo Tom também vão, e Declan vai estar lá com

a banda, claro, então você vai conhecer muita gente.

— Você vai?

— Claro!

— Bom, vou conhecer mais gente ainda então, não é? - riu ele.

— Ótimo, ela vai ficar contente.

— Bem, eu seria grosseiro se não aceitasse um convite de uma princesa.

A princípio Holly pensou que ele estivesse flertando com ela, então percebeu que

estava se referindo ao documentário, portanto resmungou uma resposta incoerente

qualquer. Ele estava quase prestes a desligar, quando um pensamento cruzou a mente de

Holly.

— Oh, só mais uma coisa.

— Vá fundo - disse ele.

— Aquele emprego atrás do bar ainda está disponível?

Vinte e cinco

GRAÇAS A DEUS O DIA ESTAVA LINDO, pensou Holly enquanto trancava o

carro e fazia a volta até a parte posterior da casa dos pais. O tempo mudara drasticamente

naquela semana e havia chovido sem parar. Ciara estava tendo ataques histéricos por causa

do churrasco e fora um inferno estar com ela a semana inteira. Felizmente, para o bem de

todos, o tempo retornara ao seu antigo esplendor. Holly já adquirira um belo bronzeado

por estirar-se ao sol o mês inteiro, uma das vantagens de não ter um emprego e sentiu

vontade de mostrá-lo naquele dia, usando uma bonita e curta saia jeans, que havia

comprado nas liquidações de verão, e uma camiseta branca justa e simples, que a fazia

parecer ainda mais bronzeada.

Holly estava orgulhosa do presente que comprara para Ciara e sabia que Ciara o

adoraria. Era uma argola de borboleta para o umbigo com um pequeno cristal cor-de-rosa

em cada asa. Ela o escolhera para combinar com a nova tatuagem de borboleta de Ciara e

seu cabelo cor-de-rosa, claro. Seguiu o som de risos e ficou satisfeita ao ver que o jardim

estava repleto com a família e os amigos. Denise já havia chegado com Tom e Daniel e

estavam todos deitados na grama. Sharon chegara sem John e estava sentada conversando

com a mãe de Holly, sem dúvida discutindo o progresso de Holly na vida. Bem, ela saíra de

casa, não saíra? Isso, em si, já era um milagre.

Holly franziu as sobrancelhas quando percebeu que Jack, mais uma vez, não estava

presente. Desde que a ajudara a esvaziar o armário de Gerry, andava extraordinariamente

distante. Mesmo quando crianças, Jack sempre fora incrível em entender as necessidades e

sentimentos de Holly sem que ela precisasse apontá-los, mas quando lhe dissera que

precisava de espaço após a morte de Gerry, não estava querendo dizer que desejava ser

completamente ignorada e isolada. Era muito pouco característico dele não entrar em

contato por tanto tempo. O nervosismo agitou o estômago de Holly e ela rezou para que

estivesse tudo bem com ele.

Ciara estava de pé no meio do jardim, gritando com todos e adorando ser o centro

das atenções. Usava um top de biquíni cor-de-rosa, para combinar com o cabelo cor-de-

rosa e o short jeans azul.

Holly aproximou-se com o presente, que foi imediatamente arrancado de suas mãos

e cujo embrulho foi despedaçado. Não precisava ter se dado o trabalho de embrulhá-lo

com tanto cuidado.

— Oh, Holly, adorei! - exclamou Ciara e lançou os braços ao redor do pescoço da

irmã.

— Achei que gostaria - disse Holly, satisfeita por ter escolhido a coisa certa, porque,

de outra forma, sua querida irmã sem dúvida a deixaria saber disso.

— Na verdade, vou usá-lo agora - disse Ciara, arrancando seu piercing do umbigo e

cravando a borboleta na pele.

— Ugh - estremeceu Holly. — Eu podia ter passado sem ver isto, muito obrigada.

Havia um delicioso cheiro de churrasco no ar e a boca de Holly começou a se encher de água. Não se surpreendeu de ver todos os homens amontoados ao redor da

churrasqueira, com seu pai no lugar de honra. Os caçadores deviam fornecer comida às

mulheres.

Holly localizou Richard e avançou em sua direção. Ignorando a conversa,

simplesmente foi direto ao ponto:

— Richard, você limpou meu jardim?

Richard afastou os olhos do churrasco e ergueu os olhos com o rosto confuso.

— Perdão, eu o quê? - O restante dos homens interrompeu a conversa e observou.

— Você limpou meu jardim? - repetiu ela com as mãos nos quadris. Não sabia por

que estava tão zangada com ele, só pela força do hábito provavelmente, porque se ele o

houvesse limpado tinha feito a ela um grande favor. Mas era simplesmente preocupante

voltar para casa e ver outra parte do jardim limpa e não saber quem estava fazendo isso.

— Quando? - Richard olhou para os outros freneticamente, como se houvesse sido

acusado de assassinato.

— Não sei quando - cortou ela. — Durante o dia, nas últimas semanas.

— Não, Holly - retrucou ele. — Alguns de nós precisam trabalhar, sabe. - Holly

lançou-lhe um olhar furioso e seu pai interveio:

— O que é isto, querida, alguém está trabalhando em seu jardim?

— Sim, mas não sei quem — resmungou ela, friccionando a testa e tentando pensar

novamente. — É você, pai?

Frank balançou a cabeça com força, esperando que a filha não houvesse finalmente

perdido o juízo.

— É você, Declan?

— Hummm... pense bem, Holly - disse ele com sarcasmo.

— É você? - ela virou-se para o estranho de pé próximo ao pai.

— Hummm... não, acabei de chegar a Dublin... hummm... para o... hummm, fim de

semana - replicou ele nervoso, com sotaque britânico.

Ciara começou a rir.

— Deixe-me ajudá-la, Holly. Alguém aqui está trabalhando no jardim de Holly? -

gritou ela para o restante da festa. Todos pararam o que estavam fazendo e balançaram a

cabeça com uma expressão de perplexidade no rosto.

— Isto não foi muito mais fácil? - gargalhou Ciara.

Holly balançou a cabeça com incredulidade na direção da irmã e juntou-se a Denise,

Tom e Daniel na parte mais afastada do jardim.

— Oi, Daniel. - Holly inclinou-se para cumprimentá-lo com um beijo no rosto.

— Oi, Holly, faz muito tempo. - Ele estendeu-lhe a lata que estava ao lado dele.

— Ainda não encontrou aquele duende? - riu Denise.

— Não - disse Holly, esticando as pernas à frente e apoiando-se nos cotovelos. —

É simplesmente tão estranho! - Ela contou a história a Tom e Daniel.

— Acha que seu marido talvez tenha planejado isto? - perguntou Tom sem pensar

e Daniel lançou um olhar ao amigo.

— Não - disse Holly afastando os olhos, aborrecida pelo fato de um estranho saber

do assunto. Denise apenas levantou as mãos impotente e deu de ombros.

— Obrigada por ter vindo, Daniel. - Holly virou-se na direção dele, ignorando os

outros dois.

— Não foi problema nenhum, estou contente de ter vindo.

Era estranho vê-lo sem as roupas de inverno habituais; ele vestia camiseta da marinha, shorts de combate da marinha que acabavam logo abaixo dos joelhos e um par de

tênis da marinha. Ela observou-lhe os bíceps enquanto ele tomava um gole de cerveja. Não

fazia ideia de que ele estivesse em tão boa forma.

— Você está muito moreno - comentou ela, tentando pensar numa desculpa por ter

sido pega olhando para os bíceps dele.

— Você também - disse ele, olhando propositadamente para as pernas dela.

Holly riu e dobrou-as embaixo do corpo.

— Uma consequência do desemprego; qual a sua desculpa?

— Estive algum tempo em Miami no mês passado.

— Sorte sua, você se divertiu?

— Foi ótimo - assentiu ele, sorrindo. — Já esteve lá? - Ela balançou a cabeça.

— Mas pelo menos vamos para a Espanha na semana que vem. Mal posso esperar.

— Ela esfregou as mãos entusiasmada.

— Sim, ouvi falar. Foi uma bela surpresa para você. - Ele lançou-lhe um sorriso,

enrugando o canto dos olhos.

— Nem me fale. - Holly balançou a cabeça, ainda quase sem acreditar.

Conversaram por algum tempo sobre as férias dele e a vida dos dois em geral, e Holly

desistiu de comer seu hambúrguer diante dele, já que não ia achar nada fácil comê-lo sem

ketchup e maionese escorrendo da boca sempre que fosse sua vez de falar.

— Espero que você não tenha ido a Miami com outra mulher ou Ciara ficaria arrasada - brincou ela; então se aborreceu por ter sido tão abelhuda.

— Não, não fui - disse ele, sério. — Terminamos alguns meses atrás.

— Oh, lamento ouvir isto - disse ela sinceramente. — Vocês estavam juntos há

muito tempo?

— Sete anos.

— Uau, é muito tempo.

— Sim. - Afastou o olhar e Holly percebeu que ele não se sentia muito à vontade

em conversar a respeito daquilo, então rapidamente mudou de assunto.

— A propósito, Daniel - Holly abaixou a voz para um sussurro e Daniel aproximou-se. — Quero justamente agradecer-lhe por ter cuidado de mim depois do

documentário. A maioria dos homens sai correndo quando vê uma garota chorar; você não

fez isto, então obrigada. – Holly sorriu agradecida.

— Sem problemas, Holly, não gosto de vê-la angustiada. - Daniel devolveu o sorriso.

— Você é um bom amigo - disse Holly, pensando alto. Daniel pareceu satisfeito.

— Por que não saímos para beber alguma coisa ou fazer algo especial antes de você

viajar?

— Talvez eu consiga saber tanto de você quanto você sabe a meu respeito - riu

Holly. — Acho que você conhece toda a história da minha vida a esta altura.

— Sim, eu gostaria - concordou Daniel, e eles arranjaram um tempo para se encontrar.

— A propósito, você deu a Ciara aquele presente de aniversário? - perguntou Holly,

excitada.

— Não - riu ele. — Ela tem andado meio... ocupada.

Holly olhou em volta para procurar a irmã e a localizou flertando com um dos amigos de Declan, para grande desgosto deste. Holly riu. Tanto pior para seu desejo de ser

a mãe dos filhos de Daniel.

— Vou chamá-la aqui, posso?

— Vá em frente - disse Daniel.

— Ciara! - chamou Holly. — Tenho outro presente para você!

— Ooh! - gritou Ciara encantada e abandonou um jovem com ar muito desapontado.

— O que é? - Ela desmoronou na grama ao lado deles. Holly inclinou a cabeça na

direção de Daniel.

- É dele.

Ciara virou-se para encará-lo, entusiasmada.

— Estive pensando se você gostaria de um emprego para trabalhar no bar no Clube

Diva.

Ciara levou as mãos à boca.

— Daniel, isto seria maravilhoso!

— Você já trabalhou em algum bar?

— Sim, montes de vezes. - Ela balançou a mão em sinal de desdém. Daniel ergueu

as sobranceiras; procurava um pouco mais de informação do que aquilo.

— Fiz serviço de bar em quase todos os países em que estive, honestamente! - disse

ela excitada.

Daniel sorriu.

— Então você acha que é capaz de fazer isto?

— Sempre! - gritou ela e atirou os braços ao redor dele. Qualquer coisa era uma

desculpa, pensou Holly, enquanto assistia à irmã praticamente estrangular Daniel. O rosto

dele começou a ficar vermelho e ele fez cara de "me salve" na direção de Holly.

— Certo, certo, já é suficiente, Ciara - riu Holly, arrastando-a para longe de Daniel.

— Você não quer matar seu novo chefe.

— Desculpe - disse Ciara, recuando. — Isto é tão legal! Tenho um emprego,

Holly

– gritou ela novamente.

— Sim, eu ouvi - disse Holly.

De repente, o jardim ficou muito quieto e Holly olhou em volta para ver o que estava acontecendo. Todos estavam voltados para a estufa e os pais de Holly apareceram

na porta com um grande bolo de aniversário nas mãos, cantando Parabéns. Os outros se

juntaram a eles e Ciara deu um salto, adorando toda aquela atenção. Quando seus pais

saíram para o jardim, Holly avistou alguém atrás deles com um enorme buquê de flores.

Seus pais caminharam na direção de Ciara e colocaram o bolo de aniversário sobre a mesa

diante dela e o estranho atrás deles afastou lentamente o buquê do rosto.

— Mathew! - arfou Ciara.

O rosto de Ciara empalideceu e Holly segurou a mão dela.

— Desculpe-me por ter sido tão bobo, Ciara. - O sotaque australiano de Mathew

ecoou pelo jardim. Alguns dos amigos de Declan riram alto, obviamente pouco à vontade

diante daquela franca demonstração de emoção. Ele na verdade parecia estar representando

uma cena de sabonete australiano mas, apesar de tudo, o drama sempre parecia funcionar

com Ciara.

— Amo você! Por favor, me aceite de volta! - anunciou ele, e todos se viraram para

encarar Ciara e ver o que ela diria.

Seu lábio inferior começou a tremer, ela correu para Mathew e pulou sobre ele,

enrascando as pernas na cintura dele e os braços ao redor do pescoço.

Holly foi dominada pela emoção e lágrimas brotaram de seus olhos à vista da

irmã

reunindo-se ao homem que amava. Declan agarrou a câmera e começou a filmar. Daniel

colocou o braço ao redor dos ombros de Holly e deu-lhe um aperto encorajador.

— Sinto muito, Daniel - disse Holly, enxugando os olhos —, mas acho que você

acaba de perder a sua futura esposa e a mãe dos seus filhos.

— Não é nada preocupante - riu ele —, não devo misturar negócios com prazer de

qualquer maneira. - Ele parecia aliviado.

Holly continuou a olhar, enquanto Mathew girava Ciara nos braços.

— Oh, vão para um quarto! - gritou Declan desgostoso, e todos riram.

Holly sorriu na direção da banda de jazz quando passou e olhou ao redor do bar à

procura de Denise. Haviam combinado de se encontrar no bar favorito das garotas, Juicy,

conhecido por seu abrangente cardápio de coquetéis e música relaxante. Holly não tinha

intenção de ficar bêbada naquela noite, já que desejava aproveitar as férias tanto quanto

pudesse no dia seguinte. Pretendia estar bem desperta e cheia de energia para sua semana

de descanso, graças a Gerry. Localizou Denise aninhada nos braços de Tom, sobre um

amplo e confortável sofá de couro preto, numa área reservada, com vistas para o rio Liffey.

Dubin estava iluminada para a noite e todas as suas cores refletiam-se na água. Daniel

sentava-se diante de Denise e Tom, sorvendo furiosamente um daiquiri de morango, os

olhos inspecionando o local. Legal ver que Tom e Denise estavam excluindo todo mundo

novamente.

— Sinto muito pelo atraso - desculpou-se Holly, aproximando-se dos amigos.
—

Eu só queria terminar de arrumar as malas antes de sair.

— Você não está perdoada - disse Daniel baixinho em seu ouvido, enquanto lhe

dava um abraço e um beijo acolhedores.

Denise olhou para Holly e sorriu, Tom acenou ligeiramente e eles voltaram a atenção um para o outro.

— Não sei por que se dão ao trabalho de convidar outras pessoas para sair. Eles

ficam apenas sentados ali, olhando um nos olhos do outro, ignorando o resto do mundo.

Eles sequer conversam! E então fazem você se sentir como se os estivesse interrompendo

se inicia uma conversa. Acho que entre eles rola um papo telepático misterioso - disse

Daniel, sentando-se novamente e tomando outro gole de sua bebida. Ele fez uma careta

diante do sabor adocicado. — E eu realmente preciso de uma cerveja.

Holly riu.

— Somando tudo, você parece estar tendo uma noite fantástica.

— Sinto muito - desculpou-se Daniel. — É que faz tanto tempo que falei com outro ser humano, que esqueci as boas maneiras.

Holly deu um risinho nervoso.

— Bem, eu vim para salvá-lo.

Ela apanhou o cardápio e analisou a seleção de drinques diante dela. Escolheu a

bebida com o mais baixo teor alcoólico e acomodou-se na cadeira confortável.

— Eu poderia pegar no sono aqui - observou ela, aninhando-se mais na cadeira.

Daniel ergueu as sobrancelhas.

— Então eu realmente levaria para o lado pessoal.

— Não se preocupe, não vou fazer isto - assegurou ela. — Então, sr. Connelly, o

senhor sabe absolutamente tudo a meu respeito. Esta noite minha missão é descobrir sobre

você, então esteja preparado para o meu interrogatório.

Daniel sorriu.

— Certo, estou pronto. - Holly pensou a respeito de sua primeira pergunta.

— De onde você é?

— Nascido e criado em Dublin. - Ele tomou um gole de seu coquetel vermelho e

fez outra careta. — E se qualquer pessoa com quem cresci me visse bebendo este negócio

e ouvindo jazz, eu estaria encrencado.

Holly deu uma risadinha.

— Depois que terminei o colégio entrei para o exército - continuou ele.

Holly ergueu os olhos, impressionada.

— Por que decidiu fazer isto?

Ele sequer pensou a respeito.

— Porque não tinha a mínima ideia do que queria fazer de minha vida, e o dinheiro

era bom.

— Nada a ver com salvar vidas inocentes - riu Holly.

— Só fiquei no exército por poucos anos.

— Por que saiu? - Holly bebericou sua bebida sabor lima.

— Porque percebi que tinha compulsão por beber coquetéis e ouvir jazz e isto não

seria permitido nos alojamentos do exército - explicou ele.

Holly riu.

— Sério, Daniel. - Ele sorriu.

— Desculpe, simplesmente não era para mim. Meus pais haviam se mudado para

Galway para administrar um pub e a ideia, me atraiu. Então me mudei para Galway para

trabalhar lá e finalmente meus pais se aposentaram; então assumi a direção do pub, decidi

alguns anos atrás que queria ser dono de um, trabalhei duro, economizei meu dinheiro,

peguei o maior financiamento que jamais havia pego, voltei para Dublin e comprei o

Hogans. E aqui estou eu, conversando com você.

Holly sorriu.

— Bem, é uma história de vida maravilhosa, Daniel.

— Nada especial, mas de qualquer forma é uma vida. - Ele lhe devolveu o sorriso.

— Então, onde é que a ex entra em tudo isto? - perguntou Holly.

— Exatamente no meio de tudo isto, entre dirigir o pub em Galway e largar tudo

para vir para Dublin.

— Ah... entendi - assentiu Holly. Esvaziou seu copo e pegou o cardápio novamente.

— Acho que vou escolher Sexo na Praia.

— Quando? Nas férias? - provocou Daniel.

Holly deu-lhe um soco no braço de brincadeira.

— Nem em um milhão de anos.

Vinte e seis

— ESTAMOS INDO PARA NOSSAS FÉRIAS DE VERÃO! - cantavam as garotas no carro por todo o caminho até o aeroporto. John havia se oferecido para levá-las

até o aeroporto, mas estava rapidamente começando a se arrepender. Elas agiam como se

nunca houvessem saído do país. Holly não conseguia se lembrar da última vez

em que de

fato se sentira tão excitada. Era como se houvesse voltado à escola e estivesse saindo para

uma excursão. Sua mala achava-se repleta de pacotes de balas, chocolates e revistas, e elas

não conseguiam parar de cantar músicas de mau gosto na traseira do carro. O voo não

sairia antes das nove da noite, portanto não chegariam às suas acomodações antes das

primeiras horas da manhã.

Chegaram ao aeroporto e saltaram desordenadamente do carro, enquanto John retirava a bagagem do porta-malas. Denise atravessou a rua correndo em direção à sala de

embarque, como se aquilo a fizesse chegar ao destino mais rápido, mas Holly ficou para

trás perto do carro e esperou por Sharon, que estava se despedindo do marido.

— Você vai tomar cuidado, não vai? - perguntou ele, preocupado. — Não faça nada estúpido por lá.

— John, é claro que vou tomar cuidado.

John não estava ouvindo uma palavra do que ela dizia.

— Porque uma coisa é arrumar confusão por aqui, mas você sabe que não pode

agir assim em outro país.

— John - disse Sharon, colocando os braços ao redor do pescoço dele —, só estou

saindo para umas férias legais e tranquilas; não precisa se preocupar comigo.

Ele sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido e ela assentiu.

— Eu sei, eu sei.

Eles deram um longo beijo de despedida e Holly viu seus amigos de toda a vida se

abraçarem. Apalpou o bolso dianteiro da bolsa à procura da carta de agosto de Gerry.

Poderia abri-la em alguns dias, enquanto estivesse deitada na praia. O sol, a areia, o mar e

Gerry, tudo num só dia.

— Holly, tome conta da minha maravilhosa mulher para mim, certo? - perguntou

John, intrometendo-se nos pensamentos de Holly.

— Vou fazer isto, John. Só estamos saindo por uma semana, sabe? - Holly riu e deu

lhe um abraço.

— Eu sei, mas depois de ver do que vocês são capazes quando saem à noite, estou

um pouco preocupado - sorriu ele. — Divirta-se, Holly, você merece o descanso.

John as observou enquanto atravessavam a rua arrastando a bagagem e entravam

no salão de embarque.

Holly parou quando cruzou a porta e respirou fundo. Adorava aeroportos. Adorava

o cheiro, adorava o barulho, adorava todo o ambiente, com as pessoas circulando

alegremente rebocando a bagagem, ansiosas para sair de férias ou voltando para casa.

Adorava ver gente chegando e sendo recebida com grande animação pelos familiares e

adorava vê-los abraçando-se comovidos. Era um lugar perfeito para observar as pessoas. O

aeroporto sempre lhe dava uma sensação de expectativa no fundo do estômago, como se

estivesse prestes a fazer algo especial e maravilhoso. Na fila do portão de embarque, sentiu-

se como uma criancinha excitada esperando para andar na montanha russa de um parque

de diversões.

Holly seguiu Sharon e elas reuniram-se a Denise na metade da longa fila para o check-in.

— Eu disse a vocês que deveríamos ter vindo mais cedo - lamentou-se Denise.

— Ficaríamos esperando no portão de embarque o mesmo tempo considerou Holly.

— Sim, mas lá ao menos existe um bar - explicou Denise — e é o único lugar em

todo este prédio estúpido em que nós fumantes, malucos, podemos fumar - resmungou.

— Bom motivo - Holly pensou alto.

— Agora, só quero dizer uma coisa a vocês duas antes até mesmo de partirmos.

Não vou beber que nem louca ou participar de noitadas malucas. Só quero poder relaxar ao

lado de uma piscina ou na praia com meu livro, curtir boas refeições e ir para cama cedo -

disse Sharon, séria.

Denise olhou para Holly chocada.

— É muito tarde para convidar outra pessoa, Hol? O que acha? As malas de Sharon ainda estão feitas e John não pode estar muito longe.

Holly riu.

— Tenho de concordar com Sharon desta vez. Quero apenas ir e relaxar e não fazer nada muito estressante.

Denise fez cara feia, como uma criança.

— Não se preocupe, bobinha - disse Sharon baixinho —, tenho certeza que vai

haver outras crianças da sua idade com quem brincar.

Denise apontou o dedo na direção dela.

— Bem, se me perguntarem se tenho algo a declarar quando chegar lá, vou dizer

para todo mundo que minhas duas amigas são um saco.

Sharon e Holly abafaram o riso.

Depois de trinta minutos na fila, elas finalmente fizeram o check-in e Denise correu

para a loja como uma desvairada, a fim de comprar um estoque de cigarros que duraria por

toda uma vida.

— Por que aquela garota está me encarando? - disse Denise entre dentes, observando a garota no fundo do bar.

— Provavelmente porque você a está encarando - respondeu Sharon, checando o

relógio.

— Só mais quinze minutos.

— Não, honestamente, meninas. - Denise girou para ficar de frente para elas.

—

Não estou sendo a paranoica aqui, ela está definitivamente nos encarando.

— Bem, então por que você não vai até lá e pergunta a ela se quer resolver isto lá

fora? - brincou Holly e Sharon abafou o riso.

— Oh, aí vem ela - cantarolou Denise e deu as costas à garota. Holly ergueu os

olhos e viu uma garota loura e muito magra, com peitos grandes e falsificados,

encaminhando-se na direção delas.

— É melhor você pegar suas luvas de boxe, Denise, ela parece perigosa - provocou

Holly e Sharon engasgou com a bebida.

— Olá! - gritou a garota.

— Olá - disse Sharon, tentando não rir.

— Eu não tinha a intenção de ser grosseira ao ficar encarando, mas simplesmente

tinha de vir até aqui para ver se era mesmo você!

— Tudo bem, sou eu - disse Sharon sarcástica —, pessoalmente.

— Oh, eu sabia - gritou a garota e pulou para cima e para baixo de entusiasmo. De

forma pouco surpreendente, seu peito permaneceu imóvel. — Minhas amigas estavam me

dizendo que eu estava errada, mas eu sabia que era você! Lá estão elas. - Ela virou-se e

apontou para o fundo do bar e as outras quatro excitantes garotas levantaram o dedo em

resposta. Meu nome é Cindy...

Sharon engasgou com sua água novamente.

— ...e sou a maior fã de todas vocês - gritou ela excitada. — Simplesmente adorei o

documentário em que todas estão, assisti dúzias e dúzias de vezes! Você faz o papel de

princesa Holly, não é? - perguntou ela, apontando uma unha manicurada na direção do

rosto de Holly.

Holly abriu a boca para responder, mas Cindy continuou falando.

— E você faz o papel da dama de companhia dela! - apontou para Denise. — E

você! - gritou ela mais alto ainda, apontando para Sharon —, você era amiga daquela estrela

australiana de rock!

As garotas se entreolharam preocupadas quando ela puxou uma cadeira e sentou-se

à mesa delas.

— Sabe, eu mesma sou uma atriz... - Denise girou os olhos. — ...e simplesmente

adoraria trabalhar num documentário como o de vocês. Quando vão fazer o próximo?

Holly abriu a boca para explicar que elas não eram realmente atrizes, mas Denise a

impediu.

— Estamos em negociações neste exato momento a respeito de nosso próximo

projeto - mentiu ela.

— Fantástico! - Cindy bateu palmas. — E sobre o quê?

— Bem, não podemos dizer agora, mas temos de ir a Hollywood para filmar.

Cindy parecia prestes a ter um ataque cardíaco.

— Oh, meu Deus! Quem é o agente de vocês?

— Frankie - Sharon interrompeu Denise —, portanto nós e Frankie estamos todos

indo para Hollywood.

Holly não conseguia conter o riso.

— Não ligue para ela, Cindy, ela está apenas excitada - explicou Denise.

— Uau, e vocês também deveriam estar! - Cindy olhou para o cartão de embarque

de Denise sobre a mesa e quase teve uma parada cardíaca. Uau, vocês também estão indo

para Lanzarote?!

Denise agarrou o cartão de embarque e o enfiou dentro da bolsa, como se aquilo

fizesse alguma diferença.

— Estou indo para lá com minhas amigas. Elas estão logo ali. - Ela virou-se novamente, acenou na direção das garotas novamente e elas retribuíram o aceno

novamente. — Vamos ficar num lugar chamado Costa Palma Palace. Onde vocês garotas

vão ficar?

O coração de Holly afundou.

—Oh, não consigo me lembrar do nome, vocês conseguem? - Ela olhou para Sharon e Denise com olhos arregalados.

As duas balançaram a cabeça vigorosamente.

— Bem, não é motivo para preocupação - Cindy deu de ombros alegremente —, de

qualquer forma vou ver vocês quando desembarcarmos! Agora é melhor embarcar, não

quero que o avião levante voo sem mim! - disse ela tão alto que as pessoas nas mesas ao

redor viraram-se para olhar. Ela deu um grande abraço em cada uma das garotas e afastou-

se rebolando para reunir-se às amigas.

— Parece que vamos precisar daquelas luvas de boxe afinal de contas - disse Holly

mesquinamente.

— Não importa - soltou Sharon, sempre otimista. — Podemos simplesmente ignorá-la.

Elas ficaram de pé e dirigiram-se ao portão de embarque. Quando se encaminharam

a seus lugares, o coração de Holly afundou mais uma vez e ela imediatamente mergulhou

no assento mais afastado do corredor. Sharon sentou-se ao lado dela e o rosto de Denise

era uma pintura quando percebeu ao lado de quem teria de se sentar.

— Oh, incrível! Você vai se sentar ao meu lado! - gritou Cindy para Denise. Denise

lançou a Sharon e Holly um olhar indecente e desabou ao lado de Cindy.

— Viu? Eu disse que você encontraria uma amiguinha para brincar - sussurrou

Sharon para Denise. Sharon e Holly tiveram ataques de riso.

Vinte e sete

QUATRO HORAS DEPOIS, o avião planou sobre o mar e aterrisou no aeroporto de Lanzarote, fazendo todo mundo aclamar e aplaudir. Ninguém no avião estava

mais aliviado que Denise.

— Estou com a maior dor de cabeça - queixou-se ela para as garotas enquanto

se

encaminhavam para a esteira rolante para recolher as bagagens. — Aquela maldita garota

simplesmente fala sem parar. - Ela massageou as têmporas e fechou os olhos, aliviada com

a tranquilidade.

Sharon e Holly localizaram Cindy e seu time vindo à direção delas e se lançaram

para o meio da multidão, deixando Denise de pé sozinha, com os olhos fechados.

Abriram caminho por entre as pessoas, de modo a ter uma boa visão da bagagem.

Todos acharam uma ótima ideia permanecer justamente ao lado da esteira de bagagens e se

inclinar para frente, a fim de que ninguém pudesse enxergar o que estava vindo. Os

passageiros ficaram ali por quase meia hora antes que a esteira começasse sequer a se

mover e outra meia hora mais tarde, elas ainda estavam esperando pela bagagem, enquanto

a maioria das pessoas já se encaminhara à sua condução.

— Suas piranhas - disse Denise, aproximando-se delas zangada, arrastando a mala

atrás de si. — Vocês ainda estão esperando a bagagem?

— Não, só acho estranhamente reconfortante ficar de pé aqui assistindo ao resto da

bagagem girar e girar e girar. Por que você não sai para pegar a condução e eu fico aqui e

continuo a me divertir? - disse Sharon sarcástica.

— Bem, espero que eles tenham perdido sua mala - disparou Denise. — Ou melhor ainda, espero que sua bagagem se abra de repente e todas as suas calcinhas e sutiãs

enormes se espalhem pela esteira para que todos vejam.

Holly olhou para Denise com ar divertido.

— Está se sentindo melhor agora?

— Não até que eu fume um cigarro - replicou ela, mas ainda conseguiu sorrir.

— Oh, lá está minha mala! - disse Sharon alegremente e puxou-a para fora da esteira, conseguindo acertar Holly nas pernas.

— Uau!

— Sinto muito, mas preciso salvar minhas roupas.

— Se tiverem perdido minhas roupas, vou processá-los - disse Holly zangada. A

essa altura, todos os outros já haviam ido embora e elas eram as únicas pessoas ali dentro.

— Por que sou sempre a última a ficar esperando pelas bagagens? - perguntou ela

às amigas.

— É a lei de Murphy - explicou Sharon. — Ah, aí está ela. - Agarrou a mala e mais

uma vez golpeou as pernas já doloridas de Holly.

— Uau! Uau! Uau! - gritou Holly, massageando as pernas. — Você não podia pelo

menos puxar esta maldita coisa para o outro lado?

— Desculpe - disse Sharon na defensiva —, só puxo num único sentido, querida.

As três encaminharam-se ao exterior para conhecer seu guia de férias.

— Pare, Gary! Saia de cima de mim! - ouviram uma voz gritar enquanto dobravam

uma esquina. Seguiram o som e localizaram uma jovem vestida com uniforme vermelho de

guia turístico sendo atacada por um jovem também vestido com uniforme vermelho de

guia turístico.

As garotas aproximaram-se e ela se recompôs.

— Kennedy, McCarthy e Hennessey? - perguntou ela com um pesado sotaque

londrino.

As garotas assentiram.

— Oi, sou Victoria e sou sua guia turística pela próxima semana. - Ela plantou um

sorriso no rosto. — Portanto, sigam-me e vou mostrá-las ao condutor. - Ela piscou de

forma atrevida para Gary e conduziu as garotas ao exterior.

Eram duas horas da manhã, mas ainda assim uma brisa quente recebeu-as quando

puseram os pés do lado de fora. Holly sorriu para as garotas, que também haviam sentido a

brisa; agora estavam realmente de férias. Quando subiram na condução, todos aclamaram e

Holly amaldiçoou-os silenciosamente, esperando que aquilo não fosse se tornar umas férias

chatas do tipo “vamos todos fazer amigos”.

— Uuuuhh-huuuhh - cantou Cindy. Ela estava de pé em seu assento e acenava na

direção delas. — Guardei lugar para vocês aqui atrás!

Denise suspirou alto por cima dos ombros de Holly e as garotas arrastaram-se até o

banco traseiro do ônibus. Holly teve a sorte de sentar-se ao lado da janela, onde podia

ignorar o restante das pessoas. Esperava que Cindy entendesse que queria ser deixada

sozinha, a maior pista disso sendo o fato de Holly a haver ignorado desde o momento em

que se aproximara da mesa delas rebolando.

Quarenta e cinco minutos depois, chegaram ao Costa Palma Palace e a excitação

mais uma vez voltou ao estômago de Holly. Havia um longo acesso ao hotel e altas

palmeiras estendiam-se no centro da pista. Uma enorme fonte, diante da

entrada principal,

achava-se iluminada com luzes azuis e, para contrariedade de Holly, todos no ônibus

aclamaram mais uma vez quando saltaram. As garotas estavam registradas num

apartamento-estúdio, lindo e do tamanho perfeito, contendo um quarto com camas

contíguas, uma pequena cozinha e uma sala com um sofá-cama, um banheiro, claro, e uma

varanda. Holly dirigiu-se à varanda e olhou para o mar. Embora estivesse muito escuro

para ver o que quer que fosse, Holly podia ouvir a água fustigando gentilmente a areia.

Fechou os olhos e escutou.

— Cigarro, cigarro, preciso fumar um cigarro. - Denise juntou-se a ela, abrindo o

maço de cigarros e aspirando com força. — Ah! Assim está muito melhor; não tenho mais

o desejo de matar as pessoas.

Holly riu; estava ansiosa para passar o tempo com as amigas.

— Hol, você se importa se eu dormir no sofá-cama? Assim posso fumar...

— Só se você deixar a porta aberta, Denise - gritou Sharon de dentro. — Não vou

acordar de manhã com fedor de fumaça.

— Obrigada - disse Denise alegremente.

Às nove horas daquela manhã, Holly foi acordada ao som dos movimentos de Sharon.

Sharon sussurrou-lhe que estava descendo até a piscina para reservar espreguiçadeiras para elas.

Quinze minutos mais tarde, Sharon voltou ao apartamento.

— Os alemães roubaram todas as espreguiçadeiras - disse com raiva. Vou estar na

praia se precisarem de mim.

Holly resmungou sonolenta uma resposta qualquer e pegou no sono novamente. Às

dez horas, Denise pulou em cima dela na cama e elas decidiram se levantar e juntar-se a

Sharon na praia.

A areia estava quente e elas tinham de manter-se em movimento para não queimar

a sola dos pés. Não importava o quão orgulhosa Holly estivera de seu bronzeado na

Irlanda, era óbvio que haviam acabado de chegar à ilha, já que eram as pessoas mais

brancas no local.

Localizaram Sharon sentada à sombra de um guarda-sol, lendo seu livro.

— Isto é tão lindo, não é? - sorriu Denise, olhando ao redor. Sharon levantou os

olhos do livro e sorriu.

— Paraíso.

Holly olhou em volta para verificar se Gerry viera para o mesmo paraíso. Não,

nenhum sinal dele. A toda a volta havia casais; casais passando creme de bronzear no corpo

um do outro, casais passeando de mãos dadas ao longo da praia, casais jogando frescobol e,

exatamente em frente a sua espreguiçadeira, um casal tomava banho de sol abraçado. Holly

não teve tempo para sentir-se deprimida, pois Denise havia retirado sua saída de praia e

saltitava na areia quente, vestindo nada mais que uma reduzida tanga de pele de leopardo.

— Alguma de vocês vai passar creme em mim?

Sharon abaixou o livro e a encarou por cima do aro de seus óculos de leitura.

— Eu passo, mas você mesma pode passar creme nos seus peitos e na sua

bunda.

— Droga - brincou Denise. — Não se preocupe, vou pedir a outra pessoa então. —

Denise sentou-se na beirada da espreguiçadeira de Sharon, enquanto esta espalhava o

creme. — Sabe de uma coisa, Sharon?

— O quê?

— Você vai ficar com uma marca horrível se não tirar este sarongue. - Sharon olhou na direção do próprio corpo e puxou a saia curta mais para baixo, cobrindo as pernas.

— Que bronzeado? Eu nunca fico bronzeada. Tenho uma linda pele irlandesa, Denise. Você não sabia que a cor azul é o novo moreno?

Holly e Denise riram. Por mais que Sharon tentasse bronzear-se ao longo dos anos,

acabava apenas se queimando e depois descascando. Ela por fim desistira de tentar e

aceitara o fato de sua pele estar destinada a ser azul.

— Além disso, estou parecendo um balão atualmente e não quero assustar ninguém.

Holly olhou para a amiga, aborrecida com ela por ter chamado a si mesma de balão.

Ela ganhara um pouco de peso, mas não estava gorda de jeito nenhum.

— Então por que você não vai até a piscina e espanta todos aqueles alemães? -

brincou Denise.

— Ei, garotas, realmente precisamos acordar mais cedo amanhã para pegar um

lugar na piscina. A praia cansa depois de algum tempo - sugeriu Holly.

- Não se “prreocupe. Vamoz pegarrrrr ezez alemãez” - brincou Sharon. As garotas

relaxaram na praia pelo restante do dia, ocasionalmente mergulhando no mar

para se

refrescar. Almoçaram no bar da praia e no geral tiveram um dia preguiçoso, exatamente

como haviam planejado. Aos poucos, Holly sentiu todo o estresse e tensão abrindo

caminho para fora de seus músculos, e por algumas horas sentiu-se livre.

Aquela noite, foram bem-sucedidas em evitar a Brigada da Barbie e aproveitaram o

jantar em um dos muitos restaurantes que se alinhavam ao longo da rua movimentada, não

muito distante do hotel.

— Não posso acreditar que sejam dez horas e já estamos voltando para o apartamento - disse Denise, examinando longamente a imensa seleção de bares ao seu

redor.

As pessoas lotavam os bares ao ar livre e sobre a calçada, a música vibrando a partir

de cada construção, misturando-se para produzir um som estranho e eclético. Elas pararam

de conversar enquanto captavam as imagens, sons e odores ao seu redor. O som alto de

risadas, do retinir de copos e de cantos vinham de todas as direções. Luzes de néon

piscavam e zumbiam, cada uma lutando por seus próprios clientes. Na rua, proprietários de

bar brigavam uns com os outros para convencer os transeuntes a entrar, distribuindo

folhetos, bebidas grátis e brindes.

Corpos jovens e bronzeados exibiam-se em grandes grupos ao redor das mesas ao

ar livre e passavam por elas confiantes na rua, o perfume de óleo de bronzear à base de

coco impregnando o ar. Ao observar a média de idade da clientela, Holly

sentiu-se velha.

— Bem, podemos ir a um bar para tomar alguns drinques se vocês quiserem - disse

Holly em dúvida, observando os jovens dançando na rua.

Denise parou e examinou os bares, a fim de escolher um deles.

— Tudo bem, beleza. - Um sujeito bastante atraente parou e luziu seus dentes brancos para Denise. Possuía sotaque inglês. — Você vai entrar aqui comigo?

Denise encarou o jovem por certo tempo, perdida em pensamentos. Sharon e Holly

deram-se um sorriso forçado, sabendo que Denise não iria para a cama cedo afinal de

contas. Na verdade, conhecendo-a, Denise poderia não ir absolutamente para a cama

naquela noite.

Por fim, Denise pulou para fora de seu transe e endireitou o corpo.

— Não, obrigada, tenho um namorado e estou apaixonada por ele! - Anunciou

orgulhosamente. — Vamos, meninas! - disse ela para Holly e Sharon, e afastou-se na

direção do hotel.

As duas garotas permaneceram na calçada, boquiabertas do choque. Não podiam

absolutamente acreditar. Tiveram de correr para alcançá-la.

— Por que vocês duas estão com cara de idiota? - sorriu Denise.

— Você - disse Sharon, ainda chocada. — Quem é você e o que fez com a minha

amiga devoradora de homens?

— OK. - Denise ergueu as mãos e forçou um sorriso. — Talvez ser solteiro não

seja tudo isso que dizem.

Holly abaixou os olhos e chutou uma pedra no caminho enquanto percorriam o

trajeto de volta ao hotel. Certamente ser solteiro não era nada do que diziam ser.

— Bom para você, Denise - disse Sharon alegremente, colocando o braço ao redor

da cintura da amiga e dando-lhe um ligeiro aperto.

Elas ficaram em silêncio e Holly ouviu a música morrer devagar, restando apenas a

batida do baixo a distância.

— Aquela rua me fez sentir tão velha - disse Sharon de repente.

— A mim também! - os olhos de Denise se arregalaram. — Desde quando pessoas

tão jovens começaram a sair?

Sharon desatou a rir.

— Denise, as pessoas não estão ficando mais jovens, temo que nós é que estejamos

ficando mais velhas.

Denise pensou a respeito por um momento.

— Bem, não é que sejamos velhas velhas, pelo amor de Deus. Quero dizer, não é

exatamente nossa vez de pendurar as chuteiras e agarrar a bengala. Poderíamos ficar fora a

noite toda se quiséssemos, só estamos... cansadas. Tivemos um dia longo... oh meu Deus,

isto soa tão velho.

Denise continuou a divagar consigo mesma, mas Sharon estava muito ocupada

observando Holly que, de cabeça baixa, chutava uma pedra no caminho.

— Holly, você está bem? Já há algum tempo você não diz uma palavra. - Sharon

parecia preocupada.

— Eu só estava pensando - disse Holly baixinho, mantendo a cabeça abaixada.

— Pensando em quê? - perguntou Sharon com voz suave. Holly ergueu a

cabeça.

— Gerry. - Olhou para as garotas. — Eu estava pensando em Gerry.

— Vamos descer até a praia - sugeriu Denise, e elas retiraram os sapatos e permitiram que seus pés afundassem na areia fresca.

O céu estava escuro e sem nuvens e milhões de pequenas estrelas cintilavam sobre

elas; era como se alguém houvesse atirado purpurina sobre uma enorme rede negra. A lua

cheia repousava baixa no horizonte, refletindo seus raios e desenhando o encontro de céu e

mar. As garotas sentaram-se à beira d'água. O mar melodioso agitava-se gentilmente diante

delas, acalmando-as, relaxando-as. O ar estava quente, mas uma ligeira brisa fresca passou

roçando por Holly, e seus cabelos lhe produziram cócegas na pele. Ela fechou os olhos,

respirou fundo e encheu os pulmões de ar fresco.

— Sabe, foi por isto que ele trouxe você aqui - disse Sharon, observando a amiga

relaxar.

Os olhos de Holly permaneceram fechados e ela sorriu.

— Você não fala muito sobre ele, Holly - disse Denise em tom casual, fazendo

desenhos na areia com os dedos.

Holly abriu os olhos lentamente. Sua voz soou baixa, porém cálida e suave.

— Eu sei.

Denise afastou os olhos dos círculos que desenhava na areia.

— Por que não?

Holly fez uma pequena pausa e olhou para a escuridão do mar.

— Não sei como falar sobre ele. - Ela pensou por um momento. — Não sei se digo

Gerry "era" ou Gerry "é". Não sei se fico triste ou feliz quando falo sobre ele

para outras

pessoas. Se fico feliz quando falo nele, certas pessoas reparam e esperam que eu me acabe

de tanto chorar. Se fico angustiada quando falo nele, isto faz com que as pessoas se sintam

pouco confortáveis, - Ela olhou para longe, para o mar escuro cintilando ao fundo, e sua

voz soou mais baixa quando falou novamente. — Não posso xingá-lo na conversa, como

costumava fazer, porque parece errado. Não posso falar sobre coisas que ele me contou em

segredo, porque não quero revelar seus segredos, porque são os segredos dele.

Simplesmente não sei como lembrá-lo numa conversa. Isto não significa que não me

lembre dele aqui - ela bateu de leve nas têmporas.

As três garotas sentavam-se de pernas cruzadas sobre a areia macia.

— John e eu conversamos sobre Gerry o tempo todo. - Sharon olhou para Holly

com olhos brilhantes. — Conversamos sobre às vezes em que ele nos fez rir, o que foi um

bocado. - As garotas riram àquela lembrança. — Conversamos até mesmo sobre as vezes

em que brigamos. Coisas de que gostávamos nele, coisas que ele fazia e que realmente nos

aborreciam.

Holly ergueu as sobrancelhas.

— Porque para nós, era exatamente como Gerry era - continuou Sharon.

— Ele não era totalmente bom. Nós nos lembramos de tudo a respeito dele, e não

há absolutamente nada de errado com isto.

Houve um longo silêncio. Denise foi a primeira a falar.

— Eu queria que meu Tom tivesse conhecido Gerry. - Sua voz tremeu ligeiramente.

Holly olhou para ela, surpresa.

- Gerry também era meu amigo - disse ela, as lágrimas machucando seus olhos. —

E Tom sequer o conheceu. Então tento o tempo todo contar a ele coisas a respeito de

Gerry, apenas para que saiba que, não muito tempo atrás, o melhor homem do mundo era

meu amigo e acho que todos deveriam tê-lo conhecido. - Seu lábio tremeu e ela mordeu-o

com força. — Mas não consigo acreditar que alguém de quem agora gosto tanto, que sabe

tudo a meu respeito, não conheça um amigo a quem adorei por dez anos.

Uma lágrima rolou pela face de Holly e ela inclinou-se para abraçar a amiga.

— Bem, Denise, então temos apenas de continuar falando dele para Tom, certo?

Elas não se deram ao trabalho de ir ao encontro de sua guia na manhã seguinte, já

que não tinham a menor intenção de sair em nenhuma excursão ou de tomar parte em

nenhum torneio de esportes idiotas. Em vez disso, acordaram cedo para participar da

dança da espreguiçadeira, correndo e tentando atirar suas toalhas nos assentos, a fim de

reservar seu lugar para o dia. Infelizmente, ainda não haviam conseguido acordar cedo o

bastante. (“Será que aqueles malditos alemães nem mesmo dormem?”, censurara Sharon.)

Por fim, depois de retirarem dissimuladamente algumas toalhas de cadeiras que estavam

desocupadas, as garotas conseguiram arranjar três espreguiçadeiras juntas.

Assim que Holly pegou-se cochilando, ouviu gritos agudos e uma multidão correu

em sua direção. Por alguma razão, Gary, um dos guias, achou que seria uma ideia realmente

divertida vestir-se de mulher e ser perseguido por Victoria ao redor da piscina. Todos em

volta torciam enquanto as garotas giravam os olhos. Por fim, Victoria capturou Gary e

ambos conseguiram cair, entrelaçados, na piscina.

Aplausos gerais.

Minutos mais tarde, enquanto Holly flutuava tranquilamente, uma mulher anunciou

com um microfone preso à cabeça que iria dar início à aeróbica aquática. Victoria e Gary,

ajudados pela Brigada da Barbie, percorreram todas as espreguiçadeiras correndo, pondo

todo mundo de pé e forçando-os a participar.

— Ah, vá se foder! - Holly ouviu Sharon gritar para uma das integrantes da Brigada

da Barbie, enquanto esta tentava arrastá-la para dentro d'água. Holly logo foi obrigada a sair

da piscina pela aproximação da horda de hipopótamos, prestes a mergulhar para sua sessão

de aeróbica aquática.

Enfrentaram uma sessão de aeróbica de meia hora incrivelmente chata, com o instrutor gritando os movimentos ao microfone. Por fim, quando aquilo havia terminado,

eles informaram que um torneio de polo aquático estava prestes a começar, então as

garotas se ergueram de um salto e dirigiram-se à praia, para conseguir um pouco de paz e

tranquilidade.

— Você sempre tem notícias dos pais de Gerry, Holly? — perguntou Sharon, enquanto ela e Holly reclinavam-se em suas balsas infláveis no mar.

— Sim, eles me enviam postais a cada poucas semanas me dizendo onde estão e

como estão passando.

— Eles ainda estão naquele cruzeiro?

— Sim.

— Sente falta deles?

— Para ser honesta, não acho que eles realmente se sintam parte de mim. O filho

deles se foi e eles não têm netos, portanto não acho que pensem que ainda temos alguma

ligação.

— Isto é besteira, Holly. Você foi casada com o filho deles, e o que faz de você

nora deles. E uma ligação muito forte.

— Não sei - suspirou ela. — Simplesmente acho que não é suficiente para eles.

— Eles são um pouco retrógrados, não são?

— Muito. Detestavam que eu e Gerry “vivêssemos em pecado”, como diziam. Não

podiam esperar para que nos casássemos. E então se tornaram piores ainda quando nos

casamos! Não conseguiam entender por que não mudei meu nome.

— É, eu me lembro - disse Sharon. — A mãe dele me passou um sermão no casamento. Disse que era dever da mulher mudar o nome em sinal de respeito ao marido.

Pode imaginar isto? Que atrevimento o dela!

Holly riu.

— Bem, de qualquer maneira você está melhor sem eles por perto - assegurou Sharon.

— Alô, garotas. - Denise flutuou para reunir-se a elas.

— Ei, onde você estava? - perguntou Holly.

— Só batendo papo com um cara de Miami. Sujeito realmente legal.

— Miami? Foi para lá que Daniel foi nas férias - disse ela, correndo levemente os

dedos pela água azul clara.

— Hummmm - replicou Sharon —, Daniel é um cara legal, não?

— Sim, é um cara realmente legal - concordou Holly. — Muito fácil de conversar.

— Tom estava me contando que ele de fato esteve na guerra recentemente - disse

Denise, virando-se para se deitar de costas.

Sharon ficou de orelha em pé ao som da fofoca.

— Por quê?

— Ele estava comprometido para se casar com uma mulher e descobriu que ela

estava dormindo com outra pessoa. Foi por isso que se mudou para Dublin e comprou o

pub, para fugir dela.

— Eu sei, é horrível, não é? - perguntou Holly triste.

— Por quê? Onde ele vivia antes? - perguntou Sharon.

— Galway. Ele dirigia um pub por lá - explicou Holly.

— Oh - disse Sharon, surpresa —, ele não tem sotaque de Galway.

— Bem, ele cresceu em Dublin e entrou para o exército, então saiu e mudou-se

para Galway, onde sua família possui um pub; depois encontrou Laura e ficaram juntos por

sete anos, estavam noivos, para casar, mas ela o traiu, então terminaram e ele voltou para

Dublin e comprou o Hogans. - Holly recuperou o fôlego.

— Você sabe muito a respeito dele, não é? — provocou Denise.

— Bem, se você e Tom tivessem prestado um pouquinho mais de atenção em nós

na outra noite no pub, então talvez eu não soubesse tanto a respeito dele - replicou Holly

alegremente.

Denise suspirou alto.

— Deus, realmente sinto falta de Tom - disse ela triste.

— Você disse isso ao cara de Miami? - riu Sharon.

— Não, eu só estava batendo um papo com ele — retrucou Denise na defensiva.

— Para ser honesta, não me interessa por mais ninguém. É realmente estranho, é como se

eu não pudesse sequer enxergar outro homem, e isto significa que nem mesmo os noto. E

como estamos cercadas de centenas de homens seminus, acho que isto diz muita coisa.

— Acho que chamam isto de amor, Denise. - Sharon sorriu para a amiga.

— Bem, o que quer que seja, nunca me senti assim antes.

— É um sentimento incrível - disse Holly mais para si mesma.

Elas permaneceram deitadas em silêncio por algum tempo, perdidas em seus próprios pensamentos, permitindo que o suave movimento das ondas as acalmasse.

— Puta merda! - gritou Denise de repente, fazendo as outras duas pularem. — Olhem como estamos longe!

Holly imediatamente sentou-se e olhou ao redor. Elas estavam tão longe da costa,

que todos na praia pareciam formigas.

— Oh, merda! - Sharon entrou em pânico e quando Sharon entrava em pânico Holly sabia que elas estavam encrocadas.

— Comecem a nadar, rápido! - gritou Denise, e todas se deitaram de barriga para

baixo e começaram a dar braçadas na água com todas as forças. Após alguns minutos

bracejando incansavelmente, desistiram, sem fôlego. Para seu horror, achavam-se ainda

mais distantes do que quando começaram.

Não adiantava, a maré movia-se muito rápido e as ondas estavam simplesmente

fortes demais.

Vinte e oito

— SOCORRO! - GRITOU DENISE COM TODA A FORÇA de seus pulmões e

balançou os braços loucamente.

— Acho que eles não conseguem nos ouvir - disse Holly com lágrimas brotando

nos olhos.

— Será que não podíamos ter sido um pouco mais estúpidas? - soltou Sharon e

continuou a denunciar os perigos do uso de balsas no mar.

— Esqueça isto, Sharon - cortou Denise. — Estamos aqui agora; então vamos gritar todas juntas e talvez eles nos ouçam.

Elas limparam a garganta e sentaram-se o mais que puderam, sem fazer as balsas

afundarem sob seu peso.

— Certo, um, dois, três... SOCORRO! - gritaram todas, e balançaram os braços

freneticamente.

Afinal, pararam de gritar e olharam em silêncio para os pontos na praia, para ver se

havam produzido algum impacto. Tudo permanecia como antes.

— Por favor, me digam que não há tubarões aqui - choramingou Denise.

— Oh, por favor, Denise - cortou Sharon cruelmente —, esta é a última coisa da

qual precisamos ser lembradas agora.

Holly engoliu em seco e fitou o mar. A água, antes azul-clara, havia escurecido.

Holly saltou da balsa para avaliar a que profundidade estavam e quando suas pernas ficaram

suspensas, seu coração disparou. Encontravam-se numa situação ruim. Sharon e Holly

tentaram nadar à medida que puxavam a balsa atrás de si, enquanto Denise continuava com

seus gritos de gelar o sangue.

— Jesus, Denise - arquejou Sharon —, a única coisa que vai responder a isto é um golfinho.

— Olhem, por que vocês duas simplesmente não param de nadar, porque já estão

nisto há alguns minutos e ainda estão exatamente do meu lado.

Holly parou de nadar e olhou para cima. Denise a encarou de volta.

— Oh. - Holly tentou conter as lágrimas. — Sharon, nós também devíamos parar e

economizar nossas energias.

Sharon parou de nadar e as três montaram em suas balsas e choraram. Não havia de

fato nada mais que pudessem fazer, pensou Holly, começando a sentir um pânico ainda

maior. Haviam tentado gritar pedindo ajuda, mas o vento carregara suas vozes na outra

direção; haviam tentado nadar, o que fora completamente sem propósito, uma vez que a

correnteza estava muito forte. Começava a esfriar e o mar parecia escuro e feio. Em que

situação estúpida haviam se colocado. Em meio a todo o seu medo e inquietação, Holly

conseguiu surpreender a si mesma, sentindo-se completamente humilhada.

Não sabia se ria ou chorava, mas o som pouco comum de ambos começou a derramar-se de sua boca, fazendo com que Sharon e Denise parassem de chorar e a

encarassem como se tivesse dez cabeças.

— Pelo menos uma coisa boa resultou disto. - Holly meio que ria, meio que chorava.

— Existe uma coisa boa? - perguntou Sharon, secando os olhos.

— Bem, nós três sempre conversávamos a respeito de ir para a África - ela deu uma

risada nervosa, como uma louca —, e pelo visto, provavelmente estamos no meio do caminho.

As garotas fitaram o mar ao longe e seu futuro destino.

— É um meio de transporte mais barato também - Sharon juntou-se a Holly.

Denise as encarou como se estivessem loucas, e apenas um olhar na direção dela,

deitada nua no meio do oceano, vestindo somente uma tanga de pele de leopardo e com os

lábios azuis, foi o bastante para fazer as garotas começarem a rir.

— O quê? - Denise olhou para elas com olhos arregalados.

— Eu diria que estamos muito, muito encrencadas - Sharon deu uma risadinha

nervosa.

— É - concordou Holly —, de certa maneira, isto é muito profundo para nós.

Elas ficaram ali deitadas rindo e chorando por mais alguns minutos, até que o som

de uma lancha se aproximando fez Denise sentar-se e começar a acenar freneticamente

outra vez.

Holly e Sharon riram ainda mais à vista dos seios de Denise saltando para cima e

para baixo, enquanto ela acenava na direção dos salva-vidas que se aproximavam.

— É igual a uma noite normal com as garotas - Sharon deu uma risadinha, observando Denise ser puxada para dentro do barco seminua por um salva-vidas

musculoso.

— Acho que elas estão em choque - disse um salva-vidas para o outro enquanto

puxavam as duas histéricas restantes para dentro do barco.

— Rápido, salvem as balsas! - Holly deixou escapar com dificuldade, através do

riso.

— Balsa ao mar! - gritou Sharon.

Os salva-vidas entreolharam-se preocupados, enquanto envolviam as garotas em

mantas quentes e dispararam de volta à costa.

Quando se aproximaram, havia uma grande multidão reunida. As garotas olharam

umas para as outras e riram ainda mais. No instante em que foram erguidas para fora do

barco, houve uma imensa aclamação; Denise virou-se e fez uma reverência a todos.

— Agora eles batem palmas, mas onde estavam quando precisamos deles? – resmungou Sharon.

— Traidores. - Holly forçou um sorriso.

— Aí estão elas! - Elas ouviram um grito familiar e viram Cindy e a Brigada da

Barbie abrindo caminho através da multidão. — Oh, meu Deus! - gritou ela. — Vi tudo

com meu binóculo e chamei os salva-vidas. Vocês estão bem? - Ela olhava freneticamente

para cada uma delas.

— Estamos bem - disse Sharon séria. — Tivemos sorte. As pobres balsas sequer

tiveram uma chance. - Com isso, Sharon e Holly desandaram a rir e foram conduzidas a um

médico para serem examinadas.

Aquela noite as garotas se deram conta da seriedade do que lhes acontecera e seu

humor mudou drasticamente. Sentaram-se em silêncio durante o jantar, pensando na sorte

que haviam tido por terem sido resgatadas e recriminando-se por serem tão descuidadas.

Denise contorcia-se pouco confortável na cadeira e Holly percebeu que ela

mal tocou na
comida.

— O que há de errado com você? - perguntou Sharon, sugando uma porção de espaguete, o que fez com que o molho se espalhasse por todo o seu rosto.

— Nada - disse Denise, tornando calmamente a encher seu copo com água. Elas sentaram-se em silêncio por outro curto tempo.

— Desculpem-me, vou ao banheiro. - Denise levantou-se e encaminhou-se desastradamente ao banheiro feminino.

Sharon e Holly franziram as sobrancelhas.

— O que acha que há de errado com ela? - perguntou Holly. Sharon deu de ombros.

— Bem, ela bebeu cerca de dez litros de água durante o jantar, então não é de admirar que fique indo ao banheiro - exagerou ela.

— Será que ela não está furiosa conosco por termos nos excedido um pouco lá fora hoje?

Sharon deu de ombros novamente e elas continuaram a comer em silêncio. Holly

havia reagido de forma estranha no mar, e pensar no porquê daquilo a incomodava. Após o

pânico inicial ao achar que iria morrer, tornara-se absolutamente irresponsável, como se

percebesse que, morrendo, estaria com Gerry. Incomodava-a o fato de não se importar em

viver ou morrer.

Aqueles eram pensamentos egoístas. Precisava mudar sua perspectiva de vida. Denise recuou quando se sentou.

— Denise, o que há de errado com você? - perguntou Holly.

— Não vou dizer a nenhuma das duas senão vocês vão rir - disse ela, como criança.

— Oh, vamos, somos suas amigas, não vamos rir — disse Holly, tentando

manter

o sorriso longe de seu rosto.

— Eu disse não. - Ela colocou mais água no copo.

— Ah, vamos, Denise, você sabe que pode nos contar qualquer coisa. Prometemos

não rir. - Sharon disse aquilo de forma tão séria, que Holly sentiu-se mal por sorrir.

Denise estudou o rosto de ambas, tentando decidir se podia confiar nelas.

— OK - ela suspirou alto e murmurou algo muito baixinho.

— O quê? - disse Holly, chegando mais perto.

— Querida, não ouvimos, você falou muito baixo - disse Sharon, aproximando sua

cadeira.

Denise olhou ao redor do restaurante para se certificar de que ninguém estava escutando e moveu sua cabeça para o centro da mesa.

— Eu disse que de ficar no mar por tanto tempo, minha bunda está queimada de

sol.

— Oh - disse Sharon, endireitando-se na cadeira bruscamente. Holly olhou para

longe para evitar o contato visual com Sharon e contou os pãezinhos na cesta para afastar a

mente do que Denise acabara de dizer.

Houve um longo silêncio.

— Viu? Eu disse que as duas iam rir - bufou Denise.

— Ei, não estamos rindo - disse Sharon com voz trêmula. Fez-se novo silêncio.

Holly não pôde evitar:

— Apenas se certifique de colocar bastante creme hidratante nela para que não

descasque. - E as duas por fim tiveram um ataque.

Denise simplesmente balançou a cabeça e esperou que elas parassem de rir.

Precisou esperar longo tempo. Na verdade, horas mais tarde, enquanto se achava estendida

no sofá-cama tentando dormir, ainda esperava.

A última coisa que ouviu antes de pegar no sono foi um comentário ferino de Holly:

— Certifique-se de deitar de frente, Denise. - A isso se seguiu mais riso.

— Ei, Holly - sussurrou Sharon depois que elas haviam finalmente se acalmado. –

Você está nervosa a respeito de amanhã?

— Por quê? - perguntou Holly, bocejando.

— A carta! - replicou Sharon, surpresa de que Holly não se lembrasse de imediato.

— Não me diga que esqueceu.

Holly deslizou a mão para baixo do travesseiro e tateou à procura da carta. Dentro

de uma hora poderia abrir a sexta carta de Gerry. Claro que não havia esquecido.

Na manhã seguinte, Holly acordou com Sharon vomitando no banheiro. Foi atrás

dela, friccionou gentilmente suas costas e puxou seus cabelos para trás.

— Você está bem? - perguntou ela preocupada quando Sharon por fim parou.

— Sim, foram apenas aqueles malditos sonhos a noite toda. Sonhei que estava num

barco e numa balsa e todo tipo de coisas. Acho que estou mareada.

— Também tive estes sonhos. Ontem foi assustador, não foi? - Sharon assentiu.

— Nunca mais vou subir numa balsa outra vez. - Ela sorriu debilmente.

Denise chegou à porta do banheiro já de biquíni. Havia tomado emprestado um

dos sarongues de Sharon para cobrir o traseiro queimado e Holly teve de morder a língua

para impedir-se de provocá-la, já que ela claramente sentia muita dor.

Quando chegaram à piscina, Denise e Sharon juntaram-se à Brigada da Barbie.

Bem, era o mínimo que podiam fazer, tendo em vista que haviam sido elas a pedir ajuda.

Holly não conseguia acreditar que caíra no sono antes da meia-noite na noite anterior.

Planejara levantar-se em silêncio sem acordar as garotas, refugiar-se na varanda e ler a carta.

Como pegara no sono, apesar de toda a sua ansiedade, estava além de sua compreensão,

mas não podia mais escutar a Brigada da Barbie. Antes que fosse arrastada para uma

conversa, fez sinal a Sharon informando que estava indo embora e Sharon lançou-lhe uma

piscadela encorajadora, ciente dos motivos de Holly para desaparecer. Holly enrolou o

sarongue ao redor dos quadris e carregou sua pequena bolsa de praia, contendo a carta tão

importante.

Afastou-se dos gritos excitados de crianças e adultos jogando e dos aparelhos de

som alardeando as últimas canções em cartaz. Encontrou um canto sossegado e

acomodou-se confortavelmente sobre sua toalha de praia, para evitar o contato com a areia

escaldante. As ondas quebravam e retrocediam. As gaiivotas chamavam-se umas às outras

no céu azul-claro, desciam e mergulhavam na água fresca e cristalina para capturar seu café

da manhã. Era de manhã e o sol já estava quente.

Holly puxou cuidadosamente a carta da bolsa, como se fosse à coisa mais delicada

do mundo, e correu os dedos pela palavra “Agosto”, elegantemente escrita. Captando

todos os sons e odores ao seu redor, gentilmente rasgou o lacre e leu a sexta mensagem de

Gerry.

Oi Holly,

Espero que as férias estejam maravilhosas. Por sinal, você está linda nesse biquíni! Espero ter escolhido o lugar certo para você; é o local para o qual você e eu quase fomos em nossa lua de mel, lembra-se? Bem, estou feliz que o tenha conhecido afinal...

Aparentemente, se ficar de pé no finalzinho da praia, perto das rochas, do outro lado do hotel, e olhar para a esquerda, depois da curva, você vai ver um farol. Disseram-me que é onde os golfinhos se reúnem... poucas pessoas sabem disto. Sei que você adora os golfinhos... conte-lhes que eu disse oi...

PS, eu te amo, Holly...

Com as mãos trêmulas, Holly devolveu o cartão ao envelope e guardou-o em segurança em um dos bolsos da sacola. Sentia os olhos de Gerry pousados nela enquanto

ficava de pé e rapidamente dobrava a toalha de praia. Sentia-o ali com ela. Correu até a

extremidade da praia, bruscamente interrompida por uma rocha. Vestiu seus tênis e

começou a escalar as pedras, para poder enxergar além delas.

E lá estava ele.

Exatamente onde Gerry o havia descrito, o farol elevava-se sobre o penhasco, de

um branco brilhante, como se fosse uma espécie de tocha apontada para o céu. Holly

cuidadosamente escalou as rochas e abriu caminho por sobre a pequena enseada. Estava

sozinha agora. O local era completamente privado. E então ouviu os ruídos. Os guinchos

dos golfinhos brincando perto da costa, longe da vista de todos os turistas nas

praias ao

lado. Holly desabou sobre a areia para vê-los brincar e ouvi-los conversar uns com os

outros.

Gerry sentou-se ao seu lado.

Deve ter até mesmo segurado sua mão.

Holly sentiu-se feliz o bastante para voltar para Dublin, relaxada, desestressada e

morena. Exatamente o que a médica prescrevera. Mas isso não a impediu de suspirar

quando o avião pousou no aeroporto de Dublin sob chuva pesada. Dessa vez, os

passageiros não aplaudiram nem aclamaram e o aeroporto pareceu um lugar muito

diferente do que aquele que ela havia deixado na semana anterior. Mais uma vez, Holly foi

a última pessoa a receber a bagagem, e uma hora mais tarde elas se arrastaram melancolicamente até John do lado de fora, que esperava no carro.

— Bem, parece que o duende não trabalhou mais em seu jardim enquanto você

estava fora - disse Denise, olhando para o jardim à medida que John se aproximava da casa

de Holly.

Holly deu um grande abraço e um beijo nas amigas e encaminhou-se à sua silenciosa e vazia residência. Havia um horrível cheiro de mofo lá dentro e ela dirigiu-se às

portas do quintal da cozinha para deixar o ar fresco circular.

Imobilizou-se exatamente quando estava girando a chave na porta e olhou para

fora.

Seu quintal dos fundos havia sido totalmente ajardinado.

A grama estava cortada. As ervas daninhas haviam sumido. A mobília do jardim

fora polida e envernizada. Uma camada fresca de tinta resplandecia sobre as paredes.

Novas flores haviam sido plantadas e a um canto, à sombra do imenso carvalho, repousava

um banco de madeira. Holly olhou em volta chocada; quem diabos estava fazendo tudo

aquilo?

Vinte e nove

NOS DIAS SEGUINTE A SEU RETORNO de Lanzarote, Holly tratou de chamar pouca atenção. Holly, Denise e Sharon estavam loucas para passar os próximos

dias longe uma da outra. Não haviam conversado a respeito, mas depois de viverem

coladas todos os dias, por toda uma semana, Holly tinha certeza de que todas concordavam que seria saudável passar algum tempo afastadas. Era impossível localizar

Ciara, já que ela ou estava dando duro no clube de Daniel ou passando seu tempo com

Mathew. Jack aproveitava suas últimas e preciosas semanas de liberdade no verão em Cork,

na casa dos pais de Abbey, antes de voltar à escola, e Declan estava... bem, quem poderia

saber onde estava Declan?

Agora que estava de volta, não se achava exatamente entediada com sua vida, mas

tampouco se sentia radiante. A vida simplesmente parecia tão... nula e sem propósito.

Ansiara pelas férias, mas agora não possuía um motivo real para sair da cama pela manhã.

E como estava dando um tempo de suas amigas, realmente não tinha ninguém com quem

falar. Podia apenas conversar muito com os pais. Comparada com a última semana de calor

sufocante em Lanzarote, Dublin parecia úmida e feia, o que significava que não podia

sequer tentar manter seu lindo bronzado ou apreciar o novo jardim dos fundos.

Alguns dias ela mal saía da cama, apenas assistia à televisão e esperava... esperava

pelo envelope de Gerry do mês seguinte, perguntando-se em que jornada ele iria levá-la a

seguir. Sabia que suas amigas não a aprovariam, após ter sido tão positiva durante as férias,

mas quando ele estava vivo, vivera para ele, agora que ele havia partido, vivia para suas

mensagens.

Tudo dizia respeito a ele. Ela acreditara verdadeiramente que a finalidade de sua

vida fora conhecer Gerry e desfrutarem juntos o resto de seus dias. Qual era sua finalidade

agora? Certamente possuía alguma, ou talvez tivesse havido um erro na administração lá

em cima.

Pegar aquele duende era algo que sentia que deveria fazer. Após outro

interrogatório com os vizinhos, ela continuava a não saber nada mais sobre o misterioso

jardineiro e começava a pensar que a coisa toda havia sido um terrível engano. Por fim,

convenceu-se de que algum jardineiro se enganara e que estivera trabalhando no jardim

errado, portanto verificava o correio todos os dias à espera de uma conta que se recusaria a

pagar. Entretanto, conta nenhuma chegou, pelo menos dessa espécie. Muitas outras

chegaram e ela estava ficando sem dinheiro rapidamente. Estava atolada em empréstimos

até o pescoço, contas de energia elétrica, contas de telefone, contas de seguro,

tudo que

entrava por sua porta era uma maldita conta, e não tinha a menor ideia de como

continuar a pagar todas elas. Mas sequer se importava; tornara-se insensível a todos esses

problemas irrelevantes da vida. Sonhava apenas sonhos impossíveis.

Certo dia Holly percebeu por que o duende não havia voltado. O jardim só era limpo quando ela não estava em casa. Então saiu da cama cedo uma manhã e dobrou a

esquina de sua casa com o carro. Voltou para casa andando, acomodou-se sobre a cama e

esperou que o misterioso jardineiro aparecesse.

Após três dias repetindo esse comportamento, a chuva finalmente parou e o sol

voltou a brilhar. Holly estava prestes a perder as esperanças de solucionar algum dia o

mistério quando ouviu alguém se aproximar do jardim. Saltou da cama em pânico,

despreparada para o que deveria fazer, embora houvesse passado os dias planejando.

Espiou pelo peitoril da janela e avistou um garoto que parecia ter cerca de 12 anos,

percorrendo o caminho que levava à sua garagem, puxando um cortador de grama atrás de

si. Vestiu apressadamente o roupão enorme de Gerry e disparou escada abaixo sem se

preocupar com a aparência.

Abriu a porta da frente com um safanão, fazendo o garoto pular. O braço do menino congelou a meio caminho e seu dedo pairou logo acima da campainha. Seu queixo

caiu à vista da mulher diante dele.

— A-há! - gritou Holly alegremente. — Acho que peguei meu pequeno duende!

A boca do garoto se abria e fechava como a de um peixinho dourado; parecia claramente inseguro quanto ao que dizer. Por fim, ele contraiu o rosto como se estivesse

prestes a chorar e gritou:

— Pai!

Holly olhou para um lado e outro da rua à procura do pai do garoto e decidiu pressioná-lo para conseguir o máximo de informação antes que o adulto os alcançasse.

— Então é você quem tem trabalhado em meu jardim. - Ela cruzou os braços sobre

o peito.

Ele balançou violentamente a cabeça e engoliu em seco.

— Não precisa negar - disse ela gentilmente —, agora peguei você. - E indicou o

cortador de grama com a cabeça.

Ele girou para encarar a máquina e gritou outra vez:

- Pai!

Seu pai bateu a porta de uma van e dirigiu-se à casa dela.

— O que há de errado, filho? - Ele abraçou os ombros do filho e olhou para Holly

à espera de uma explicação.

Holly não cairia naquela pequena farsa.

— Eu estava apenas perguntando aqui a seu filho sobre o seu ligeiro engano.

— Que engano? - Ele parecia zangado.

— O fato de vocês terem trabalhado em meu jardim sem minha permissão e então

esperarem que eu pague por isto. Já ouvi a respeito deste tipo de coisa antes. - Ela colocou

as mãos nos quadris e tentou mostrar que não se deixaria envolver naquilo.

O homem parecia confuso.

— Desculpe, não sei a respeito do que a senhora está falando. Nunca trabalhamos

em seu jardim antes. - Ele olhou em torno, para o estado do jardim da frente, achando que

a mulher era louca.

— Não este jardim; o senhor ajardinou meu quintal lá atrás. - Ela sorriu e ergueu as

sobrancelhas, achando que o havia apanhado.

Ele riu em resposta.

— Ajardinar seu jardim? Moça, a senhora está maluca? Nós cortamos grama, é

tudo. Está vendo isto? É uma cortadora de grama, nada mais. Tudo que faz é cortar a

maldita grama.

Holly deixou cair as mãos dos quadris e vagarosamente colocou-as nos bolsos do

roupão. Talvez eles estivessem dizendo a verdade.

— Têm certeza que não estiveram em meu jardim? - Ela estreitou os olhos.

— Moça, nunca sequer trabalhei nesta rua antes, que dirá em seu jardim, e posso

garantir que não trabalharei em seu jardim no futuro.

Holly perdeu a pose.

— Mas eu pensei...

— Não me importa o que a senhora pensou - interrompeu ele. — No futuro, tente

apurar os fatos direito antes de começar a aterrorizar meu filho.

Holly olhou para o garoto e viu seus olhos cheios de lágrimas. Cobriu a boca com

as mãos envergonhada.

— Oh, Deus, eu sinto tanto... - desculpou-se. — Espere um minuto. Entrou em

casa correndo para pegar sua bolsa e apertou sua última nota de cinco na mão pequenina e

gorducha do menino. - O rosto dele se iluminou.

— Certo, vamos - disse o pai, girando o filho pelos ombros e conduzindo-o ao longo da passagem de carros.

— Pai, não quero mais fazer este trabalho - lamentou-se o garoto enquanto continuavam na direção da próxima casa.

— Não se preocupe, filho, não são todos loucos como ela.

Holly fechou a porta e estudou seu reflexo no espelho. Ele estava certo, tornara-se

uma louca. Agora, tudo que precisava era de uma casa cheia de gatos. O som do telefone

tocando afastou os olhos de Holly de sua imagem.

— Alô? - disse Holly, atendendo o telefone.

— Oi, como vai? - perguntou Denise alegremente.

— Oh, satisfeita com os prazeres da vida - disse Holly sarcástica.

— Eu também! - ela riu nervosamente em resposta.

— Verdade? O que a fez ficar tão feliz?

— Nada de mais, só a vida em geral - ela deu outra risada nervosa. - Claro, só a

vida. Vida maravilhosa, magnífica. Que pergunta idiota.

— Então, o que está acontecendo?

— Estou ligando para convidá-la para sair para jantar amanhã à noite. Sei que é de

última hora, então se estiver muito ocupada... cancele o que quer que tenha planejado!

— Espere que vou verificar minha agenda - disse Holly em tom sarcástico.

— Sem problema - disse Denise séria e ficou em silêncio enquanto esperava.

Holly girou os olhos.

— Oh, olhe para isto... Sabe do que mais? Aparentemente estou livre amanhã à

noite.

— Legal! - disse Denise alegremente. — Vamos todos nos encontrar no Champs à

oito.

— Todos quem?

— Sharon e John vão e alguns amigos de Tom também. Não saímos juntas há séculos, então vai ser divertido!

— Certo, então. Vejo você amanhã.

Holly desligou zangada. Será que fugira completamente à mente de Denise que

Holly ainda era uma viúva pesarosa e simplesmente não mais achava a vida divertida?

Disparou furiosa para o andar de cima e abriu seu armário. Que peça de roupa velha e

nojenta usaria na noite seguinte? E como, diabos, arcaria com as despesas de uma refeição

cara? Sequer podia manter o carro rodando. Arrancou todas as roupas do armário e atirou-

as do outro lado do quarto, gritando até se sentir mentalmente sã outra vez. Talvez no dia

seguinte comprasse aqueles gatos.

Trinta

HOLLY CHEGOU AO RESTAURANTE às 8:20h, já que passara horas

experimentando roupas diferentes e arrancando-as outra vez. Por fim, decidiu-se pelo traje

que Gerry a havia instruído a usar no karaokê, só para se sentir mais perto dele. Não vinha

enfrentando bem as coisas nas últimas semanas; tinha mais baixos do que altos e estava

achando difícil levantar-se novamente.

À medida que se encaminhava à mesa no restaurante, seu coração afundou.

Apenas casais.

Parou na metade do caminho e rapidamente deu um passo ao lado, escondendo-se

atrás de uma parede. Não tinha certeza de poder enfrentar aquilo. Não tinha forças para

continuar lutando contra suas emoções. Olhou em volta à procura da rota de fuga mais

fácil; decerto não poderia sair pelo caminho em que havia entrado, ou eles definitivamente

a veriam. Localizou a saída de incêndio ao lado da porta da cozinha, que estava aberta para

deixar sair um pouco da fumaça. No momento em que pôs os pés do lado de fora, ao ar

fresco, sentiu-se livre outra vez. Atravessou o estacionamento, tentando inventar uma

desculpa para Denise e Sharon.

— Oi, Holly.

Ela gelou e virou-se devagar, percebendo que havia sido pega. Avistou Daniel encostado em seu carro, fumando um cigarro.

— Oi, Daniel. - Ela caminhou na direção dele. — Eu não sabia que você fumava.

— Quando estou estressado.

— Você está estressado? - Eles cumprimentaram-se com um abraço.

— Estava tentando decidir se me juntaria à União dos Casais Felizes lá dentro. —

Ele acenou na direção do restaurante.

Holly sorriu.

— Você também? - Ele riu.

— Bem, não vou dizer a eles que a vi, se é o que você quer.

— Então você vai entrar?

— Tenho de encarar a música de vez em quando - disse ele, apagando o cigarro

com o pé com raiva.

Holly pensou a respeito do que ele dissera.

— Acho que você está certo.

— Você não precisa entrar se não quiser. Não quero ser o motivo de você ter uma

noite miserável.

— Pelo contrário, seria legal ter outro solitário em minha companhia. Há tão poucos da nossa espécie na vida.

Daniel riu e ofereceu o braço.

— Vamos?

Holly uniu seu braço ao dele e encaminharam-se devagar para dentro do restaurante. Era reconfortante saber que não estava sozinha de se sentir sozinha.

— A propósito, vou dar o fora daqui assim que terminarmos o prato principal - riu ele.

— Traidor - respondeu ela, dando um tapa em seu braço. — Bem, de qualquer forma tenho de sair cedo para pegar o último ônibus para casa. - Ela estava sem dinheiro

para encher o tanque do carro nos últimos dias.

— Bem, então temos a desculpa perfeita. Vou dizer que temos de sair cedo porque

vou levar você em casa e você precisa estar em casa por volta de... que horas?

— Onze e meia? - À meia-noite ela havia planejado abrir o envelope de setembro.

— Hora perfeita. - Ele sorriu e eles abriram caminho dentro do restaurante, sentindo-se ligeiramente fortalecidos pela companhia um do outro.

— Aí estão eles! - anunciou Denise, à medida que se aproximavam da mesa.

Holly sentou-se ao lado de Daniel, grudada ao seu alibi como cola.

— Sinto muito estarmos atrasados - desculpou-se ela.

— Holly, esta é Catherine e Thomas, Peter e Sue, Joanne e Paul, Tracey e Bryan,

John e Sharon você conhece, Geoffrey e Samantha e, por último, mas não menos

importante, estes são Dês e Simon.

Holly sorriu e acenou para todos.

— Oi, nós somos Daniel e Holly - disse Daniel rapidamente e Holly deu uma risadinha nervosa ao lado dele.

— Já fizemos os pedidos, se vocês não se importam - explicou Denise.

— Mas simplesmente pedimos um monte de pratos diferentes, assim todos podemos dividir. Está tudo bem?

Holly e Daniel assentiram.

A mulher ao lado de Holly, de cujo nome não conseguia se lembrar, virou-se para

ela e perguntou alto:

— Então, Holly, o que você faz?

Daniel ergueu as sobrancelhas na direção de Holly.

— Desculpe, o que eu faço quando? - Holly perguntou séria. Detestava gente intrometida. Detestava conversas que giravam em torno do que as pessoas faziam para

ganhar a vida, especialmente quando quem estava perguntando era um completo estranho,

gente que ela acabara de conhecer havia menos de um minuto. Sentiu Daniel sacudindo-se

de rir ao lado dela.

— O que você faz para viver? - perguntou a mulher novamente.

Holly pretendia dar uma resposta divertida, porém ligeiramente grosseira, mas de

repente parou, já que todas as conversas ao redor da mesa haviam se extinguido e todos a

focalizavam. Ela olhou ao redor envergonhada e limpou a garganta com nervosismo:

— Hummm... bem... estou entre empregos neste momento. - Sua voz tremeu.

Os lábios da mulher começaram a se contorcer e ela limpou grosseiramente um

pedaço de pão entre os dentes.

— E o que é que você faz? - perguntou-lhe Daniel em voz alta, quebrando o

silêncio.

— Geoffrey dirige seu próprio negócio - disse ela, virando-se orgulhosamente para

o marido.

— Certo, mas isto é o que você faz? - repetiu Daniel.

A mulher pareceu perturbada pelo fato de sua resposta não ter sido boa o bastante

para ele.

— Bem, eu me mantenho ocupada o dia todo, todos os dias, fazendo várias coisas.

Querido, por que você não conta a eles sobre a empresa? - Ela virou-se para o marido

novamente, para desviar a atenção de si mesma.

O marido inclinou-se para diante no assento.

— É só um pequeno negócio. - Ele deu uma mordida em seu pãozinho, mastigou

devagar e todos o esperaram engolir para poder continuar.

— Pequeno, mas bem-sucedido - a mulher acrescentou. Geoffrey por fim acabou

de comer o pão.

— Fabricamos para-brisas de carro e os vendemos para as lojas.

— Uau, isto é muito interessante - disse Daniel secamente.

— Então, o que é que você faz, Dermot? - perguntou ela, virando-se para fitar Daniel.

— Sinto muito, meu nome na verdade é Daniel. Sou dono de um pub.

— Certo. - Ela assentiu e afastou os olhos. — Tempo horrível o que estamos tendo

estes dias, não? — ela dirigiu-se à mesa.

Todos começaram a conversar e Daniel virou-se para Holly.

— Aproveitou as férias?

— Oh, foram fantásticas - respondeu ela. — Ficamos tranquilas e relaxadas todos

os dias, não fizemos nada louco ou estranho.

— Exatamente do que você precisava - sorriu ele. — Ouvi a respeito da experiência

de quase morte de vocês.

Holly girou os olhos.

— Aposto que foi Denise quem lhe contou. - Ele assentiu e riu.

— Bem, tenho certeza que ela lhe deu à versão exagerada.

— Na verdade não, ela só disse que vocês ficaram cercadas de tubarões e tiveram

de ser retiradas do mar por um helicóptero.

— Ela não fez isto!

— Não, não fez - riu ele. — Ainda assim, deve ter sido uma conversa e tanto a que

estavam tendo para não perceber que estavam sendo arrastadas mar afora.

Holly corou um pouco quando se lembrou de que estavam conversando a respeito

dele.

— OK todo mundo! - chamou Denise. — Vocês provavelmente estão se perguntando por que Tom e eu convidamos a todos para virem aqui esta noite.

— A declaração do ano - murmurou Daniel e Holly deu uma risadinha.

— Bem, temos uma notícia a dar. - Ela olhou em volta e sorriu. Os olhos de Holly

se arregalaram.

— Eu e Tom vamos nos casar! - gritou Denise, e Holly cobriu a boca com as mãos

em choque. Não percebera que aquilo estava acontecendo.

— Oh, Denise - arquejou ela e contornou a mesa para abraçá-los. — Que notícia

maravilhosa! Parabéns!

Ela olhou para o rosto de Daniel; estava branco.

Eles estouraram uma garrafa de champanhe e todos ergueram seus copos quando

Jemima e Jim ou Samantha e Sam, ou qualquer que fossem seus nomes, fizeram um brinde.

— Esperem! Esperem! - interrompeu-os Denise quando estavam prestes a começar.

— Sharon, você não pegou um copo?

Todos olharam para Sharon, que segurava um copo de suco de laranja na mão.

— Aqui está - disse Tom, enchendo um copo para ela.

— Não não não! Para mim não, obrigada - disse ela.

— Por que não? - bufou Denise, zangada por sua amiga não comemorar com ela.

John e Sharon entreolharam-se e sorriram.

— Bem, eu não queria dizer nada porque é a noite de Denise e Tom... - Todos a

incitaram a falar. — Bem... estou grávida! John e eu vamos ter um bebê.

Os olhos de John começaram a lacrimejar e Holly simplesmente congelou na cadeira, em choque. Tampouco percebera aquilo acontecendo. Os olhos se encheram de

lágrimas quando se aproximou para cumprimentar Sharon e John. Então se sentou e

respirou fundo. Era demais para ela.

— Então vamos fazer um brinde ao casamento de Tom e Denise e ao bebê de Sharon e John!

Todos brindaram e Holly comeu seu jantar em silêncio, na verdade sem saborear

coisa alguma.

— Você quer mudar aquela hora para onze? — perguntou Daniel baixinho, e ela

acenou com a cabeça em sinal de concordância.

Depois do jantar, Holly e Daniel deram suas desculpas para partir e ninguém tentou

realmente persuadi-los a ficar.

— Quanto devo deixar para pagar a conta? - perguntou Holly a Denise.

— Não se preocupe com isto. - Ela balançou a mão em sinal de desinteresse.

— Não, não seja boba, eu não deixaria você pagar. Quanto, honestamente?

A mulher ao lado dela agarrou o cardápio e começou a somar os preços de todas as

refeições que haviam pedido. Havia sido muitas e Holly apenas beliscara, evitando até

mesmo comer as entradas, a fim de ser capaz de arcar com as despesas.

— Bem, sai em torno de cinquenta para cada, isto incluindo o vinho e todas as garrafas de champanhe.

Holly engoliu em seco e olhou para os trinta euros na mão. Daniel agarrou a mão

dela e puxou-a.

— Por favor, Holly, vamos embora.

Ela abriu a boca para dar uma desculpa por não haver levado tanto dinheiro quanto

pensara, mas quando abriu a palma da mão e olhou para o dinheiro, parecia haver vinte

euros a mais.

Ela sorriu com gratidão para Daniel e ambos se encaminharam para o carro.

Sentaram-se em silêncio, pensando no que havia acontecido naquela noite.

Desejava sentir-se feliz pelas amigas, realmente desejava, mas não conseguia livrar-se da

sensação de ter sido deixada para trás. A vida de todo mundo seguia adiante, menos a sua.

Daniel parou diante da casa dela.

— Você quer entrar para tomar um chá, um café ou outra coisa qualquer? - Ela

estava certa de que diria não e ficou chocada quando ele soltou o cinto de segurança e

aceitou o oferecimento. Realmente gostava de Daniel, ele era muito gentil e divertido, mas

naquele momento só desejava ficar sozinha.

— Foi uma noite e tanto, não foi? - perguntou ele, tomando um gole de café.
Holly

apenas balançou a cabeça com descrença.

— Daniel, conheço aquelas garotas praticamente por toda a minha vida e não percebi nada do que estava acontecendo.

— Bem, se isto faz com que se sinta um pouco melhor, também conheço Tom há

anos e ele não disse nada a respeito.

— Embora Sharon não tenha bebido quando estávamos fora - ela não havia escutado uma palavra do que Daniel havia dito - e vomitou algumas manhãs, mas ela disse

que estava mareada... - Sua voz morreu e seu cérebro começou a trabalhar a toda

velocidade, à medida que as coisas começavam a se encaixar.

— Mareada? - perguntou Daniel, confuso.

— Após nossa experiência de quase morte - explicou ela.

— Oh, certo.

Dessa vez, nenhum deles riu.

— É engraçado - disse ele, acomodando-se no sofá. Oh não, pensou Holly, agora

ele não vai embora nunca mais. — O pessoal sempre dizia que eu e Laura seríamos os

primeiros a casar - continuou ele. — Eu simplesmente não imaginei que Laura fosse se

casar antes de mim.

— Ela vai se casar? - perguntou Holly gentilmente. Ele assentiu e olhou para longe.

— Ele também era meu amigo - riu ele amargurado.

— Obviamente não é mais.

— Não - ele balançou a cabeça. — Obviamente não.

— Lamento ouvir isto - disse ela sinceramente.

— Bem, todos nós recebemos nossa justa parcela de má sorte. Você sabe disto

melhor do que ninguém.

— Huh, justa parcela - repetiu ela.

— Eu sei, não há nada de justo nisto, mas não se preocupe, também vamos ter nossa boa sorte.

— Você acha?

— Espero.

Sentaram-se em silêncio por mais algum tempo e Holly olhou para o relógio. Eram

meia-noite e cinco. Ela realmente precisava fazê-lo sair para abrir o envelope. Ele leu sua mente.

— Então, como vão indo as mensagens lá de cima?

Holly adiantou-se no assento e depositou sua caneca sobre a mesa.

— Bem, na verdade tenho outro envelope para abrir esta noite. Portanto... - Ela

olhou para ele.

— Oh, certo - disse ele, entendendo. Endireitou rapidamente o corpo e colocou

sua caneca sobre a mesa. — É melhor eu deixar você com isto então.

Holly mordeu o lábio, sentindo-se culpada por despachá-lo tão rápido, mas também

se sentia aliviada por ele estar finalmente indo embora.

— Um milhão de vezes obrigada pela carona, Daniel — disse ela, seguindo-o até a

porta.

— Não foi problema algum. - Ele agarrou vivamente seu casaco e encaminhou-se à

saída. Eles deram-se um rápido abraço.

— Vejo você em breve - disse ela, sentindo-se uma megera, e observou-o caminhar

até o carro sob a chuva. Acenou para ele e sua culpa desapareceu assim que fechou a porta.

— Certo, Gerry - disse ela, enquanto se dirigia à cozinha e pegava o envelope

em cima da

mesa. — O que você tem guardado para mim este mês?

Trinta e um

HOLLY SEGUROU O PEQUENO ENVELOPE com força nas mãos e olhou de

relance para o relógio na parede acima da mesa da cozinha. Eram meia-noite e quinze. Em

geral, Sharon e Denise já teriam ligado para ela a essa altura, completamente excitadas para

saber o que havia dentro do envelope. Mas até então nenhuma das duas havia ligado. Ao

que parecia, as novidades de um casamento e de uma gravidez superavam as novidades de

uma mensagem de Gerry ultimamente. Holly censurou-se por ser tão amarga; queria sentir-

se feliz pelas amigas, queria estar de volta ao restaurante naquele exato momento,

comemorando as novidades com elas, como a antiga Holly teria feito. Mas não conseguia

convencer-se sequer a sorrir para elas.

Estava com inveja, delas e de sua boa sorte. Estava zangada por seguirem adiante

sem ela. Mesmo na companhia de amigos, sentia-se sozinha; num quarto com milhares de

pessoas se sentiria sozinha. Mas principalmente quando perambulava pelos cômodos de

sua silenciosa casa, sentia-se muito sozinha.

Não conseguia se lembrar da última vez em que estivera verdadeiramente feliz,

quando alguém ou algo a fazia rir tanto que seu estômago a incomodava e seu maxilar doía.

Sentia falta de ir para cama à noite sem absolutamente nada na cabeça, sentia falta de

apreciar a comida, em vez de comer ser apenas algo que precisava enfrentar a fim de

continuar viva, detestava as contrações na barriga cada vez que se lembrava de Gerry.

Sentia falta de apreciar seus programas de televisão favoritos, em vez de apenas assisti-los

sem interesse, somente para passar as horas. Detestava não ter motivo algum para acordar;

detestava a sensação que tinha quando acordava. Detestava não sentir excitação alguma e

não ter nada por que ansiar. Sentia falta de ser amada, de saber que Gerry a estava

observando enquanto ela assistia à televisão ou comia seu jantar. Sentia falta dos olhos dele

sobre ela quando entrava em um cômodo; sentia falta dos seus toques, seus abraços, seus

conselhos, suas palavras de amor.

Detestava contar os dias até poder ler outra de suas mensagens, porque elas eram

tudo o que restava dele e depois dessa, só havia mais três. E detestava pensar no que sua

vida poderia se transformar quando não houvesse mais Gerry. Lembranças eram ótimas,

mas era impossível tocá-las, cheirá-las ou segurá-las. Elas nunca eram exatamente como o

momento havia sido, e com o tempo se apagavam.

Então, Sharon e Denise que se danassem, podiam continuar com suas vidas felizes,

mas, nos próximos poucos meses, tudo o que Holly possuía era Gerry. Enxugou uma

lágrima no rosto, as lágrimas haviam se tornado uma característica quase permanente em

seu rosto nos últimos tempos, e vagorosamente abriu o sétimo envelope.

Mire na lua e, se errar, você ainda estará entre as estrelas.

Prometa-me que vai procurar um emprego de que gosta desta vez!

PS, eu te amo...

Holly leu e releu a carta, tentando descobrir como ela a fazia se sentir. Vinha temendo voltar ao trabalho havia bastante tempo àquela altura. Acreditara que não estava

preparada para seguir adiante, que ainda era muito cedo. Mas se Gerry dizia que era para

ser, seria. O rosto de Holly se abriu num sorriso.

— Prometo, Gerry - disse ela alegremente. Bem, não eram férias em Lanzarote,

mas pelo menos era um passo adiante para ter sua vida de volta nos trilhos. Examinou a

mensagem por longo tempo, como sempre fazia, e quando estava satisfeita com o fato de

ter analisado cada palavra, precipitou-se para a gaveta da cozinha, retirou um bloco de

notas e uma caneta e começou a fazer sua própria lista de possíveis empregos.

LISTA DE POSSÍVEIS EMPREGOS

1. Agente do FBI - Não sou americana. Não quero viver nos Estados Unidos. Não tenho experiência policial.
2. Advogada - Detestava a escola. Detestava estudar. Não quero ir para a faculdade por 10 milhões de anos.
3. Médica - Ugghh.
4. Enfermeira - Uniformes pouco atraentes.
5. Garçonete - Comería toda a comida.
6. Observadora profissional de pessoas - Ótima ideia, mas ninguém me pagaria.
7. Cosmetóloga - Roo as unhas e me depilo o mínimo possível. Não quero ver áreas dos corpos de outras pessoas.
8. Cabeleireira — Não gostaria de um chefe como Leo.
9. Assistente de varejo — Não gostaria de uma chefe como Denise.

10. Secretária - NUNCA MAIS.

11. Jornalista - Num sei iscrever direitu. Ha-ha, devia ser comediante.

12. Comediante - Reler a última piada. Não foi divertida.

13. Atriz - Possivelmente não conseguiria ultrapassar minha performance no sucesso de crítica “As Garotas e a Cidade”.

14. Modelo - Muito baixa, muito gorda, muito velha.

15. Cantora - Repensar a ideia de ser comediante (número 12).

16. Mulher de negócios bem-sucedida com a vida sob controle —

Hummm... Preciso pesquisar amanhã...

Holly por fim desmoronou sobre a cama às três da manhã e sonhou que era uma

grande e bem-sucedida publicitária, fazendo uma apresentação diante de uma gigantesca

mesa de conferências no último andar de um arranha-céus, com vista panorâmica da rua

Grafton. Bem, ele havia dito “mire na lua”... Acordou cedo naquela manhã, excitada com

seus sonhos de sucesso, tomou uma rápida chuveirada, embelezou-se e caminhou até a

biblioteca local para procurar empregos na Internet.

Seus saltos fizeram muito barulho no chão de madeira quando ela atravessou o

salão em direção à mesa da bibliotecária, o que fez com que várias pessoas erguessem os

olhos de seus livros e a encarassem. Continuou a fazer barulho através do imenso salão e o

rosto enrubesceu quando percebeu que todos a observavam. Ela imediatamente reduziu a

velocidade e começou a andar na ponta dos pés, para não chamar mais atenção. Sentiu-se

como um dos personagens de desenho animado na TV, que exageravam muito sua

caminhada na ponta dos pés, e seu rosto incendiou-se ainda mais quando se

deu conta de

que devia estar parecendo uma completa idiota. Um casal de estudantes, uniformizados,

que obviamente matavam aula, abafaram o riso quando ela passou pela mesa deles. Holly

interrompeu aquele estranho andar a meio caminho entre a porta e a mesa da bibliotecária

e tentou decidir o que fazer em seguida.

— Shiish! - a bibliotecária olhou de cara feia para os dois estudantes. Mais gente

levantou os olhos do livro para observar a mulher de pé no meio do salão. Ela decidiu

continuar a caminhar e apressou o passo. Seus saltos batiam com força no chão e ecoavam

pelo aposento; o som tornou-se cada vez mais acelerado à medida que ela corria para a

mesa, a fim de colocar um ponto final naquela humilhação.

A bibliotecária ergueu os olhos e sorriu e tentou parecer surpresa ao ver alguém de

pé no balcão. Como se ela não tivesse ouvido a batucada de Holly através do salão.

— Oi - murmurou Holly baixinho —, eu gostaria de saber se poderia usar a Internet.

— Perdão? - A bibliotecária falou normalmente e aproximou a cabeça de Holly

para poder ouvir.

— Oh - Holly limpou a garganta, perguntando-se o que havia acontecido com a

necessidade de se sussurrar nas bibliotecas —, eu gostaria de saber se poderia usar a

Internet.

— Sem problemas, é logo ali - sorriu ela, encaminhando-a à fileira de computadores

no canto mais afastado do salão. — São cinco euros para cada vinte minutos online.

Holly entregou seus últimos dez euros. Fora tudo que havia conseguido retirar de

sua conta bancária aquela manhã. Havia mantido uma longa fila de pessoas esperando atrás

dela no caixa eletrônico, enquanto requisitava desde cem até dez euros, e o caixa

automático emitia um bip todas as vezes que entrava com uma quantia em dinheiro, para

informar que não possuía fundos suficientes. Não conseguia acreditar que aquilo era tudo

que lhe restava, mas lhe fornecera ainda mais motivo para sair imediatamente à caça de um

emprego.

— Não, não - disse a bibliotecária, devolvendo o dinheiro —, você pode pagar

quando terminar.

Holly fitou os computadores do outro lado da sala. Precisaria fazer muito barulho

outra vez para simplesmente chegar até lá. Respirou fundo e disparou, passando por filas e

mais filas de mesas. Holly quase riu à vista de todas aquelas pessoas; pareciam-se com

dominós à medida que passava, cada cabeça erguendo-se de um livro para encará-la.

Alcançou os computadores afinal, e percebeu que nenhum deles estava livre. Era como se

houvesse perdido na dança das cadeiras e todos estivessem rindo dela. Aquilo estava

ficando ridículo. Ergueu as mãos com irritação na direção das pessoas, como se dissesse:

”Estão olhando o quê?”, e elas rapidamente enterraram a cabeça nos livros de novo.

Holly ficou de pé no meio do aposento, entre duas filas de mesas e computadores,

tamborilou com os dedos na bolsa e olhou em volta. Seus olhos quase saltaram das órbitas

quando avistou Richard digitando em um dos computadores. Dirigiu-se na ponta dos pés

até ele e tocou-lhe o ombro. Ele pulou de susto e girou em sua cadeira.

— Oi - sussurrou ela.

— Oh, alô, Holly, o que está fazendo aqui? - perguntou ele pouco confortável, como se ela o tivesse pego fazendo algo errado.

— Estou apenas esperando por um computador - explicou ela. — Estou finalmente procurando emprego - disse orgulhosa. Só o fato de dizer aquelas palavras a

fazia sentir-se menos que um vegetal.

— Certo. - Ele virou-se para fitar o computador e fechou a tela. — Você pode usar

este então.

— Não, não precisa correr por minha causa! - disse ela rapidamente.

— De modo algum. Eu estava apenas fazendo uma pesquisa para o trabalho. - Ele

ficou de pé e cedeu o lugar para que ela se sentasse.

— Você veio até aqui? - perguntou ela, surpresa. — Eles não têm computadores

em Blackrock? - brincou. Não sabia exatamente o que Richard fazia para ganhar a vida e

parecia grosseiro perguntar-lhe isso, depois de ele haver trabalhado lá por mais de dez anos.

Sabia que o trabalho envolvia o uso de um casaco branco, girar em torno de um laboratório

e pingar substâncias de cores variadas em tubos de ensaio. Holly e Jack sempre diziam que

ele estava preparando uma droga secreta para libertar o mundo da felicidade. Sentia-se mal

naquele momento por ter dito isso. Apesar de Holly não poder sequer imaginar o fato de

vir a ser próxima de verdade de Richard, e de que ele provavelmente sempre a faria ficar

louca, estava começando a perceber que ele possuía suas boas qualidades. Uma delas era

ceder-lhe o lugar no computador da biblioteca.

— Meu trabalho me leva a toda à parte - brincou Richard desastradamente.

— Shiiish! - fez alto a bibliotecária. A audiência de Holly mais uma vez ergueu os

olhos dos livros. Então naquele instante ela deveria sussurrar, pensou zangada.

Richard deu-lhe um rápido tchau, dirigiu-se à escrivaninha para pagar e deslizou

silenciosamente para fora do salão.

Holly sentou-se diante do computador e o homem ao lado dela sorriu de forma

estranha em sua direção. Ela devolveu o sorriso e bisbilhotou de relance a tela do sujeito.

Afastou os olhos rapidamente e quase vomitou à vista da pornografia em seu monitor. Ele

continuou a encará-la com um sorriso assustador no rosto, enquanto Holly o ignorava e

entretinha-se com sua caça ao emprego.

Quarenta minutos mais tarde, desligou alegremente o computador, encaminhou-se

à bibliotecária e depositou seus dez euros sobre a mesa. A mulher continuou a digitar e

ignorou o dinheiro.

— São 15 euros, por favor.

Holly engoliu em seco e olhou para a nota.

— Mas achei que você tivesse dito que vinte minutos custavam cinco euros.

— Sim, está certo - sorriu ela para Holly.

— Mas só permaneci online por quarenta minutos.

— Na verdade, foram 44 minutos, o que resulta em vinte minutos adicionais - disse

ela, consultando seu computador.

Holly riu com nervosismo.

— São só alguns minutos mais. Isto dificilmente custa cinco euros. - A bibliotecária

apenas continuou a sorrir para ela.

— Então você espera que eu pague? - perguntou Holly, surpresa.

— Sim, é o preço.

Holly abaixou a voz e aproximou sua cabeça da mulher.

— Olhe, isto é realmente embaraçoso, mas na verdade agora só tenho comigo os

dez. Posso voltar mais tarde com o restante?

A bibliotecária balançou a cabeça.

— Sinto muito, mas não podemos permitir isto. Você precisa pagar toda a quantia.

— Mas eu não tenho toda a quantia - protestou Holly. A mulher encarou-a de modo inexpressivo.

— Muito bem - bufou Holly, pegando seu celular.

— Sinto muito, mas não pode usar isto aqui dentro. - Ela apontou para o aviso PROIBIDO CELULAR sobre o balcão.

Holly ergueu os olhos devagar para olhar para ela e contou mentalmente até cinco.

— Se você não vai me deixar usar o celular, então não vou poder telefonar para

pedir a ajuda de alguém. Se não posso telefonar para ninguém, então ninguém virá até aqui

para me dar o dinheiro. Se ninguém vem até aqui com o dinheiro, então não posso pagar

você. Portanto, temos um pequeno problema aqui, não temos? - ela elevou a voz.

A mulher balançava nervosamente sobre um e outro pé.

— Posso ir lá fora para usar o telefone?

A mulher refletiu a respeito daquele dilema.

— Bem, normalmente não permitimos que as pessoas quebrem as normas sem

pagar, mas acho que posso abrir uma exceção. - Ela sorriu e então acrescentou rapidamente: — Desde que você fique exatamente ali, diante da entrada.

— Onde você pode me ver? - perguntou Holly sarcasticamente.

A mulher remexeu nervosamente alguns papéis sob o balcão e fingiu voltar ao trabalho.

Holly ficou de pé do lado de fora da porta e refletiu sobre quem chamar. Não podia

ligar para Denise e Sharon. Embora elas provavelmente saíssem correndo do trabalho por

ela, não queria que soubessem de seus insucessos na vida, agora que estavam ambas tão

beatificamente felizes.

Não podia ligar para Ciara, porque ela estava cumprindo um turno diurno no

Hogans, e visto que Holly já devia vinte euros a Daniel, não achava prudente ligar para a

irmã para afastá-la do trabalho por causa de cinco euros. Jack estava dando aulas na escola

novamente, Abbey também, Declan estava na faculdade e Richard não era sequer uma

opção.

Lágrimas rolavam pelo rosto à medida que percorria a lista de nomes em sua agenda telefônica. A maioria daquelas pessoas nem mesmo ligara para ela desde que Gerry

havia morrido, o que significava que não possuía outros amigos a quem recorrer. Virou de

costas para a bibliotecária, para que ela não visse que estava aborrecida. O que deveria

fazer? Que situação constrangedora a sua, por ter de fato de ligar para alguém a fim de

pedir cinco euros. Mais humilhante ainda era não ter absolutamente ninguém a quem

telefonar. Mas era preciso, ou a arrogante bibliotecária provavelmente chamaria a polícia.

Digitou o primeiro número que lhe veio à cabeça.

— “Oi, aqui é Gerry, deixe uma mensagem após o sinal e ligo para você assim que

puder.”

— Gerry - disse Holly chorando —, preciso de você...

Holly permaneceu do lado de fora da biblioteca e esperou. A bibliotecária mantinha

uma estreita vigilância sobre ela, para o caso de ela fugir. Holly fez uma careta para ela e

virou-se de costas.

— Piranha estúpida - rosnou.

Por fim, o carro de sua mãe parou do lado de fora e Holly tentou parecer o mais

normal possível. Observar o rosto feliz de sua mãe se aproximar e parar no estacionamento

lhe trouxe antigas lembranças. Sua mãe costumava apanhá-la na escola todos os dias

quando era mais nova e ela ficava sempre bastante aliviada ao ver o carro familiar chegar

para resgatá-la, depois de um dia infernal no colégio. Holly sempre detestara a escola, bem,

até encontrar Gerry. Então ansiava por ir à aula todos os dias, para sentarem juntos e

namorar no fundo da sala.

Os olhos de Holly encheram-se de lágrimas novamente e Elizabeth correu e envolveu com os braços seu bebê.

— Minha pobre, pobre Holly, o que aconteceu, querida? - perguntou ela,

acariciando-lhe os cabelos e lançando olhares diabólicos na direção da bibliotecária à

medida que Holly explicava a situação.

— Certo, querida, por que não espera no carro e eu entro e me entendo com ela?

Holly obedeceu e sentou-se no carro, percorrendo as estações de rádio, enquanto a

mãe enfrentava a tirana escolar.

— Vaca idiota - resmungou a mãe quando subiu no carro. Inspeccionou a filha, que

parecia tão perdida.

— Por que não vamos para casa e relaxamos?

Holly sorriu agradecida e uma lágrima escorreu pelo rosto. Casa. Ela gostava da

forma que aquilo soava.

Holly aninhou-se no sofá com a mãe, em Portmarnock. Sentia-se como uma adolescente outra vez. Ela e a mãe tinham o costume de aconchegar-se no sofá e faltar-se

de fofocar sobre suas vidas. Gostaria de poder ter as mesmas conversas divertidas que

costumava ter com ela na ocasião. Sua mãe interrompeu seus pensamentos:

— Liguei para você em casa ontem à noite; você saiu? - ela tomou um gole de chá.

Oh, as maravilhas do mágico chá. A resposta para todos os pequenos problemas da

vida. Você faz fofoca e toma uma xícara de chá, é demitida do emprego e toma uma xícara

de chá, seu marido lhe conta que tem um tumor no cérebro e você toma uma xícara de

chá...

— Sim, saí para jantar com as garotas e centenas de outras pessoas que não conheço. - Holly esfregou os olhos de modo cansado.

— Como estão as garotas? - perguntou Elizabeth carinhosamente. Ela sempre

se

entendera bem com os amigos de Holly, ao contrário dos amigos de Ciara, que a aterrorizavam.

Holly tomou um gole de chá.

— Sharon está grávida e Denise ficou noiva — disse ela, ainda olhando para longe.

— Oh - gritou Elizabeth, hesitante sobre como reagir diante de sua claramente angustiada filha. — Como se sentiu a respeito? - perguntou ela com cuidado, afastando um fio de cabelo do rosto de Holly.

Holly olhou para as próprias mãos e procurou se recompor. Não foi bem-sucedida;

seus ombros começaram a tremer e ela tentou esconder o rosto atrás dos cabelos.

— Oh, Holly - disse Elizabeth num tom triste, depositando a xícara e aproximando-se da filha. — É perfeitamente normal se sentir assim.

Holly não conseguia extrair uma palavra sequer da própria boca. A porta da frente

bateu e Ciara anunciou:

— Chegamos!

— Ótimo - fungou Holly, descansando a cabeça sobre o peito da mãe.

— Onde está todo mundo? - gritou Ciara, batendo portas por toda a casa.

— Só um minuto, querida - gritou Elizabeth, zangada por aquele momento com

Holly ter sido arruinado.

— Tenho novidades! - a voz de Ciara ficava mais alta à medida que ela se aproximava da sala. Mathew escancarou a porta carregando Ciara nos braços. — Eu e

Mathew vamos voltar para a Austrália! - gritou alegremente dentro do aposento. Ela

congelou quando viu a irmã angustiada nos braços da mãe. Saltou rápido dos

braços de

Mathew, conduziu-o para fora do aposento e fechou silenciosamente a porta atrás deles.

— Agora, Ciara também vai embora, mãe. - Holly chorou mais ainda e Elizabeth

chorou baixinho pela filha.

Holly ficou até tarde naquela noite conversando com a mãe a respeito de tudo que

vinha fervilhando dentro dela nos últimos meses. E embora sua mãe tenha proferido

muitas palavras carinhosas de conforto, Holly ainda se sentia tão oprimida quanto antes.

Ficou no quarto de hóspedes naquela noite e acordou num hospício na manhã seguinte.

Holly sorriu ao som familiar do irmão e da irmã correndo pela casa, aos gritos de como

estavam atrasados para a faculdade ou para o trabalho, seguidos das queixas do pai para

que se mexessem e dos pedidos gentis da mãe para que todos fizessem silêncio a fim de

não incomodar Holly. O mundo seguia adiante, simples assim, e não existia uma redoma

grande o bastante para protegê-la.

Na hora do almoço, o pai de Holly a deixou em casa e comprimiu um cheque de

cinco mil euros em sua mão.

— Oh, pai, não posso aceitar isto - disse Holly, vencida pela emoção.

— Fique com ele - disse Frank, afastando delicadamente a mão da filha. — Deixe-

nos ajudá-la, querida.

— Vou devolver cada centavo - disse ela, abraçando-o com força.

Holly ficou de pé à porta e acenou para o pai, que se afastava. Olhou para o cheque

em sua mão e um peso foi imediatamente retirado dos ombros. Ela poderia pensar em

vinte coisas a fazer com aquele cheque e, pela primeira vez, comprar roupas não era uma

delas. Entrando na cozinha, percebeu a luz vermelha da secretária eletrônica, sobre a mesa

no corredor, piscando. Sentou-se no fim dos degraus e apertou o botão.

Possuía cinco novas mensagens.

Uma era de Sharon, ligando para saber se ela estava bem, porque não tivera notícias

dela durante todo o dia. A segunda era de Denise, ligando para saber se ela estava bem

porque não tivera notícias dela durante todo o dia. A terceira era de Sharon, a quarta era de

Denise e a quinta era apenas alguém que desligara. Holly pressionou o botão DELETE e

correu ao andar de cima para mudar de roupa. Ainda não estava totalmente pronta para

falar com Sharon e Denise; primeiro precisava colocar a vida em ordem, para poder se

sentir mais entusiasmada por elas.

Sentou-se diante do computador no quarto de hóspedes e começou a digitar um

CV. Tornara-se uma profissional nessa tarefa, uma vez que mudava de emprego com

bastante frequência. No entanto, fazia algum tempo que não precisava se preocupar em ir a

entrevistas. Se conseguisse uma entrevista, quem iria querer contratar alguém que havia

permanecido um ano inteiro sem trabalhar?

Levou duas horas para finalmente imprimir algo que achava ao menos semi-

indecente. Na realidade, estava de fato orgulhosa do que havia feito; de alguma forma

consequira parecer inteligente e experiente. Riu alto no aposento, esperando ser capaz de

levar seus futuros empregadores a pensar que era uma trabalhadora competente. Relendo

seu CV, decidiu que até mesmo ela contrataria a si mesma. Vestiu-se com cuidado e dirigiu

até a cidade, no carro que afinal conseguiu abastecer. Estacionou diante de uma agência de

empregos e aplicou brilho labial, olhando-se no espelho do carro. Não havia mais tempo a

perder. Se Gerry lhe dissesse para arranjar um emprego, ela arranjará um emprego.

Trinta e dois

DOIS DIAS MAIS TARDE, Holly sentou-se na nova mobília de jardim no jardim

dos fundos, bebericou um copo de vinho tinto e pôs-se a ouvir os sons de seu mobile,

fazendo música ao vento. Olhou em volta, para as linhas perfeitas de seu recentemente

ajardinado quintal e concluiu que quem quer que estivesse trabalhando no jardim tinha de

ser um profissional. Inspirou e deixou que o doce perfume das flores enchesse suas narinas.

Eram oito horas e já começava a escurecer. As noites claras haviam terminado, e todos se

preparavam mais uma vez para a hibernação dos meses de inverno.

Pensou a respeito da mensagem que recebera na secretária eletrônica naquele dia.

Era da agência de empregos e ela estava chocada por ter recebido uma resposta tão rápido.

A mulher no telefone havia dito que seu currículo tivera grande receptividade e Holly já

tinha duas entrevistas programadas. Seu estômago se contorceu àquele pensamento. Nunca

se saía particularmente bem em entrevistas de emprego mas, por outro lado, nunca fora

particularmente experiente em nenhum dos cargos para os quais estava sendo entrevistada.

Dessa vez se sentia diferente; estava excitada em voltar a trabalhar e tentar algo novo. A

primeira entrevista destinava-se a um emprego que envolvia a venda de espaço de

propaganda para uma revista de circulação em Dublin. Era algo em que não possuía

absolutamente experiência, mas desejava aprender, pois parecia muito mais interessante do

que seus trabalhos anteriores, que exigiam, sobretudo que atendesse ao telefone, anotasse

recados e os arquivasse. O que quer que a impedisse de fazer quaisquer daquelas coisas era

um passo adiante. A segunda entrevista era numa empresa de propaganda irlandesa líder de

mercado, e ela não tinha nenhuma esperança de ser contratada ali. Gerry lhe dissera para

mirar na lua...

Holly também pensou a respeito da ligação que recebera de Denise. Denise estava

tão excitada ao telefone que não parecia sequer aborrecida pelo fato de Holly não ter falado

com ela desde que haviam saído para jantar. Na verdade, Holly achava que ela nem mesmo

notara que não retornara a ligação. Denise falara sem parar sobre os preparativos do

casamento e divagara por quase uma hora sobre que espécie de vestido deveria usar, que

flores deveria escolher, onde deveria organizar a recepção. Ela começava as frases e então

se esquecia de terminá-las, à medida que saltava de um assunto para o outro.

Tudo que

Holly precisou fazer foram uns poucos ruídos para deixá-la saber que ainda estava

ouvindo... embora não estivesse. A única informação que captou foi que Denise planejava

casar se na véspera do ano-novo e, ao que tudo indicava, Tom não diria uma única palavra

sobre a forma como o dia especial de Denise seria conduzido. Holly ficou surpresa ao

ouvir que haviam marcado uma data tão cedo; simplesmente presumira que o deles seria

um daqueles noivados cansativos, que duravam anos, especialmente porque Denise e Tom

só estavam juntos havia quatro meses. Entretanto, Holly não se preocupou com aquilo

tanto quanto o faria se fosse a pessoa de antes. Agora, era assinante regular da revista

encontrando o amor e agarrando-o para sempre. Denise e Tom estavam certos em não

perder tempo preocupando-se com o que as pessoas pensavam, se sabiam no íntimo que

aquela era a decisão correta.

Sharon não havia ligado para Holly desde o dia em que anunciara sua gravidez e

Holly sabia que teria de telefonar logo para a amiga, antes que os dias se passassem e fosse

tarde demais. Aquela era uma época importante na vida de Sharon e Holly precisava estar

presente para apoiá-la, mas simplesmente não conseguia forçar-se a fazer isso. Sabia que

estava sendo uma amiga invejosa, amarga e incrivelmente egoísta, mas necessitava ser

egoísta naqueles dias a fim de sobreviver. Ainda estava tentando acostumar-se com o fato

de que Sharon e John estavam conseguindo alcançar tudo que todos presumiam que Holly

e Gerry conseguiriam em primeiro lugar. Sharon sempre dissera que detestava crianças,

pensou Holly irritada. Holly ligaria para Sharon quando estivesse bem e pronta para isso.

Começou a esfriar e Holly levou seu copo de vinho para dentro da casa aquecida,

onde o encheu novamente. Tudo o que podia fazer nos próximos dois dias era aguardar as

entrevistas de emprego e rezar para ser bem-sucedida. Dirigiu-se à sala de estar, colocou o

disco favorito dela e de Gerry de canções de amor no toca-cds e aninhou-se no sofá com o

copo de vinho; fechou os olhos e imaginou-se dançando com ele pelo aposento.

No dia seguinte foi acordada pelo ruído de um carro no caminho que levava à garagem. Pulou da cama e vestiu apressadamente o roupão de Gerry, achando que fosse

seu carro sendo devolvido. Deu uma espiada através das cortinas e imediatamente

retrocedeu quando viu Richard saltando do carro dele. Esperava que não a houvesse visto,

porque realmente não se achava com disposição para uma de suas visitas. Marchou pelo

chão do quarto sentindo-se culpada, enquanto ignorava a campainha tocar pela segunda

vez. Sabia que estava sendo horrível, mas simplesmente não conseguia suportar o fato de

sentar-se com ele para outra conversa desajeitada. De fato não havia mais nada a respeito

de que conversar, nada mudara em sua vida, não tinha novidades excitantes, nem mesmo

novidades normais para contar a ninguém, quanto mais a Richard.

Deu um suspiro de alívio quando o ouviu afastar-se e a porta do carro se fechar

com uma batida. Entrou no chuveiro e deixou que a água quente corresse sobre o rosto e

mais uma vez perdeu-se em seu próprio mundo. Vinte minutos mais tarde, dirigiu-se ao

andar de baixo em seus chinelos cor-de-rosa. O ruído de algo sendo lixado do lado de fora

a fez congelar no degrau. Aguçou os ouvidos e escutou mais atentamente, tentando

identificar o som. Lá estava ele novamente. O ruído de algo sendo lixado e um sussurro,

como se houvesse alguém no quintal... Os olhos de Holly arregalaram-se quando se deu

conta de que seu duende estava lá fora trabalhando no jardim. Permaneceu imóvel,

insegura quanto ao que fazer em seguida.

Deslizou para a sala de estar, pensando estupidamente que a pessoa do lado de fora

a ouviria perambular pela casa e ajoelhou-se. Espreitando por sobre o peitoril da janela,

ofegou quando viu o carro de Richard ainda estacionado na garagem. O que foi ainda mais

surpreendente foi a visão de Richard apoiado nas mãos e nos joelhos, com uma pequena

ferramenta de jardinagem nas mãos, cavando o solo e plantando novas flores. Engatinhou

para longe da janela e sentou-se em choque sobre o carpete, sem saber o que fazer a seguir.

O som do próprio carro sendo estacionado diante da casa captou mais uma vez sua

atenção e seu cérebro começou a funcionar a toda velocidade, enquanto se decidia se

atendia ou não seu mecânico na porta. Por alguma estranha razão, Richard

não queria que

Holly soubesse que ele estava trabalhando em seu jardim, e ela decidiu que respeitaria

aquele desejo... por enquanto.

Escondeu-se atrás do sofá quando viu o mecânico aproximar-se da porta e teve de

rir do ridículo de tudo aquilo. Riu baixinho quando a campainha soou e encolheu-se mais

ainda quando seu mecânico aproximou-se da janela e olhou para dentro. Seu coração bateu

loucamente e ela sentiu-se como se estivesse fazendo algo ilegal. Cobriu a boca e tentou

abafar o riso. Sentia-se tão criança outra vez. Sempre se dera mal brincando de esconde-

esconde; todas as vezes que percebia que o pegador estava se aproximando, tinha um

ataque de riso e o esconderijo era descoberto. Então, pelo resto do dia precisava de

procurar todo mundo. E aí parava de rir, porque todos sabiam que essa era a parte maçante

que sempre cabia à criança mais nova. Mas estava se reconciliando com as vitórias perdidas

no passado, porque fora bem-sucedida em enganar tanto Richard quanto seu mecânico e

rolou no carpete rindo sozinha quando o ouviu largar as chaves na caixa de correio e

afastar-se da porta.

Alguns minutos mais tarde, ela colocou a cabeça para fora do sofá e verificou se era

seguro sair. Ficou de pé e limpou a poeira de suas roupas, dizendo a si mesma que estava

muito velha para brincadeiras idiotas. Espreitou atrás das cortinas novamente e viu Richard

guardando seu equipamento de jardinagem.

Pensando melhor, aquelas brincadeiras idiotas eram divertidas e ela não tinha nada

mais a fazer. Holly chutou os chinelos para longe e enfiou os pés em seus tênis. Assim que

viu Richard afastar-se, correu para fora e pulou para dentro do carro. Iria caçar seu duende.

Conseguiu permanecer três carros atrás dele por todo o trajeto, exatamente como

faziam no cinema, e diminuiu a marcha quando o viu mover-se para a beira da estrada

adiante dela. Ele estacionou o carro, entrou na venda de jornais e voltou com um jornal na

mão. Holly pôs seus óculos escuros, ajeitou o boné de beisebol e espiou por cima da parte

superior o Arab Leader que cobria seu rosto. Riu de si mesma quando avistou seu reflexo

no espelho. Parecia a pessoa mais suspeita do mundo. Observou Richard atravessar a

estrada e encaminhar-se para o Greasy Spoon. Ficou ligeiramente desapontada; esperava

uma aventura muito mais interessante do que isso.

Permaneceu sentada no carro por alguns minutos, tentando formular um novo plano e pulou de susto quando um guarda de trânsito bateu em sua janela.

— Você não pode estacionar aqui - disse ele, gesticulando na direção do estacionamento. Holly sorriu docemente e girou os olhos, recuando até uma vaga livre.

Certamente os protagonistas das novelas policiais nunca tinham esse problema.

Por fim, sua criança interior acalmou-se, para que uma doce e amadurecida Holly

retirasse o boné e os óculos escuros e os lançasse sobre o assento do passageiro, sentindo-

se ridícula. Fim das brincadeiras idiotas. Vida real começando naquele momento.

Cruzou a estrada e olhou em torno dentro do café, procurando pelo irmão.

Localizou-o sentado de costas para ela, inclinado sobre seu jornal e bebendo uma xícara de

chá. Aproximou-se alegremente com um sorriso no rosto.

— Meu Deus, Richard, você alguma vez vai para o trabalho? - ela brincou alto,

fazendo-o pular. Estava prestes a continuar, mas interrompeu-se quando ele olhou para ela

com lágrimas nos olhos e seus ombros começaram a tremer.

Trinta e três

HOLLY OLHOU EM VOLTA PARA VER se alguém mais no café havia

percebido, puxou lentamente uma cadeira e sentou-se ao lado de Richard. Teria dito

alguma coisa errada? Olhou para o rosto de Richard chocada, sem saber o que fazer ou

dizer. Podia dizer com segurança que nunca estivera naquela situação antes. Lágrimas

rolavam pelo rosto dele e ele tentava detê-las com todas as forças.

— Richard, o que há de errado? - perguntou confusa e colocou a mão desastradamente sobre o braço dele e deu-lhe pequenos tapas.

Richard continuou a tremer em decorrência das lágrimas.

A mulher gorducha, metida num avental amarelo-canário dessa vez, contornou o

balcão e colocou uma caixa de lenços de papel sobre a mesa, ao lado de Holly.

— Aqui está - disse ela, estendendo a Richard um lenço de papel. Ele secou os

olhos e assoou com força o nariz, uma assoadela de velho, e Holly tentou esconder o

sorriso.

— Sinto muito por estar chorando - disse Richard, constrangido, e evitou um contato visual com ela.

— Ei - disse ela baixinho, colocando a mão sobre seu braço, mais facilmente dessa

vez —, não há nada errado com o choro. É meu novo hobby atualmente, portanto não se

censure.

Ele sorriu debilmente.

— Tudo simplesmente parece estar se despedaçando, Holly - disse ele num tom

triste, capturando uma lágrima com o lenço de papel, antes que ela se desprendesse de seu

queixo.

— Como o quê? - perguntou ela, preocupada com a transformação de seu irmão

em alguém que ela não conhecia em absoluto. Pensando a esse respeito, ela de fato nunca

conhecera o verdadeiro Richard. Havia visto tantos lados dele nos últimos meses, que ele a

havia confundido.

Richard respirou fundo e engoliu seu chá. Holly ergueu os olhos na direção da mulher atrás do balcão e pediu outro bule.

— Richard, recentemente aprendi que conversar ajuda - disse Holly gentilmente. —

E isto vindo de mim é um grande conselho, porque costumo manter minha boca fechada

achando que sou a mulher maravilha, capaz de guardar todos os sentimentos dentro de

mim. - Ela lançou-lhe um sorriso encorajador. — Por que não me fala sobre isso?

Ele pareceu indeciso.

— Não vou rir, não vou dizer nada se não quiser que eu diga. Não vou contar a

ninguém o que você me disser, só vou escutar - ela lhe assegurou.

Ele afastou os olhos dela, focalizou o saleiro e a pimenteira no centro da mesa

e

disse baixinho:

— Perdi meu emprego.

Holly permaneceu em silêncio e esperou que ele dissesse mais alguma coisa. Após

um instante, quando ela nada disse, Richard ergueu os olhos para encará-la.

— Não é tão ruim assim, Richard - disse ela gentilmente, concedendo-lhe um sorriso. — Sei que você adorava seu trabalho, mas pode encontrar outro. Ei, se isto faz

com que se sinta um pouco melhor, eu costumava perder meus empregos o tempo todo...

— Perdi meu emprego em abril, Holly - interrompeu ele. Então disse zangado: —

Agora é setembro. Não há nada para mim... não na minha área de trabalho... - Ele afastou

os olhos.

— Oh. - Holly não sabia absolutamente o que dizer. Após um longo silêncio, ela

falou novamente: — Mas pelo menos Meredith ainda está trabalhando, portanto vocês

ainda têm uma renda regular. Simplesmente leve o tempo de que precisar para encontrar o

emprego certo... Sei que agora você não vê as coisas assim, mas...

— Meredith me deixou no mês passado - ele a interrompeu novamente, e dessa vez

sua voz estava ainda mais fraca.

Holly cobriu a boca com as mãos. Oh, pobre Richard. Ela nunca gostara da cadela,

mas Richard a adorava.

— As crianças? - ela perguntou com cuidado.

— Estão vivendo com ela - disse ele e sua voz tremeu.

— Oh, Richard, sinto muito - disse ela, movendo nervosamente as mãos, sem saber

onde colocá-las. Ela deveria abraçá-lo ou deixá-lo em paz?

— Sinto muito também - disse ele de forma deplorável e continuou a encarar o

saleiro e o pimenteiro.

— Não foi culpa sua, Richard, então não fique dizendo a si mesmo que foi - protestou ela firmemente.

— Não foi? - perguntou ele, a voz começando a tremer. — Ela me disse que eu era

um homem patético, que não conseguia sequer cuidar de minha própria família. - Ele

desabou novamente.

— Não se importe com aquela cadela idiota - disse Holly zangada. — Você é um

excelente pai e um marido fiel - disse vigorosamente e percebeu que acreditava em cada

uma daquelas palavras. — Timmy e Emily amam você porque é fantástico com eles,

portanto não dê importância ao que aquela demente disse. - Ela colocou os braços ao redor

dele e o abraçou enquanto ele chorava. Estava tão furiosa que queria avançar sobre

Meredith e dar-lhe um soco na cara. Na verdade, sempre quisera fazer isso, mas agora tinha

até mesmo uma desculpa.

As lágrimas de Richard por fim se acalmaram e ele afastou-se dela e apanhou outro

lenço de papel. O coração de Holly enterneceu-se por ele; ele sempre tentara tanto ser

perfeito e criar uma vida e uma família perfeitas e as coisas não haviam se desenrolado da

forma como ele planejava. Ele parecia estar passando por um grande choque.

— Onde você está morando? - perguntou ela, dando-se conta de repente que ele

não possuía uma casa para onde ir nas últimas semanas.

— Estou numa meia-pensão na estrada. Bom lugar. Pessoal simpático - disse ele,

enchendo outra xícara de chá. Sua esposa o abandona, e você toma uma xícara de chá...

— Richard, você não pode ficar lá - protestou Holly. - Por que não contou a nenhum de nós?

— Porque pensei que podíamos resolver o problema, mas não podemos... ela já se decidiu.

Por mais que Holly quisesse convidá-lo para ficar com ela em sua casa, simplesmente não conseguia. Já tinha muito com que lidar sozinha, e estava certa de que

Richard entenderia.

— O que me diz de mamãe e papai? - perguntou ela. — Eles adorariam poder ajudá-lo.

Richard balançou a cabeça.

— Não, Ciara está em casa agora e Declan também, eu não me jogaria em cima

deles. Sou um homem adulto agora.

— Oh, Richard, não seja bobo. - Ela fez uma careta. — Há o quarto de hóspedes,

que era seu antigo quarto. Estou certa de que você seria bem vindo lá. - Ela tentou

persuadi-lo. — Eu mesma dormi lá algumas noites atrás.

Ele ergueu os olhos da mesa que estivera encarando.

— Não há absolutamente nada errado com o fato de voltar para a casa em que você cresceu de vez em quando. É bom para o espírito. - Ela sorriu para ele.

Ele pareceu indeciso.

— Hummmm... não acho que seja muito boa ideia, Holly.

— Se é com Ciara que você está preocupado, então não fique. Ela vai voltar para a

Austrália em algumas semanas com o namorado, portanto a casa vai ficar... menos agitada.

O rosto dele relaxou um pouco. Holly sorriu.

— Então, o que acha? Vamos, é uma ótima ideia e dessa forma você não vai estar

jogando fora seu dinheiro num lugar fedorento. Não importa o quanto diga que os donos

são legais.

Richard sorriu, mas seu sorriso rapidamente desapareceu.

— Eu não conseguiria pedir a mamãe e papai, Holly, eu... não saberia o que dizer.

— Eu vou com você - prometeu ela. — E falo com eles para você. Honestamente,

Richard, eles vão ficar satisfeitos em ajudar. Você é filho deles e eles o amam. Todos nós

amamos - acrescentou ela, cobrindo a mão dele com a sua.

— OK - ele finalmente concordou, e ela uniu seu braço ao dele quando se encaminharam para seus carros.

— Oh, a propósito, Richard, obrigada por meu jardim. - Holly lançou-lhe um sorriso, então inclinou-se e deu-lhe um beijo no rosto.

— Você sabe? - perguntou ele, surpreso. Ela assentiu.

— Você tem um enorme talento, e vou pagar cada centavo que você merece assim

que encontrar um emprego.

O rosto do irmão descontraiu-se num sorriso tímido. Eles entraram em seus carros

e retornaram a Portmarnock, à casa onde haviam crescido.

Dois dias mais tarde, Holly mirou-se no espelho do banheiro do escritório onde sua

primeira entrevista de emprego ocorreria. Perdera tanto peso desde que usara pela última

vez seus antigos terninhos, que precisou sair e comprar um novo. O traje era um elogio a

sua nova e delgada figura. O casaco era longo e terminava logo acima dos joelhos,

ajustando-se ao corpo por um botão na cintura. As calças combinavam apropriadamente e

caíam perfeitas sobre as botas. A vestimenta era preta, cortada por suaves linhas cor-de-

rosa e ela a combinara com uma blusa rosa leve por baixo. Sentia-se como uma publicitária

bem-sucedida, com a vida sob controle e tudo que precisava fazer agora era soar como

uma. Aplicou outra camada de brilho labial cor-de-rosa e correu os dedos por seus cachos,

que decidira deixar soltos sobre os ombros. Respirou fundo e voltou à sala de espera.

Sentou-se novamente e olhou de relance para os outros candidatos ao emprego.

Aparentavam ser muito mais jovens que Holly e todos pareciam ter uma grossa pasta sobre

o colo. Ela olhou em volta e começou a entrar em pânico... sem dúvida todos tinham uma

dessas pastas. Ficou de pé novamente e dirigiu-se à secretária.

— Perdão - disse Holly, tentando chamar sua atenção. A mulher ergueu os olhos e

abriu um sorriso.

— Em que posso ajudar?

— Eu estava no toalete lá fora e acho que deixei de receber uma pasta. - Holly sorriu educadamente.

A mulher franziu as sobrancelhas e pareceu confusa.

— Desculpe, que pastas foram distribuídas?

Holly girou, apontou para as pastas pousadas no colo dos outros candidatos e virou-se para encarar a secretária com um sorriso no rosto. A mulher sorriu e fez sinal com

o dedo para que ela se aproximasse. Holly colocou o cabelo atrás das orelhas

e chegou mais

perto.

— Sim?

— Sinto muito querida, mas na verdade aquelas pastas são portfólios que eles mesmos trazem - sussurrou ela, para que Holly não se sentisse constrangida.

O rosto de Holly congelou.

— Oh. Eu deveria ter trazido um desses comigo?

— Bem, você tem um? - perguntou a mulher com um sorriso amigável. Holly balançou a cabeça.

— Então não se preocupe com isso. Não é uma exigência, as pessoas apenas trazem essas coisas para se mostrar - sussurrou ela e Holly deu um risinho nervoso.

Holly voltou ao seu lugar e continuou a se atormentar a respeito do assunto portfólio. Ninguém lhe dissera nada sobre qualquer portfólio estúpido. Por que era a última

a saber de tudo? Tamborilou com os pés no chão e olhou ao redor enquanto esperava.

Teve uma boa impressão do lugar; as cores eram quentes e acolhedoras e a luz escoava para

dentro através de largas janelas georgianas. O pé-direito era alto e havia uma agradável

sensação de espaço. Holly poderia sentar-se ali o dia inteiro, pensando. De repente se

sentiu tão relaxada que seu coração sequer pulou quando seu nome foi chamado.

Caminhou com segurança em direção à porta do escritório onde se daria a entrevista e a

secretária piscou para ela para lhe desejar boa sorte. Holly sorriu em retribuição; por

alguma razão já se sentia como parte da equipe. Parou quase na porta do escritório e

respirou fundo.

“Mire na lua”, sussurrou para si mesma, “mire na lua”.

Trinta e quatro

HOLLY BATEU LEVEMENTE na porta e uma voz profunda e irritada lhe disse para entrar. Seu coração deu um ligeiro salto ao som daquela voz e ela sentiu-se como

se houvesse sido chamada à sala do diretor no colégio. Secou as mãos úmidas no casaco e

entrou.

— Olá - disse ela, com mais confiança do que sentia. Cruzou o pequeno aposento

e estendeu a mão ao sujeito, que havia se levantado da cadeira e lhe estendia a mão. Ele

cumprimentou-a com um largo sorriso e um aperto de mão caloroso. Graças a Deus, o

rosto não parecia combinar de forma alguma com a voz irritada. Holly relaxou um pouco à

vista dele; lembrava-lhe seu pai. Parecia estar no fim da casa dos cinquenta e possuía uma

enorme constituição de urso, daqueles que dá prazer em abraçar. Precisou impedir-se de

pular por sobre a escrivaninha para abraçá-lo. O cabelo era bem-cuidado e de um prata

quase cintilante e ela calculou que ele deveria ter sido um homem extremamente bonito na

juventude.

— Holly Kennedy, certo? - perguntou ele, sentando-se e olhando de relance para

o currículo diante dele. Ela acomodou-se no assento do lado oposto e obrigou-se a relaxar.

Lera cada manual de técnica de entrevista em que pudera pôr as mãos nos últimos dias e

havia tentado colocar tudo em prática, desde a forma como entrara na sala, ao aperto de

mão apropriado e ao modo de se posicionar na cadeira. Queria parecer experiente,

inteligente e altamente confiante. Mas precisaria de mais que um aperto de mão para

conseguir provar tudo isso.

— Certo - disse ela, colocando a bolsa no chão ao lado dela e pousando as mãos

suadas no colo.

Ele pôs os óculos na ponta do nariz e folheou seu CV em silêncio. Holly o encarava com atenção e tentava ler suas expressões faciais. Não era tarefa fácil, já que ele

era uma daquelas pessoas que franziam constantemente as sobrancelhas enquanto liam.

Bem, ou era isso ou ele não estava nem um pouco impressionado com o que estava vendo.

Ela relanceou o olhar por sua escrivaninha e esperou que ele começasse a falar outra vez.

Seus olhos depararam com uma moldura de prata e três bonitas garotas, próximas à sua

idade, todas sorrindo alegremente para a câmera. Continuou a olhar para a fotografia com

um sorriso no rosto e quando ergueu os olhos percebeu que ele pusera o CV de lado e a

observava. Ela sorriu e tentou parecer mais profissional.

— Antes de começarmos a conversar sobre você, vou explicar exatamente quem

sou e o que o emprego exige - explicou ele.

Holly assentiu enquanto ele falava, tentando parecer muito interessada.

— Meu nome é Chris Feeney e sou o fundador e editor da revista, ou o chefe, como todos gostam de me chamar por aqui - ele deu uma risadinha e Holly ficou encantada

com seus brilhantes olhos azuis. — Basicamente estamos procurando alguém que lide com

o aspecto publicitário da revista. Como sabe, a administração de uma revista ou qualquer

empresa que envolva a mídia depende em grande parte da propaganda que recebemos.

Precisamos de dinheiro para que a revista seja publicada, portanto este trabalho é

extremamente importante. Infelizmente, nosso último homem precisou nos deixar às

pressas, então estou procurando alguém que possa começar quase de imediato. O que acha

disto?

Holly assentiu.

— Isto não seria problema, na verdade estou ansiosa para começar a trabalhar o

mais rápido possível.

O sr. Feeney assentiu e olhou para o CV de Holly novamente.

— Vejo que esteve fora da força de trabalho por mais de um ano agora, estou certo? - Ele abaixou a cabeça e a encarou por sobre o aro de seus óculos.

— Sim, está - concordou Holly. — E posso lhe assegurar que isto estava completamente fora de minha escolha. Meu marido estava doente e precisei afastar-me do

trabalho para ficar com ele.

Ela engoliu em seco; sabia que aquilo seria uma questão para qualquer empregador. Ninguém queria empregar uma pessoa que estivera ociosa durante o ano

anterior.

— Entendo - disse ele, erguendo os olhos. — Bem, espero que ele esteja completamente recuperado agora - disse, sorrindo calorosamente.

Holly não estava certa de que aquilo fosse uma pergunta e não sabia se deveria

continuar a falar. Ele desejava ouvir a respeito de sua vida pessoal? Ele continuou a olhar

para ela e ela percebeu que ele estava esperando uma resposta.

Ela pigarreou.

— Bem, na verdade não, Sr. Feeney, infelizmente ele faleceu em fevereiro... tinha

um tumor no cérebro. Foi por isso que achei que era importante sair do emprego.

— Ó, Deus. - O Sr. Feeney abaixou o CV e retirou os óculos. — Claro que posso

entender. Sinto muito ouvir isto - disse ele sinceramente. — Deve ser difícil para você,

sendo tão jovem... — Ele abaixou os olhos na direção da escrivaninha por um instante e

então encontrou os olhos dela novamente. — Minha mulher perdeu a vida para o câncer

de mama exatamente no ano passado, então entendo como deve estar se sentindo - disse

ele generosamente.

— Lamento - disse Holly num tom triste, olhando para aquele homem gentil do

outro lado da mesa.

— Dizem que vai ficando mais fácil - sorriu ele.

— É o que dizem - declarou Holly irritada. — Aparentemente centenas de litros

de chá produzem este resultado.

Ele começou a rir, uma grande gargalhada.

— Sim! Também já me disseram isto, e minhas filhas estão sempre me avisando

que ar fresco também é um remédio.

Holly riu.

— Ah, claro, o milagroso ar fresco; faz maravilhas pelo coração. Estas são suas

filhas? - sorriu ela, olhando para a fotografia.

— De fato são - disse ele, também sorrindo. — Minhas três pequenas

médicas,

que tentam me manter vivo - riu ele. — Embora o jardim infelizmente não pareça mais o

mesmo - disse, referindo-se à fotografia.

— Uau, este é seu jardim? - perguntou Holly, de olhos arregalados. — É lindo;

julguei que fosse o Jardim Botânico ou algo assim.

— Era a especialidade de Maureen. Não consigo sair do escritório a tempo de ajeitar aquela bagunça.

— Oh, não me fale sobre jardins - disse Holly, girando os olhos. — Não sou exatamente a mulher dos dedos verdes, e o lugar está começando a parecer uma selva. -

Bem, antes parecia uma selva, pensou ela.

Eles continuaram a olhar-se e a sorrir, e Holly sentiu-se reconfortada ao ouvir, de

alguém na mesma situação que ela, uma história semelhante à sua. Conseguisse ou não o

emprego, ao menos se sentia aliviada por saber que não estava completamente sozinha.

— De qualquer forma, voltando à entrevista - disse o sr. Feeney. — Você possui

alguma experiência de trabalho com a mídia?

Holly não gostou da forma como ele disse “alguma”; significava que havia lido seu

CV e não via nenhum indício de experiência para o emprego.

— Na verdade, sim. - Ela voltou ao estilo empresarial e tentou impressioná-lo com todas as forças. — Uma vez trabalhei para um representante estatal e fiquei

responsável pelos meios de comunicação no que dizia respeito a anunciar as novas

propriedades à venda. Portanto eu estava do outro lado do que este emprego requer, por

isso sei como lidar com empresas que estão querendo comprar espaço.

O sr. Feeney assentiu enquanto ela falava.

— Mas você nunca de fato trabalhou numa revista ou jornal ou algo parecido? Holly balançou a cabeça devagar e torturou seu cérebro em busca de algo a dizer.

— Mas fui responsável pela publicação de um boletim semanal para uma empresa

em que trabalhava... - E ela continuou a divagar, agarrando cada pequeno detalhe e

percebeu que estava parecendo patética.

O sr. Feeney era educado demais para interrompê-la à medida que ela enumerava

cada função que já exercera e exagerava o que quer que pudesse estar de alguma forma

relacionado com publicidade ou mídia. Por fim, parou de falar, aborrecida com o som da

própria voz, e entrelaçou nervosamente os dedos no colo. Não possuía qualificações para o

cargo e sabia disso, mas também sabia que poderia exercê-lo se ele lhe desse a

oportunidade.

O sr. Feeney retirou os óculos.

— Entendo. Bem, Holly, vejo que teve muitas experiências em várias áreas diferentes, mas estou percebendo que não ficou em nenhum de seus empregos por um

período superior a nove meses...

— Eu estava procurando o trabalho certo para mim - disse Holly, sua confiança

agora completamente estilhaçada.

— Como posso saber que não vai me abandonar daqui a poucos meses? - Ele sorriu, mas ela sabia que aquilo era sério.

— Porque este é o trabalho certo para mim - disse ela com seriedade. Holly respirou fundo enquanto sentia suas chances fugirem para longe, mas não estava preparada

para desistir tão facilmente. — Sr. Feeney - disse ela, sentando-se na beirada da cadeira. -

Trabalho muito. Quando gosto de alguma coisa, eu me dedico cem por cento, pois fico

extremamente envolvida. Sou uma pessoa muito capaz e o que não sei agora, estou mais

que disposta a aprender para ser capaz de fazer o melhor por mim, pelo senhor e pela

empresa. Se depositar sua confiança em mim, prometo que não vou decepcioná-lo. - Ela

interrompeu-se quando estava quase a ponto de se ajoelhar e implorar pelo maldito

emprego. Seu rosto enrubescou assim que percebeu o que havia feito.

— Bem, acho que é um bom momento para encerrarmos - disse o sr. Feeney, sorrindo para ela. Ele levantou-se e estendeu a mão. — Muito obrigado por dispor de seu

tempo para vir até aqui. Estou certo que manteremos contato.

Holly apertou a mão dele e agradeceu baixinho, ergueu a bolsa do chão e sentiu os

olhos dele queimando-lhe as costas enquanto se encaminhava para a porta. Exatamente

antes de pôr os pés do lado de fora, virou-se para encará-lo.

— Sr. Feeney, vou me certificar de que sua secretária lhe traga um bom bule de

chá quente. Vai lhe fazer todo o bem do mundo. - Ela sorriu e fechou a porta ao som da

alta gargalhada do sujeito. A secretária amistosa ergueu as sobrancelhas na direção de Holly

quando ela passou por sua mesa, e o restante dos candidatos segurou seu portfólio com

força, perguntando-se o que a mulher poderia ter dito para fazer com que o entrevistador

risse tão alto.

Holly sorriu para si mesma, à medida que continuava a ouvir o riso do sr. Feeney,

e caminhou em direção ao ar fresco.

Holly decidiu dar uma passada no trabalho de Ciara, onde poderia comer alguma

coisa. Virou a esquina, entrou no Hogans e procurou uma mesa. O pub estava repleto de

gente bem vestida em seu intervalo de almoço e algumas pessoas tomavam um trago

escondido antes de voltar para o escritório. Holly encontrou uma pequena mesa a um canto

e acomodou-se.

— Perdão - ela chamou alto e estalou os dedos no ar —, será que posso ser atendida aqui, por favor?

As pessoas nas mesas ao redor lhe lançaram olhares por ser tão rude com a atendente, mas Holly continuou a estalar os dedos no ar.

— Oi! - gritou ela.

Ciara girou com uma expressão ameaçadora no rosto, que se transformou num

sorriso quando avistou a irmã sorrindo para ela.

— Jesus, eu estava a ponto de acabar com você - riu ela, aproximando-se da mesa.

— Espero que você não fale assim com seus clientes - provocou Holly.

— Não com todos eles - replicou Ciara num tom sério. — Vai almoçar aqui hoje?

Holly assentiu.

— Mamãe me contou que você estava servindo almoços; você não deveria estar

trabalhando no clube lá em cima?

Ciara girou os olhos.

— Aquele homem me faz trabalhar todas as horas do dia, está me tratando como

escrava - lamentou-se Ciara.

— Será que ouvi alguém mencionar meu nome? - riu Daniel, surgindo atrás dela.

O rosto de Ciara congelou quando ela percebeu que ele a ouvira.

— Não, não... eu estava apenas falando de Mathew - gaguejou ela. — Ele me faz

ficar acordada durante toda a noite, sou sua escrava sexual... - Sua voz sumiu e ela dirigiu-se

ao bar para pegar um bloco de anotações e uma caneta.

— Desculpe ter perguntado - disse Daniel, olhando para Ciara perplexo. —

Incomoda-se se eu me juntar a você? - perguntou ele a Holly.

— Sim - provocou Holly, mas puxou uma banqueta para ele. — OK, o que há de

bom para se comer aqui? - perguntou ela, examinando o cardápio enquanto Ciara voltava

com uma caneta na mão.

Ciara articulou em silêncio “Nada” atrás das costas de Daniel e Holly deu uma

risadinha.

— O tostado especial é o meu favorito - sugeriu Daniel, e Ciara balançou vigorosamente a cabeça na direção de Holly. Ciara obviamente não achava que o tostado

especial fosse grande coisa.

— Por que você está balançando a cabeça? - perguntou Daniel, pegando Ciara no

ato mais uma vez.

— É só que... Holly é alérgica a cebola - gaguejou Ciara novamente. Aquilo era

uma novidade para Holly.

Holly assentiu com a cabeça.

— Sim... elas, eh... fazem minha cabeça... eh... inchar - completou ela ofegante. —

Coisas horríveis são estas cebolas. Fatais, na verdade. Podem me matar qualquer dia destes.

— Ciara girou os olhos na direção da irmã, que mais uma vez conseguira exagerar.

— Bem, então deixe as cebolas de fora - sugeriu Daniel e Holly concordou.

Ciara enfiou os dedos na boca e fingiu vomitar enquanto se afastava.

— Você está muito elegante hoje - disse Daniel, estudando-lhe o traje.

— Sim, bem, era esta a impressão que eu estava tentando passar. Eu estava apenas

em uma entrevista de emprego - disse Holly e recuou ao pensar naquilo.

— Oh, sim, claro - sorriu Daniel, então fez uma careta. — Não deu certo?

Holly balançou a cabeça.

— Bem, vamos dizer apenas que preciso comprar uma roupa ainda mais elegante.

Não estou esperando que me chamem tão cedo.

— Não se preocupe - disse Daniel sorrindo. — Haverá muitas outras oportunidades. O emprego lá em cima ainda está de pé, se você estiver interessada.

— Pensei que você tivesse dado esse emprego a Ciara. Por que ela está trabalhando aqui embaixo agora? - perguntou Holly, parecendo confusa.

Daniel fez uma careta.

— Holly, você conhece sua irmã; ela teve um pequeno problema.

— Oh, não! - riu Holly. — O que ela fez desta vez?

— Um cara no bar disse alguma coisa a ela que ela absolutamente não gostou, então ela preparou a bebida do sujeito e derramou na cabeça dele.

— Não! - arquejou Holly. — Estou surpresa que você não a tenha demitido!

— Eu não poderia fazer isto com um membro da família Kennedy, poderia? - sorriu ele. — E, além disso, como eu seria capaz de encarar você outra vez?

— Exatamente - sorriu Holly. — Você pode ser meu amigo, mas precisa respeitar a família.

Ciara franziu as sobrancelhas quando chegou com o prato de comida.

— Bem, esta é a pior imitação do Poderoso Chefão que já ouvi. Bon appétit - disse ela sarcasticamente, atirando o prato sobre a mesa e girando nos calcanhares.

— Ei! - Daniel franziu as sobrancelhas, afastando o prato de Holly e examinando o sanduíche.

— O que está fazendo? - ela quis saber.

— Há cebolas nele - disse ele zangado. — Ciara deve ter errado o pedido outra vez.

— Não, não, ela não errou. - Holly saltou em defesa da irmã e retirou o prato das

mãos dele. — Só sou alérgica a cebola roxa - disse ela sem pensar.

Daniel franziu as sobrancelhas.

— Que estranho. Não pensei que existisse grande diferença.

— Oh, sim, existe. - Holly balançou a cabeça e tentou parecer experiente: — Elas

podem fazer parte da mesma família, mas a cebola roxa... contém toxinas mortais... - Sua

voz extinguiu se.

— Toxinas? - perguntou Daniel, descrente.

— Bem, são tóxicas para mim, não são? - murmurou ela e mordeu o sanduíche

para calar a boca. Achou difícil comer o sanduíche sob o olhar de Daniel sem se sentir uma

porca, então finalmente desistiu e deixou os restos no prato.

— Não gostou? - perguntou ele preocupado.

— Não é isso. Adorei; é que simplesmente tomei um café da manhã reforçado —

mentiu ela, dando um tapinha no estômago vazio.

— E então, já deu sorte com o seu duende? - provocou ele.

— Bem, na verdade descobri quem é! - riu Holly, limpando as mãos engorduradas

em seu guardanapo.

— Verdade? Quem é?

— Você acredita que é meu irmão Richard? - riu ela.

— Está brincando! Então por que ele não contou a você? Queria que fosse uma

surpresa ou algo do gênero?

— Algo do gênero, acho.

— É um bom sujeito, Richard - disse Daniel, parecendo pensativo.

— Você acha? - perguntou Holly, surpresa.

— Sim, ele é o tipo de sujeito que não faz mal a ninguém. Tem uma índole boa.

Holly balançou a cabeça enquanto tentava digerir aquela informação. Ele interrompeu seus pensamentos:

— Tem falado com Denise ou Sharon ultimamente?

— Só Denise - disse ela, desviando os olhos. — Você?

— Tom tem feito minha cabeça com toda essa conversa sobre casamentos. Quer

que eu seja seu padrinho. Para ser honesto, não pensei que eles fossem planejar tudo isto

tão cedo.

— Nem eu - concordou Holly. — Como se sente a respeito agora?

— Ah - suspirou Daniel. — Feliz por ele, de uma forma meio egoísta e amarga. -

Ele riu.

— Sei como se sente - assentiu Holly. — Tem falado com sua ex ultimamente?

— Quem, Laura? - perguntou ele, surpreso. — Nunca mais quero ver essa mulher.

— Ela é amiga de Tom?

— Não tão amiga quanto antes, graças a Deus.

— Então ela não vai ser convidada para o casamento? - Os olhos de Daniel se arregalaram.

— Sabe, nunca sequer pensei sobre isto. Deus, espero que não; Tom sabe o que eu faria com ele se a convidasse.

Fez-se silêncio enquanto Daniel pensava na ideia.

— Acho que vou me encontrar com Tom e Denise amanhã à noite para discutir

os planos para o casamento; se quiser vir... - disse Daniel.

Holly girou os olhos.

— Nossa! Obrigada, bem, isto simplesmente parece a coisa mais divertida do mundo, Daniel.

Daniel começou a rir.

— Eu sei, é por isto que não quero ir sozinho. De qualquer forma, ligue mais tarde se quiser ir.

Holly assentiu.

— Certo, aqui está à conta - disse Ciara, largando um pedaço de papel sobre a mesa e afastando-se de forma negligente. Daniel a observou e balançou a cabeça.

— Não se preocupe, Daniel - riu Holly —, você não vai ter de ficar com ela por

muito mais tempo.

— Por que não? - Ele pareceu confuso.

Uh-oh, pensou Holly, Ciara não havia lhe contado que ia embora.

— Nada - murmurou ela, remexendo a bolsa à procura da carteira.

— Não, de verdade, o que está querendo dizer? - continuou ele.

— Estou querendo dizer que o turno dela deve estar quase no fim agora - disse

ela, puxando a carteira da bolsa e olhando para o relógio.

— Escute, não se preocupe com a conta, eu cuido disto.

— Não, não vou deixar você fazer isto - disse ela, continuando a procurar o dinheiro em meio a todos os recibos e bobagens em sua carteira. O que me faz lembrar que

estou devendo vinte. — Ela colocou o dinheiro sobre a mesa.

— Esqueça isto. - Ele fez um aceno desinteressado com a mão.

— Ei, você vai me deixar pagar alguma coisa? - brincou Holly. — Vou deixar o

dinheiro aqui em cima da mesa de qualquer jeito, então você vai ter de pegar.

Ciara voltou à mesa e estendeu a mão na direção do dinheiro.

— Está tudo certo, Ciara, ponha na minha conta - disse Daniel. Ciara ergueu as

sobrancelhas e piscou para Holly. Então olhou de relance para a mesa e avistou a nota de

vinte euros.

— Oh, obrigada, irmã, eu não sabia que você deixava gorjetas tão boas. - Ela embolsou o dinheiro e foi servir outra mesa.

- Não se preocupe - riu Daniel, olhando para uma Holly chocada. — Vou descontar do salário dela.

O coração de Holly disparou quando entrou em seu condomínio e avistou o carro

de Sharon diante de sua casa. Fazia tanto tempo desde a última vez que Holly falara com

ela, que se sentia envergonhada. Pensou em manobrar o carro e seguir na outra direção,

mas se deteve. Precisava arcar com as consequências, antes que perdesse sua melhor amiga.

Se é que já não era tarde demais.

Trinta e cinco

HOLLY PAROU NA GARAGEM e respirou fundo antes de saltar do carro.

Deveria ter sido ela a visitar Sharon primeiro e sabia disso; agora as coisas pareciam muito

piores. Dirigiu-se ao carro de Sharon e surpreendeu-se ao ver John saltando.

Sharon não

estava ali. Seu coração disparou; esperava que Sharon estivesse bem.

— Oi, Holly - disse John zangado, batendo a porta do carro atrás dele. — John!

Onde está Sharon? - perguntou ela.

— Acabo de vir do hospital. - Ele caminhou na direção dela devagar. Holly cobriu

o rosto com as mãos e os olhos se encheram de lágrimas.

— Meu Deus! Ela está bem? - John parecia confuso.

— Sim, só está fazendo um exame de rotina, vou voltar para pegá-la quando sair

daqui.

As mãos de Holly desabaram ao lado do corpo.

— Oh - disse ela, sentindo-se uma idiota.

— Se você está assim tão preocupada com ela, deveria ligar. - John manteve a cabeça erguida e seus olhos azuis glaciais cravaram-se direto nos dela. Holly podia ver seu

maxilar cerrando-se e afrouxando. Ela sustentou seu olhar até que a força daqueles olhos

fez com que se voltasse para longe.

Holly mordeu o lábio, sentindo-se culpada.

— Sim, eu sei. Por que você não entra e eu preparo para nós uma xícara de chá? —

Em qualquer outro momento teria rido de si mesma por dizer aquilo; estava se tornando

um deles.

Ela deu um tapinha no interruptor da chaleira e se manteve ocupada enquanto John

se acomodava à mesa.

— Sharon não sabe que estou aqui, portanto eu gostaria que você não dissesse nada.

— Oh. - Holly sentiu-se ainda mais desapontada. Sharon não o havia enviado.

Não

queria sequer vê-la; devia ter desistido de Holly de uma vez por todas.

— Ela sente sua falta, sabe? - John continuou a olhar direto para ela, sem piscar por

um segundo sequer.

Holly carregou as canecas para a mesa e sentou-se.

— Também sinto falta dela.

— Já faz algum tempo agora, Holly, e vocês duas costumavam conversar uma com

a outra todos os dias. - John retirou a caneca da mão dela e colocou-a diante dele.

— As coisas eram bem diferentes, John - disse Holly zangada. Será que ninguém

entendia a situação pela qual estava passando? Será que era a única pessoa mentalmente sã

em todo o mundo ultimamente?

— Olhe, todos sabemos o que você enfrentou... - começou John.

— Eu sei que todos sabem o que enfrentei, John; isto é bastante óbvio, mas vocês

todos não parecem entender que ainda estou passando por isso!

Eles ficaram em silêncio.

— Isto não é absolutamente verdade. - A voz de John estava mais baixa e ele fixava

o olhar na caneca que fazia girar diante dele sobre a mesa.

— É sim. Eu simplesmente não posso seguir com minha vida como vocês todos

estão fazendo e fingir que nada aconteceu.

— Você acha que é isto que estamos fazendo?

— Bem, vamos examinar as evidências? - perguntou ela sarcasticamente. — Sharon

vai ter um bebê e Denise vai se casar...

— Holly, isto se chama vida - interrompeu John, erguendo os olhos. — Você

parece ter esquecido como fazer isto. Olhe, sei que é difícil para você, porque sei que é

difícil para mim. Também sinto falta de Gerry. Ele era meu melhor amigo. Fui vizinho dele

durante toda a minha vida. Fui para o jardim de infância junto com o cara, pelo amor de

Deus. Fomos para a escola primária juntos e jogamos no mesmo time de futebol. Fui

padrinho dele de casamento e ele foi o meu! Sempre que eu tinha um problema, corria para

Gerry; sempre que queria me divertir um pouco, corria para Gerry. contei a ele certas

coisas que nunca diria a Sharon e ele me contou coisas que nunca diria a você. Só porque

eu não era casado com ele, não significa que não me sinta como você. E só porque ele está

morto, não significa que eu tenha de parar de viver também.

Holly sentiu-se abalada. John girou a cadeira para ficar bem de frente para ela. As

pernas da cadeira guincharam alto no silêncio. Ele respirou fundo antes de falar

novamente.

— Sim, é difícil. Sim, é horrível. Sim, foi a pior coisa que aconteceu comigo em

toda a minha vida. Mas não posso desistir. Não posso simplesmente deixar de ir ao pub,

porque há dois sujeitos rindo e brincando nos bancos em que eu e Gerry costumávamos

nos sentar, e não posso deixar de ir às partidas de futebol, porque era aonde sempre

costumávamos ir juntos. Tudo bem, posso me lembrar disto e rir a respeito, mas não posso

deixar de ir até lá.

Lágrimas brotaram nos olhos de Holly e John continuou a falar.

— Sharon sabe que você está magoada e compreende, mas você precisa entender

que esta é uma época extremamente importante na vida dela também, e ela precisa da

melhor amiga para ajudá-la a passar por isto. Ela precisa de sua ajuda, assim como você

precisa da dela.

— Estou tentando, John - soluçou Holly quando lágrimas quentes escorreram pelas

faces.

— Sei que está. - Ele inclinou-se para frente e tomou-lhe as mãos. — Mas Sharon

precisa de você. Evitar a situação não vai ajudar ninguém, nem coisa alguma.

— Mas fui a uma entrevista de emprego hoje - gemeu ela de modo infantil.

John tentou esconder um sorriso.

— Isto é uma ótima notícia, Holly. E como foi?

— Uma merda - fungou ela, e John começou a rir. Ele permitiu que o silêncio se

instalasse entre eles antes de falar novamente.

— Ela está com quase cinco meses de gravidez, sabia?

— O quê? - Holly ergueu os olhos, surpresa. — Ela não me contou!

— Estava com medo - disse ele gentilmente. — Achou que você poderia ficar louca

com ela e nunca mais querer falar com ela outra vez.

— Bem, foi estúpido da parte dela pensar isto - disse Holly zangada e enxugou os

olhos raivosamente.

— Verdade? - Ele ergueu as sobrancelhas. — Então do que você chama tudo isto?

Holly afastou o olhar.

— Eu pretendia ligar para ela, de fato pretendia. Pegava o telefone todos os dias,

mas simplesmente não conseguia. Então eu dizia que ia ligar no dia seguinte, e no dia

seguinte estava muito ocupada... Sinto muito, John. Estou realmente feliz por vocês dois.

— Obrigado, mas não sou eu quem precisa ouvir nada disto, sabe?

— Eu sei, mas tenho sido tão horrível! Agora ela nunca vai me perdoar!

— Não seja boba, Holly, é de Sharon que estamos falando aqui. Amanhã ela vai ter

esquecido tudo.

Holly ergueu as sobrancelhas, esperançosa.

— Bem, talvez não amanhã. Ano que vem talvez... e você deve a ela muito tempo,

mas ela por fim vai perdoá-la... - Seus olhos glaciais entusiasmaram-se e ele piscou para ela.

— Pare com isto! - riu Holly com nervosismo, dando-lhe uma palmada no braço.

— Posso ir com você para vê-la?

O estômago de Holly se contorceu quando pararam do lado de fora do hospital.

Avistou Sharon sozinha, olhando em volta, esperando para ser apanhada. Ela estava

tão linda que Holly teve de sorrir à vista da amiga. Sharon ia ser mãe. Não podia

acreditar que já estava grávida de quase cinco meses. O que significava que Sharon estava

com três meses de gravidez quando saíram de férias e ela não havia dito uma palavra!

Porém, mais importante, Holly não podia acreditar que, estupidamente, não tivesse

percebido as mudanças na amiga. Claro que ela não teria uma barriga com apenas três

meses; mas agora, enquanto olhava para Sharon vestida com um pulôver de gola alta e

jeans, podia ver a inchação de uma diminuta barriga. E lhe caía bem. Holly saltou do carro

e o rosto de Sharon congelou.

Oh, não, Sharon ia gritar com ela. Ia lhe dizer que a detestava e que não queria vê-la

novamente e que ela era um lixo de amiga e que...

O rosto de Sharon se abriu num sorriso e ela estendeu os braços para Holly.

— Venha aqui comigo, sua boba - disse ela baixinho.

Holly correu para os braços dela. Ali, com a amiga abraçando-a com força, sentiu as

lágrimas começarem a rolar novamente.

— Oh, Sharon, sinto tanto, sou uma pessoa horrível. Eu sinto tanto, por favor, me

perdoe. Nunca tive a intenção de...

— Cale a boca, sua chorona, e me abrace. - Sharon também chorava, com a voz

entrecortada, e elas abraçaram-se por longo tempo, enquanto John as observava.

— Hã-hã - John pigarreou alto.

— Venha cá, você. - Holly sorriu e o arrastou para dentro do grupo.

— Suponho que isto tenha sido ideia sua. - Sharon olhou para o marido.

— De maneira nenhuma - disse ele, piscando para Holly. — Passei por Holly na

rua e disse que lhe daria uma carona...

— Certo - disse ela com sarcasmo, dando o braço a Holly enquanto se encaminhavam ao carro. — Bem, de qualquer forma você me fez um favor. - Ela sorriu na

direção da amiga.

— Então, o que disseram? - perguntou Holly, inclinando-se para frente e se espremendo entre os dois bancos dianteiros como uma garotinha excitada. — O que é?

— Bem, você não vai acreditar, Holly. - Sharon girou no assento e

compartilhou a

excitação da amiga. — O médico me disse que... e acredito nele porque aparentemente é

um dos melhores... de qualquer forma ele me falou que...

— Por favor! - Holly pressionou-a a continuar, morrendo de vontade de saber.

— Ele disse que é um bebê! - Holly girou os olhos.

— Ha-ha. O que quero dizer é, é um menino ou uma menina?

— Por enquanto não se sabe, Jiles não têm certeza ainda.

— Você gostaria de saber se eles puderem dizer? - Sharon apertou o nariz.

— Na verdade não sei, ainda não decidi. - Ela olhou para John e os dois
partilharam um sorriso misterioso.

Uma pontada familiar de ciúme atingiu Holly e ela sentou-se em silêncio enquanto a

deixava passar e a excitação retornava. Os três voltaram à casa de Holly. Ela e Sharon não

estavam absolutamente preparadas para se separar logo após fazer as pazes. Tinham tanto

para conversar. Sentados ao redor da mesa da cozinha de Holly, eles compensaram o

tempo perdido.

— Sharon, Holly foi a uma entrevista de emprego hoje - disse John, quando finalmente conseguiu abrir a boca.

— Verdade? Eu não sabia que você já estava procurando emprego!

— É a nova tarefa de Gerry para mim - sorriu Holly.

— Foi a deste mês? Eu estava louca de vontade de saber! Então, como foi?

Holly fez uma careta e segurou a cabeça com as mãos.

— Foi horrível, Sharon. Fiz o papel de uma perfeita idiota.

— Verdade? - Sharon deu uma risadinha nervosa. — Qual era o cargo?

— Vender espaço de propaganda para aquela revista, X.

— Que legal, eu a lia no trabalho o tempo todo.

— Acho que não conheço, que tipo de revista é? - perguntou John.

— Tem de tudo: moda, esportes, cultura, culinária, críticas... de tudo realmente.

— E anúncios - brincou Holly.

— Bem, ela não vai ter anúncios tão bons se Holly Kennedy não estiver trabalhando para eles - disse Sharon com delicadeza.

— Obrigada, mas realmente não acho que vá trabalhar lá.

— Por quê? O que deu tão errado na entrevista? Você não pode ter se saído tão

mal assim. - Sharon parecia intrigada enquanto estendia a mão para o bule de chá.

— Acho que é ruim quando o entrevistador pergunta se você tem alguma experiência de trabalho em revista ou jornal e você diz a ele que uma vez publicou um

boletim para uma empresa de merda. - Holly bateu com a cabeça na mesa da cozinha,

brincando.

Sharon desatou a rir.

— Boletim? Espero que você não tenha se referido àquela porcaria de folheto que

imprimiu no computador para anunciar aquela empresa suspeita?

John e Sharon choravam de tanto rir.

— Bem, era uma propaganda da empresa... - A voz de Holly extinguiu-se e ela deu

um risinho nervoso, sentindo-se ainda mais envergonhada.

— Você se lembra? Fez com que todos saíssemos e os distribuíssemos pelas casas

das pessoas debaixo de uma maldita chuva e um frio congelante! Levamos dias fazendo

isto!

— Ei, eu me lembro - riu John. — Você se lembra, fez com que eu e Gerry saíssemos uma noite para colocar centenas deles no correio? - Ele continuou a rir.

— E? - Holly tinha medo de ouvir o que viria a seguir.

— Bem, nós os enfiamos na lata de lixo atrás do Bob's e entramos para tomar alguns drinques. - Ele continuou a rir daquela lembrança e a boca de Holly se escancarou.

— Seus canalhas mentirosos! - riu ela. — Por causa de vocês dois a empresa faliu e perdi meu emprego!

— Eu diria que ela faliu no instante em que as pessoas deram uma olhada naqueles

panfletos, Holly - provocou Sharon. — De qualquer forma, aquele lugar era uma porcaria.

Você reclamava todos os dias.

— Aquele era só um dos empregos de que Holly reclamava — brincou John. Mas ele estava certo.

— Bem, eu não reclamaria deste - disse ela triste.

— Há muitos outros empregos lá fora - assegurou Sharon —, você só precisa melhorar seus conhecimentos sobre entrevista.

— Nem me fale nisto. - Holly golpeou o açucareiro com uma colher. Eles permaneceram em silêncio por algum tempo.

— Você publicou um boletim - repetiu John minutos mais tarde, ainda rindo ao pensar naquilo.

— E você cale a boca - recuou Holly. — Ei, o que mais você e Gerry fizeram que eu não sei? - perguntou ela.

— Ah, um verdadeiro amigo nunca revela segredos - provocou John, e seus olhos dançavam com as lembranças.

Mas algo fora destravado naquela noite. E depois que Holly e Sharon ameaçaram

arrancar de John algumas das histórias a respeito de Gerry, Holly aprendeu

mais sobre o

marido do que jamais aprendera. Pela primeira vez desde que Gerry havia morrido, Holly

finalmente foi capaz de conversar sobre ele. Os quatro costumavam se reunir: Holly, Gerry,

Sharon e John. Dessa vez, só três se reuniram para lembrar aquele que haviam perdido. E

com toda aquela conversa, ele tornou-se vivo para eles durante a noite inteira. Logo eles

seriam quatro novamente, com a chegada do bebê de Sharon e John.

A vida continuava.

Trinta e seis

NAQUELE DOMINGO, RICHARD LIGOU para visitar Holly com as crianças.

Ela lhe disse que eram bem-vindos e que ele podia levá-las sempre que fosse seu dia com

elas. As crianças brincavam do lado de fora no jardim, enquanto Richard e Holly

terminavam o jantar e as vigiavam através das portas do quintal.

— Eles parecem realmente felizes, Richard - disse Holly, observando-os brincar.

— É, parecem, não é verdade? - Ele sorriu enquanto os via perseguirem um ao

outro. — Quero que as coisas sejam tão normais quanto possível para eles. Eles não

entendem completamente o que está acontecendo e é difícil explicar.

— O que disse a eles?

— Que mamãe e papai não se amam mais e que me mudei para que possamos ser

mais felizes. Algo parecido com isto.

— E está tudo bem para eles assim? - Seu irmão assentiu devagar.

— Timothy está bem, mas Emily está preocupada que deixemos de amá-la e que vá

precisar se mudar. - Ele olhou de relance para Holly com olhos tristes.

Pobre Emily, pensou Holly, observando-a saltar ao redor de sua assustadora boneca. Não conseguia acreditar que estava tendo aquela conversa com Richard. Ele

parecia uma pessoa totalmente diferente. Ou talvez fosse Holly quem houvesse mudado;

sentia-se mais tolerante com ele agora, achava mais fácil ignorar seus pequenos

comentários importunos e ainda havia muitos deles. Por outro lado, agora eles tinham algo

em comum. Ambos entendiam o que era se sentir solitário e inseguro.

— Como está tudo indo na casa de mamãe e papai? - Richard engoliu uma garfada

de batata e balançou a cabeça.

— Bem. Eles estão sendo extremamente generosos.

— Ciara está incomodando? - Era como se estivesse questionando o próprio filho,

de volta a casa depois do primeiro dia na escola, querendo saber se as outras crianças o

havam intimidado ou tratado bem. Mas ultimamente se sentia tão protetora com relação a

Richard... Ajudá-lo era ajudar a si própria; dava-lhe forças.

— Ciara é... Ciara - sorriu ele. — Não pensamos do mesmo jeito a respeito de

muitas coisas.

— Bem, eu não me preocuparia com isto - disse Holly, tentando espetar um pedaço

de carne de porco com o garfo. — A maioria das pessoas no mundo também não pensaria

como ela a respeito de muitas coisas. - Seu garfo finalmente fez contato com o porco e o

lançou pelos ares, fazendo-o aterrissar sobre a bancada da cozinha, do outro lado do

aposento.

— E dizem que os porcos não voam - observou Richard enquanto Holly atravessava o cômodo para resgatar o pedaço de carne.

Holly deu uma risadinha.

— Ei, Richard, você fez um comentário engraçado! - Ele pareceu satisfeito consigo

mesmo.

— Também tenho meus momentos, acho - disse ele, dando de ombros. — Embora

esteja certo que você acha que não tenho muitos deles.

Holly acomodou-se devagar no assento, tentando decidir como formular o que ia

dizer.

— Nós todos somos diferentes, Richard. Ciara é ligeiramente excêntrica, Declan é

um sonhador, Jack é um brincalhão, eu sou... bem, não sei o que sou. Mas você sempre foi

muito controlado. Rígido e sério. Não é necessariamente uma coisa ruim, apenas somos

todos diferentes.

— Você é muito atenciosa - disse Richard após um longo silêncio.

— O quê? - perguntou Holly, sentindo-se confusa. Para esconder seu constrangimento, encheu a boca com outra garfada de comida.

— Sempre achei você muito atenciosa - repetiu ele.

— Quando? - perguntou ela incrédula, com a boca cheia.

— Bem, eu não estaria aqui sentado jantando, com as crianças correndo e se divertindo lá fora, se você não fosse atenciosa agora, mas na verdade estava me referindo a

quando éramos crianças.

— Não penso assim, Richard - disse Holly, balançando a cabeça. — Jack e eu éramos sempre tão terríveis com você - disse ela baixinho.

— Você não eram sempre terríveis, Holly. - Ele lançou-lhe um sorriso divertido.

— De qualquer forma, é para isto que servem irmãos e irmãs, para fazer com que a vida

uns dos outros se torne o mais difícil possível enquanto crescem. Isto forma uma base

importante para a vida, endurece a pessoa. Ainda assim, eu era o irmão mais velho mandão.

— Então de que maneira isto me faz atenciosa? - perguntou Holly, sentindo que

não havia absolutamente entendido aonde ele queria chegar.

— Você idolatrava Jack. Costumava segui-lo o tempo todo e fazia exatamente o

que ele lhe dizia para fazer. - Ele começou a rir. — Eu o ouvia dizer a você para me falar

certas coisas e você entrava em meu quarto horrorizada, despejava-as e saía correndo

novamente.

Holly olhou para seu prato, sentindo-se envergonhada. Ela e Jack costumavam

fazer maldades terríveis com ele.

— Mas você sempre voltava - continuou Richard. — Sempre deslizava em silêncio

para dentro de meu quarto e ficava me observando trabalhar na escrivaninha, e eu sabia

que era a sua maneira de dizer que sentia muito. - Ele sorriu para ela. — Isto faz de você

uma pessoa atenciosa. Nenhum de nossos irmãos tinha consciência naquela nossa casa.

Nem mesmo eu. Você era a única, sempre compreensiva.

Ele continuou a comer seu jantar e Holly permaneceu em silêncio, tentando absorver todas aquelas informações. Não se lembrava de idolatrar Jack, mas quando

pensou a respeito, achou que Richard estava certo. Jack era o irmão divertido, legal, bonito,

que tinha montes de amigos, e Holly costumava implorar que ele a deixasse brincar com

eles. Achava que ainda se sentia dessa forma a respeito dele; se ele ligasse para ela naquele

instante e a chamasse para sair, ela largaria tudo e sairia, e sequer percebera isso antes.

Entretanto, estava passando muito mais tempo com Richard do que com Jack ultimamente.

Jack sempre havia sido seu irmão favorito; Gerry sempre se entendera muito melhor com

Jack. Era Jack que Gerry escolhia para sair para beber durante a semana, não Richard; era

ao lado de Jack que Gerry insistia em se sentar num jantar de família. No entanto, Gerry

partira, e embora Jack ligasse para ela de vez em quando, não se aproximava mais como

costumava fazer. Teria Holly colocado Jack num pedestal? Percebeu, então, que vinha

arranjando desculpas sempre que ele não aparecia ou telefonava quando dissera que o faria.

Na verdade, vinha arranjando desculpas para ele desde que Gerry morrera.

Nos últimos tempos, Richard vinha fornecendo a Holly um fluxo regular de alimento para reflexão. Ela o observou enquanto retirava o guardanapo do colarinho e o

transformava num pequeno quadrado com ângulos absolutamente perfeitos. Ele ajeitou de

forma obsessiva o que quer que houvesse sobre a mesa, de modo que ficou tudo no lugar

certo. Apesar de todas as boas qualidades de Richard, que agora reconhecia, Holly jamais

conseguiria viver com um homem como aquele.

Ambos pularam quando ouviram uma pancada do lado de fora e viram a

pequena

Emily deitada no chão, inundada de lágrimas, enquanto um Timmy surpreso a observava.

Richard saltou da cadeira e correu para fora.

— Mas ela simplesmente caiu, papai, eu não fiz nada! - ela ouviu Timmy defender-

se diante do pai. Pobre Timmy. Ela girou os olhos quando viu Richard arrastar Timmy pelo

braço e ordenar-lhe que permanecesse a um canto enquanto pensava no que havia feito.

Certas pessoas nunca mudariam de fato, pensou com ironia.

Na manhã seguinte, Holly saiu pulando pela casa em êxtase enquanto repetia a

mensagem na secretária eletrônica pela terceira vez.

— “Oi, Holly” - ouviu-se a voz irritada. — “Aqui é Chris Feeney da revista X. Só

estou ligando para dizer que fiquei impressionado com sua entrevista. Hummm...” - Ele

protelou um pouco. — “Bem, eu normalmente não diria isto numa secretária eletrônica,

mas sem dúvida você vai ficar satisfeita em saber que decidi lhe dar as boas-vindas como

novo membro da equipe. Eu adoraria que você começasse o mais rápido possível, portanto

me ligue no número regular quando tiver uma oportunidade e discutiremos isto com mais

detalhes. Hummm... Adeus”.

Holly pulava em volta da cama numa felicidade assustadora e pressionou o PLAY

novamente. Mirara na lua... e havia decolado!

Trinta e sete

HOLLY ERGUEU OS OLHOS para o alto edifício em estilo georgiano e seu corpo formigou de excitação. Era seu primeiro dia de trabalho e sentia que

bons tempos a

aguardavam naquele prédio. Situava-se no centro da cidade e os atarefados escritórios da

revista X ficavam no segundo andar, acima de um pequeno café. Holly dormira muito

pouco na noite anterior, devido a uma mistura de nervosismo e excitação; entretanto, não

sentia o temor que normalmente sentia antes de iniciar um novo trabalho. Havia retornado

a ligação do sr. Feeney de imediato (depois de ouvir a mensagem outras três vezes) e então

havia contado as novidades para a família e os amigos. Eles ficaram extasiados quando

ouviram a notícia e pouco antes de sair de casa naquela manhã, recebera um lindo buquê de

flores dos pais, parabenizando-a e desejando sorte no primeiro dia.

Sentia-se como se aquele fosse seu primeiro dia na escola e houvesse saído para

comprar canetas, uma agenda, uma pasta e uma mochila novas, que a faziam parecer

superinteligente. Mas embora estivesse entusiasmada quando se sentou para tomar seu café,

também se sentiu triste. Triste por Gerry não estar ali para compartilhar seu novo começo.

Eles realizavam um pequeno ritual sempre que Holly iniciava um novo trabalho, o que era

um acontecimento bastante regular. Gerry acordava Holly com café na cama e então

preparava sua bolsa com sanduíches de queijo e presunto, uma maçã, um pacote de batatas

fritas e uma barra de chocolate. Depois, a levava para o trabalho em seu primeiro dia, ligava

para ela no intervalo do almoço para ver se as outras crianças no escritório estavam

brincando direito, e voltava no final do dia para pegá-la e levá-la para casa. Então,

sentavam-se para jantar e ele escutava e ria enquanto Holly descrevia todos os personagens

no escritório e mais uma vez se lamentava sobre o quanto detestava ir para o trabalho.

Vejam bem, eles só faziam isso em seu primeiro dia; dia sim dia não, pulavam da cama

tarde como sempre, disparavam para o chuveiro, e então perambulavam pela cozinha

semiadormecidos, resmungando um com o outro enquanto empurravam para dentro uma

xícara de café para ajudá-los a dar a partida. Davam-se um beijo de despedida e iam para o

trabalho separados. E começavam tudo outra vez no dia seguinte. Se Holly soubesse que o

tempo dos dois seria tão precioso, não teria se importado de cumprir aquela rotina tediosa

dia após dia...

Naquela manhã, entretanto, o enredo fora diferente. Ela acordara para uma casa

vazia, numa cama vazia e não havia café da manhã. Não precisou brigar pelo direito de usar

o chuveiro em primeiro lugar e a cozinha estava silenciosa sem o som dos ataques de

espirro matinais de Gerry. Permitira-se imaginar que, quando acordasse, Gerry estaria

miraculosamente ali para cumprimentá-la, porque era a tradição, além de ser um dia tão

especial que não parecia certo que ele se ausentasse. Mas para a morte não havia exceções.

Morto significava morto.

Naquele instante, de pé diante da entrada, Holly examinou-se para ver se o fecho da

calça não estava aberto, se o casaco não estava enfiado nas calças e se a camisa estava

corretamente abotoada. Satisfeita de parecer apresentável, subiu as escadarias de madeira

em direção a seu novo escritório. Entrou na sala de espera e a secretária, que reconheceu da

entrevista, contornou a mesa para recebê-la.

— Oi, Holly - disse ela alegremente, cumprimentando-a com um aperto de mão —,

bem vinda à nossa humilde morada. - Ela segurou as mãos de Holly para mostrar-lhe o

local. Holly havia gostado daquela mulher desde o instante em que a conheceu na

entrevista. Ela parecia ter a mesma idade de Holly, possuía longos cabelos louros e um

rosto que estava sempre feliz e sorridente.

— A propósito, sou Alice e trabalho aqui fora na recepção, como sabe. Bem, agora

vou levá-la até o chefe. Ele está esperando.

— Meu Deus, eu não estou atrasada, estou? - perguntou Holly, relanceando o relógio com ar preocupado. Ela saía de casa cedo para enfrentar o tráfego e se dera tempo

suficiente para evitar chegar atrasada no primeiro dia.

— Não, de forma nenhuma - disse Alice, conduzindo-a ao escritório do sr. Feeney.

— Não se preocupe com Chris e com o resto do pessoal, são todos viciados em trabalho.

Deus os ajude a mudar. Você não me veria circulando por aqui um minuto depois das seis,

isto com certeza.

Holly riu; Alice a fazia lembrar-se de sua antiga maneira de ser.

— Por falar nisto, não pense que precisa chegar cedo e sair tarde, só porque eles

fazem isto. Chris na verdade mora no escritório, portanto você nunca vai poder competir

com isso. O cara não é normal - disse ela alto, batendo levemente na porta do escritório

dele e fazendo-a entrar.

— Quem não é normal? - perguntou o sr. Feeney irritado, levantando-se da cadeira

e se espreguiçando.

— Você. - Alice sorriu e fechou a porta atrás dela.

— Viu como minha equipe me trata? - riu o sr. Feeney, aproximando-se de Holly e

estendendo a mão para cumprimentá-la. Seu aperto de mão foi mais uma vez caloroso e

receptivo e Holly se sentiu imediatamente à vontade com o clima entre os funcionários.

— Obrigada por me contratar, sr. Feeney - disse ela sinceramente.

— Pode me chamar de Chris e não precisa me agradecer. Bem, venha comigo que

vou lhe mostrar o lugar. - Ele começou a conduzi-la pelo corredor. As paredes eram

cobertas pelas capas de cada exemplar da revista X que havia sido publicado nos últimos

vinte anos.

— O local não é nada de mais; aqui é nosso escritório de formigas trabalhadoras. —

Ele empurrou a porta e Holly olhou para dentro da enorme sala. Havia cerca de dez

escrivaninhas e o local estava repleto de pessoas sentadas diante de seu computador e

falando ao telefone. Elas ergueram os olhos e acenaram educadamente. Holly sorriu para

elas, lembrando-se de quão importante eram as primeiras impressões. — Estes são os

maravilhosos jornalistas que me ajudam a pagar as contas - explicou Chris.

— Aquele é John Paul, editor de moda; Mary, nossa mulher da culinária; e Brian,

Steven, Gordon, Aishling e Tracey. Você não precisa saber o que fazem, são só gastadores.

- Chris riu e um dos homens ergueu o dedo na direção de Chris e continuou a falar ao

telefone. Holly presumiu que aquele era um dos acusados de ser um gastador.

— Ei, todo

mundo, esta é Holly! - gritou Chris, e eles sorriram, acenaram novamente e continuaram a

falar ao telefone.

— O restante dos jornalistas é freelancer, então você não vai vê-los circulando

muito pelo escritório - explicou Chris, conduzindo-a à sala vizinha. — Aqui é onde se

escondem nossos chatos dos computadores. Aqueles são Dermot e Wayne e estão

encarregados do layout e do design, portanto você vai trabalhar intimamente com eles e

mantê-los informados a respeito do local em que os anúncios vão entrar. Rapazes, esta é

Holly.

— Oi, Holly. - Ambos ficaram de pé e apertaram a mão dela, então continuaram a

trabalhar em seus computadores novamente.

— Eles são bem treinados - riu Chris, e voltou ao corredor. — Aqui é a sala de

reuniões. Temos reuniões todas as manhãs às 8h45.

Holly assentia para tudo que ele dizia e tentava se lembrar do nome de todos a quem ele havia apresentado.

— Descendo estes degraus estão os banheiros e agora vou lhe mostrar seu escritório.

Ele percorreu o mesmo caminho pelo qual tinham vindo e Holly olhou de relance

para as paredes, sentindo-se excitada. Aquilo era diferente de tudo que já experimentara.

— Aqui dentro é seu escritório - disse ele, abrindo a porta e fazendo-a entrar antes

dele.

Holly não pôde deixar de sorrir quando olhou ao redor de sua pequena sala. Nunca

tivera seu próprio escritório antes. O espaço era suficiente apenas para uma escrivaninha e

um arquivo. Havia um computador sobre a mesa, com pilhas e pilhas de folhetos. Do lado

oposto à escrivaninha, havia uma estante abarrotada de mais livros, folhetos e pilhas de

revistas antigas. A imensa janela georgiana ocupava praticamente toda a parede do fundo,

atrás de sua mesa, e embora estivesse frio e ventando do lado de fora, a sala dava uma

sensação de claridade e frescor. Ela definitivamente podia se imaginar trabalhando ali.

— É perfeito - disse ela a Chris, colocando sua pasta sobre a mesa e olhando ao

redor.

— Bom - disse Chris. — O último sujeito que trabalhou aqui era organizado ao

extremo e aqueles folhetos ali vão explicar de forma bastante clara o que, exatamente, você

precisa fazer. Se tiver qualquer problema ou pergunta sobre o que quer que seja, venha me

dizer. Estou na sala ao lado. - Ele bateu na parede que separava suas salas. — Não estou

esperando milagres de você agora, porque sei que é nova nisto, e é por isso que espero que

faça muitas perguntas. Nossa próxima edição vai sair na próxima semana, já que as

publicamos no primeiro dia de cada mês.

Os olhos de Holly se arregalaram; tinha uma semana para preencher uma revista

inteira.

— Não se preocupe - sorriu ele novamente. — Quero que se concentre na edição

de novembro. Familiarize-se com a disposição da revista, já que nos prendemos ao mesmo

estilo todos os meses, então você vai saber de que tipo de anúncio cada página vai precisar.

É muito trabalho, mas se for organizada e trabalhar bem com o resto da equipe, tudo vai

correr sem percalços. Mais uma vez, peço a você que converse com Dermot e Wayne, eles

vão informá-la sobre o layout padrão, e se você precisar de alguma coisa, simplesmente

peça a Alice. Ela está aqui para ajudar a todos. - Ele parou de falar e olhou em volta. —

Então é isto. Alguma pergunta? - Holly balançou a cabeça.

— Não, acho que você abordou praticamente tudo.

— Certo, mãos à obra então. - Ele fechou a porta atrás de si e Holly sentou-se em

sua nova escrivaninha, em seu novo escritório. Estava ligeiramente amedrontada com a

nova vida.

Aquele era o emprego mais impressionante que já tivera e, pelo andar da carruagem,

ficaria extremamente atarefada, mas estava feliz. Precisava manter a mente ocupada.

Contudo, não havia meios de se lembrar do nome de todos, então pegou seu bloco de

anotações e sua caneta e começou a pôr no papel os que sabia. Abriu os folhetos e

começou a trabalhar.

Ela ficou tão entretida na leitura que percebeu, após algum tempo, que havia trabalhado durante seu intervalo de almoço. Ao que tudo indicava, ninguém mais no

escritório havia se movido um milímetro. Em seus outros empregos, Holly teria parado de

trabalhar pelo menos meia hora antes da hora do almoço, apenas para pensar sobre o que

iria comer. Então sairia 15 minutos mais cedo e voltaria quinze minutos mais tarde devido

ao “tráfego”, embora ela caminhasse até o local. Holly sonharia acordada durante a maior

parte do dia, faria chamadas telefônicas pessoais, especialmente para o exterior, porque não

precisava pagar a conta, e seria a primeira na fila para receber o cheque de pagamento

mensal, que era normalmente gasto em duas semanas.

Sim, aquele era um emprego muito diferente dos anteriores, mas ela estava ansiosa

por cada minuto.

— Ciara, você tem certeza que pegou seu passaporte? - a mãe de Holly perguntou à

filha pela terceira vez desde que haviam saído de casa.

— Sim, mãe - gemeu Ciara —, eu disse a você um trilhão de vezes, está bem aqui.

— Mostre - disse Elizabeth, virando-se no assento do passageiro.

— Não! Não vou mostrar o passaporte. Você deveria simplesmente acreditar na

minha palavra, não sou mais um bebê, sabe?

Declan bufou e Ciara deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

— Você, cale a boca.

— Ciara, simplesmente mostre a mamãe o passaporte para deixá-la tranquila - disse

Holly em tom cansado.

— Muito bem - bufou ela, colocando sua sacola no colo. — Está aqui dentro, veja,

mãe... não, só um minuto, na verdade está aqui dentro... não, talvez eu tenha colocado

aqui... oh merda!

— Jesus Cristo, Ciara - rosnou o pai de Holly, pisando no freio e dando a volta

com o carro.

— O quê? - disse ela na defensiva. — Eu o coloquei aqui, pai, alguém deve ter

pegado - resmungou ela, esvaziando o conteúdo de sua sacola no carro.

— Maldito inferno, Ciara - queixou-se Holly quando um par de calcinhas atingiu o

seu rosto.

— Ah, cale a boca - resmungou ela novamente. — Vocês não vão ter de me aturar

por muito mais tempo.

Todos no carro ficaram em silêncio quando perceberam que era verdade. Ciara

ficaria na Austrália por sabe Deus quanto tempo, e todos sentiriam a sua falta; por mais

barulhenta e irritante que ela fosse.

Holly sentava-se sufocada ao lado da janela no banco traseiro do carro, com Declan

e Ciara. Richard levava Mathew e Jack (ignorando os protestos deste), e eles provavelmente

já estavam no aeroporto àquela altura. Aquela era a segunda vez que voltavam para casa,

uma vez que Ciara havia esquecido sua argola de nariz da sorte e exigira que o pai fizesse

meia-volta com o carro.

Uma hora depois de saírem, chegaram ao aeroporto no que deveria ter sido uma

viagem de vinte minutos.

— Jesus, o que prendeu vocês por tanto tempo? - queixou-se Jack quando eles finalmente chegaram ao aeroporto de cara amarrada. — Fiquei preso conversando com

Richard completamente sozinho.

— Oh, dê um tempo, Jack - disse Holly protetoramente —, ele não é tão ruim assim.

— Você mudou - provocou ele, seu rosto pura imitação de surpresa.

— Não, não mudei, você está apenas cantando a música errada - cortou ela, e aproximou-se de Richard, que estava de pé sozinho vendo a vida passar. Sorriu na direção

do irmão mais velho.

— Querida, mantenha um pouco mais de contato conosco desta vez, promete? —

rogou Elizabeth a sua filha enquanto a abraçava.

— Claro que sim, mãe. Oh, por favor, não chore ou você vai me fazer começar

também.

Um bolo formou-se na garganta de Holly e ela lutou contra as lágrimas. Ciara havia

sido uma boa companhia nos últimos meses e sempre conseguia animar Holly quando esta

achava que a vida não poderia estar pior. Sentiria falta da irmã, mas entendia que Ciara

precisava estar com Mathew. Ele era uma boa pessoa e estava feliz que houvessem se

encontrado.

— Tome conta de minha irmã. - Holly ficou na ponta dos pés para abraçar o gigantesco Mathew.

— Não se preocupe, ela está em boas mãos - sorriu ele.

— Você vai cuidar dela, não vai? - Frank deu-lhe um tapinha nas costas e sorriu.

Mathew era inteligente o bastante para saber que aquilo era mais uma advertência

que uma pergunta e deu uma resposta convincente.

— Tchau, Richard - disse Ciara, dando-lhe um grande abraço. — Fique longe daquela cadela da Meredith agora. Você é bom demais para ela. - Ciara virou-se para

Declan. - Você pode ir sempre que quiser, Dec, talvez para fazer um filme ou algo especial

a meu respeito - disse ela séria ao mais novo da família e deu-lhe um grande abraço.

— Jack, cuide de minha irmã mais velha - disse Ciara, sorrindo para Holly. — Vou

sentir saudades suas - disse ela triste, apertando Holly com força.

— Eu também - a voz de Holly tremeu.

— OK, agora vou indo antes que vocês, gente depressiva, me façam chorar - disse

ela, tentando parecer feliz.

— Não use mais aquelas rope jumps novamente, Ciara. São perigosas demais —

disse Frank, parecendo preocupado.

— Bungee jumps, pai! - riu Ciara, beijando o pai e a mãe no rosto outra vez. —

Não se preocupe, tenho certeza que vou encontrar algo novo para tentar - provocou ela.

Holly permaneceu em silêncio com a família e observou enquanto Ciara e Mathew

cruzavam a porta de mãos dadas. Até mesmo Declan tinha lágrimas nos olhos, mas fingiu

que estavam molhados porque estava prestes a espirrar.

— Olhe para as luzes, Declan. - Jack abraçou o irmão mais novo. — Dizem

que

ajuda a espirrar.

Declan olhou para as luzes e evitou ver a irmã preferida se afastar. Frank manteve a

mulher perto dele enquanto ela acenava sem parar para a filha e lágrimas rolavam pelas

faces. Todos riram no momento em que o alarme disparou quando Ciara atravessou o

scanner de segurança e recebeu ordem de esvaziar os bolsos, seguindo-se de uma revista.

— Toda maldita vez - riu Jack. — E um milagre que eles ainda concordem em

deixá-la entrar no país.

Todos acenaram se despedindo enquanto Ciara e Mathew prosseguiram, até que seu

cabelo cor-de-rosa por fim se perdeu no meio da multidão.

— Tudo bem - disse Elizabeth, secando as lágrimas do rosto —, por que o restante

dos meus bebês não volta para casa e todos podemos almoçar juntos?

Todos concordaram, vendo quão angustiada estava a mãe.

— Vou deixar você ir com Richard desta vez - disse Jack a Holly com esperteza e

afastou-se com o resto da família, deixando Richard e Holly ligeiramente embaraçados.

— Então, como foi sua primeira semana no trabalho, querida? - Elizabeth perguntou a Holly, enquanto sentavam-se todos ao redor da mesa, almoçando.

— Oh, estou adorando, mãe - disse Holly, e seus olhos se iluminaram. — É muito

mais interessante e desafiador do que qualquer outro trabalho que eu tenha feito, e toda a

equipe é simplesmente tão amistosa. O ambiente é ótimo - disse ela com alegria.

— Bem, isto é o mais importante, não é? - disse Frank, satisfeito. — Como é

o seu
chefe?

— É uma gracinha. Ele me lembra tanto você, pai, que simplesmente tenho vontade de lhe dar um abraço enorme e um beijo sempre que o vejo.

— Para mim isto parece assédio sexual no local de trabalho - brincou Declan e Jack

abafou o riso.

Holly girou os olhos na direção dos dois irmãos.

— Está fazendo algum documentário novo este ano, Declan? - perguntou Jack.

— Sim, sobre os sem-teto - disse ele com a boca cheia de comida.

— Declan. - Elizabeth torceu o nariz para ele. — Não fale com a boca cheia.

— Desculpe - disse Declan e cuspiu a comida em cima da mesa. Jack desatou a rir e

quase engasgou com a comida enquanto o restante da família desviava os olhos, enojado.

— O que você disse que estava fazendo, filho? - perguntou Frank, tentando evitar

uma briga em família.

— Estou fazendo um documentário sobre os sem-teto este ano para a faculdade.

— Muito bom - replicou ele, retirando-se outra vez para seu próprio mundo.

— Que membro da família você vai usar como matéria desta vez? Richard? – perguntou Jack maliciosamente.

Holly deixou cair a faca e o garfo.

— Isto não é engraçado, cara - disse Declan sério, surpreendendo Holly.

— Meu Deus, por que está todo mundo tão sensível ultimamente? - perguntou Jack, olhando em volta. — Foi só uma brincadeira - defendeu-se.

— Não foi engraçado, Jack - disse Elizabeth em tom severo.

— O que ele disse? - perguntou Frank à mulher depois de sair de seu transe.

Elizabeth apenas balançou a cabeça como se aquilo não tivesse importância e

ele entendeu

que não era para perguntar novamente.

Holly prestou atenção em Richard, na extremidade da mesa comendo em silêncio.

Teve pena dele. Ele não merecia aquilo e ou Jack estava sendo mais cruel do que o normal

ou aquela era a norma e Holly fora uma idiota por achá-lo divertido antes.

— Desculpe, Richard, eu só estava brincando — disse Jack.

— Está tudo bem, Jack.

— Então, você já encontrou trabalho?

— Não, ainda não.

— Isto é uma vergonha - disse ele secamente, e Holly lançou-lhe um olhar furioso.

Qual, diabos, era o problema dele?

Elizabeth calmamente pegou seus talheres e seu prato de comida, sem dar uma

palavra a ninguém, e encaminhou-se em silêncio para a sala de estar, onde ligou a televisão

e comeu sua refeição em paz.

Seus “capetinhas divertidos” não mais a faziam rir.

Trinta e oito

HOLLY TAMBORILLOU COM OS DEDOS na escrivaninha e olhou para fora pela janela. Estava praticamente flutuando em seu trabalho naquela semana. Não sabia que

era de fato possível gostar tanto de trabalhar. Sentava-se satisfeita até o final dos intervalos

de almoço e chegara mesmo a ficar até tarde; além disso, ainda não tivera vontade de

esmurrar nenhum dos colegas. Mas, afinal, era só sua terceira semana; era preciso lhe dar

tempo. O bom era que não se sentira sequer pouco confortável perto de nenhum dos

colegas. As únicas pessoas com quem tinha verdadeiro contato eram Dermot e Wayne, os

caras do layout e design. O escritório havia cultivado um jeito leve de brincar e ela

frequentemente ouvia as pessoas gritando umas com as outras de uma sala para a outra.

Tudo no melhor dos humores, e ela adorava.

Adorava sentir-se como parte da equipe, como se estivesse realmente fazendo algo

que possuía um verdadeiro impacto sobre o produto final. Pensava em Gerry a cada dia.

Toda vez que fechava um contrato, agradecia; agradecia-lhe por tê-la impulsionado ao

longo de todo o caminho até o topo. Ainda tinha seus dias deprimentes, nos quais achava

que não valia a pena sair da cama. Mas o entusiasmo pelo trabalho a arrebatava e

estimulava.

Ouviu o rádio no escritório de Chris e sorriu. Na hora exata, a cada hora, sem falhar, ele ligava no noticiário. E todas as notícias penetravam inconscientemente no

cérebro de Holly.

Nunca se sentira tão inteligente em sua vida.

— Ei! - gritou Holly, batendo na parede. — Desligue esta coisa! Alguns de nós

estamos tentando trabalhar!

Ela o ouviu dar uma risada e sorriu. Relanceou o trabalho novamente; um freelancer escrevera um artigo sobre como havia viajado pela Irlanda tentando encontrar o

local onde se vendia bebida mais barata e o texto era muito divertido. Havia uma grande

lacuna na parte inferior da página e cabia a Holly preenchê-la. Ela folheou seu livro de

contatos e uma ideia lhe ocorreu de imediato. Pegou o telefone e digitou.

— Hogan's.

— Oi, Daniel Connelly, por favor.

— Um momento.

A maldita Greensleeves novamente. Ela dançou pela sala ao som da música enquanto esperava. Chris entrou, deu uma espiada e fechou a porta novamente. Holly

sorriu.

— Alô?

— Daniel?

— Sim.

— Oi, é Holly.

— Como vai indo, Holly?

— Magnífica, obrigada, e você?

— Não podia estar melhor.

— É uma bela reclamação. - Ele riu.

— Como vai este seu emprego chique?

— Bem, na verdade é por isto que estou ligando. - Holly pareceu culpada.

— Oh, não! - riu ele. — Não empregar mais Kennedy aqui se tornou política da

empresa.

Holly deu uma risadinha.

— Droga, e eu que estava querendo tanto jogar bebidas nos clientes. - Ele riu.

— Então, o que está acontecendo?

— Lembro de ter ouvido você dizer que precisava anunciar mais o Clube Diva. -

Bem, ele na verdade achava que havia dito aquilo a Sharon, mas sabia que ele não se

recordaria daquele pequeno detalhe.

— Sim, lembro de ter dito isto.

— Bom, então gostaria de anunciá-lo na revista X?

— É este o nome da revista em que você trabalha?

— Não, achei que seria uma pergunta interessante, só isso - brincou ela. — Claro

que é onde trabalho!

— Claro, eu tinha me esquecido, é a revista que tem os escritórios logo ali na esquina! - disse ele sarcasticamente. — A que faz com que você passe pela minha porta

todos os dias e mesmo assim não apareça. Por que não a vejo na hora do almoço? -

provocou ele. — Meu pub não é bom o bastante para você?

— Todos aqui almoçam em suas escrivaninhas - explicou ela. — Então, o que acha?

— Acho que é muito entediante da parte de todos vocês.

— Não, quer dizer, o que acha de colocar o anúncio?

— Ah, claro, é uma boa ideia.

— Bem, então vou colocá-lo na edição de novembro. Você gostaria que saísse mensalmente?

— Você poderia me dizer quanto isto vai me custar? - riu ele. Holly somou os valores e os informou.

— Hummm... - disse ele, refletindo. — Vou ter de pensar a respeito, mas sem dúvida alguma acho interessante a edição de novembro.

— Isto é ótimo! Você vai ficar milionário depois que isto for para impressão.

— É melhor que eu fique - riu ele. — A propósito, há uma festa de lançamento de

uma nova bebida na semana que vem. Posso colocar seu nome na lista para um convite?

— Sim, seria ótimo. Que nova bebida é esta?

— É chamada de Blue Rock. É uma nova bebida alcoólica gasosa, aparentemente

fenomenal. Tem gosto de merda, mas vai sair de graça à noite toda, então vou

pagar as

rodadas.

— Uau, você faz uma propaganda e tanto da bebida - riu ela. — Quando vai ser? —

Ela pegou a agenda e fez uma anotação. — Perfeito, vou logo depois do trabalho.

— Bem, neste caso não se esqueça de levar seu biquíni para o trabalho.

— Não me esquecer de levar o quê?

— Seu biquíni - riu ele. — O tema do lançamento é praia.

— Mas estamos no inverno, seu louco.

— Ei, não foi ideia minha. O slogan é “Blue Rock, a nova bebida quente para o

inverno”.

— Ugghh, que mau gosto - suspirou ela.

— E que sujo. Estamos cobrindo todo o chão de areia, o que vai ser um pesadelo

para limpar. Em todo caso, é melhor que eu volte ao trabalho, estamos enlouquecidos de

trabalho hoje.

— Tudo bem, obrigada, Daniel. Pense no que quer que seu anúncio diga e me fale.

— Vou fazer isto.

Ela desligou e sentou-se em silêncio por um instante. Por fim, levantou-se e dirigiu-

se à sala vizinha, o escritório de Chris, com uma ideia em mente.

— Já parou de dançar ali dentro? - ele deu risada.

— Sim, simplesmente inventei uma sequencia. Vim mostrar a você - brincou ela.

— Qual o problema? - perguntou ele, terminando o que estava escrevendo e retirando os óculos.

— Nenhum problema, é só uma ideia.

— Sente-se. - Ele acenou na direção da cadeira diante dele. Apenas três

semanas

atrás, ela sentara-se ali para uma entrevista, e agora ali estava ela, propondo ideias a seu

novo chefe.

Engraçado como a vida mudava tão rápido; mas, por outro lado, já havia descoberto isso...

— Qual é a ideia?

— Bem, sabe o Hogans ali na esquina? - Chris assentiu.

- Eu estava justamente conversando com o proprietário e ele vai colocar um anúncio na revista.

- Isto é ótimo, mas espero que não venha me contar toda vez que preencher um

espaço, nós ficaríamos aqui o ano inteiro.

Holly fez uma careta.

— Não é isto, Chris. De qualquer forma, ele estava me contando que vão fazer uma

feita de lançamento para uma nova bebida chamada Blue Rock. Uma nova bebida alcoólica

gasosa. O tema é praia, toda a equipe vai estar de biquíni e este tipo de coisa.

— No meio do inverno? - ele ergueu as sobrancelhas.

— Aparentemente é a nova bebida quente do inverno.

Ele girou os olhos.

— De mau gosto. - Holly sorriu.

— Foi o que eu disse. Em todo caso, simplesmente pensei que poderia valer a pena

nos informarmos a respeito e fazermos a cobertura. Sei que devemos levar as ideias para as

reuniões, mas isto vai acontecer logo.

— Entendi. É uma ótima ideia, Holly. - Vou colocar um dos rapazes para fazer isto.

Holly sorriu feliz e ergueu-se da cadeira.

— A propósito, você já ajeitou aquele jardim? - Chris franziu a testa.

— Cerca de dez pessoas diferentes já foram lá para ver. Eles me dizem que vai

custar seis mil.

— Uau, seis mil! Isto é muito dinheiro.

— Bem, é um jardim enorme, então eles têm razão. Há muito trabalho a ser feito.

— Qual foi o preço mais baixo?

— Cinco mil e meio, por quê?

— Porque meu irmão faz por cinco - disse ela sem pensar.

— Cinco? - Os olhos dele quase saltaram para fora das órbitas. - Foi o preço mais

baixo que já ouvi. Ele é bom?

— Lembra-se que contei a você que meu jardim estava uma selva? - Ele assentiu.

— Bem, não está mais. Ele fez um trabalho incrível; a única coisa é que ele trabalha

sozinho, então leva mais tempo.

— Por este preço não me importo com quanto tempo vai levar. Você tem o cartão

dele com você?

— Eh... sim, espere um momento que vou pegar. — Ela roubou alguns cartões

vistosos na mesa de Alice, digitou o nome de Richard e o número de seu celular com letra

elegante e os imprimiu. Cortou-os na forma de um pequeno retângulo, fazendo-os parecer

um cartão comercial.

— Ótimo - disse Chris, estudando o cartão. - Acho que vou ligar para ele agora.

— Não, não - disse Holly rapidamente. — Você vai encontrá-lo mais facilmente

amanhã.

Ele está até o pescoço de trabalho hoje.

— Certo então; obrigada, Holly. - Ela começou a caminhar para a porta, mas parou

quando ele quase gritou: — A propósito, como é você em redação?

— Foi uma das matérias que aprendi na escola. - Chris riu.

— Você ainda está nesse nível?

— Bem, estou certa de que poderia comprar um glossário.

— Bom, porque preciso que faça a cobertura daquele lançamento na terça.

— Oh?

— Não posso colocar nenhum dos outros numa notícia tão curta e não posso ir

pessoalmente, então tenho de confiar em você. - Ele remexeu alguns papéis em sua mesa.

— Vou mandar um dos fotógrafos com você; consiga algumas fotos da areia e dos

biquínis.

— Oh... OK. - O coração de Holly disparou.

— O que acha de oitocentas palavras?

Impossível, pensou. Até onde sabia, possuía apenas cinquenta palavras em seu

vocabulário.

— Sem problemas - disse ela com segurança e retrocedeu até a porta. “Merda merda merda merda”, pensou. Como diabos ia conseguir levar a cabo uma coisa daquelas?

Mal conseguia escrever corretamente.

Pegou o telefone e pressionou o REDIAL.

— Hogans.

— Daniel Connelly, por favor.

— Um momento.

— Não me coloque na... - Greensleeves começou. — Espera - concluiu ela.

— Alô?

— Daniel, sou eu - disse ela rapidamente.

— Em algum momento você vai me deixar em paz? - provocou ele.

— Não, preciso de ajuda.

— Sei que precisa, mas não estou qualificado para isto - riu ele.

— Não, sério, falei sobre aquele lançamento com meu editor e ele quer que eu faça a cobertura.

— Excelente. Pode esquecer aquele anúncio então! - riu ele.

— Não tem nada de excelente. Ele quer que eu escreva o artigo.

— Isto é uma ótima notícia, Holly.

— Não, não é. Não sei escrever - ela entrou em pânico.

— Verdade? Esta era uma das matérias principais no meu colégio.

— Oh, Daniel, por favor, fale sério por um minuto...

— Certo, o que quer que eu faça?

— Preciso que me conte absolutamente tudo que sabe sobre essa bebida e o lançamento, para que eu possa começar a escrever o artigo agora e ter alguns dias para trabalhar nele.

— Sim, só um minuto, senhor - gritou ele longe do telefone. — Olhe, Holly, eu realmente tenho de voltar ao trabalho agora.

— Por favor - choramingou ela.

— Certo, escute, a que horas você sai do trabalho?

— Seis. - Ela cruzou os dedos e rezou para que ele a ajudasse.

— OK, por que não vem para cá as seis e levo você a algum lugar para comer alguma coisa?

— Oh, muito obrigada, Daniel. - Ela pulou pelo escritório aliviada. — Você é um anjo!

Ela desligou alegremente o telefone e deu um suspiro de alívio. Talvez houvesse

uma chance de que ela concluísse o artigo afinal de contas e ainda conseguisse manter o

emprego. Então congelou quando tornou a se lembrar da conversa ao telefone.

Teria ela acabado de concordar em sair para um encontro com Daniel?

Trinta e nove

HOLLY NÃO CONSEGUIU SE CONCENTRAR durante a última hora de trabalho; ficou olhando para o relógio, querendo que o tempo passasse mais devagar. Por

mais de uma vez, havia sido exatamente o contrário. Por que o tempo não passava assim

tão rápido quando estava esperando para abrir as mensagens de Gerry? Abriu a bolsa pela

milionésima vez naquele dia, para certificar-se de que a oitava mensagem de Gerry ainda

estava dobrada e segura no compartimento interno da bolsa. Como era o último dia do

mês, havia decidido levar o envelope de outubro para o trabalho. Não sabia por quê, já que

não tinha intenção de trabalhar até a meia noite e podia simplesmente esperar até chegar

em casa para abri-lo. Mas a excitação havia sido tão forte, que não pudera deixá-lo sobre a

mesa da cozinha quando saiu. Aquela mensagem a intrigava ainda mais, uma vez que o

envelope era ligeiramente maior que os outros. Além disso, sentia Gerry mais próximo

dessa forma. As palavras dele estavam em sua bolsa, o que era o mais perto dele que

conseguia chegar. Estava apenas a algumas horas de aproximar-se dele ainda mais, e ao

mesmo tempo que desejava que o relógio andasse mais rápido para poder ler a mensagem,

também temia o jantar com Daniel.

Às seis horas em ponto, ouviu Alice desligar o computador e o ruído de seus passos

descendo os degraus de madeira em direção à liberdade. Holly sorriu, lembrando-se que era

exatamente dessa forma que pensava antes. Mas, por outro lado, tudo era diferente quando

se possuía um belo marido por quem voltar para casa. Se ainda tivesse Gerry com ela,

estaria alcançando Alice do lado de fora.

Ouviu quando alguns dos outros guardaram suas coisas e rezou para que Chris não

viesses atirar outra carga sobre sua mesa, o que a faria precisar ficar até tarde e cancelar o

jantar com Daniel. Ela e Daniel haviam saído juntos milhões de vezes, então por que estava

preocupada agora? Mas alguma coisa a incomodava no fundo da mente. Algo na voz dele a

inquietava, e algo acontecia em seu estômago quando ouvia sua voz ao telefone, o que a

deixava apreensiva quanto a se encontrar com ele. Sentia-se bastante culpada e

envergonhada de sair com ele e tentava convencer a si mesma que era apenas um jantar

profissional. Na verdade, quanto mais pensava a respeito, mais percebia que era apenas

isso. Refletiu sobre o fato de haver se tornado uma dessas pessoas que discutem negócios

durante o jantar. Normalmente, os únicos negócios que discutia no jantar eram os homens

e a vida em geral com Sharon e Denise, que eram assuntos de garotas.

Desligou lentamente o computador e arrumou sua mala com cuidado meticuloso.

Fazia tudo em câmara lenta, como se aquilo a livrasse de ter de jantar com Daniel. Deu um

tapa na própria cabeça... era um jantar de negócios.

— Ei, não vá se machucar. - Alice inclinava-se para dentro no vão da porta.

Holly pulou de susto.

— Jesus, Alice, não vi você aí.

— Está tudo bem?

— Sim - disse ela de modo pouco convincente. — Só preciso fazer uma coisa que

realmente não quero fazer. Mas eu meio que quero fazer, o que me faz não querer ainda

mais, porque parece tão errado, embora esteja certo. Entende? - Ela encarou Alice, que a

fitava de olhos arregalados.

— E eu que achava que analisava demais as coisas.

— Oh, não se preocupe comigo. - Holly entusiasmou-se. — Estou apenas ficando

maluca.

— Acontece nas melhores famílias - sorriu Alice.

— O que você ainda está fazendo aqui? - perguntou Holly de repente, dando-se

conta de que a ouvira disparar porta afora mais cedo. — A liberdade não a está chamando?

— Eu sei - Alice girou os olhos -, mas esqueci que tínhamos uma reunião às seis.

— Oh. - Holly estava decepcionada. Ninguém lhe dissera nada a respeito de uma

reunião naquele dia, o que não era excepcional, porque ela não era necessária em todas as

reuniões. Mas era pouco comum que Alice estivesse presente a uma delas sem que Holly

fosse chamada.

— É sobre algo interessante? - instigou Holly em busca de informação, tentando

parecer desinteressada, enquanto se ocupava em sua escrivania.

— É a reunião da astrologia.

— Reunião da astrologia?

— Sim, fazemos todos os meses.

— Eu preciso estar presente ou não fui convidada? - Ela tentou não parecer amargurada, mas falhou miseravelmente, para seu próprio constrangimento.

Alice riu.

— É claro que você é bem-vinda, Holly; eu ia justamente perguntar a você, por isso

estou aqui na sua sala.

Holly colocou sua pasta no chão, sentindo-se uma estúpida, e seguiu Alice na direção da sala de reuniões, onde todos estavam sentados esperando.

— Pessoal, esta é a primeira reunião astrológica de Holly, então vamos fazer com

que ela se sinta bem-vinda - anunciou Alice.

Holly sentou-se, enquanto todos aplaudiam seu novo membro à mesa.

— Holly, quero apenas que saiba que não tenho absolutamente nada a ver com esta

bobagem e quero me desculpar antecipadamente por você ter sido arrastada para dentro

disso - disse Chris.

— Cale a boca, Chris. - Traçey balançou a mão na direção de seu chefe, enquanto

se acomodava à cabeceira da mesa com um bloco e uma caneta na mão.

— Certo, quem quer ser o primeiro este mês?

— Vamos deixar Holly ser a primeira - disse Alice generosamente. Holly olhou em

torno completamente desconcertada.

— Mas Holly não tem a mínima ideia do que está acontecendo.

— Bem, qual é o seu signo?

— Touro.

Todos fizeram "ooh" e "aah" e Chris segurou a cabeça com as mãos, tentando

fingir que não estava se divertindo.

— Ótimo - disse Tracey alegremente. — Nunca tivemos uma taurina antes. Tudo

bem, você é casada, ou está saindo com alguém, ou está sozinha, ou o quê?

Holly corou enquanto Brian piscava para ela e Chris lhe lançava um sorriso encorajador; ele era o único na mesa que sabia a respeito de Gerry. Holly percebeu que era

a primeira vez que precisava responder àquela pergunta desde que Gerry havia morrido e

sentiu-se confusa a respeito de como responder.

— Hummm... não, não estou realmente saindo com ninguém, mas...

— Então - disse Tracey começando a escrever —, este mês a taurina deve procurar

alguém alto, moreno e bonito e... - Ela deu de ombros e ergueu os olhos: — Ninguém diz

nada?

— Porque esta pessoa vai ter um forte impacto sobre seu futuro - socorreu Alice.

Brian piscou para ela outra vez, obviamente achando muito divertido o fato de ser

alto e moreno, e sendo obviamente cego se pensava que era bonito. Holly tremeu

perceptivelmente e ele afastou o olhar.

— Certo, a questão profissional é fácil - continuou Tracey. — Os taurinos estarão

ocupados e satisfeitos com uma nova carga de trabalho que vem vindo em sua direção. O

dia de sorte vai ser uma... - ela pensou por um instante —, terça, e a cor da sorte é... azul -

decidiu, examinando a cor da blusa de Holly. — Certo, quem é o próximo?

— Espere um minuto - interrompeu Holly. — Este é meu horóscopo para o próximo mês? - perguntou chocada.

Todos riram ao redor da mesa.

— Nós despedaçamos os seus sonhos? - provocou Gordon.

— Completamente - disse ela, parecendo arrasada. — Adoro ler meus horóscopos.

Por favor, digam que não é isto o que todas as revistas fazem - implorou ela.

Chris balançou a cabeça.

— Não, nem todas as revistas fazem a coisa desta forma, Holly, algumas simplesmente contratam pessoas que têm o talento para fazer isto sozinhas, sem envolver o

resto do escritório. - Ele lançou a Tracey um olhar furioso.

— Ha-ha, Chris - disse Tracey secamente.

— Tracey, então você não tem poderes mentais? - perguntou Holly num tom triste.

Tracey balançou a cabeça.

— Não, não tenho poderes mentais, mas sou boa para escrever anúncios e inventar

palavras cruzadas, muito obrigada. - Ela olhou para Chris furiosa e ele balbuciou a palavra

”uau” na direção dela.

— Vocês estragaram tudo para mim - riu Holly, e acomodou-se novamente na cadeira, sentindo-se desvalorizada.

— OK, Chris, você é o próximo. Este mês os geminianos vão trabalhar demais,

nunca vão sair do escritório e vão comer comida de baixo valor nutritivo o tempo todo.

Precisam encontrar algum tipo de equilíbrio em suas vidas.

Chris girou os olhos.

— Você escreve isto todo mês, Tracey.

— Bem, até que você mude seu estilo de vida, não posso mudar o que o geminiano

vai fazer, posso? Além disso, não tive reclamações até agora.

— Mas eu estou reclamando! - riu Chris.

— Mas você não conta, porque não acredita nos signos.

— E eu me pergunto por quê - riu ele.

Eles examinaram os signos de todos e Tracey finalmente cedeu às exigências de

Brian de que os leoninos fossem desejados o mês inteiro pelo sexo oposto e ganhassem na

loteria. Hummm... adivinhem qual era o signo de Brian? Holly olhou para o relógio e

percebeu que estava atrasada para seu encontro de negócios com Daniel.

— Sinto muito, todos vocês, mas preciso correr - disse ela, desculpando-se com a

mesa.

— Seu homem alto, moreno e bonito está esperando. - Alice deu uma risadinha. —

Mande o para mim se não o quiser.

Holly deixou o prédio e seu coração bateu loucamente quando avistou Daniel descendo a rua para encontrá-la. Os meses frios do outono haviam chegado, portanto

Daniel estava usando novamente sua jaqueta de couro preto e jeans. O cabelo preto estava

desarrumado e um princípio de barba cobria o queixo. Ele tinha aquele ar de quem acabou

de sair da cama. O estômago de Holly contorceu-se outra vez e ela afastou os olhos.

— Eu falei! - disse Tracey excitada, enquanto saía pela porta atrás de Holly e apressava-se rua abaixo alegremente.

— Sinto tanto, Daniel - desculpou-se ela. — Fiquei presa numa reunião e não pude

ligar - mentiu.

— Não se preocupe com isto, estou certo de que era importante. - Ele sorriu para

ela e ela imediatamente se sentiu culpada. Aquele era Daniel, seu amigo, não alguém que

devesse evitar.

Que diabos havia de errado com ela?

— Para onde você gostaria de ir? - perguntou ele.

— Que tal ali? - disse Holly, olhando para o pequeno café no térreo do prédio de

seu escritório. Queria ir para o lugar menos íntimo e mais casual possível.

Daniel torceu o nariz.

— Estou um pouco mais faminto do que isto, se não se importa. Não comi o dia

inteiro.

Eles seguiram juntos, Holly apontando cada café ao longo do caminho e Daniel

balançando a cabeça a cada vez. Por fim, ele se decidiu por um restaurante italiano que

Holly não podia recusar. Não porque quisesse entrar, mas porque não havia mais lugar

algun para ir depois que ela havia dito não para todos os outros restaurantes escuros,

românticos e Daniel havia-se recusado a comer em quaisquer dos cafés casuais e

claramente iluminados.

Estava tranquilo lá dentro, com apenas poucas mesas ocupadas por casais olhando

amorosamente nos olhos um do outro por sobre um jantar à luz de velas. Quando Daniel

ficou de pé para tirar a jaqueta, Holly rapidamente apagou a vela na mesa deles enquanto

ele não estava olhando. Ele vestia uma camisa azul que fazia seus olhos parecerem

luminosos no restaurante às escuras.

— Eles a fazem se sentir enjoada, não? - riu Daniel, seguindo o olhar de Holly na

direção de um casal do outro lado do salão, que se beijava por sobre a mesa.

— Na verdade, não - Holly pensou alto. — Eles me fazem sentir triste. -

Daniel

não ouviu, já que estava ocupado lendo o cardápio.

— O que você vai querer?

— Vou querer uma salada Cesar.

— Vocês mulheres e suas saladas Cesar - provocou Daniel. — Não está com fome?

— Não muita. - Ela balançou a cabeça e corou quando o estômago roncou alto.

— Acho que alguém discorda de você aí embaixo - riu ele. — Acho que você nunca come, Holly Kennedy.

“Apenas quando estou com você”, pensou ela.

— Não tenho muito apetite, eis tudo.

— Bem, já vi coelhos comerem mais do que você - riu ele.

Holly tentou controlar a conversa, conduzindo-a para um território seguro, e eles

passaram a noite falando a respeito da festa de lançamento. Ela não se sentia com

disposição para discutir pensamentos e sentimentos pessoais naquela noite; não estava nem

mesmo certa do que eles eram exatamente. Daniel gentilmente levava uma cópia do

comunicado à imprensa, para que Holly pudesse examiná-lo com antecipação e começar a

trabalhar o mais rápido possível. Também lhe deu uma lista de números de telefone do

peçoal que trabalhava com o Blue Rock, para que Holly conseguisse algumas declarações.

Ele era bastante prestativo, dando dicas sobre que ponto de vista adotar e com que pessoas

falar para obter mais informação. Ela deixou o restaurante sentindo-se muito menos

apavorada sobre ter de escrever o artigo; no entanto, sentia se um pouco mais apavorada

sobre o porquê de se sentir tão pouco confortável com um homem que certamente só

queria ser seu amigo. Também estava faminta, depois de comer apenas umas poucas folhas

de alface.

Ela saiu do restaurante para pegar um pouco de ar fresco enquanto Daniel gentilmente pagava a conta. Ele era um homem muito generoso, não havia como negar, e

ela estava feliz por sua amizade. Apenas não achava muito certo comer num restaurante

pequeno e íntimo com outra pessoa que não Gerry. Sentia-se completamente errada.

Deveria estar em casa naquele momento, sentada à mesa da cozinha, esperando até meia-

noite para poder abrir a carta de outubro de Gerry.

Ela congelou e tentou esconder o rosto quando avistou um casal, que realmente

não desejava ver, andando em sua direção. Inclinou-se para fingir que estava amarrando o

cordão do sapato, até que percebeu que havia calçado suas botas de zíper naquele dia, e

terminou por remexer constrangida na bainha da calça.

— Holly, é você? - ela ouviu a voz familiar. Encarou os dois pares de sapato diante

dela e vagorosamente olhou para cima para encontrar os olhos da mulher.

— Olá! - Ela tentou parecer surpresa enquanto se firmava com nervosismo sobre

os pés.

— Como vai? - perguntou a mulher, dando-lhe um abraço pouco convincente. —

O que você está fazendo de pé aqui fora no frio?

Holly rezou para que Daniel demorasse um pouco mais lá dentro.

— Oh, sabe... eu só estava comendo alguma coisa - sorriu ela vacilante,

apontando

para o restaurante.

— É onde vamos entrar - disse o homem, sorrindo. — É uma pena que tenhamos

nos desencontrado, poderíamos ter comido juntos.

— Sim, sim, é uma pena...

— Bem, que bom para você de qualquer jeito - disse a mulher, dando-lhe tapinhas

nas costas. — É bom sair e fazer coisas sozinha.

— Bem, na verdade... - Ela relanceou para a porta novamente, rezando para que

não se abrisse. — É, é bom fazer isto... - Sua voz morreu.

— Aí está você! - riu Daniel, saindo. — Pensei que tivesse fugido de mim. - Ele

colocou os braços ao redor de seus ombros de forma descontraída.

Holly lançou-lhe um débil sorriso e virou-se para encarar o casal.

— Oh, desculpe, não os vi aí. - sorriu Daniel, virando-se para encará-los.

O casal olhou para ele friamente.

— Daniel, estes são Judith e Charles. São os pais de Gerry.

Quarenta

HOLLY APERTOUCOM FORÇA a buzina do carro e amaldiçoou o motorista

adiante. Espumava de raiva. Estava louca consigo mesma por ter sido pega numa situação

como aquela. Estava louca consigo mesma por sentir que havia sido pega numa situação

ruim, quando na verdade não era nada daquilo. Mas estava ainda mais furiosa consigo

mesma por sentir que havia alguma coisa, porque de fato apreciara a companhia de Daniel

durante toda a noite. E ela não deveria estar se divertindo, porque não parecia certo, mas

parecera tão certo no momento...

Ergueu as mãos até a cabeça e massageou as têmporas. Sentia dor de cabeça; estava

analisando exageradamente os fatos mais uma vez e o trânsito estúpido ao longo de todo o

caminho para casa a deixava doida. Pobre Daniel, pensou com tristeza. Os pais de Gerry

tinham sido muito grosseiros com ele; haviam encerrado a conversa de repente e investido

para dentro do restaurante, recusando-se a fazer contato visual com Holly. Oh, por que

precisavam vê-la na única vez em que se sentia feliz? Eles poderiam ter passado em sua

casa qualquer dia da semana para vê-la se sentindo miserável e vivendo a vida de uma

perfeita viúva sofredora. Assim, ficariam felizes. Mas não haviam feito isso, e agora

provavelmente achavam que ela estava vivendo uma vida ótima sem o filho deles. Por que

as pessoas sempre levavam cinco minutos para se mover quando os sinais ficavam verdes?

Ela parou em cada conjunto de sinais de trânsito que encontrou e tudo o que queria

fazer era ir para casa e ter um ataque de fúria na privacidade do lar. Pegou o celular e ligou

para Sharon, sabendo que ela entenderia.

— Alô?

— Oi, John, é Holly. Posso falar com Sharon? - perguntou ela.

— Sinto muito, Holly, ela está dormindo. Eu a acordaria para você, mas ela tem

estado absolutamente exausta...

— Não, não se preocupe - interrompeu ela. — Ligo para ela amanhã.

— É alguma coisa importante? - perguntou ele, preocupado.

— Não - disse ela baixinho —, de maneira nenhuma. - Desligou e imediatamente

digitou o número de Denise.

— Alô? - Denise abafou o riso.

— Oi - disse Holly.

— Você está bem? - Denise abafou o riso novamente. — Tom, pare! - sussurrou

ela, e Holly rapidamente percebeu que havia ligado em hora errada.

— Sim, estou bem. Só liguei para bater um papo, mas já percebi que você está

ocupada - ela forçou uma risada.

— Certo, então, ligo para você amanhã, Hol. - Ela sufocou o riso mais uma vez.

— Certo, então, te... - Denise havia desligado antes que Holly houvesse sequer

terminado a frase.

Ela permaneceu parada no sinal, perdida em pensamentos, até que o som de altas

buzinadas atrás dela a fizeram pular e enfiar o pé no acelerador.

Decidiu ir para a casa dos pais e conversar com Ciara, que a animaria. Assim que

parou do lado de fora da casa, lembrou-se que Ciara não estava mais lá e seus olhos se

encheram de lágrimas. Mais uma vez não contava com ninguém.

Tocou a campainha e Declan atendeu.

— O que há com você?

— Nada - disse ela, sentindo pena de si mesma. — Onde está mamãe?

— Na cozinha com papai, conversando com Richard. Deixei-os um pouco sozinhos.

— Oh... OK... - Ela sentiu-se perdida. — O que você está fazendo?

— Estou só assistindo ao que filmei hoje.

— É para o documentário sobre os sem-teto?

— Sim, quer assistir?

— Quero. - Ela sorriu com gratidão e acomodou-se no sofá. Com poucos minutos

de vídeo, Holly estava aos prantos, mas ao menos por uma vez, não por sua própria causa.

Declan realizara uma entrevista incisiva e desoladora com um sujeito extraordinário que

estava vivendo nas ruas de Dublin. Percebeu que havia pessoas em situação muito pior que

a dela, e o fato de os pais de Gerry terem tropeçado com ela e Daniel saindo de um

restaurante parecia algo muito estúpido para que se preocupasse a respeito.

— Declan, está excelente - disse ela, secando os olhos quando o filme terminou.

— Obrigada - disse ele devagar, retirando a fita de vídeo do aparelho e guardando-a

em sua mochila.

— Você não está satisfeito com o filme? - Ele deu de ombros.

— Quando você acaba passando o dia com pessoas assim, é meio difícil ficar satisfeito com o fato de que o que elas têm a dizer é tão ruim que produz um documentário

incrível. Portanto, quanto pior está ele, melhor eu fico.

Holly ouviu com interesse.

— Não, não concordo com isto, Declan. Acho que o filme vai fazer uma diferença

para ele. As pessoas vão ver e vão querer ajudar.

Declan apenas deu de ombros.

— Talvez. De qualquer forma, estou indo para a cama agora, estou completamente

esgotado. - Ele pegou sua mochila e beijou Holly no alto da cabeça quando passou, o que

de fato a comoveu. Seu irmão mais novo estava crescendo.

Holly olhou de relance para o relógio sobre a lareira e verificou que era quase

meia

noite. Pegou sua bolsa e retirou o envelope de outubro de Gerry. Tinha pavor dos dias em

que não haveria mais cartas. Afinal de contas, só havia mais duas depois dessa. Mais uma

vez correu os dedos pela caligrafia e rasgou o lacre. Holly fez o cartão deslizar para fora do

envelope e uma flor seca, impressada entre dois cartões, caiu em seu colo. Sua favorita, um

girassol. Junto com ele, um diminuto pacote havia pousado em seus joelhos. Examinou-o

com curiosidade e percebeu que era um pacote de sementes de girassol. Suas mãos tremiam

enquanto tocavam as pétalas delicadas, não querendo rompê-las entre os dedos. A

mensagem dizia:

Um girassol para o meu girassol. Para iluminar os sombrios dias de outubro, que você tanto detesta. Plante mais alguns, e sinta-se segura, sabendo que um verão quente e luminoso a espera.

PS: Eu te amo...

PPS: Você poderia, por favor, entregar o outro cartão a John?

Holly ergueu o segundo cartão, que havia caído sobre seu colo, e leu as palavras

entre lágrimas e riso.

Para John,

Feliz 32. aniversário. Você está ficando velho, meu amigo, mas espero que tenha muito, muito mais aniversários. Aproveite a vida e tome conta de minha mulher e de Sharon. Você é um homem agora!

Com muito amor, seu amigo Gerry.

PS: Eu disse a você que ia cumprir minha promessa.

Holly leu e releu cada uma das palavras que Gerry havia escrito. Permaneceu sentada naquele sofá pelo que lhe pareceu serem horas e pensou no quanto

John ficaria

feliz em receber notícias do amigo. Refletiu sobre o quanto sua vida mudara nos últimos

meses. Sua vida profissional definitivamente havia melhorado de forma significativa, e

estava orgulhosa de si mesma por haver perseverado; adorava a sensação de satisfação que

sentia a cada dia quando desligava o computador e deixava o escritório. Gerry a incentivara

a ser corajosa; ele a encorajara a querer um emprego que significasse mais em sua vida do

que apenas um cheque de pagamento. Ela não teria precisado procurar essas coisas

adicionais se Gerry ainda estivesse com ela. A vida sem ele era mais vazia, deixando mais

espaço para si mesma. Mas trocaria tudo aquilo para ter Gerry de volta.

Porém essa não era uma opção. Precisava começar a pensar em si mesma e em seu

próprio futuro. Porque não havia ninguém mais para dividir as responsabilidades com ela.

Holly enxugou os olhos e levantou-se do sofá. Sentiu uma nova energia em seu

andar e não conseguia apagar um largo sorriso do rosto. Bateu levemente na porta da

cozinha.

— Entre - convidou Elizabeth.

Holly entrou e olhou para os pais e Richard sentados à mesa com xícaras de chá nas

mãos.

— Oh, olá, querida - disse sua mãe, alegremente levantando-se para lhe dar um

abraço e um beijo. — Não ouvi você chegar.

— Estou aqui há uma hora. Estava assistindo ao documentário de Declan. -

Holly

sorriu para a família e sentiu vontade de abraçar a todos.

— É incrível, não é? - perguntou Frank, levantando-se para cumprimentar a filha

mais velha com um abraço e um beijo.

Holly assentiu e juntou-se a eles na mesa.

— Você já encontrou emprego? - perguntou a Richard. Ele balançou a cabeça tristemente e pareceu que ia chorar.

— Bem, eu encontrei.

Ele olhou para ela aborrecido por ela ter dito tal coisa.

— Bem, eu sei que você encontrou.

— Não, Richard - sorriu ela. — Eu quis dizer que encontrei um emprego para você.

Ele olhou para ela surpreso.

— Você o quê?

— Você ouviu - ela abriu um sorriso. — Meu chefe vai ligar para você amanhã.

O rosto dele tornou-se sombrio.

— Holly, isto foi realmente muito gentil da sua parte, mas não tenho nenhum interesse em propaganda. Meu interesse é em ciência.

— E jardinagem.

— Sim, gosto de jardinagem. - Ele pareceu confuso.

— É por isso que meu chefe vai ligar para você. Para chamá-lo para trabalhar em

seu jardim. Eu disse a ele que você o arrumaria por cinco mil; espero que esteja tudo bem.

— Ela sorriu quando ele ficou boquiaberto.

Ele ficou completamente sem fala, então Holly continuou a tagarelar.

— E aqui está o seu cartão profissional — disse ela, entregando-lhe uma volumosa

pilha de cartões que imprimira naquele dia.

Richard e seus pais pegaram os cartões e leram em silêncio.

De repente Richard começou a rir, pulou da cadeira puxando Holly com ele e dançou com ela pela cozinha, enquanto seus pais observavam e aplaudiam.

— Por falar nisso - disse Richard, acalmando-se e olhando de relance para o cartão

novamente —, você escreveu “jardineiro” errado. Não é “jardinero”, é “jar-dineiro” -

disse ele devagar. — Percebe a diferença?

Holly parou de dançar e suspirou, frustrada.

Quarenta e um

— TUDO BEM, ESTE É O ÚLTIMO, prometo, garotas! - gritou Denise, enquanto seu sutiã voava por sobre a porta do provador. Sharon e Holly gemeram e

desabaram sobre suas cadeiras novamente.

— Você disse isto uma hora atrás - queixou-se Sharon, chutando longe seus sapatos

e massageando os tornozelos inchados.

— Sim, mas desta vez é para valer. Estou com um bom pressentimento a respeito

deste vestido - disse Denise, completamente excitada.

— Você também disse isto uma hora atrás - resmungou Holly, descansando a cabeça no encosto da cadeira e fechando os olhos.

— Você não vai cair no sono agora - advertiu Sharon, e os olhos dela imediatamente se arregalaram.

Elas haviam sido arrastadas para cada uma das butikues que vendiam vestidos de

noiva na cidade e Sharon e Holly estavam exaustas, irritadas e completamente de saco

cheio. Qualquer entusiasmo que haviam sentido por Denise e seu casamento havia sido

drenado do corpo à medida que Denise experimentava vestido após vestido. E se Holly

ouvisse os gritinhos irritantes de Denise mais uma vez, iria...

— Oooh, adorei! - gritou Denise.

— Tudo bem, o plano é o seguinte - sussurrou Sharon. — Se ela sair dali parecendo um suspiro sentado em cima de uma bomba de encher pneu de bicicleta, vamos

dizer a ela que ela está linda.

Holly abafou o riso.

— Oh, Sharon, não podemos fazer isto!

— Oooh, esperem só até ver! - gritou Denise novamente.

— Pensando melhor... - Holly olhou para Denise perversamente.

— OK, estão prontas?

— Estamos - grunhiu Sharon sem entusiasmo.

— Ta-da! - Ela saiu do provador e os olhos de Holly se arregalaram.

— Oh, ficou tão lindo em você - disparou a vendedora, que estava rondando por perto.

— Oh, pare com isto! - gritou Denise. — Você não está de forma alguma me ajudando! Você adorou todos eles.

Sharon girou os olhos e sussurrou:

— Será que Denise nunca ouviu falar de uma coisa chamada comissão?

— O que vocês duas estão cochichando? - perguntou Denise.

— Só estamos comentando o quanto você está bonita. Holly franziu as sobrancelhas para Sharon.

— Vocês gostaram? - gritou Denise novamente e Holly estremeceu.

— Gostamos - disse Sharon sem entusiasmo.

— Têm certeza?

— Temos.

— Acham que Tom vai ficar feliz quando olhar para a nave e me vir caminhando

na direção dele? - Denise chegou até mesmo a ensaiar a caminhada, para que

as garotas

pudessem imaginar.

— Sim.

— Mas vocês têm certeza?

— Sim - repetiu Sharon.

— Vocês acham que vale o dinheiro?

— Sim.

— De verdade?

— Sim.

— Ele ficaria melhor com um bronzado, não é?

— Sim.

— Oh, mas ele não faz minha bunda parecer enorme?

— Sim.

Holly olhou para Sharon assustada, percebendo que ela não estava sequer ouvindo

mais as perguntas.

— Vocês têm certeza? - continuou Denise, obviamente sem nem mesmo ouvir as

respostas.

— Sim.

— Então, eu compro?

Holly esperava ver a vendedora começar a pular para cima e para baixo de contentamento, gritando “Yessss!”, mas ela conseguiu se conter.

— Não! - cortou Holly, antes que Sharon dissesse sim novamente.

— Não? - perguntou Denise.

— Não - confirmou Holly.

— Você não gostou?

— Não.

— Porque me faz parecer gorda?

— Não.

— Não acha que Tom vai gostar?

— Não.

— No entanto, você não acha que vale o dinheiro?

— Não.

— Oh. - Ela virou-se para encarar Sharon. — Você concorda com Holly?

— Sim.

A vendedora girou os olhos e aproximou-se de outra cliente, esperando melhor

sorte com ela.

— OK, então, acredito nas duas - disse Denise, lançando tristemente uma última

olhada em seu reflexo no espelho. — Para ser honesta, eu mesma, na verdade, também não

fiquei louca por ele.

Sharon suspirou e colocou os sapatos novamente.

— OK, Denise, você falou que este era o último. Vamos comer alguma coisa antes

que eu caia morta.

— Não, eu quis dizer que este era o último vestido que experimentava nesta loja.

Ainda há um monte de outras para ir.

— De jeito nenhum! - protestou Holly. — Denise, estou morrendo de fome e a

esta altura todos os vestidos estão começando a parecer a mesma coisa para mim. Preciso

de um tempo.

— Oh, mas é o dia do meu casamento, Holly!

— Sim e... - Holly tentou pensar em uma desculpa. — Mas Sharon está grávida.

— Certo então, vamos comer alguma coisa - disse Denise, decepcionada, e voltou

ao provador.

Sharon deu uma cotovelada nas costelas de Holly.

— Ei, eu não estou doente, sabe, só grávida.

— Foi a única coisa em que consegui pensar - disse Holly cansada. As três se arrastaram até o Bewley's Café e conseguiram pegar o lugar de sempre ao lado da janela,

com vistas para a rua Grafton.

— Detesto fazer compras aos sábados - queixou-se Holly, enquanto observava as

pessoas se chocarem e comprimirem umas às outras na rua movimentada.

— Os dias de compras no meio da semana se acabaram, agora você não é mais uma

madame - provocou Sharon, enquanto pegava um sanduíche enorme e começava a se

empanturrar.

— Eu sei, e estou tão cansada, mas sinto como se merecesse o cansaço desta vez.

Ao contrário de antes, quando eu simplesmente costumava ficar acordada até tarde

assistindo à TV insone - disse Holly alegremente.

— Conte-nos o episódio com os pais de Gerry — disse Sharon com a boca cheia

de comida.

Holly girou os olhos.

— Eles foram tão grosseiros com o pobre do Daniel.

— Sinto muito por estar dormindo. Tenho certeza que se John soubesse do que se

tratava ele teria me acordado - desculpou-se Sharon.

— Não seja boba, não foi realmente nada demais. Só foi ruim na hora.

— Com certeza. Mas eles não podem dizer a você com quem você sai ou deixa de

sair - criticou Sharon.

— Sharon, não estou saindo com ele. - Holly tentou deixar bem claro. — Não

tenho intenção de sair com ninguém pelo menos pelos próximos vinte anos. Estávamos

apenas tendo um jantar profissional.

— Oooh, um jantar profissional - Sharon e Denise deram uma risadinha.

— Bem, foi isso e também foi bom ter um pouco de companhia. - Holly sorriu. —

E não estou me queixando de vocês duas - apressou-se a dizer, antes que as duas

começassem a se defender. — Tudo que estou dizendo é que quando alguém está ocupado,

é legal ter outra pessoa com quem conversar. Especialmente companhia masculina, sabe? E

ele é de fácil convivência e me faz sentir muito à vontade. É tudo.

— Sim, entendo - assentiu Sharon. — De qualquer maneira, é bom para você sair e

conhecer gente nova.

— Descobriu mais alguma coisa a respeito dele? - Denise inclinou-se para diante,

os olhos brilhando enquanto escafandrou atrás de fofoca. — Esse Daniel é meio azarão.

Talvez esteja escondendo algum segredo importante. Talvez os fantasmas de seu passado

no exército estejam voltando para atormentá-lo – brincou Denise.

— Não, não acho, Denise - riu Holly. — A não ser que limpar as botas num campo

de treinamento tenha sido um evento traumatizante. Ele não permaneceu por muito mais

tempo do que isto - explicou ela.

— Adoro esses homens lindos do exército - babou Denise.

— E DJs - acrescentou Sharon.

— E DJs, claro - replicou Denise, rindo.

— Bem, eu disse a ele o que pensava do exército de qualquer forma - sorriu Holly.

— Não, você não fez isso! - riu Sharon.

— O quê? - perguntou Denise.

— E então, o que ele disse? - Sharon ignorou-a.

— Ele simplesmente riu.

— O que é? - perguntou Denise novamente.

— A teoria de Holly a respeito do exército - explicou Sharon.

— E qual é? - perguntou Denise, intrigada.

— Que lutar pela paz é como transar para manter a virgindade. - As garotas desataram a rir.

— É, mas você pode ter horas intermináveis de divertimento tentando – ironizou

Denise.

— Você ainda não adquiriu esta habilidade? - perguntou Sharon.

— Não, mas a cada chance disponível nós tentamos, sabe? - replicou Denise, e as

garotas riram. — Bem,, Holly, estou feliz que você se entenda com ele, porque você vai ter

de dançar com ele no casamento.

— Por quê? - Ela olhou para Denise, confusa.

— Porque é tradição que o padrinho dance com a dama de honra no casamento. –

Os olhos dela cintilaram.

— Você quer que eu seja sua dama de honra? - arfou Holly. Denise assentiu, cheia

de entusiasmo.

— Não se preocupe, eu já perguntei a Sharon e ela não se importa - ela tranquilizou

Holly.

— Oh, eu adoraria! - disse Holly alegremente. — Mas Sharon, tem certeza de que

você não se importa?

— Não se preocupem comigo, fico feliz em ser apenas uma madrinha quase explodindo.

— Você não vai explodir! - riu Holly.

— Vou sim, vou estar com oito meses de gravidez. Vou precisar pedir emprestado

o toldo de Denise para usar como vestido!

— Espero que você não entre em trabalho de parto no casamento. - Os olhos de

Denise se arregalaram.

— Não se preocupe, Denise, não vou roubar os holofotes de você no seu dia – sorriu Sharon. — Estou esperando para o final de janeiro, portanto isto vai ser algumas

semanas mais tarde.

Denise pareceu aliviada.

— Por falar nisto, esqueci de mostrar a vocês a fotografia do bebê! - disse Sharon

excitada, remexendo sua bolsa. Por fim, puxou uma pequena fotografia do ultrassom.

— Onde está ele? - perguntou Denise, de testa franzida.

— Ali. - Sharon apontou a área.

— Uau! É um garotão - exclamou Denise, aproximando de seu rosto a imagem.

Sharon girou os olhos.

— Denise, isto é uma perna, sua idiota, ainda não sabemos o sexo.

— Oh. - Denise corou. — Bem, parabéns, Sharon, parece que você vai ter um pequeno alienígena.

— Pare com isso, Denise - riu Holly. — Acho que é uma linda foto.

— Bom. - Sharon sorriu e olhou para Denise e Denise assentiu em resposta.

—

Porque quero lhe perguntar uma coisa.

— O quê? - Holly pareceu preocupada.

— Bem, John e eu adorariamos que você fosse a madrinha do nosso bebê.

Holly ofegou pela segunda vez com o choque e lágrimas encheram seus olhos.

— Ei, você não chorou quando lhe pedi que fosse minha dama de honra - bufou

Denise.

— Oh, Sharon, seria tanta honra! - disse Holly, dando um grande abraço na amiga.

— Obrigada por me convidar!

— Obrigada por aceitar! John vai ficar tão contente!

— Oh, vocês duas não comecem a chorar - queixou-se Denise, mas Sharon e Holly

a ignoraram e continuaram a se abraçar.

— Ei! - gritou Denise, fazendo-as interromper o abraço.

— O quê?!

Denise apontou para fora da janela.

— Não posso acreditar que nunca notei aquela loja de vestidos de noiva ali!

Esvaziem os copos que vamos até lá depois - disse ela excitada, enquanto seus olhos

voavam de um vestido a outro.

Sharon suspirou e fingiu desmaiar.

— Não posso, Denise, estou grávida...

Quarenta e dois

— El, HOLLY, EU ESTAVA SÓ PENSANDO - disse Alice enquanto elas retocavam a maquiagem no banheiro, antes de deixar o trabalho.

— Oh, não, doeu? - provocou Holly.

— Ha-ha - disse Alice secamente. — Não, honestamente, eu estava pensando a

respeito do horóscopo na revista deste mês e acho que Tracey pode ter misteriosamente

acertado.

Holly lançou os olhos para os céus.

— Como?

Alice abaixou o batom e afastou o olhar do espelho para encarar Holly.

— Bem, primeiro havia esta coisa do homem alto, moreno, bonito com quem você

agora está saindo...

— Não estou saindo com ele, somos só amigos - explicou Holly pela milionésima

vez.

Alice girou os olhos.

— Que seja. De qualquer forma, depois houve aquela coisa...

— Não estou - repetiu Holly.

— Certo, certo - disse Alice, sem acreditar. — Bem, então, houve a... - Holly abaixou com força sua bolsa de maquiagem.

— Alice, não estou saindo com Daniel.

— OK, OK. - Ela levantou as mãos na defensiva. — Entendi! Você não está saindo com ele, mas, por favor, pare de me interromper e escute! - Ela esperou que Holly

se acalmasse e ouvisse. — Certo, então a outra coisa que ela disse foi que seu dia de sorte é

terça, que é hoje...

— Uau, Alice, acho que você está na pista de alguma coisa aqui - disse Holly com

sarcasmo, aplicando seu contorno labial.

— Escute! - disse Alice impaciente e Holly se calou. — Ela também falou que azul

era sua cor da sorte. E daí que hoje é terça e você foi convidada por um homem alto,

moreno e bonito para o lançamento do Blue Rock. - Alice pareceu satisfeita consigo

mesma quando resumiu tudo aquilo.

— E daí? - perguntou Holly, pouco impressionada.

— E daí que é um sinal.

— Um sinal de que a cor da camisa que eu por acaso estava usando naquele dia era

azul, que foi a razão para Tracey ter escolhido essa cor em particular, que por acaso eu

estava usando porque tudo o mais que eu tinha estava sujo. E ela simplesmente tirou o dia

da cabeça dela. Isso não significa nada, Alice.

Alice suspirou.

— Oh, povo de pouca fé.

Holly riu.

- Bem, se eu for acreditar na sua teoriuzinha, idiota do jeito que é, então isto também significa que Brian vai ganhar na loteria e vai se tornar objeto do amor de todas as mulheres.

Alice mordeu o lábio e pareceu envergonhada.

— O quê? - perguntou Holly, sabendo que alguma coisa estava se passando naquela

mente extravagante.

— Bem, Brian ganhou quatro euros na raspadinha hoje.

— Ulalá - riu Holly. - Bem, ainda permanece o problema de que pelo menos um ser

humano precisa de achá-lo atraente.

Alice permaneceu em silêncio.

— O quê, agora? - perguntou Holly.

— Nada. - Alice deu de ombros e sorriu.

— Não! - disse Holly, chocada.

— Não o quê? - o rosto dela se iluminou.

— Você não gosta dele, gosta? Não é possível! - Alice deu de ombros.

— Ele é legal, só isso.

— Oh não! - Holly cobriu o rosto com as mãos. — Você está indo tão longe

assim

só para tentar me provar um fato.

— Não estou tentando provar nada a você - riu ela.

— Não consigo acreditar que você goste dele!

— Quem gosta de quem? - perguntou Tracey, entrando no banheiro. Alice balançou loucamente a cabeça na direção de Holly, implorando-lhe que não contasse.

— Ninguém - murmurou Holly, olhando para Alice em choque. Como Alice podia

gostar do mais repulsivo dos caras?

— Ei, vocês sabiam que Brian ganhou na raspadinha hoje? - Tracey perguntou-lhes

de dentro do sanitário.

Alice piscou para Holly no espelho e Holly saiu do banheiro.

— Vamos, Alice, é melhor irmos para essa coisa ou o fotógrafo vai ficar louco.

— O fotógrafo já está aqui - explicou Alice, aplicando rimel.

— Onde ele está?

— Ela.

— Bem, então, onde ela está?

— Ta-da! - anunciou Alice, retirando uma câmera de sua bolsa.

— Você é a fotógrafa? - riu Holly. — Bem, pelo menos podemos ambas perder o

emprego quando o artigo for publicado - disse ela por sobre o ombro, enquanto voltava

para seu escritório.

Holly e Alice abriram caminho em meio à aglomeração no Hogan's e se encaminharam ao Clube Diva, no andar superior. Holly perdeu o fôlego quando se

aproximou da porta. Um grupo de jovens machos musculosos, vestindo trajes de banho,

produziam algum tipo de batida de tambor havaiana para receber os

convidados. Algumas

modelos muito magras, também usando biquínis reduzidos, saudaram as garotas à porta,

colocando lindos colares de flores multicoloridas ao redor do pescoço.

— Sinto-me como se estivesse no Havaí - riu nervosamente Alice, batendo fotos

com a câmera. — Oh, meu Deus! - exclamou ela quando entraram.

Holly mal conseguia reconhecer o clube; o lugar havia sido completamente transformado. Uma imensa coluna d'água as saudou quando entraram. A água azul-

esverdeada escorria sobre as rochas e o conjunto parecia uma cascata em miniatura.

— Oh, veja, Blue Rock! - riu Alice. — Muito criativo.

Holly sorriu; em grande parte devido a seus maravilhosos poderes de observação

jornalística, ela não havia percebido que a água era na verdade a própria bebida. Então

entrou em pânico; Daniel não havia falado nada a respeito daquilo, o que significava que

teria de adaptar o artigo para entregá-lo a Chris no dia seguinte. Olhou ao redor do clube à

procura de Denise e Tom e viu a amiga sendo fotografada enquanto erguia a mão para a

câmera a fim de mostrar seu brilhante anel de noivado. Holly riu do casal de celebridades.

A equipe do bar vestia biquínis e sungas e alinhava-se à entrada com bandejas de

drinques azuis nas mãos. Holly pegou um drinque na bandeja e tomou um gole, tentando

não fazer cara feia diante do sabor excessivamente doce, enquanto um fotógrafo tirava uma

foto sua bebericando a nova bebida quente do inverno. Como Daniel havia dito, o chão

estava coberto de areia, como se estivessem em uma festa na praia. Cada uma das mesas

havia sido guarnecida com um imenso guarda-sol de bambu, os bancos do bar tinham se

transformado em enormes tambores e havia um maravilhoso cheiro de churrasco no ar. A

boca de Holly encheu-se de água quando ela avistou os garçons carregando bandejas de

churrasco para as mesas. Disparou até a mesa mais próxima, serviu-se de brochete e deu

uma enorme mordida.

— Ah, então você come. - Holly deu de cara com Daniel. Mastigando bravamente,

ela engoliu a comida.

— Hummm, oi. Não comi nada o dia todo e estou absolutamente morrendo de fome. O lugar está incrível — disse ela, olhando em volta, louca para desviar a atenção

dele, a fim de evitar que ele a visse com a boca cheia de brochete.

— É, funcionou bem. - Ele pareceu satisfeito. Daniel estava ligeiramente mais vestido que os membros de sua equipe; vestia jeans desbotado e uma camisa havaiana com

flores grandes, rosa e amarelas. Ele não havia se barbeado e Holly se perguntou o quão

doloroso seria beijá-lo com aquela barba pontuda. Não que ela fosse beijá-lo, claro. Alguma

outra pessoa... e a razão pela qual ela estava sequer se perguntando aquilo a preocupou.

— Ei, Holly! Deixe-me tirar uma foto sua e do homem alto, moreno e bonito —

gritou Alice, precipitando-se com a câmera. Holly sentiu-se envergonhada.

Daniel riu.

— Você devia trazer suas amigas aqui mais vezes.

— Ela não é minha amiga - disse Holly de dentes cerrados e pousou para a

foto ao
lado de Daniel.

— Espere um segundo - disse Daniel, cobrindo as lentes da câmera com a mão. Ele

pegou um guardanapo de uma das mesas e limpou a gordura e o molho de churrasco do

rosto de Holly. A pele de Holly formigou e um calor percorreu seu corpo. Ela convenceu-

se de que aquilo se devia ao fato de seu rosto ficar tão vermelho.

— Agora saiu - disse ele, sorrindo para ela, envolvendo-a com o braço e olhando

para a câmera.

Alice afastou-se novamente e continuou a fotografar tudo ao seu redor. Holly virou-se para Daniel.

— Daniel, mais uma vez, realmente sinto muito a respeito da outra noite. Os pais

de Gerry foram tão rudes com você e lamento se se sentiu pouco confortável.

— Não precisa se desculpar novamente, Holly. Na verdade, não precisa se desculpar de maneira nenhuma. Só me senti constrangido por você. Eles não deveriam

dizer a você com quem sai ou deixa de sair. De qualquer forma, se você está preocupada

comigo, não há necessidade. - Ele sorriu e colocou as mãos nos ombros dela como se fosse

dizer mais alguma coisa, mas alguém o chamou no bar e ele correu para solucionar o

problema.

— Mas não estou saindo com você - Holly resmungou para si mesma. Se precisava

convencer até mesmo Daniel, então eles certamente tinham um problema. Esperava que

ele não achasse que havia mais naquele jantar do que de fato havia. Ele ligara quase todos

os dias depois daquele episódio. Ela percebeu que ansiava por suas chamadas. Sentiu aquela

sensação incômoda no fundo de sua mente outra vez. Holly deslocou-se até Denise e

juntou-se a ela na espreguiçadeira, onde ela sorvia sua bebida azul.

— Ei, Holly, guardei isto para você. - Ela apontou para a balsa a um canto do salão

e as duas garotas riram nervosamente, lembrando-se da grande aventura no mar durante as

férias.

— Então, o que acha da nova bebida quente do inverno? - Holly indicou a garrafa.

Denise girou os olhos.

- Horrroso. Só tomei alguns e minha cabeça já está rodando. - Alice partiu para

cima de Holly arrastando um enorme sujeito musculoso, vestindo um short minúsculo. Seu

bíceps era do tamanho da cintura de Alice. Ela entregou a câmera a Holly.

— Tire uma foto de nós dois, sim?

Holly não achava que aquele fosse o tipo de fotografia que Chris estava esperando,

mas fez aquele favor a Alice.

— É para o protetor de tela do meu computador no trabalho - Alice explicou a Denise.

Holly se divertiu naquela noite, rindo e conversando com Denise e Tom, enquanto

Alice circulava por toda parte batendo fotografias de todos os modelos masculinos

seminus. Holly sentiu-se culpada por ter ficado aborrecida com Tom no concurso de

karaokê meses atrás; ele era um rapaz carinhoso e formava com Denise um casal

encantador. Holly mal conseguiu falar com Daniel, já que ele, como

responsável pelo local,

achava-se muito ocupado correndo por toda parte. Ela o observou enquanto ele dava

ordens a sua equipe e eles imediatamente punham-se a trabalhar. Era óbvio que seu pessoal

tinha muito respeito por ele. Ele fazia as coisas funcionarem. Todas as vezes que o avistava

encaminhando-se para ela e seu grupo, alguém o parava no meio do caminho para uma

entrevista ou apenas para bater um papo. Na maioria das vezes, era interrompido por

jovens magricelas de biquíni. Elas deixavam Holly irritada, então ela desviava os olhos.

— Não sei como vou escrever este artigo - Holly queixou-se a Alice enquanto saíam em direção ao ar frio.

— Não se preocupe, Holly, você vai se sair muito bem; são só oitocentas palavras,

não é?

— É, só - disse ela com sarcasmo. — Preparei um rascunho alguns dias atrás porque Daniel me deu todas as informações. Mas depois de ver tudo isto, vou ter de mudar

muita coisa. Já quase morri tentando fazer a primeira versão.

— Você está realmente preocupada com isto, não está? - Holly suspirou.

— Simplesmente não consigo escrever, Alice. Nunca fui boa em colocar fatos em

palavras e descrever exatamente as coisas como são.

Alice ficou pensativa.

— Você está com o artigo no escritório? - Holly assentiu.

— Por que não vamos para lá agora? Vou examiná-lo e talvez faça algumas mudanças se for preciso.

— Oh, Alice, muito obrigada! - disse Holly, abraçando-a com alívio.

No dia seguinte, Holly sentou-se nervosamente diante de Chris e observou o

ler o

artigo. Seu rosto manteve-se irritado quando virou a página. Alice não fizera apenas umas

poucas mudanças, ela reescrevera o artigo completamente, e Holly achava que estava

incrível. Era divertido, ainda que informativo, e Alice descrevia a noite exatamente como

havia sido, o que Holly seria incapaz de fazer. Alice era uma escritora extremamente

talentosa e Holly não conseguia entender por que ela trabalhava na recepção no escritório

de uma revista, em vez de estar escrevendo para eles.

Por fim, Chris terminou de ler, retirou vagarosamente seus óculos de leitura e ergueu os olhos na direção de Holly. As mãos de Holly moviam-se nervosamente em seu

colo e ela sentia-se como se houvesse acabado de colar num exame na escola.

— Holly, não sei o que você está fazendo na publicidade - disse Chris finalmente.

— Você é uma escritora fantástica, adorei! É audacioso e divertido e o tempo todo vai

direto ao ponto.

Está incrível.

Holly sorriu fracamente.

— Eh... obrigada.

— Você tem um talento maravilhoso; não posso acreditar que tenha tentado escondê-lo de mim.

O sorriso permaneceu pregado no rosto de Holly.

— O que você acha de escrever de vez em quando? - O rosto de Holly congelou.

— Bem, Chris, estou muito mais interessada na parte de publicidade.

— Claro, e vou pagar mais por isto também. Mas se ficarmos enrolados alguma

outra vez, ao menos sei que temos outro escritor de talento no time. Bom trabalho, Holly. -

Ele abriu um sorriso e estendeu-lhe a mão.

— Eh... obrigada - repetiu Holly, apertando frouxamente a mão dele.

— Agora é melhor eu voltar ao trabalho. — Levantou-se e saiu do escritório, com andar tenso.

— Bem, ele gostou? - perguntou Alice em voz alta, descendo o corredor.

— Eh... sim, ele adorou. Quer que eu escreva mais. - Holly mordeu o lábio, sentindo-se culpada por ficar com todo o crédito.

— Oh. - Alice afastou os olhos. — Bem, você não é uma garota de sorte? - E ela continuou em direção a sua mesa.

Quarenta e três

DENISE FECHOU RUIDOSAMENTE a gaveta com o quadril e entregou o recibo ao cliente por sobre o balcão.

— Obrigada - sorriu, e seu sorriso rapidamente esmoreceu assim que o cliente se

afastou. Ela suspirou alto, olhando para a longa fila que se formava diante da caixa

registradora. Teria de ficar ali o dia inteiro e estava simplesmente morrendo de vontade de

dar uma parada para fumar um cigarro. Mas não tinha meios de escapulir, então agarrou

com irritação o artigo de vestuário do próximo cliente, retirou a etiqueta, registrou-o e o embrulhou.

— Desculpe, você é Denise Hennessey? - ela ouviu uma voz profunda perguntar e

ergueu os olhos para ver de onde tinha vindo a voz sensual. Franziu as sobrancelhas

quando viu um policial diante dela.

Hesitou enquanto tentava se lembrar se havia feito algo ilegal nos últimos dias, e

quando se convenceu de que estava livre de qualquer crime, sorriu.

— Sim, sou eu.

— Sou o agente Ryan e estava imaginando se você me acompanharia até a delegacia.

Aquilo foi mais uma ordem do que uma pergunta e Denise ficou boquiaberta, em

choque. Ele não era mais o oficial sensual, era um tipo-diabólico-que-queria-trancafia-la-

para-sempre-numa-cela-minúscula com um macacão laranja berrante e chinelos

barulhentos sem água ou maquiagem. Denise engoliu em seco e teve uma visão de si

mesma sendo espancada por uma gangue de mulheres duronas e enfurecidas que não se

preocupavam em usar maquiagem, no pátio de exercícios da prisão, enquanto os guardas

assistiam e apostavam sobre quem iria ganhar.

Ela engoliu em seco novamente.

— Para quê?

— Se você simplesmente obedecer o que eu disse, tudo será esclarecido na delegacia. - Ele começou a contornar o balcão e Denise recuou devagar e olhou para a

longa fila de clientes desamparadamente. Todos apenas a encararam, divertidos com a cena

que se desenrolava diante deles.

— Verifique a identidade dele, querida - uma das clientes gritou do final da fila.

A voz dela tremeu quando pediu para ver a identidade dele, o que foi uma operação

completamente inútil, já que nunca vira a identidade de um policial antes, portanto não

sabia que aparência teria uma verdadeira. Sua mão tremeu quando segurou a identidade e a

examinou com atenção, mas não conseguiu ler nada. Estava excessivamente consciente da

multidão de clientes e da equipe que havia se reunido para olhar para ela com expressão de

repugnância no rosto. Todos pensavam a mesma coisa: ela era uma criminosa.

Denise endureceu-se, recusando-se a ir sem uma briga.

— Srta. Hennessey, se a senhorita cooperar comigo, então não haverá necessidade

de usar isto aqui. - Ele retirou de suas calças um par de algemas. — Não há necessidade de

armar um escândalo.

— Mas eu não fiz nada! - protestou ela, começando a entrar em pânico.

— Bem, podemos discutir isto na delegacia, não podemos? - Ele começou a ficar

irritado.

Denise recuou; estava determinada a fazer com que os clientes e a equipe soubessem que não fizera nada de errado. Não podia ir com aquele homem para a

delegacia, até que ele explicasse o que ela supostamente havia feito. Parou de recuar e

cruzou os braços sobre o peito para mostrar o quão resistente era.

— Eu disse que não vou com você até que me informe do que se trata.

— OK então - ele deu de ombros, avançando na direção dela. — Se a senhorita

insiste. - Ele abriu a boca para falar e ela gritou quando sentiu as frias algemas prateadas

fecharem-se com um estalido ao redor de seus pulsos. Não era exatamente a primeira vez

que usava um par de algemas, então não se surpreendeu com a sensação que provocaram,

mas estava tão chocada que não conseguia falar; simplesmente observou a

expressão de

surpresa no rosto de todos, enquanto o policial a conduzia pelo braço para fora da loja.

— Boa sorte, querida - a cliente gritou novamente enquanto ela era conduzida ao

longo da fila. — Se mandarem você para Mount Joy, diga a minha Orla que eu disse oi e

que estarei lá para visitá-la no Natal.

Os olhos de Denise arregalaram-se e imagens de si mesma medindo os passos dentro de uma cela, que compartilhava com um assassino psicopata, invadiram-lhe a mente.

Talvez encontrasse um passarinho de asa quebrada, cuidasse dele e o ensinasse a voar, para

conseguir passar os anos lá dentro...

Seu rosto enrubesceu quando puseram os pés na rua Grafton e as pessoas abriram

caminho assim que viram um guarda e uma criminosa imobilizada. Denise manteve os

olhos abaixados, esperando que ninguém que conhecesse a visse sendo presa. Seu coração

bateu loucamente e ela por um breve momento pensou em escapar. Olhou rapidamente ao

seu redor e tentou imaginar uma rota de fuga, mas foi muito lenta; já estava sendo

conduzida na direção de um micro-ônibus surrado, na conhecida cor azul da polícia e com

as janelas escurecidas. Denise sentou-se na primeira fila de assentos atrás do motorista,

apavorada demais para se virar e conhecer seus futuros companheiros presidiários. Apoiou

a cabeça contra a janela e disse adeus à liberdade.

— Para onde estamos indo? - perguntou ela quando passaram a delegacia. A policial feminina ao volante e o policial Ryan a ignoraram e fixaram um

ponto adiante.

— Ei! - gritou ela. — Pensei que você havia dito que estava me levando para a

delegacia! - Eles continuaram a olhar direto para frente.

— Ei! Para onde estamos indo?! - Nenhuma resposta. — Eu não fiz nada de errado! - Ainda nenhuma resposta. — Sou inocente, droga! Inocente, estou dizendo!

Denise começou a chutar o assento a sua frente, tentando chamar a atenção dos

dois. Seu sangue ferveu quando a oficial feminina pressionou uma fita cassete para dentro

do toca-fitas e aumentou o som. Os olhos de Denise arregalaram-se diante da escolha da

música.

O policial Ryan virou-se no assento, com um largo sorriso no rosto.

— Denise, você está sendo uma garota muito desobediente. - Ele ficou de pé e

avançou na direção dela. Ela engoliu em seco quando ele começou a girar os quadris ao

som da música Hot stuff.

Ela estava a ponto de lhe dar um baita chute entre as pernas quando ouviu gritos e

risos vindo da parte posterior do ônibus. Girou o corpo e avistou suas irmãs, Holly, Sharon

e cerca de cinco outras amigas erguendo-se do chão do micro-ônibus. Estava tão atordoada

que não as havia sequer notado quando entrara no veículo. Afinal, compreendeu o que

estava realmente acontecendo quando suas irmãs colocaram um véu em sua cabeça,

enquanto gritavam “Feliz despedida de solteira!”. Aquela foi a dica principal.

— Suas piranhas! - despejou Denise na direção delas, xingando-as e amaldiçoando-

as até ter empregado cada um dos palavrões já inventado, utilizando até mesmo alguns de sua própria autoria.

As garotas continuavam a segurar o estômago de tanto rir.

— Você teve muita sorte por eu não ter chutado seus ovos! - gritou Denise para o bamboleante policial.

— Denise, este é Paul - disse sua irmã Fiona, rindo loucamente - e ele é o seu stripper por hoje.

Denise apertou os olhos e continuou a praguejar.

— Quase tive um ataque cardíaco, espero que saibam! Pensei que estivesse indo

para a prisão. Meu Deus, o que meus clientes vão pensar? E minha equipe! Meu Deus,

minha equipe acha que sou uma criminosa. - Denise fechou os olhos como se sentisse dor.

— Contamos a eles na semana passada - Sharon deu uma risadinha. — Todos participaram da brincadeira.

— Ah, aquelas vacas - repetiu Denise. — Quando voltar ao trabalho mando todas

elas embora. Mas e os clientes? - perguntou Denise, em pânico.

— Não se preocupe - disse sua irmã —, pedimos ao seu pessoal para informar os

clientes, depois que você saísse da loja, que era sua despedida de solteira.

Denise girou os olhos.

— Bem, conhecendo-as, sei que não vão fazer isto e se elas não fizerem isto haverá

reclamações, e se houver reclamações, então serei demitida.

— Denise! Pare de se preocupar. Você não acha que fizemos isto sem passar pelo

seu chefe. Está tudo bem! - explicou Fiona. — Eles acharam divertido, agora relaxe e

aproveite o fim de semana.

— Fim de semana? Que diabos vocês garotas vão fazer comigo agora? Aonde vamos passar o fim de semana? - Denise olhou para suas amigas atônita.

— Vamos para Galway e isto é tudo que você precisa saber — disse Sharon misteriosamente.

— Se não fossem estas malditas algemas, eu dava um tapa na cara de cada uma -

ameaçou Denise.

As garotas aplaudiam enquanto Paul retirava o uniforme e derramava óleo de bebê

sobre o corpo, para que Denise lhe massageasse a pele. Sharon destravou as algemas de

uma abalada Denise.

— Homens de uniforme são tão mais bonitos sem ele... - murmurou Denise, esfregando os pulsos quando o viu flexionar os músculos diante dela.

— Sorte sua que ela é comprometida, Paul, ou você estaria muito encrencado! -

provocaram as garotas.

— Muito encrencado é perfeito - murmurou Denise novamente, olhando chocada

enquanto o restante das roupas era retirado. — Oh, garotas! Muito obrigada! - ela deu uma

risada nervosa, a voz num tom muito diferente do anterior.

— Você está bem, Holly? Mal disse uma palavra desde que entramos nesta van -

disse Sharon, estendendo-lhe uma taça de champanhe e reservando um copo de suco de

laranja para si própria. Holly virou-se para olhar para fora pela janela e fitou os campos

verdes à medida que passavam. Os montes verdejantes estavam salpicados de pequenos

pontos brancos, enquanto as ovelhas escalavam novas alturas, alheias às maravilhosas

paisagens. Paredes de pedra polida separavam cada um dos campos e era possível avistar as

raias acinzentadas, angulosas como quebra-cabeças irregulares, unindo cada peça de terra.

Holly ainda precisava encontrar algumas peças de seu próprio quebra-cabeça mental.

— Sim - suspirou. — Estou bem.

— Eu realmente preciso ligar para Tom! - gemeu Denise, desabando sobre a cama

de casal que ela e Holly dividiam no quarto de hotel. Sharon adormecera rapidamente na

cama de solteiro ao lado delas e recusara-se a dar ouvidos à ideia hilariante de Denise de

que teria de dormir na cama de casal sozinha devido ao tamanho de sua barriga, que crescia

aceleradamente. Fora para a cama muito mais cedo que as outras, depois de finalmente

sentir-se entediada com a bebedeira das garotas.

— Estou sob ordens explícitas de não permitir que você ligue para Tom - bocejou

Holly. — Este é um fim de semana só para as garotas.

— Por favor - choramingou Denise.

— Não. Vou confiscar seu telefone. - Ela arrancou o celular da mão de Denise e o

escondeu no móvel ao lado da cama.

Denise parecia querer chorar. Observou Holly deitar-se de costas na cama e fechar

os olhos e começou a formular um plano. Esperaria até que Holly adormecesse e então

ligaria para Tom. Holly permanecera tão quieta durante todo o dia, que ela estava

começando a ficar irritada. Todas as vezes que Denise lhe fizera uma pergunta, não

recebera nada além de sim ou não como resposta e todas as suas tentativas de entabular

uma conversa haviam falhado. Era óbvio que Holly não estava se divertindo, mas o que

realmente aborrecia Denise era ver que Holly não estava sequer tentando se divertir, ou

sequer fingindo se divertir. Denise podia entender o fato de Holly estar preocupada e de ter

muito com que lidar na vida, mas era sua despedida de solteira e não podia se impedir de

achar que Holly estava prejudicando um pouco o ambiente.

O quarto ainda girava. De olhos fechados, Holly agora era incapaz de dormir. Eram

cinco horas da manhã, o que significava que estivera bebendo por quase 12 horas e sua

cabeça latejava. Sharon se rendera havia muito e fizera a coisa mais sensata, indo para cama

cedo. O estômago de Holly revirou à medida que as paredes giravam, giravam e giravam...

Sentou-se na cama e tentou manter os olhos abertos para evitar a sensação de enjoo.

Virou-se para Denise na cama a fim de conversar, mas o som dos roncos da amiga

puseram fim a todas as suas intenções de comunicação. Holly suspirou e olhou em volta.

Não queria nada além de ir para casa e dormir em sua própria cama, onde estaria rodeada

de cheiros e sons familiares. Tateou as cobertas no escuro à procura do controle remoto e

ligou a televisão. Comerciais enfeitavam a tela. Holly assistiu à demonstração de uma nova

faca para fatiar laranjas sem espirrar suco no rosto das pessoas.

Viu as assombrosas meias que nunca se perdiam na lavagem e ficavam juntas o

tempo todo.

Denise roncou alto e chutou a perna de Holly quando trocou de posição. Holly fez

uma careta de dor e esfregou a perna enquanto observava penalizada os esforços

completamente frustrados de Sharon de deitar de bruços. Por fim, ela acomodou-se de lado

e Holly correu para o banheiro, mantendo a cabeça suspensa acima do vaso sanitário,

preparada para o que quer que pudesse acontecer. Desejava não ter bebido tanto, mas com

toda aquela conversa de casamentos, maridos e felicidade, necessitara de todo o vinho do

bar para evitar mandar que todos se calassem. Temia pensar no que seriam os próximos

dois dias. As amigas de Denise eram duas vezes piores que Denise. Eram barulhentas e

hiperativas e agiam exatamente da forma que garotas deviam agir numa despedida de

solteira, mas Holly simplesmente não tinha energia para fazer frente a elas. Sharon, ao

menos, tinha a desculpa de estar grávida; podia fingir que não se sentia bem ou que estava

cansada. Holly não tinha desculpas, além do fato de ter se tornado uma completa chata, e

estava reservando essa desculpa para o momento em que fosse realmente necessária.

Sua própria despedida de solteira parecia ter ocorrido na véspera, mas na verdade

fora mais de sete anos atrás. Holly havia voado para Londres com um grupo de dez garotas

para festejar a valer, mas acabou sentindo tantas saudades de Gerry que teve de falar com

ele ao telefone de hora em hora. Na volta, ficara bastante excitada com o que

estava para
acontecer e o futuro lhe parecera radiante.

Ela se casaria com o homem de seus sonhos e viveria e cresceria com ele pelo resto

de suas vidas. Durante todo o final de semana em que estivera longe, contara as horas para

voltar para casa. Sentira-se completamente excitada no voo de volta a Dublin. Embora

houvessem se separado somente por poucos dias, parecera uma eternidade. Ele estava

esperando por ela no desembarque com uma placa enorme nas mãos que dizia MINHA

FUTURA MULHER. Ela largara suas bagagens quando o vira e correria para os braços dele

e o abraçara tão forte. Não queria mais soltá-lo; que luxo era poder abraçar a pessoa amada

sempre que se desejava. A cena no aeroporto parecia agora uma cena de cinema, mas havia

sido real: sentimentos reais, emoções reais e amor real. Mas a vida real se tornara um

pesadelo para ela.

Sim, finalmente conseguia arrancar-se da cama todas as manhãs, sim, conseguia até

mesmo passar a maior parte do tempo vestida. Havia sido bem-sucedida em encontrar um

emprego onde conheceria gente nova, e sim, afinal começara a comprar comida novamente

e se alimentar. Mas não, não se sentia eufórica com nada daquilo. Eram apenas

formalidades, um item a mais a ser certificado na lista “o que as pessoas normais fazem”.

Nenhuma daquelas coisas preenchia o vazio em seu coração; era como se seu corpo tivesse

se tornado um grande quebra cabeça, exatamente como os campos verdes

com suas

bonitas paredes de pedra cinzenta ligando a totalidade da Irlanda. Ela começara a trabalhar

nos cantos e bordas de seu quebra-cabeça porque essas eram as partes mais fáceis, e agora

que as peças estavam todas no lugar, precisava completar o miolo, as partes difíceis. Mas

nada do que fizera até agora havia conseguido preencher o vazio em seu coração; essa peça

do quebra-cabeça ainda tinha de ser encontrada.

Holly pigarreou alto e fingiu um acesso de tosse apenas para que as garotas acordassem e conversassem com ela. Precisava conversar, precisava chorar e precisava

descarregar todas as frustrações e desapontamentos de sua vida. Mas o que mais poderia

dizer a Sharon e Denise que já não havia dito? Que outros conselhos poderiam elas dar,

que já não houvesse dado? Ela não cansava de repetir os mesmos problemas. Por vezes,

suas amigas conseguiam levá-la e ela se sentia positiva e confiante, apenas para ser

atirada de volta ao desespero dias mais tarde.

Pouco depois, Holly, cansada de olhar para quatro paredes, vestiu apressadamente

um moletom e voltou para o bar do hotel.

Charlie gemeu de frustração quando a mesa no fundo do bar começou a retumbar

com novas riscas. Limpou o balcão e olhou de relance para o relógio. Cinco e meia e ainda

estava trabalhando, e mal podia esperar para ir para casa. Considerara-se um sujeito de

sorte quando as garotas da despedida de solteira haviam finalmente ido para a cama mais

cedo do que o esperado, e estava prestes a arrumar tudo e ir para casa quando outro grupo

chegou ao hotel, depois que uma das boates fechou na cidade de Galway. E eles ainda

estavam ali. Na verdade, preferia que as garotas houvessem ficado, em vez daquela gente

arrogante sentada ao fundo. Não eram sequer hóspedes, mas precisava servi-los, porque o

grupo incluía a filha do proprietário do hotel, que trouxera todos os seus amigos para o bar.

Ela e seu arrogante namorado, e ele não os suportava.

— Não me diga que você voltou para continuar! - riu o barman quando uma das

garotas da despedida de solteira entrou no salão. Ela aproximou-se do bar, chocando-se

várias vezes contra a parede enquanto tentava escalar a alta banquetta. Charlie tentou não

rir.

— Só vim para beber um copo d'água - soluçou ela. — Oh, meu Deus -

choramingou, avistando seu reflexo no espelho acima do bar.

Charlie tinha de admitir que ela parecia um pouco baqueada; um pouco como o

espantalho na fazenda de seu pai. O cabelo parecia palha e apontava em todas as direções,

ela trazia círculos pretos ao redor dos olhos por causa da sujeira do rimel e seus dentes

estavam manchados do vinho tinto.

— Aqui está - disse Charlie, colocando um copo de água sobre uma bolacha de

cerveja diante dela.

— Obrigada. - Ela mergulhou o dedo dentro do copo e limpou o rimel dos olhos e

esfregou as manchas de vinho de seus lábios.

Charlie começou a rir e ela deu uma olhada na placa de identificação com o nome dele.

— Está rindo de quê, Charlie?

— Pensei que você estivesse com sede, mas eu teria lhe dado um lenço de papel se

os tivesse pedido - ele abafou o riso.

A mulher riu e suas feições se suavizaram.

— Descobri que gelo e limão melhoram minha pele.

— Bem, esta é nova. - Charlie riu e continuou a limpar o balcão. — Vocês garotas

se divertiram esta noite?

Holly suspirou.

— Acho que sim. - Divertimento não era uma palavra que usava com tanta frequência agora. Rira com as brincadeiras a noite toda, ficara entusiasmada por Denise,

mas era como se não estivesse completamente ali. Sentira-se como a garota tímida na

escola, que estava sempre presente, mas nunca falava com ninguém e ninguém falava com

ela. Não reconhecia a pessoa em que havia se transformado; queria ser capaz de parar de

olhar para o relógio sempre que saía, esperando que a noite acabasse logo, para poder

voltar para casa e se arrastar para a cama. Queria parar de desejar que o tempo passasse,

para poder aproveitar o momento. Estava achando difícil aproveitar os momentos.

— Você está bem? - Charlie havia parado de limpar o balcão e a observava.

Ele tinha a horrível sensação de que ela ia chorar, mas àquela altura ele já estava

acostumado com isso. Muitas pessoas tornavam-se emotivas quando bebiam.

— Perdi meu marido - sussurrou ela, e seus ombros tremeram. Os cantos da

boca

de Charlie torceram-se num sorriso.

— O que é tão engraçado? - Ela olhou para ele zangada.

— Por quanto tempo você vai ficar aqui? - perguntou ele.

— O final de semana - disse ela, dobrando entre os dedos um lenço de papel usado.

Ele riu.

— Você nunca saiu no final de semana sem ele? - Ele viu a mulher franzir a testa.

— Só uma vez - ela finalmente respondeu — e foi em minha própria despedida de

solteira.

— Há quanto tempo foi isso?

— Sete anos atrás. - Uma lágrima correu pelo rosto da mulher. Charlie balançou a

cabeça.

— Faz muito tempo. Bem, se você já fez isto antes, pode fazer novamente - sorriu

ele. — Sete anos trazem sorte, não é o que dizem?

Holly bufou dentro do copo de bebida. Sorte o cacete.

— Não se preocupe - disse Charlie gentil. — Seu marido provavelmente está deprimido sem você.

— Oh, Deus, espero que não. - Os olhos de Holly se arregalaram.

— Então, está vendo? - replicou ele. — Tenho certeza que ele também espera que

você não esteja deprimida sem ele. Você deveria estar aproveitando a vida.

— Você está certo - disse Holly, mostrando entusiasmo. — Ele não gostaria de me

ver infeliz.

— É este o espírito da coisa. - Charlie sorriu e estremeceu quando viu a filha de seu

chefe caminhando na direção do bar com um daqueles seus olhares no rosto.

— Ei, Charlie - gritou ela. — Estou tentando chamar sua atenção há séculos. Talvez se você parasse de conversar com os clientes no bar e trabalhasse um pouco, eu e meus amigos não estaríamos com tanta sede - disse ela com ar de megera. Holly ficou boquiaberta com o choque. Aquela mulher era uma descarada por falar com Charlie daquela forma, e seu perfume era tão forte que Holly começou a tossir levemente.

— Desculpe, você está com algum problema? - A cabeça da mulher voou na direção de Holly e ela a olhou de cima a baixo.

— Na verdade, sim - gaguejou Holly, bebendo um gole de sua água. — Seu perfume é nojento e está me dando vontade de vomitar.

Charlie ajoelhou-se atrás do balcão fingindo procurar por uma fatia de limão e começou a rir. Tentou bloquear os sons das duas mulheres se agredindo para conseguir parar de rir.

— Por que a demora aqui? - inquiriu uma voz profunda. Charlie saltou sobre os próprios pés ao som da voz do namorado da garota. Ele era ainda pior. — Por que você não vai sentar, querida, que eu levo as bebidas? - disse ele.

— Ótimo, pelo menos alguém é educado por aqui - cortou ela, olhando para Holly de cima a baixo mais uma vez, antes de voltar para a mesa, irritada. Holly observou seus quadris fazerem bum-bum-bum à medida que iam de um lado a outro. Ela devia ser modelo ou algo parecido, decidiu Holly. Aquilo explicaria as explosões de raiva.

— Então, como vai? - perguntou o sujeito ao lado de Holly, olhando para seus seios.

Charlie teve de morder a língua para impedir-se de dizer qualquer coisa enquanto

extraía uma dose de Guinness do barril e depositava a cerveja sobre o balcão. Teve o

pressentimento de que aquela mulher no bar não sucumbiria aos encantos de Stevie,

sobretudo por estar apaixonada pelo marido. Charlie estava ansioso para ver Stevie ser

educadamente descartado.

— Vou bem - replicou Holly secamente, olhando direto para frente, evitando deliberadamente o contato visual.

— Sou Stevie - disse ele, estendendo a mão.

— Sou Holly - murmurou ela e deu-lhe um rápido aperto de mão, não querendo ser

ostensivamente rude.

— Holly, é um nome lindo. - Ele segurou a mão dela por muito tempo e Holly foi

forçada a olhar nos olhos dele. Ele tinha olhos azuis grandes e brilhantes.

— Eh... obrigada - disse ela, embaraçada pelo cumprimento, e seu rosto enrubescceu.

Charlie suspirou. Até mesmo ela havia caído por ele, sua única esperança de satisfação naquela noite, perdida.

— Posso pagar uma bebida para você, Holly? - perguntou Steve incisivo.

— Não, obrigada, tenho uma aqui. - Ela bebericou sua água outra vez.

— Certo, bem, só vou levar estas bebidas até a mesa e então volto para pagar um

drinque para a linda Holly. - Ele lançou-lhe um sorriso repugnante enquanto se afastava.

Charlie girou os olhos assim que o outro virou as costas.

— Quem diabos é este idiota? - perguntou Holly, parecendo desconcertada e

Charlie riu, satisfeito por ela não ter se derretido por Steve. Era uma mulher sensata,

mesmo que estivesse chorando por ter perdido o marido após um único dia de separação.

Charlie abaixou a voz:

— É Stevie, namorado da megera loura que estava aqui um minuto atrás. O pai dela

é dono do hotel, o que significa que não posso mandá-la para onde quiser, embora

adorasse fazer isto. Mas não vale o emprego que vou perder.

— Acho que definitivamente vale perder seu emprego por isto - disse Holly, encarando a linda mulher e pensando coisas asquerosas. — De qualquer forma, boa noite,

Charlie.

— Vai dormir? - Ela assentiu.

— Está na hora; já passa das seis. - Ela deu um tapinha em seu relógio. — Espero

que você esteja em casa logo - sorriu ela.

— Eu não apostaria nisto - replicou ele e observou-a deixar o bar. Stevie a seguiu e

Charlie, achando aquilo suspeito, aproximou-se da porta só para ver se ela estava bem. A

loura, notando a súbita partida do namorado, saiu da mesa e chegou à porta ao mesmo

tempo em que Charlie. Ambos fitaram o corredor na direção em que Holly e Stevie haviam

seguido.

A loura ficou boquiaberta e cobriu a boca com as mãos.

— Ei! - gritou Charlie zangado, quando viu uma Holly aflita empurrando um Stevie

bêbado para longe dela. Holly limpou a boca furiosa, enojada com as tentativas dele de

beijá-la.

Afastou-se.

— Acho que você teve uma ideia errada, Stevie. Volte para sua namorada no

bar.

Stevie oscilou ligeiramente e virou-se devagar, para encarar sua namorada e um

Charlie encolerizado, que investiam na direção deles.

— Stevie! - gritou ela. — Como você teve a coragem? - Ela fugiu do hotel com

lágrimas escorrendo pelo rosto. Foi seguida de perto pelos protestos de Stevie.

— Uggghh! - fez Holly com repugnância para Charlie. — Eu não queria isto de

jeito nenhum!

— Não se preocupe, acredito em você - disse Charlie, colocando a mão sobre seu

ombro num gesto de conforto. — Vi da porta o que aconteceu.

— Bem, obrigada por ter vindo em meu socorro! - agradeceu Holly.

— Cheguei muito tarde, sinto muito. Mas tenho de admitir que adorei vê-la presenciar isto - riu ele, referindo-se à loura, e mordeu os lábios com ar de culpa.

Holly sorriu enquanto olhava através do corredor para Stevie e sua frenética namorada, gritando e brigando um com o outro.

— Ups - disse ela, sorrindo para Charlie.

Holly chocou-se contra tudo dentro do quarto à medida que tentava voltar para a

cama no escuro.

— Uuch! - uivou, tropeçando com o dedão no pé da cama.

— Sshhh! - fez Sharon sonolenta, e Holly lamentou-se por todo o caminho até a

cama.

Começou a bater sem parar no ombro de Denise até que ela acordou.

— O quê? O quê? - gemeu Denise sonolenta.

— Aqui. - Holly colocou o celular diante do rosto de Denise. — Ligue para seu

futuro marido, diga a ele que o ama e não deixe que as meninas saibam.

No dia seguinte, Holly e Sharon saíram para uma longa caminhada na praia, fora da

cidade de Galway. Embora estivessem em outubro, o ar estava quente e Holly não precisou

do casaco. Ficou com a blusa de mangas compridas e ouviu o mar batendo gentilmente na

areia. O restante das garotas havia decidido sair para um almoço líquido e o estômago de

Holly não estava muito preparado para aquilo naquele dia.

— Você está bem, Holly? - Sharon aproximou-se dela por trás e colocou o braço ao

redor dos ombros da amiga.

Holly suspirou.

— Sempre que alguém me faz esta pergunta, Sharon, eu digo “Estou bem, obrigada”, mas, para ser honesta, não estou. Será que as pessoas de fato querem saber

como você se sente quando fazem esta pergunta? Ou estão só tentando ser educadas? -

Holly sorriu. — A próxima vez que minha vizinha da frente me perguntar “Como vai?”,

vou responder “Bem, na verdade não estou nada bem, obrigada. Estou me sentindo um

pouco deprimida e sozinha. De saco cheio do mundo. Com inveja de você e de sua

famíliazinha perfeita, mas não particularmente invejosa de seu marido, por ter de viver com

você”. E então vou contar a ela que comecei um novo trabalho e conheci um monte de

gente nova e que estou fazendo de tudo para me levantar, mas que agora estou perdida,

sem saber o que mais posso fazer. Então vou contar a ela como fico furiosa quando alguém

diz que o tempo é um santo remédio e ao mesmo tempo diz que a ausência faz a saudade

aumentar, o que me deixa confusa, porque isto significa que quanto maior o tempo que ele

se foi, mais o desejo. Vou dizer a ela que nada em absoluto está cicatrizando e que todas as

manhãs em que acordo em minha cama vazia é como se estivessem jogando sal nestas

feridas incuráveis. - Holly respirou fundo. — E então vou dizer a ela quanta falta sinto de

meu marido e o quão sem valor é minha vida sem ele. O quão pouco interessada estou em

continuar sem ele, e vou explicar que me sinto como se estivesse esperando que meu

mundo acabasse para poder me juntar a ele. Ela provavelmente vai dizer apenas "Oh, isto é

bom", como sempre faz, vai dar um beijo de despedida em seu marido, pular para dentro

de seu carro e deixar as crianças na escola, ir para o trabalho, preparar o jantar e comer o

jantar, e ir para cama com seu marido, e vai ter feito tudo isto, enquanto eu ainda estou

tentando decidir que cor de blusa usar para ir para o trabalho. O que você acha? - Holly

finalmente concluiu e virou-se na direção de Sharon.

— Uuuh! - Sharon pulou e seu braço voou para longe dos ombros de Holly.

— Uuuh? - Holly franziu a testa. — Eu falo tudo isto e tudo o que você consegue

dizer é "Uuuh"?

Holly colocou a mão sobre a barriga e riu.

— Não, sua boba, o bebê chutou! - Holly ficou boquiaberta.

— Sinta! - Sharon deu uma risada nervosa.

Holly colocou a mão sobre o ventre inchado de Sharon e sentiu um minúsculo chute.

Seus dois olhos se encheram de lágrimas.

— Oh, Sharon, se cada minuto de minha vida fosse preenchido com instantes perfeitos como este, eu nunca mais reclamaria novamente.

— Mas Holly, a vida de ninguém é repleta de momentos perfeitos. E se fosse, não

seriam momentos perfeitos. Seriam apenas normais. Como você poderia saber o que é a

felicidade se nunca tivesse experimentado as quedas?

— Ooooh! - ambas gritaram novamente quando o bebê chutou pela terceira vez.

— Acho que este garotinho vai ser um jogador de futebol como o pai - riu Sharon.

— Garotinho? - arfou Holly. — Você vai ter um menino? - Sharon assentiu alegremente e seus olhos resplandeceram.

— Holly, conheça o bebê Gerry. Gerry, conheça sua madrinha Holly.

Quarenta e quatro

— OI, ALICE - DISSE HOLLY, rodeando a mesa dela. Holly já estava de pé ali há

alguns minutos e Alice ainda não havia dito uma palavra.

— Oi - disse Alice seca, recusando-se a olhar para ela. Holly respirou fundo.

— Alice, você está zangada comigo?

— Não - disse ela secamente outra vez. — Chris quer vê-la no escritório de novo.

Quer que você escreva outro artigo.

— Outro artigo? - arfou Holly.

— Foi o que eu disse.

— Alice, por que você não faz isto? - perguntou Holly com cuidado. — Você é

uma escritora fantástica. Tenho certeza de que se Chris soubesse que você escreve, ele def...

— Ele sabe - interrompeu ela.»

— O quê? - Holly estava confusa. — Ele sabe que você escreve?

— Cinco anos atrás, solicitei um emprego como escritora, mas este era o

único

emprego que havia. Chris disse que se eu esperasse, talvez alguma coisa surgisse. - Holly

não estava acostumada a ver a normalmente alegre Alice parecendo tão... perturbada não

era nem mesmo a palavra. Ela estava simplesmente furiosa.

Holly suspirou e encaminhou-se ao escritório de Chris. Tinha a secreta suspeita de

que escreveria esse artigo completamente sozinha.

Holly sorriu enquanto folheava as páginas da revista de novembro na qual havia

trabalhado. Os exemplares estariam nas bancas no dia seguinte, primeiro de novembro, e

ela sentia-se bastante entusiasmada. Sua primeira revista estaria nas prateleiras e também

poderia abrir a carta de novembro de Gerry. O dia seguinte seria um bom dia.

Embora houvesse apenas vendido o espaço para propaganda, sentia um imenso

orgulho por ser membro de uma equipe que conseguira produzir algo com aparência tão

profissional. Aquilo estava a léguas de distância do patético folheto que imprimira anos

atrás, e deu uma risadinha nervosa à lembrança de tê-lo mencionado em sua entrevista.

Como se aquilo fosse impressionar Chris de alguma forma. Mas a despeito de tudo, sentia

que havia realmente se posto à prova. Havia segurado as rédeas de seu emprego e se

conduzido para o sucesso.

— É legal ver você parecendo tão feliz - repreendeu Alice, entrando com ar sarcástico na sala de Holly e atirando dois pequenos recortes de papel sobre sua mesa. —

Você recebeu duas chamadas enquanto estava fora. Uma de Sharon e uma de

Denise. Por

favor, diga a suas amigas para ligarem para você em seu intervalo de almoço, já que é uma

perda de tempo para mim.

— OK, obrigada - disse Holly, olhando de relance para as mensagens. Alice havia

rabiscado algo completamente ilegível, muito provavelmente de propósito.

— Ei, Alice! - gritou Holly atrás dela, antes que batesse a porta.

— O quê? - cortou ela.

— Você leu o artigo sobre o lançamento? As fotos e tudo o mais, ficaram ótimas!

Estou realmente orgulhosa - Holly abriu um largo sorriso.

— Não, não li! - disse Alice, parecendo aborrecida e bateu a porta. Holly deu um

risinho nervoso e correu atrás dela com a revista na mão.

— Mas veja, Alice! Está tão bom! Daniel vai ficar tão contente!

— Bom para você e para Daniel - cortou Alice, ocupando-se de pedaços de papel

ao acaso em sua mesa.

Holly girou os olhos.

— Olhe, pare de ser tão criança e leia a maldita coisa!

— Não! - bufou Alice.

— Ótimo então, você não vai ver sua foto com aquele maravilhoso homem quase

nu e... - Holly virou-se e afastou-se devagar.

— Me dê isto! - Alice arrancou a revista das mãos de Holly e folheou as páginas.

Ficou boquiaberta quando chegou à página do lançamento do Blue Rock.

No alto da página estava escrito “Alice no País das Maravilhas”, com a fotografia

que Holly havia batido, dela e do modelo musculoso.

— Leia alto — ordenou Holly.

A voz de Alice tremeu quando ela começou a ler:

- Uma nova bebida alcoólica gasosa chegou às prateleiras e nossa correspondente

Alice Goodyear foi averiguar se a nova bebida quente do inverno, designação que o

fabricante reivindica... - Sua voz extinguiu-se e ela levou as mãos à boca, em choque. —

Correspondente? - gritou ela.

Holly chamou Chris no escritório e ele veio juntar-se a elas, com um largo sorriso

no rosto.

— Bom trabalho, Alice; foi um artigo fantástico o que você escreveu. Muito divertido - disse ele, dando-lhe um tapinha no ombro. — Então criei uma nova página

chamada “Alice no País das Maravilhas”, onde você vai explorar todas as coisas estranhas e

maravilhosas de que gosta e escrever sobre elas todos os meses.

Alice arquejou e balbuciou:

— Mas Holly...

— Holly não consegue nem soletrar - riu Chris. — Você, por outro lado, é uma

grande escritora. Alguém que eu já devia ter utilizado. Sinto muito, Alice.

— Oh, meu Deus! - arfou ela, ignorando-o. — Muito obrigada, Holly! - Ela lançou

os braços ao redor da amiga e a apertou com tanta força que Holly não conseguia respirar.

Holly tentou afastar os braços de Alice do pescoço e respirou fundo em busca de

ar.

— Alice, este foi o segredo mais difícil do mundo de esconder de alguém!

— Deve ter sido! Como, diabos, não percebi isto? - Alice olhou para Holly, atônita,

e então se virou para Chris: — Cinco anos, Chris — disse em tom acusador.

Chris fez uma

careta e assentiu. — Esperei cinco anos por isto - continuou ela.

— Eu sei, eu sei. - Chris parecia um colegial sendo repreendido e coçou a sobrancelha sem jeito. — Por que você não dá um pulo até meu escritório agora e

conversamos a respeito?

— Acho que posso fazer isto - replicou Alice com ar severo, mas não conseguiu

esconder o brilho de felicidade em seus olhos. Enquanto Chris se encaminhava a seu

escritório, Alice virou-se para Holly e piscou, antes de dar um pequeno salto e correr atrás

dele.

Holly voltou ao seu próprio escritório. Hora de começar a trabalhar na edição de

dezembro.

— Ups! - disse ela, tropeçando numa pilha de bolsas de mão pousadas do lado de

fora de sua porta. — O que é tudo isto?

Chris fez uma careta quando saiu de seu escritório para fazer uma xícara de chá

para Alice para variar.

— São as bolsas de John Paul.

— As bolsas de John Paul? — Holly deu um risinho nervoso.

— É para o artigo que ele está escrevendo sobre bolsas da estação ou algo estúpido

assim - Chris fingiu desinteresse.

— Elas são lindíssimas - disse Holly, inclinando-se para pegar uma delas.

— São bonitas, não são? - perguntou John Paul, inclinando-se no vão da porta de

seu escritório.

— Sim, adorei esta - disse Holly, fazendo a alça deslizar por sobre seu ombro.

—

Fica bem em mim?

Chris fez outra careta.

— Como é que uma bolsa pode não ficar bem em alguém? É uma bolsa de mão,

pelo amor de Deus!

— Bem, então você precisa ler o artigo que estou escrevendo para o mês que vem —

John Paul sacudiu um dedo na direção de seu chefe. Nem todas as bolsas servem para todo

modo, sabe? - Ele virou-se para Holly. — Pode ficar com ela se quiser.

— Para mim? - arquejou ela. — Isto deve custar muito.

— Custa, mas recebi um monte delas; você devia ver a quantidade de material que

o designer me deu. Tentando me adoçar com amostras grátis; que descaramento da parte

dele! - John Paul fingiu indignação.

— Mas aposto que funciona - disse Holly.

— Completamente, a primeira linha do meu artigo vai ser: Saíam todos e compre

uma, são fabulosas! - riu ele.

— O que mais você conseguiu? - Holly tentou espiar por trás dele, para dentro de

seu escritório.

— Estou escrevendo um artigo sobre o que vestir nas festas de Natal que estão se

aproximando. Chegaram vários vestidos hoje. Na verdade ele a examinou de cima a baixo e

Holly encolheu a barriga —, tenho um que ficaria fantástico em você; entre e experimente.

— Oh, Deus - Holly riu com nervosismo. — Só vou dar uma olhada, John Paul,

porque, para ser honesta, não preciso de um vestido de festa este ano.

Ouvindo o intercâmbio de mercadorias, Chris balançou a cabeça e gritou de seu

escritório:

— Alguém neste maldito escritório trabalha?

— Sim! - gritou Tracey em resposta. — Agora, cale a boca e não nos atrapalhe. —

Todos riram e Holly pôde jurar que Chris sorriu, antes de bater a porta para produzir um

efeito dramático.

Após pesquisar a coleção de John Paul, Holly voltou ao trabalho e por fim retornou

a ligação de Denise.

— Alô? Loja de roupas horrorosas, sufocantes e ridiculamente caras. Gerente de

saco cheio falando, como posso ajudá-la?

— Denise! - arquejou Holly. — Você não pode atender o telefone desta maneira!

Denise deu uma risadinha.

— Não se preocupe, tenho identificador de chamadas, então sabia que era você.

— Hummmm. - Holly ficou desconfiada; não achava que Denise possuísse um

identificador de chamadas no telefone de seu trabalho. — Recebi um recado dizendo que

você ligou mais cedo.

— Sim, eu estava só ligando para confirmar se você vai ao baile; Tom vai comprar

uma mesa este ano.

— Que baile?

— O baile de Natal ao qual vamos todos os anos; você está bêbada?

— Ah, sei, o baile de Natal que eles sempre fazem no meio de novembro? — riu

Holly. — Sinto muito, mas não vou poder ir este ano.

— Mas você sequer sabe a data ainda! — protestou Denise.

— Bem, presumo que seja na mesma data que todos os outros anos, o que significa

que não posso ir.

— Não, não, é em 30 de novembro este ano, portanto você pode ir! - disse Denise

excitada.

— No dia 30... - Holly fez uma pausa e fingiu folhear muito alto algumas páginas

em sua escrivaninha. — Não, Denise, não posso, sinto muito. Vou estar ocupada no dia 30.

Tenho um prazo final... - mentiu ela. Bem, ela possuía um prazo final, mas a revista estaria

nas bancas em primeiro de dezembro, o que significava que na verdade não precisava de

forma alguma estar no trabalho no dia 30.

— Mas não temos de estar lá até pelo menos oito horas - Denise tentou convencê-

la. — Você pode até mesmo chegar às nove, se for melhor, só perderia os drinques da

recepção no início. É uma sexta-feira à noite, Holly, eles não podem esperar que você

trabalhe até tarde numa sexta...

— Olhe, Denise, sinto muito - disse Holly com firmeza. — Estou realmente muito

ocupada.

— Bem, isto provoca uma mudança - murmurou ela baixinho.

— O que você disse? - perguntou Holly, sentindo-se ligeiramente zangada.

— Nada - disse Denise de imediato.

— Eu ouvi; você disse que isto provoca uma mudança, não foi? Bem, acontece que

levo meu trabalho a sério, Denise, e não estou planejando perder meu emprego por causa

de um baile idiota.

— Ótimo então - bufou Denise. — Não vá.

— Não vou!

— Ótimo!

— Bom; fico satisfeita que esteja tudo certo com você, Denise. - Holly não pôde

deixar de sorrir diante do ridículo daquela conversa.

— Fico satisfeita que você esteja satisfeita - disse Denise de mau humor.

— Oh, não seja tão criança, Denise. - Holly girou os olhos. — Preciso trabalhar, é

simples assim.

— Bem, isto não é uma surpresa, é tudo que você faz ultimamente - replicou Denise furiosa. — Você não sai mais; todas as vezes que convido você para sair, você está

ocupada, fazendo algo aparentemente muito mais importante, como trabalhar. No fim de

semana da minha despedida de solteira, você parecia estar vivendo os piores momentos de

sua vida, e então sequer se deu ao trabalho de sair na segunda noite. Na verdade, não sei,

de maneira nenhuma, por que se deu ao trabalho de ir. Se você tem algum problema

comigo, Holly, eu gostaria que simplesmente dissesse na minha cara, em vez de se tornar

esta chata deprimente!

Holly ficou olhando para o telefone chocada. Não podia acreditar que Denise lhe

dissera todas aquelas coisas. Não podia acreditar que Denise fosse idiota e egoísta a ponto

de achar que tudo girava em torno dela e não das próprias preocupações de Holly. Não era

de admirar que achasse que estava ficando louca, quando uma de suas melhores amigas não

conseguia sequer entendê-la.

— Isto foi à coisa mais egoísta que já ouvi alguém dizer. - Holly tentou manter a

voz sob controle, mas sabia que a raiva escorria de suas palavras.

— Eu, egoísta? - gritou Denise. — Foi você quem se escondeu no quarto do hotel

no fim de semana da minha despedida de solteira! No fim de semana da minha despedida

de solteira! Você vai ser minha dama de honra!

— Eu estava no quarto com Sharon, você sabe disto! - defendeu-se Holly.

— Papo furado! Sharon teria ficado muito bem sozinha. Ela está grávida, não está

morrendo. Você não precisa ficar ao lado dela 24 horas por dia, sete dias por semana!

Denise ficou quieta quando percebeu o que havia dito.

O sangue de Holly ferveu, e quando falou, sua voz tremia de raiva:

— E você se pergunta por que não saio com você? Por causa de comentários estúpidos e insensíveis como este. Você já pensou por um momento que deve ser difícil

para mim? O feito de que tudo de que falam são os malditos preparativos para o casamento

e em quão feliz você está, em quão está excitada e que não pode esperar para passar o resto

de sua vida com Tom como um casal feliz? Para o caso de você não haver notado, Denise,

não tenho esta chance, porque meu marido morreu. Mas estou muito feliz por vocês,

realmente estou. Estou satisfeita que você esteja feliz e não estou, de forma alguma,

pedindo nenhum tratamento especial, só estou pedindo que tenha um pouco de paciência e

entenda que não vou superar isto em poucos meses! Quanto ao baile, não tenho a mínima

intenção de ir a um lugar ao qual Gerry e eu fomos juntos pelos últimos dez anos. Você

pode não entender isto, Denise, mas por mais que seja engraçado, acho tudo isto um pouco

difícil, para dizer o mínimo. Portanto, não compre entrada para mim, estou perfeitamente

feliz em casa - gritou ela e bateu com o telefone. Desatou a chorar e apoiou a cabeça na

mesa enquanto soluçava. Sentia-se perdida. Sua melhor amiga não conseguia sequer

entendê-la. Talvez estivesse ficando louca. Talvez já devesse ter esquecido Gerry. Talvez

fosse isso que as pessoas normais fizessem quando seus entes queridos morriam. Não pela

primeira vez pensou que deveria ter comprado o regulamento das viúvas, para ver qual o

tempo recomendado para o luto, a fim de não precisar incomodar sua família e os amigos.

Seu choro finalmente se transformou em pequenos soluços e ela ouviu o silêncio ao

seu redor. Percebeu que todos deviam ter ouvido tudo o que havia dito e sentiu-se tão

constrangida que ficou receosa de ir ao banheiro atrás de um lenço de papel. A cabeça

estava quente e os olhos, inchados das lágrimas. Enxugou o rosto choroso na beirada da

blusa.

— Merda! - xingou, retirando alguns papéis de sua gaveta quando percebeu que

tinha manchas de base, rimel e batom por toda a manga de sua cara blusa branca.

Endireitou-se no assento prestando atenção, quando ouviu o leve som de uma batida em

sua porta.

— Entre - sua voz tremeu.

Chris entrou em seu escritório com duas xícaras de chá nas mãos.

— Chá? - ofereceu ele, erguendo as sobrancelhas na direção dela, e ela sorriu fracamente, lembrando-se da piada que haviam compartilhado no dia da entrevista. Ele

colocou a xícara diante dela e relaxou na cadeira oposta.

— Tendo um mau dia? - perguntou ele tão gentilmente quanto permitia sua voz

irritada.

Ela assentiu, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto.

— Sinto muito, Chris. - Ela balançou uma das mãos enquanto tentava se recompor.

— Isto não vai afetar meu trabalho - disse ela trêmula.

Ele acenou com a mão, como se aquilo não tivesse importância.

— Holly, não estou preocupado com isto, você é uma ótima funcionária. - Ela sorriu, grata pelo cumprimento. Pelo menos estava fazendo alguma coisa certa.

— Gostaria de ir para casa mais cedo?

— Não, obrigada, o trabalho vai manter minha mente afastada destas coisas.

Ele balançou a cabeça com tristeza.

— Esta não é a maneira de resolver as coisas, Holly. Eu, mais do que ninguém,

deveria saber disto. Me enterrei entre estas paredes e isto não resolve nada. De qualquer

forma, não a longo prazo.

— Mas você parece feliz - a voz dela tremeu.

— Parecer e ser não são a mesma coisa. Sei que você sabe disto. - Ela assentiu com

ar triste.

— Você não precisa assumir uma postura corajosa o tempo todo, sabe? - Ele estendeu-lhe um lenço de papel.

— Oh, não sou de jeito nenhum corajosa. - Ela assoou o nariz.

— Nunca ouviu o ditado que é preciso sentir medo para ser corajoso? - Holly pensou a respeito.

— Mas não me sinto corajosa, me sinto apenas assustada.

— Todos nós nos sentimos assustados de vez em quando. Não há nada de errado

com isto e vai chegar o dia em que você vai parar de se sentir assustada. Olhe para tudo o

que já fez! - Ele ergueu as mãos, mostrando seu escritório. — E olhe para tudo isto! - Ele

folheou as páginas da revista.

— Este é o trabalho de uma pessoa muito corajosa.

Holly sorriu.

— Amo este trabalho.

— E isto é uma ótima notícia! Mas você precisa aprender a amar mais do que seu

trabalho.

Holly franziu a testa. Esperava que aquela não fosse uma conversa do tipo esqueça-

um-homem-dormindo-com-outro.

— Quero dizer, aprenda a amar a si mesma, aprenda a amar sua nova vida. Não

deixe simplesmente que toda a sua vida gire em torno de seu emprego. Há mais na vida do

que isto.

Holly ergueu as sobrancelhas na direção dele. O roto falando do esfarrapado.

— Sei que não sou o melhor dos exemplos - assentiu ele. — Mas também estou

aprendendo... - Ele colocou a mão sobre a mesa e começou a varrer ciscos imaginários

enquanto pensava a respeito do que diria a seguir. — Pelo que ouvi, você não quer ir a este

baile.

Holly encolheu-se diante do fato de ele ter ouvido sua conversa ao telefone.

Chris continuou:

— Havia milhões de lugares aos quais me recusava a ir quando Maureen morreu –

disse ele tristemente. — Costumávamos caminhar no Jardim Botânico todos os domingos,

e eu simplesmente não conseguia ir mais lá depois que a perdi. Havia milhares de pequenas

lembranças em cada flor e cada árvore que crescia ali. O banco em que costumávamos nos

sentar, a árvore favorita, o jardim de rosas favorito, simplesmente tudo ali me fazia lembrar

dela.

— Você voltou lá? - perguntou Holly, bebericando o chá quente, sentindo-o aquecê-la por dentro.

— Alguns meses atrás - disse ele triste. — Foi difícil, mas fui e agora vou todos os

domingos outra vez. Você precisa enfrentar as coisas, Holly, e pensar nelas de forma

positiva. Digo a mim mesmo, este é um dos lugares em que costumávamos rir, chorar,

brigar, e quando você vai lá e se lembra de todas essas ocasiões maravilhosas, sente-se mais

próximo da pessoa amada. Você pode celebrar o amor que teve, em vez de se esconder

dele.

Ele inclinou-se para diante na cadeira e olhou direto nos olhos dela.

— Algumas pessoas passam a vida procurando e nunca encontram suas almas gêmeas. Nunca encontram. Você e eu encontramos, simplesmente as tivemos por um

intervalo de tempo menor. É triste, mas é a vida! Portanto você vai a este baile, Holly, e vai

abraçar o fato de que teve alguém a quem amou e que também a amou.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Holly quando percebeu que ele estava certo.

Precisava lembrar-se de Gerry e ser feliz pelo amor que haviam sentido um pelo outro e

pelo amor que ainda continuava a sentir; mas não chorar por eles, não ansiar pelos muitos

anos mais com ele que nunca viriam. Pensou no que ele escrevera em sua última carta para

ela: “Recorde-se de nossas maravilhosas lembranças, mas, por favor, não tenha medo de

construir mais algumas”. Precisava deixar o fantasma de Gerry que a assombrava

descansar, mas manter viva sua lembrança.

Ainda havia vida para ela depois da morte dele.

Quarenta e cinco

— SINTO TANTO, DENISE - Holly desculpou-se com a amiga. Elas estavam

sentadas na sala dos funcionários no trabalho de Denise, cercadas de caixas de cabides,

araras de roupas, bolsas e acessórios descuidadamente espalhados pelo aposento. Havia um

cheiro de mofo no ar, da poeira que havia pousado nas araras e mais araras de roupas,

montadas há tanto tempo. Uma câmera de segurança presa à parede as vigiava e gravava a

conversa.

Holly observou o rosto de Denise à espera de uma reação e viu sua amiga franzir os

lábios e balançar vigorosamente a cabeça, para que Holly soubesse que estava tudo bem.

— Não, não está tudo bem. - Holly sentava-se na beirada da cadeira, tentando manter uma discussão séria. — Eu não pretendia perder a calma no telefone.

Só porque

estou muito sensível ultimamente não me dá o direito de descontar em você.

Denise finalmente pareceu reunir coragem suficiente para falar.

— Não, você está certa, Holly...

Holly balançou a cabeça e tentou discordar, mas Denise continuou a falar:

— Tenho estado tão excitada com este casamento, que não parei para pensar em

como você deve estar se sentindo. - Os olhos dela pousaram na amiga, cujo rosto parecia

pálido contra a jaqueta escura. Holly estava se saindo tão bem, que era fácil para todos

esquecerem que ela ainda tinha fantasma dos quais se libertar.

— Mas você está certa em estar entusiasmada - insistiu Holly.

— E você está certa em estar aborrecida - disse Denise em tom firme. — Eu não

pensei, simplesmente não pensei. — Ela mantinha as mãos no rosto enquanto balançava a

cabeça. — Não vá ao baile se não se sentir confortável. Vamos todos entender. - Estendeu

as mãos para segurar as da amiga.

Holly sentiu-se confusa. Chris conseguira convencê-la a ir ao baile, mas agora sua

melhor amiga estava dizendo que estava tudo bem se ela não fosse. Sentia dor de cabeça e

dores de cabeça a assustavam. Deu um abraço de despedida em Denise na loja,

prometendo ligar mais tarde com uma decisão a respeito do baile.

Encaminhou-se de volta ao escritório sentindo-se ainda mais insegura do que antes.

Talvez Denise estivesse certa, era apenas um baile idiota e não precisava ir se não quisesse.

Entretanto, era um baile idiota imensamente representativo do tempo que Holly e Gerry

havam passado juntos. Era uma noite que os dois apreciavam, uma noite que podiam

compartilhar com os amigos e uma oportunidade de dançar suas músicas favoritas. Se fosse

sem ele, estaria destruindo aquela tradição, substituindo lembranças felizes por outra

completamente diferente. Não desejava fazer isso. Queria agarrar-se a cada fragmento de

lembrança dos dois juntos. O fato de estar esquecendo o rosto dele a assustava. Quando

sonhava com ele, sempre era outra pessoa; uma pessoa que construía em sua mente, com

rosto e voz diferentes.

Uma vez ou outra, ligava para o celular dele apenas para ouvir sua voz na secretária

eletrônica; continuava até mesmo pagando a companhia telefônica todos os meses apenas

para manter a conta dele aberta. O cheiro dele havia desaparecido da casa; suas roupas há

muito haviam se ido, sob ordens dele mesmo. Ele estava desaparecendo da mente dela, e

ela aferrava-se a cada pequenino pedaço dele. Pensava nele deliberadamente, todas as

noites, logo antes de ir dormir, só para sonhar com ele. Chegara a comprar a loção após

barba preferida dele e a espalhava pela casa, para não se sentir sozinha. Algumas vezes,

quando saía, um cheiro familiar ou uma música a transportavam de volta a outro tempo e

lugar. Um tempo mais feliz.

Se tivesse um vislumbre dele andando pela rua ou dirigindo um automóvel, iria

atrás da pessoa por quilômetros, só para descobrir que não era ele; só alguém parecido. Ela

não podia deixá-lo ir. Não podia porque não queria, e não queria porque ele era tudo que

possuía. Mas na realidade não o possuía, então se sentia perdida e confusa.

Pouco antes de chegar ao escritório, Holly enfiou a cabeça dentro do Hogan's.

Sentia-se muito mais à vontade com Daniel. Desde o jantar em que se achara tão pouco

confortável em sua companhia, havia se dado conta de que estava sendo ridícula. Entendia

agora por que se sentira daquela forma. Antes, o único relacionamento próximo que tivera

com um homem havia sido com Gerry, e era um relacionamento romântico. A ideia de se

tornar tão próxima de Daniel parecia estranha e inusitada. Holly havia, desde então,

convencido a si mesma que não precisava haver uma ligação romântica para que

mantivesse uma amizade com um homem que não era comprometido. Mesmo que ele

fosse bonito.

E a tranquilidade que sentira havia se transformado em companheirismo. Havia

experimentado isso desde o momento em que o conhecera. Eles eram capazes de

conversar durante horas sobre os sentimentos dela, a vida dela, os sentimentos dele, a vida

dele e ela sabia que ambos possuíam um inimigo comum: a solidão. Sabia que ele estava

sofrendo de uma espécie diferente de dor e ajudavam um ao outro a atravessar os dias

difíceis, em que precisavam de um ouvido compassivo ou de alguém que os fizesse rir. E

havia muitos desses dias.

— Bem? - disse ele, saindo de trás do bar. — Cinderela vai ao baile? - Holly sorriu e

franziu o nariz, dando a entender que não iria, mas deteve-se.

— Você vai?

Ele sorriu, franziu o nariz e ela riu.

— Bem, vai ser outro evento tipo União dos Casais Felizes. Acho que eu não conseguiria lidar com outra noite de Sam e Samantha ou Robert e Roberta. - Ele puxou

uma alta banquetta para ela diante do bar e ela sentou-se.

Holly deu uma risadinha.

— Bem, poderíamos apenas ser terrivelmente grosseiros e ignorar todos eles.

— Então qual seria a vantagem de ir? - Daniel sentou-se ao lado dela e firmou sua

bota de couro no apoio para os pés do assento dela. — Você não espera que eu fique

conversando com você a noite inteira, não é? Já enchemos os ouvidos um do outro a esta

altura; talvez eu esteja entediado com você.

— Ótimo então! - Holly fingiu sentir-se insultada. — De qualquer forma, eu estava

planejando ignorá-lo.

— Fiu! - Daniel enxugou a testa e fingiu alívio. — Então eu definitivamente vou.

Holly ficou séria.

— Eu realmente acho que tenho de ir. - Daniel parou de rir.

— Bem, então nós vamos. - Holly sorriu para ele.

— Acho que seria bom para você também, Daniel - disse ela docemente. Ele deixou cair o pé que se apoiava na cadeira dela e girou a cabeça em outra direção para fingir

que inspecionava o salão.

— Holly, eu estou bem - disse ele em tom pouco convincente. Holly saltou de sua

banqueta, segurou suas bochechas e deu-lhe um beijo desajeitado na testa.

— Daniel Connelly, pare de tentar ser machão e poderoso. Isto não cola

comigo.

Eles despediram-se com um abraço e Holly voltou ao escritório, determinada a não

mudar de ideia outra vez. Subiu ruidosamente a escada e passou direto por Alice, que ainda

fitava seu artigo com ar sonhador.

— John Paul! - gritou Holly. — Preciso de um vestido, rápido!

Quarenta e seis

HOLLY ESTAVA FICANDO ATRASADA à medida que corria pelo quarto

tentando se aprontar para o baile. Passara as últimas duas horas aplicando a maquiagem,

chorando e borrando-a, e então tendo de reaplicá-la. Moveu a escova do rimel sobre os

cílios pela quarta vez, rezando para que o reservatório de lágrimas houvesse secado por

aquela noite. Uma perspectiva pouco provável, mas uma garota sempre podia ter

esperanças.

— Cinderela, seu príncipe chegou! - gritou Sharon para Holly no andar de cima.

O coração de Holly se acelerou, precisava de mais tempo. Precisava sentar-se e

repensar a ideia de ir ao baile, já que se esquecera completamente das razões para ir.

Naquele momento estava diante apenas das negativas.

Razões para não ir: Não queria ir de forma alguma, passaria a noite inteira

chorando, estaria enfiada numa mesa cheia de pretensos amigos que não falavam com ela

desde que Gerry morrera, sentia-se um lixo, estava com aparência de lixo e Gerry não

estaria presente.

Razões para ir: Tinha uma sensação categórica de que precisava ir.

Respirou devagar, tentando evitar um novo lote de lágrimas.

— Holly, seja forte, você pode fazer isto - sussurrou ela para o reflexo no espelho.

— Você precisa fazer isto, isto vai ajudá-la, vai fazer com que fique mais forte. - Ela repetia

as palavras uma e outra vez até que um rangido na porta a fez saltar.

— Sinto muito - desculpou-se Sharon, aparecendo atrás da porta. — Oh, Holly,

você está fantástica! - disse ela excitada.

— Estou uma merda - lamentou-se Holly.

— Oh, pare de dizer isto - disse Sharon zangada. — Estou parecendo um dirigível

e você está me vendo reclamar? Aceite o fato de que é uma mulher bonita! - Ela sorriu para

Holly no espelho. — Você vai ficar bem.

— Eu só queria ficar em casa esta noite, Sharon. Preciso abrir a última mensagem

de Gerry. - Holly não conseguia acreditar que chegara a hora de abrir a última mensagem.

Depois do dia seguinte, não haveria mais palavras carinhosas de Gerry e sentia que ainda

necessitava delas. Com toda a excitação que havia sentido em abril, não podia esperar que

os meses se passassem para abrir os envelopes e ler aquela caligrafia perfeita, mas ela

desejara que os meses passassem rápido demais e agora era o fim. Queria ficar em casa

naquela noite e saborear o último momento especial de ambos.

— Eu sei - disse Sharon, entendendo. — Mas isto pode esperar algumas horas, não

pode?

Holly estava prestes a dizer não quando John gritou na direção da escada:

— Vamos, garotas! O táxi está esperando! Temos de pegar Tom e Denise! - Antes

de seguir Sharon ao andar de baixo, Holly abriu a gaveta de sua penteadeira e retirou a carta

de novembro de Gerry, que abrira semanas atrás. Precisava de suas palavras de

encorajamento para ajudá-la naquele momento. Imaginava a expressão que ele devia ter no

rosto enquanto escrevia, por cuja causa ela sempre o provocava. Adorava aquela expressão.

Sentia falta daquela expressão. Retirou o cartão do envelope. Precisava encontrar forças

naquela carta e sabia que conseguiria. Todos os dias, lia:

Cinderela precisa ir ao baile este mês. E ela estará fascinante e

linda e vai se divertir muito como sempre... Mas nada de vestido branco este ano...

PS, eu te amo...

Holly respirou fundo e seguiu Sharon ao andar de baixo.

— Uau - disse Daniel boquiaberto. — Você está fantástica, Holly.

— Estou um lixo - resmungou Holly, e Sharon fulminou-a com o olhar. — Mas

obrigada - acrescentou rapidamente. John Paul a havia ajudado a escolher um vestido preto

simples, que se fechava atrás do pescoço, deixando à mostra seus ombros e suas costas,

com uma abertura que ia do chão até a coxa. Nada de vestido branco aquele ano.

Amontoaram-se todos num táxi de sete lugares e a cada vez que se aproximavam de

um conjunto de sinais de trânsito, Holly rezava para que ficassem vermelhos. Não teve

muita sorte. Para variar, o tráfego nas ruas de Dublin estava livre e após pegar Tom e

Denise, chegaram ao hotel em tempo recorde. Apesar das súplicas de Holly, um

deslizamento de terra não desceu das montanhas de Dublin e nenhum vulcão entrou em

erupção. O inferno também se recusou a cobrir de gelo a noite.

Eles encaminharam-se à mesa logo após a entrada do salão de recepção e Holly

olhou para o chão quando sentiu todos os olhos das mulheres se voltarem para eles, ávidas

para ver como os recém-chegados estavam vestidos. Quando estavam satisfeitas, achando

que ainda eram as pessoas mais bonitas ali, viraram-se e continuaram a conversar. A mulher

sentada atrás da mesa sorriu quando eles se aproximaram.

— Oi Sharon, oi John, oi Denise... oh Deus! - Seu rosto pareceu ter realmente

ficado mais branco sob as listas do seu bronzado falsificado, mas Holly não tinha certeza.

— Oi, Holly, foi tão bom você ter vindo, considerando... - A voz dela extinguiu-se e ela

rapidamente folheou a lista de convidados para assinalar o nome deles.

— Vamos para o bar - disse Denise, dando o braço a Holly e arrastando-a para longe da mulher.

Enquanto atravessavam o salão na direção do bar, uma mulher com quem Holly

não falava havia meses aproximou-se.

— Holly, lamento muito o que aconteceu com Gerry. Ele era um homem muito

agradável.

— Obrigada - sorriu Holly e mais uma vez foi arrastada para longe por Denise. Elas

finalmente chegaram ao bar.

— Oi, Holly - disse uma voz familiar atrás dela.

— Oh, oi, Paul — disse ela, virando-se para encarar o grande empresário que patrocinava caridade. Ele era alto e gordo e possuía um resplandecente rosto

vermelho,

provavelmente devido ao estresse de administrar as empresas mais bem-sucedidas da

Irlanda. Isso e o fato de que bebia muito. Ele parecia sufocar sob o aperto do laço de sua

gravata, que ele puxava, parecendo pouco confortável. Os botões de seu smoking pareciam

prestes a estourar a qualquer momento. Holly não o conhecia muito bem; ele era apenas

uma das pessoas que conhecia por encontrar no baile todos os anos.

— Você está adorável como sempre. - Ele deu-lhe um beijo no rosto. — Posso

pagar uma bebida para você? - perguntou ele, erguendo a mão para atrair a atenção do

garçom.

— Não, obrigada - sorriu ela.

— Ah, por favor - disse ele, retirando sua volumosa carteira do bolso. — O que vai

beber?

Holly desistiu.

— Um vinho branco então, se você insiste. - Ela sorriu.

— Também vou pedir uma bebida para aquele miserável do seu marido - riu ele. —

O que ele vai beber? - perguntou Paul, examinando o aposento à procura de Gerry.

— Ele não está aqui, Paul - disse Holly, sentindo-se pouco confortável.

— Por que não? O safado. O que ele está fazendo? - Paul perguntou alto.

— Hummm, ele faleceu no início deste ano, Paul - disse Holly gentilmente, esperando que ele não se sentisse constrangido.

— Oh! - Paul tornou-se ainda mais vermelho e pigarreou nervosamente. Olhou na

direção do bar. — Sinto muito em ouvir isto - gaguejou e afastou os olhos. Puxou o laço de

sua gravata novamente.

— Obrigada - disse Holly, contando mentalmente os segundos até que ele desse

uma desculpa para abandonar a conversa. Ele partiu após três segundos, dizendo que

precisava levar a bebida de sua mulher. Holly foi deixada no bar sozinha, já que Denise

havia voltado ao grupo com as bebidas. Ela pegou seu copo de vinho e afastou-se.

— Oi, Holly.

Ela virou-se para ver quem havia chamado seu nome.

— Oh, oi, Jennifer. - Estava diante de outra mulher que só conhecia por frequentar

o baile. Vestia um traje de noite exagerado, estava coberta de joias caras e segurava uma

taça de champanhe entre o polegar e o indicador de sua mão enluvada. O cabelo louro era

quase branco, a pele, morena e curtida, como resultado do excesso de sol.

— Como vai? Você está fantástica, o vestido é fantástico! - Ela bebericou seu champanhe e examinou Holly de cima abaixo.

— Vou bem, obrigada, e você?

— Estou ótima, obrigada. Gerry não está com você esta noite? - Ela olhou ao redor

procurando por ele.

— Não, ele faleceu em fevereiro - repetiu ela gentilmente.

— Oh, Deus, lamento ouvir isto. - Ela depositou a taça de champanhe na mesa ao

lado delas e cobriu o rosto com as mãos, a testa vincada de preocupação. — Eu não fazia

ideia. Como você está passando, pobre querida? - Ela estendeu a mão e pousou a no braço

de Holly.

— Estou bem, obrigada - repetiu Holly, sorrindo para tornar a atmosfera mais

leve.

— Pobrezinha. - A voz de Jennifer era encorajadora e ela olhava para Holly penalizada. — Você deve estar arrasada.

— Bem, sim, é difícil, mas estou lidando com isto. Tentando ser positiva, sabe?

— Meu Deus, não sei como você consegue; que notícia horrível! - Os olhos dela

continuaram a transpassar Holly. Jennifer parecia olhar para ela de forma diferente agora.

Holly assentiu e desejou que aquela mulher parasse de lhe dizer o que já sabia.

— Ele estava doente? - sondou ela.

— Sim, tinha um tumor no cérebro - explicou Holly.

— Querida, isto é horrível. Ele era tão jovem. - Cada palavra que ela enfatizava

tornava-se um grito agudo.

— Sim, ele era... mas tivemos uma vida feliz juntos, Jennifer. - Ela mais uma vez

tentou manter a atmosfera positiva, um conceito do qual não achava que aquela mulher

estivesse consciente.

— Sim, tiveram, mas que pena não ter sido uma vida mais longa. Isto é devastador

para você. Absolutamente horrível e tão injusto. Você deve estar se sentindo miserável. E

como, diabos, você veio até aqui esta noite? Com todos estes casais em volta? - Ela fitou os

casais ao redor como se de repente eles houvessem se transformado em algum mau cheiro

no ar.

— Bem, é preciso apenas aprender a seguir adiante - sorriu Holly,

— Claro que sim. Mas deve ser tão difícil. Oh, que horror - Ela ergueu as mãos

enluvadas até o rosto, parecendo apavorada.

Holly sorriu e disse entre dentes:

— Sim, é difícil, mas como eu disse, a pessoa precisa simplesmente se manter positiva e seguir adiante. Em todo caso, por falar em seguir adiante, é melhor que eu vá e

me junte a meus amigos - disse ela com educação e saiu correndo.

— Você está bem? - perguntou Daniel quando ela se juntou a seus amigos.

— Sim, estou ótima, obrigada - repetiu ela pela décima vez naquela noite. Olhou de

relance para Jennifer, que estava em um grupo com suas amigas mulheres, conversando e

encarando Holly e Daniel.

— Cheguei! - anunciou uma voz alta à porta. Holly virou-se para distinguir Jamie,

louco por festas, de pé na entrada com os braços erguidos para o alto. — Já vesti minha

roupa de pinguim e estou pronto para comemoraaaar! - Ele ensaiou uma pequena dança

antes de se juntar ao grupo, atraindo olhares pelo salão. Exatamente o que queria.

Percorreu o círculo deles, cumprimentando os homens com um aperto de mão e as

mulheres com um beijo no rosto, por vezes alternando os gestos de forma "hilariante".

Parou quando chegou a Holly e relanceou de um lado para o outro, de Holly para Daniel,

um par de vezes. Apertou a mão de Daniel rigidamente, deu um rápido beijo na bochecha

de Holly, como se ela estivesse com alguma doença e desapareceu. Zangada, Holly tentou

engolir o bolo em sua garganta. Aquilo fora muito grosseiro.

A mulher dele, Helen, sorriu timidamente na direção de Holly do outro lado do

círculo, mas não se aproximou. Holly não se surpreendeu. Havia sido obviamente muito

difícil para eles dirigir dez minutos para visitar Holly depois que Gerry havia morrido,

portanto dificilmente podia esperar que Helen desse dez passos em sua direção para

cumprimentá-la. Ela os ignorou e virou-se para conversar com seus verdadeiros amigos, as

pessoas que a haviam apoiado no ano passado.

Holly estava rindo de uma das histórias de Sharon, quando sentiu um leve tapinha

no ombro. Virou-se em meio ao riso para encarar uma Helen, ao que tudo indicava, muito

triste.

— Oi, Helen - disse alegremente.

— Como vai você? - perguntou Helen baixinho, tocando gentilmente o braço de

Holly.

— Estou bem - assentiu Holly. — Você devia ouvir esta história, é muito engraçada. - Ela sorriu e continuou a prestar atenção em Sharon.

Helen manteve a mão no braço de Holly e depois de alguns instantes lhe deu outro

tapinha.

— Quero dizer, como vai desde que Gerry... - Holly desistiu de dar atenção a Sharon.

— Você quer dizer desde que Gerry morreu? - Holly entendia que as pessoas algumas vezes ficassem sem jeito diante daquelas situações. Holly frequentemente também

ficava, mas achava que se uma pessoa houvesse mencionado o assunto, podia ao menos ser

adulta o bastante para manter a conversa de forma apropriada.

Helen pareceu sobressaltar-se com a pergunta de Holly.

— Bem, sim, mas eu não quis dizer...

— Está tudo bem, Helen; já aceitei o que aconteceu.

— Aceitou?

— Claro que sim - Holly franziu a testa.

— É só porque não a vejo há muito tempo, então estava começando a ficar preocupada...

Holly riu.

— Helen, ainda moro na sua esquina, na mesma casa de antes, o número do telefone de minha casa ainda é o mesmo, assim como o número do meu celular. Se você

alguma vez tivesse se preocupado comigo, não teria sido tão difícil me encontrar.

— Sim, mas eu não queria parecer uma intrometida... - A voz morreu, como se

aquela fosse sua explicação para não haver visto Holly desde o funeral.

— Amigos não são intrometidos, Helen - disse Holly educadamente, mas esperava

que ela houvesse entendido a mensagem.

As faces de Helen coraram levemente e Holly virou-se para responder a Sharon.

— Guarde um lugar para mim ao seu lado, está bem? Eu simplesmente tenho de

correr para o banheiro novamente - pediu Sharon, ensaiando uma pequena dança no lugar.

— De novo? - protestou Denise. — Você esteve lá cinco minutos atrás!

— Bem, isto costuma acontecer quando se tem um bebê de sete meses comprimindo a sua bexiga - explicou ela antes de bambolear até o toalete.

— Na verdade, o bebê não está com sete meses, está? - perguntou Denise, franzindo o rosto. — Tecnicamente são menos dois meses, porque do contrário isto

significaria que o bebê teria nove meses quando nascesse e então eles estariam

comemorando o primeiro aniversário dele depois de apenas três meses. E normalmente os

bebês já estão andando quando têm um ano.

Holly franziu a testa.

— Denise, por que você se atormenta com pensamentos como este? - Denise ergueu as sobrancelhas e virou-se para Tom.

— Estou certa, não estou, Tom?

— Está, querida - e ele sorriu docemente para ela.

— Covarde - Holly o provocou.

A campainha soou, avisando que era hora de ocuparem seus lugares no salão de

jantar e as pessoas começaram a enxamear naquela direção. Holly sentou-se e colocou sua

bolsa nova na cadeira ao seu lado para guardar lugar para Sharon. Helen deslocou-se até lá

e puxou a cadeira para se sentar.

— Desculpe, Helen, mas Sharon me pediu que guardasse lugar para ela - explicou

Holly educadamente.

Helen balançou a mão em sinal de descaso.

— Sharon não vai se importar - disse, afundando no assento e achatando a bolsa

nova de Holly. Sharon dirigiu-se à mesa e esticou o lábio inferior em sinal de desapontamento. Holly desculpou-se e indicou Helen para se justificar. Sharon girou os

olhos, enfiou os dedos na boca e fingiu que ia vomitar. Holly abafou o riso.

— Bem, você está de bom humor - Jamie anunciou a Holly, parecendo pouco impressionado.

— Alguma razão para que eu não estivesse? - replicou Holly asperamente.

Jamie respondeu com o comentário esperto de que algumas pessoas riam porque

ele era “muito divertido” e Holly o ignorou. Não o achava mais divertido,

embora ela e

Gerry sempre estivessem entre os que escutavam atentamente cada palavra que dizia.

Naquele momento, ele estava sendo apenas estúpido.

— Você está bem? - perguntou Daniel baixinho ao lado dela.

— Estou bem, obrigada - replicou ela, tomando um gole de vinho.

— Ei, você não precisa me dar esta droga de resposta, Holly. Sou eu - riu ele.

Holly sorriu e queixou-se:

— As pessoas estão sendo muito gentis e tudo o mais, oferecendo sua simpatia –

ela abaixou a voz para um sussurro a fim de que Helen não conseguisse ouvir —, mas

sinto-me como se tivesse no funeral outra vez. Precisando fingir que sou forte, parecida

com a mulher maravilha, embora tudo que alguns deles queiram é que eu me sinta

devastada porque é tão horrível. - Ela imitou Jennifer e girou os olhos. — E há as pessoas

que não sabem sobre Gerry e este não é de forma alguma o lugar para contar a elas. -

Daniel ouviu pacientemente.

Ele assentiu quando ela finalmente parou de falar.

— Entendo o que está dizendo. Quando Laura e eu terminamos, por vários meses

senti que onde quer que eu fosse ficava contando às pessoas que havíamos terminado. Mas

o bom é que por fim as notícias correm, então você pode parar de ter estas conversas

complicadas com as pessoas o tempo todo.

— Alguma notícia de Laura, por falar nisto? - perguntou Holly. Ela adorava falar

mal de Laura, embora nunca a houvesse conhecido. Adorava ouvir as histórias que Daniel

contava sobre ela, e então os dois passavam a noite dizendo o quanto a detestavam.

Ajudava a passar o tempo e naquele instante Holly realmente necessitava de algo que a

impedisse de ter de conversar com Helen.

Os olhos de Daniel se iluminaram.

— Sim, na verdade tenho uma fofquinha a respeito dela - riu ele.

— Que bom! Adoro uma fofquinha - disse Holly, esfregando as mãos satisfeita.

— Bem, um amigo meu chamado Charlie, que trabalha como garçom no hotel do

pai de Laura, me contou que o namorado dela tentou agarrar uma mulher que era hóspede

do hotel e Laura o pegou, então eles terminaram. - Ele riu maldosamente e piscou o olho.

Estava contente de saber do desgosto da ex.

Holly congelou, já que aquela história lhe pareceu particularmente familiar.

— Hummm... Daniel, o pai dela é proprietário de que hotel?

— O Galway Inn. É uma droga de lugar, mas fica numa região linda, do outro lado

da estrada, em frente à praia.

— Oh. - Holly não soube o que dizer e seus olhos se arregalaram.

— Eu sei - riu Daniel. — É genial, não é? Vou dizer a você, se eu por acaso encontrasse a mulher que os separou, lhe pagaria a garrafa de champanhe mais cara que encontrasse.

— Você agora... - Holly sorriu fracamente. Então era melhor que ele começasse a

economizar seu dinheiro... Encarou Daniel com curiosidade, interessada em saber por que

diabos Daniel se sentira atraído por Laura. Holly teria apostado seu dinheiro contra a

hipótese dos dois ficarem juntos alguma vez; ela não parecia o “tipo” dele,

qualquer que

fosse este. Daniel era tão tranquilo e amigoso e Laura era... bem, Laura era uma megera.

Holly não conseguia pensar em outra palavra para descrevê-la.

— Hummm, Daniel? - Holly enfiou nervosamente o cabelo atrás da orelha, preparando-se para questioná-lo a respeito de suas escolhas em termos de mulher.

Ele sorriu para ela, os olhos ainda brilhando da novidade sobre o rompimento de

sua ex-namorada e de seu ex-melhor amigo.

— Diga, Holly.

— Bem, eu estava só me perguntando. Laura parece ser um pouco... hummm...

uma... uma bela de uma megera, para ser honesta. - Ela mordeu o lábio e estudou seu rosto

para ver se o havia insultado. Seu rosto era inexpressivo; ele fitava os castiçais no centro da

mesa e escutava. — Bem - continuou ela, sentindo que precisava avançar com cuidado, na

ponta dos pés, em torno daquele assunto, sabendo o quanto Laura havia magoado Daniel.

— Bem, minha pergunta na verdade é: o que você viu nela? Como vocês dois podem ter

estado apaixonados em algum momento? Vocês são ambos tão diferentes, bem, pelo

menos parecem ser tão diferentes. — Ela recuou rápido, lembrando-se que supostamente

nunca estivera com Laura. Daniel ficou em silêncio por um instante e Holly recebeu ter-se

aventurado em território errado.

Ele afastou os olhos da chama que dançava ao redor do castiçal para encarar Holly.

Seus lábios se abriram num sorriso triste.

— Na verdade, Laura não era uma megera, Holly. Bem, ela é por ter me abandonado por causa de meu melhor amigo... mas como pessoa, quando estávamos juntos, ela nunca era uma megera. Dramática, sim. Megera, não. - Ele sorriu e girou o corpo para encarar Holly adequadamente. — Eu adorava o drama em nosso relacionamento. Achava excitante; ela me dominava. - Seu rosto animou-se à medida que explicava seu relacionamento e sua fala se acelerou com a excitação das lembranças do amor perdido. — Eu adorava acordar de manhã e me perguntar com que espécie de humor ela estaria naquele dia, adorava nossas brigas, adorava o ardor que continham e adorava o modo como fazíamos amor depois delas. - Seus olhos dançavam. — Ela criava caso por muitas coisas, mas acho que era isto que eu achava diferente e atraente nela. Eu sempre costumava dizer a mim mesmo que enquanto ela estivesse criando caso por causa de nosso relacionamento, então eu sabia que ela se importava. Se ela não fizesse isto, na verdade não teria valido a pena. Eu adorava o drama — repetiu ele, acreditando em si mesmo mais ainda dessa vez. — Nossos temperamentos contrastavam, mas formávamos um bom time; você sabe o que dizem sobre os opostos se atraírem... - Ele olhou para o rosto de sua nova amiga e viu seu interesse. — Ela não me tratava mal, Holly, não era uma megera neste sentido... - Ele sorriu, mais para si mesmo. — Ela era apenas... — Dramática - Holly terminou por ele, por fim entendendo. Ele assentiu. Holly observou-lhe o rosto à medida que ele se perdia em outra de suas lembranças.

Supôs que qualquer um podia amar quem quer que fosse. Aquilo era o incrível no amor;

vinha em diferentes formatos, tamanhos e temperamentos.

— Você sente falta dela - disse Holly gentilmente, colocando a mão em seu braço.

Daniel pulou fora de seu sonho acordado e olhou Holly intensamente nos olhos.

Ela sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha e os pelos dos braços se eriçaram. Ele

pigarreou alto e girou para ajeitar-se novamente no assento.

— Errou de novo, Holly Kennedy. - Ele balançou a cabeça e franziu a testa, como

se ela houvesse dito a coisa mais extravagante do mundo. —Você está completamente

errada. – Ele segurou o garfo e a faca e começou a comer o salmão servido como entrada.

Holly tomou um gole de água gelada e voltou a atenção para o prato que estava sendo

colocado diante dela.

Depois do jantar e de algumas garrafas de vinho, Helen cambaleou até Holly, que

havia escapado para o lado de Sharon e Denise à mesa. Ela deu-lhe um grande abraço e

desculpou-se chorosa por não ter mantido contato.

— Está tudo bem, Helen. Sharon, Denise e John me deram muito apoio, portanto

eu não estava sozinha.

— Mas me sinto tão mal - gaguejou Helen.

— Não se sinta - disse Holly, ansiosa para continuar sua divertida conversa com as

garotas.

Mas Helen insistiu em falar nos velhos bons tempos, quando Gerry estava vivo e

tudo era cor-de-rosa. Mencionou todos os momentos que ela e Gerry haviam compartilhado, que eram lembranças nas quais Holly não estava particularmente

interessada. Por fim, Holly se encheu das queixas chorosas de Helen e percebeu que todos

os seus amigos estavam se divertindo na pista de dança.

— Helen, por favor, pare - Holly finalmente a interrompeu. — Não sei por que

você acha que precisa conversar sobre isto comigo esta noite, quando estou tentando me

divertir, mas você obviamente se sente culpada por não ter mantido contado comigo. Para

ser honesta, acho que se eu não tivesse vindo ao baile esta noite, não ouviria falar de você

por outros dez meses ou mais. E este não é o tipo de amigo de que preciso em minha vida.

Então, por favor, pare de chorar em meus ombros e deixe que eu me divirta.

Holly achou que havia formulado aquilo de forma razoável, mas Helen parecia ter

recebido uma bofetada. Uma pequena dose do que Holly sentira no ano anterior. Daniel

surgiu de algum lugar, pegou Holly pela mão e a conduziu para a pista de dança, para

juntar-se a seus amigos. Assim que eles chegaram à pista, a música terminou e Wonderful

Tonight, de Eric Clapton, começou. A pista começou a esvaziar, exceto por alguns casais, e

Holly viu-se diante de Daniel. Engoliu em seco. Não planejava aquilo. Só com Gerry

dançara aquela música.

Daniel colocou a mão de leve em sua cintura, pegou gentilmente sua mão e

começou a circular. Holly enrijeceu. Dançar com outro homem parecia errado. Um

formigamento percorreu sua coluna e ela estremeceu. Daniel deve ter pensado que ela

estava com frio e puxou-a mais para perto, para mantê-la aquecida. Ela deixou-se conduzir

pela pista em transe, até que a música terminou e ela deu a desculpa de precisar ir ao

banheiro. Trancou-se no reservado e se apoiou contra a porta, respirando fundo. Estava se

saindo tão bem até agora. Mesmo com todos perguntando sobre Gerry, permanecera

calma. Mas a dança a havia balançado. Talvez fosse hora de voltar para casa, enquanto as

coisas corriam bem. Estava prestes a destrancar a porta quando ouviu uma voz do lado de

fora dizer seu nome. Imobilizou-se e ouviu as mulheres conversando do outro lado.

— Você viu Holly Kennedy dançando com aquele homem esta noite? - perguntou

uma voz. O inconfundível tom queixoso de Jennifer.

— Eu vi! - disse outra voz, com asco. — E o marido dela nem frio na sepultura

está!

— Ah, parem com isto - disse outra mulher despreocupadamente — eles podem

ser só amigos. “Obrigada” - pensou Holly. — Mas eu duvido - continuou ela, e as mulheres

abafaram o riso.

— Vocês viram de que jeito eles se abraçavam? Eu não danço com nenhum de

meus amigos assim - disse Jennifer.

— Isto é escandaloso - disse outra mulher. — Imagine exhibir seu novo homem

num lugar que você costumava vir com seu marido, na frente de todos os amigos dele. É

desagradável. - As mulheres fizeram "tsk, tsk" e alguém deu a descarga no reservado ao

lado de Holly. Ela permaneceu imóvel, chocada com o que estava ouvindo e constrangida

pelo fato de estarem dizendo aquilo onde outros podiam ouvi-las.

A porta do reservado ao lado dela se abriu e as mulheres ficaram em silêncio.

— Suas cadelas encrenqueiras, por que não vão viver suas próprias vidas? - gritou a

voz de Sharon. — Não é absolutamente da conta de vocês o que minha melhor amiga faz

ou deixa de fazer! Jennifer, se a droga da sua vida é tão perfeita, o que você está fazendo se

escondendo por aí com o marido de Pauline?

Holly ouviu alguém arquejar. Provavelmente Pauline. Holly cobriu a boca para não

rir.

— Certo, então metam o nariz em seus próprios negócios e caiam fora, todas vocês! - gritou Sharon.

Quando achou que ouvira todas elas se afastarem, Holly destrancou a porta e saiu

do reservado. Da pia, Sharon ergueu os olhos em sua direção, chocada.

— Obrigada, Sharon.

— Oh, Holly, sinto que tenha ouvido isto - disse ela, abraçando a amiga.

— Não importa, estou cagando para o que elas pensam - disse Holly

corajosamente. — Mas não posso acreditar que Jenny esteja tendo um caso com o marido

de Pauline! - disse Holly, chocada.

Sharon deu de ombros.

— Ela não está, mas isto vai lhes dar o que falar pelos próximos meses. - As garotas

abafaram o riso.

— Acho que vou para casa agora, de qualquer forma - disse Holly, olhando de

relance para o relógio e pensando na última mensagem de Gerry. Seu coração afundou.

— Boa ideia - concordou Sharon. — Eu não havia percebido a merda que é este

baile quando se está sóbrio.

Holly sorriu.

— De qualquer modo, você foi incrível esta noite, Holly. Você veio, venceu e agora

vai para casa para abrir a mensagem de Gerry. Me ligue e me diga o que contém. - Ela

abraçou a amiga outra vez.

— É a última - disse Holly com tristeza.

— Eu sei, portanto aproveite - sorriu Sharon. — Mas as recordações duram uma

vida inteira, lembre-se disto.

Holly voltou à mesa para se despedir e Daniel ficou de pé para sair junto com ela.

— Você não vai me deixar aqui sozinho - riu ele. — Podemos rchar um táxi.

Holly sentiu-se ligeiramente irritada quando Daniel saltou do táxi e seguiu-a até sua

casa, já que estava ansiosa para abrir o envelope de Gerry. Faltavam quinze para meia-noite,

o que lhe dava 15 minutos. Ela esperava que, a essa altura, ele já houvesse tomado seu chá

e partido.

Chegou até mesmo a chamar outro táxi, para estar em meia hora em sua casa, apenas para que ele soubesse que não poderia ficar muito tempo.

— Ah, então este é o famoso envelope - disse Daniel, pegando o minúsculo envelope em cima da mesa.

Os olhos de Holly se ampliaram; sentia-se protetora com relação ao envelope e não

ficou satisfeita de que ele o estivesse tocando, removendo dele os vestígios de Gerry.

— Dezembro - disse ele, lendo a parte externa e correndo os dedos pela inscrição.

Holly queria lhe dizer que o largasse, mas não desejava parecer psicopata. Por fim, Daniel o

recolocou sobre a mesa e ela deu um suspiro de alívio e continuou a encher a chaleira com

água.

— Quantos envelopes ainda restam? - perguntou Daniel, tirando seu sobretudo e

juntando-se a ela próximo à bancada da cozinha.

— Este é o último. - A voz de Holly estava rouca e ela limpou a garganta.

— O que vai fazer depois disto?

— O que quer dizer? - perguntou ela, sentindo-se confusa.

— Bem, até onde posso ver, esta lista é como se fosse sua bíblia, seus dez mandamentos. O que a lista determina acontece, no que diz respeito a sua vida. Então o

que vai fazer quando não houver mais envelopes?

Holly olhou para seu rosto para ver se ele estava tentando ser esperto, mas os olhos

azuis dele cintilaram em resposta.

— Vou simplesmente viver minha vida - replicou ela, dando-lhe as costas e acionando o interruptor da chaleira.

— Vai ser capaz de fazer isto? - ele chegou mais perto e ela pôde sentir o perfume

de sua loção de barbear. Era o perfume de um Daniel de verdade.

— Acho que sim - replicou ela, confusa e pouco confortável com suas perguntas.

— Porque você vai ter de tomar suas próprias decisões então - disse ele suavemente.

— Sei disso - disse ela na defensiva, evitando o contato visual.

— E você acha que vai ser capaz de fazer isto? - Holly esfregou o rosto, cansada.

— Daniel, por que tudo isto?

Ele engoliu em seco e endireitou o corpo, tentando ficar confortável.

— Estou perguntando isto porque vou dizer uma coisa a você agora e você vai ter

de tomar sua própria decisão. - Ele a olhou direto nos olhos e o coração dela bateu

selvagemmente. — Não vai haver nenhuma lista, nenhuma diretriz, você vai ter de seguir seu

próprio coração.

Holly afastou-se ligeiramente. Um sentimento de medo estendeu-se até seu coração

e ela teve esperanças que ele não dissesse o que ela achava que ele estava prestes a dizer.

— Hummm... Daniel... N-não acho que esta seja... a hora certa para... hummm...

não deveríamos conversar sobre...

— Esta é a hora perfeita - disse ele sério. — Você já sabe o que vou dizer, Holly, e

eu sei que você já sabe como me sinto a seu respeito.

Holly ficou boquiaberta e olhou de relance para o relógio. Era meia-noite.

Quarenta e sete

GERRY TOCOU O NARIZ DE HOLLY e sorriu consigo mesmo quando ela enrugou o nariz no sono. Adorava observá-la enquanto dormia; ela parecia uma princesa,

tão linda e tão tranquila.

Ele fez cócegas em seu nariz outra vez e sorriu quando os olhos dela se abriram

devagar.

— Bom dia, dorminhoca. - Ela sorriu para ele.

— Bom dia, lindo. - Ela aconchegou-se mais perto dele e descansou a cabeça em

seu peito. — Como está se sentindo hoje?

— Como se pudesse correr a maratona de Londres - brincou ele.

— Isto é o que chamo de uma recuperação rápida - sorriu ela, erguendo a cabeça e

beijando-o nos lábios. — O que quer para o café da manhã?

— Você - disse ele, mordiscando o nariz dela. Holly deu uma risadinha.

— Infelizmente, hoje não estou no cardápio. Que tal uma fritada?

— Não - ele ergueu as sobrancelhas. — É muito pesado para mim - e seu coração

derreteu-se quando viu o rosto de Holly perder a vivacidade. Tentou mostrar-se animado.

— Mas eu adoraria uma grande, enorme taça de sorvete de baunilha!

— Sorvete! - riu ela. — No café da manhã?

— Certo. - Ele forçou um sorriso. — Eu sempre quis isto no café da manhã quando criança, mas minha querida mãe nunca permitia. Mas agora não me importo mais. -

Ele sorriu corajosamente.

— Então é sorvete o que você vai ter - disse Holly alegremente, pulando para fora

da cama. — Você se importa se eu usar isto? - perguntou ela, vestindo o roupão dele.

— Minha querida, você pode usá-lo o quanto quiser. - Gerry sorriu, observando-a

ajeitar, andando de um lado para o outro do quarto, o roupão excessivamente grande.

— Hummm, tem o seu cheiro - disse ela, aspirando-o. — Nunca mais vou tirá-lo.

OK, volto num minuto. - E ele a ouviu descer as escadas correndo e fazer barulho na

cozinha.

Ultimamente havia notado que ela corria sempre que saía de perto dele, como se

temesse deixá-lo muito tempo sozinho, e ele sabia o que aquilo significava. Más notícias

para ele. Havia terminado a radioterapia, que eles rezaram para que alcançasse o tumor

residual. O tratamento havia falhado, e agora tudo que ele podia fazer era ficar ali deitado o

dia inteiro, já que se sentia fraco demais para se levantar na maior parte do tempo. Aquilo

lhe parecia tão sem sentido, porque não era nem mesmo como se estivesse esperando se

recuperar. Seu coração batia loucamente diante daquele pensamento. Estava com medo;

com medo do lugar para onde estava indo, com medo do que estava acontecendo com ele

e com medo por Holly. Ela era a única pessoa que sabia exatamente o que dizer para

acalmá-lo e aliviar sua dor. Ela era tão forte; ela era sua proteção e não conseguia imaginar

sua vida sem ela. Mas não precisava se preocupar com aquele quadro hipotético, porque era

ela que ficaria sem ele. Sentia-se furioso, triste, enciumado e amedrontado por ela. Queria

permanecer ao lado dela e realizar todos os desejos e promessas que haviam feito um para

o outro e estava lutando por esse direito. Mas sabia que estava lutando uma batalha

perdida. Depois de duas operações, o tumor havia voltado, e crescia rapidamente dentro

dele. Queria entrar em sua cabeça e arrancar a doença que estava destruindo sua vida, mas

essa era apenas mais uma das coisas sobre as quais não tinha controle.

Ele e Holly haviam se tornado ainda mais próximos nos últimos meses, o que sabia

que era ruim para o bem-estar de Holly, mas não podia suportar a ideia de distanciar-se

dela. Apreciava as conversas que mantinham até as primeiras horas da manhã

e pegavam-se

rindo à toa exatamente como quando eram adolescentes. Mas isso era só em seus bons

dias.

Também tinham dias ruins.

Não pensaria naquilo agora; seu terapeuta vivia lhe dizendo para “dar a seu corpo

um ambiente positivo — social, emocional, nutricional e espiritualmente”. E seu pequeno

projeto estava fazendo justamente isso. Mantinha-o ocupado e tornava-o capaz de fazer

algo mais do que ficar deitado numa cama o dia inteiro. Sua mente ocupava-se enquanto

traçava seu plano para permanecer com Holly mesmo depois de haver partido. Também

estava cumprindo uma promessa que lhe fizera anos atrás. Havia ao menos uma que ele

podia realizar para ela. Era uma vergonha que tivesse de ser aquela promessa em particular.

Ouviu Holly subindo pesadamente os degraus e sorriu; seu plano estava funcionando.

— Neném, não temos mais sorvete - disse ela triste. — Há algo mais de que gostaria?

— Não - ele balançou a cabeça. — Somente sorvete, por favor.

— Mas vou ter de ir à loja comprá-lo - queixou-se ela.

— Não se preocupe, querida, vou ficar bem por alguns minutos - assegurou ele.

Ela olhou para ele insegura.

- Eu realmente preferia ficar, não há mais ninguém aqui.

— Não seja boba - sorriu ele, e ergueu seu celular da mesinha-de-cabeceira e o

colocou sobre o peito. — Se houver qualquer problema, que não vai haver, ligo para você.

— Certo. - Holly mordeu o lábio. — Vou estar a cinco minutos de distância.
Tem

certeza de que vai ficar bem?

— Positivo - sorriu ele.

— OK, então. - Ela retirou o roupão devagar e vestiu apressadamente um
moletom

e ele percebeu que ela ainda não estava feliz com aquele arranjo.

— Holly, vou ficar bem - disse ele com firmeza.

— OK. - Ela deu-lhe um longo beijo e ele a ouviu disparar escada abaixo,
correr

para o carro e afastar-se a toda pela estrada.

Assim que soube que estava seguro, Gerry afastou as cobertas e desceu da
cama

devagar. Sentou-se na beirada do colchão por um instante, esperando que a
tonteira

passasse, então lentamente encaminhou-se ao armário. Retirou uma velha
caixa de sapato

da prateleira mais alta, que continha quinquilharias que havia colecionado ao
longo dos

últimos anos e também os nove envelopes completos. Pegou o décimo
envelope vazio e

escreveu com caligrafia elegante “Dezembro” na parte da frente. Estavam em
primeiro de

dezembro e ele avançou um ano a partir daquela data, sabendo que não estaria
mais ali.

Imaginou Holly como um gênio do karaokê, relaxada depois de suas férias na
Espanha,

livre de contusões como resultado de seu abajur de cabeceira e
esperançosamente feliz em

seu novo emprego, que adorava.

Imaginou-a nesse mesmo dia, dali a um ano, possivelmente sentada sobre a
cama,

exatamente onde ele estava agora, lendo o último item da lista, e pensou longa

e

arduamente no que escrever. Lágrimas enchiam seus olhos quando colocou o ponto final

ao lado da última frase; beijou a carta, colocou-a no envelope e o escondeu outra vez na

caixa de sapato. Enviaria os envelopes para a casa dos pais de Holly em Portmarnock, onde

sabia que o pacote estaria em segurança até que ela estivesse preparada para abri-lo.

Enxugou as lágrimas e voltou para a cama devagar, onde o telefone tocava sobre o colchão.

— Alô? - disse, tentando controlar a voz e sorriu quando ouviu a voz mais doce do

mundo do outro lado da linha. —Também amo você, Holly...

Quarenta e oito

— NÃO, DANIEL, ISTO NÃO ESTÁ CERTO - disse Holly perturbada, e puxou

a mão que ele segurava.

— Mas por que não está certo? - implorou ele, com seus olhos azuis cintilantes.

— É muito cedo - disse ela, de repente cansada, esfregando o rosto e sentindo-se

bastante confusa. As coisas para ela simplesmente pareciam ficar cada vez piores.

— Muito cedo porque é o que as pessoas andaram lhe dizendo, ou muito cedo porque é o que seu coração está lhe dizendo?

— Oh, Daniel, eu não sei! - disse ela, medindo os passos sobre o chão da cozinha.

— Estou tão confusa. Por favor, pare de me fazer tantas perguntas!

Seu coração batia loucamente e sua cabeça girava, até mesmo seu corpo lhe dizia

que aquela não era uma situação confortável. Era apavorante para ela, permitindo-lhe

enxergar o perigo adiante. Aquilo parecia errado, aquilo tudo parecia tão errado.

— Não posso, Daniel, sou casada! Amo Gerry! - disse ela, em pânico.

— Gerry? - perguntou ele, e os olhos dela se arregalaram enquanto ele encaminhava-se à mesa da cozinha e agarrava desastradamente o envelope. — Isto é Gerry!

É com isto que estou competindo! É um pedaço de papel, Holly. É uma lista. Uma lista

que você permitiu que programasse sua vida no último ano, sem ter de pensar por si

mesma ou viver sua própria vida. Agora precisa pensar por si própria, neste exato

momento. Gerry se foi - disse ele gentilmente, caminhando na direção dela. — Gerry se foi

e eu estou aqui. Não estou dizendo que poderia em algum momento tomar o lugar dele,

mas nos dê ao menos uma chance de estarmos juntos. — Ela retirou o envelope das mãos

dele e o apertou perto do coração, enquanto lágrimas rolavam pelas faces.

— Gerry não se foi - soluçou ela. — Cada vez que abro um destes, ele está aqui.

Fez-se silêncio enquanto Daniel a observava chorar. Ela parecia tão perdida e desprotegida que ele desejava apenas abraçá-la.

— Isto é um pedaço de papel - disse ele, aproximando-se suavemente outra vez.

— Gerry não é um pedaço de papel - disse ela zangada, em meio às lágrimas. —

Ele era um ser humano com vida, que respirava e que eu amava. Gerry foi o homem que

consumiu minha vida por 15 anos. Ele representa milhões de lembranças felizes. Ele não é

um pedaço de papel - repetiu ela.

— Então o que eu sou? - Daniel perguntou baixinho.

Holly rezou para que ele não chorasse, não suportaria se ele chorasse.

— Você - ela respirou fundo — é um amigo carinhoso, gentil e incrivelmente ponderado, a quem respeito e aprecio...

— Mas não sou Gerry - cortou ele.

— Não quero que você seja Gerry - insistiu ela. — Quero que seja Daniel.

— Como se sente a meu respeito? - A voz dele tremeu levemente.

— Acabei de dizer como me sinto a seu respeito - fungou ela.

— Não, o que sente por mim? - Ela olhou para o chão.

— Sinto algo muito forte por você, Daniel, mas preciso de tempo... - ela fez uma pausa — muito e muito tempo.

— Então vou esperar. - Ele sorriu tristemente e envolveu com seus fortes braços o frágil corpo dela.

A campainha soou e Holly deu silenciosamente um suspiro de alívio.

— É o seu táxi. - A voz dela tremeu.

— Vou ligar para você amanhã, Holly - disse ele delicadamente, beijando-a no alto da cabeça, e encaminhou-se à porta da frente. Holly continuou de pé no meio da cozinha, repassando uma e outra vez a cena que acabava de ocorrer. Permaneceu ali por algum tempo, segurando com força, perto do coração, o envelope amassado.

Ainda em choque, por fim subiu as escadas devagar em direção ao quarto. Retirou seu vestido e envolveu-se com o roupão aquecido e grande demais de Gerry. O perfume dele havia desaparecido. Subiu na cama devagar, como uma criança, enfiou-se debaixo das cobertas e ligou a lâmpada de cabeceira. Fitou o envelope por longo tempo, pensando no que Daniel havia dito.

A lista tornara-se uma espécie de bíblia para ela. Ela obedecia às regras, vivia segundo as regras e nunca quebrava nenhuma delas. Quando Gerry dizia pule, ela pulava.

Mas a lista a havia ajudado. Ela a havia ajudado a sair da cama pela manhã e a começar uma

nova vida num momento em que tudo o que queria era enroscar-se como uma bola e

morrer. Gerry a havia ajudado e ela não se arrependia de nada que havia feito no último

ano. Não se arrependia de seu novo emprego ou de seus novos amigos ou de nenhum dos

novos pensamentos e sentimentos que desenvolvera por si mesma, sem a opinião de Gerry.

Mas aquele era o último item da lista. Era seu décimo mandamento, como Daniel

expressara. Não haveria outros. Ele estava certo; ela teria de começar a tomar suas

decisões, viver uma vida com a qual se sentisse feliz, sem vacilar, perguntando-se se Gerry

estaria de acordo com ela ou não. Bem, ela poderia sempre se questionar, mas não

precisava deixar que aquilo a detivesse.

Quando ele estava vivo, ela vivera através dele; agora ele estava morto e ela ainda

vivia através dele. Conseguia enxergar isso agora. Aquilo a fazia sentir-se segura, mas agora

estava por sua própria conta e precisava ser corajosa.

Tirou o telefone do gancho e desligou o celular. Não queria ser incomodada.

Precisava saborear aquele último momento especial sem interrupções. Precisava dizer adeus

ao contato de Gerry com ela. Estava sozinha agora e precisava pensar por si mesma.

Abriu vagarosamente o envelope, tentando não rasgar o papel enquanto retirava o

cartão.

Não tenha medo de se apaixonar novamente. Abra seu coração e siga-o aonde ele a conduzir... e lembre-se, mire na lua...

PS, te amo para todo o sempre...

— Oh, Gerry - soluçou ela, e seus ombros tremeram enquanto seu corpo se contraía com a dor das lágrimas.

Ela dormiu muito pouco naquela noite, e nas horas em que cochilou, seus sonhos

foram obscuras imagens dos rostos e corpos de Daniel e Gerry unificando-se. Acordou

coberta de suor às seis da manhã e decidiu se levantar e sair para uma caminhada para

clarear os pensamentos desordenados em sua cabeça. Seu coração estava pesado enquanto

percorria os caminhos do parque local. Havia se aquecido bem para proteger-se do frio

cortante, que fustigava os ouvidos e adormecia o rosto. Ainda assim, a cabeça estava

quente. Quente por causa das lágrimas, quente da dor de cabeça, quente porque seu

cérebro estava fazendo hora extra.

As árvores estavam nuas e pareciam esqueletos demarcando o caminho. Folhas

giravam ao redor de seus pés, como duendes pequeninos e travessos, ameaçando fazê-la

tropeçar. O parque estava deserto; as pessoas mais uma vez hibernavam, covardes demais

para desafiar as forças da natureza. Holly não era corajosa, nem desfrutava seu passeio.

Parecia-se mais com um castigo estar fora, exposta ao tempo gelado.

Como, diabos, vira-se em tal situação? Tão logo começara a se mexer para recolher

os pedaços de sua vida destroçada, deixara-os todos cair novamente e os

espalhara por toda

parte. Pensou que havia encontrado um amigo, alguém em quem podia confiar. Não estava

procurando enredar-se em um ridículo triângulo amoroso. E era ridículo porque a terceira

pessoa não estava nem mesmo por perto. Ele não era sequer um candidato viável para

aquela tarefa. Claro que pensava muito em Daniel, mas também pensava em Sharon e

Denise, e certamente não estava apaixonada por elas. O que sentia por Daniel não era

amor; o que sentia por Gerry, era um sentimento inteiramente diferente. Então talvez não

estivesse apaixonada por Daniel. E de qualquer forma, se estivesse, não seria ela a primeira

pessoa a perceber, em vez de receber alguns dias “para pensar a respeito”? Mas sendo

assim, por que sequer pensava naquilo? Se não o amava, então deveria sair logo daquela

situação e dizer... mas estava pensando a respeito... Não era uma pergunta simples, cuja

resposta era sim ou não? Que estranha era a vida.

E por que Gerry a estava pressionando para encontrar um novo amor? Em que estava pensando quando escreveu aquela mensagem? Teria ele se libertado dela antes de

morrer? Teria sido tão fácil para ele desistir dela e resignar-se diante do fato de que ela

encontraria outra pessoa? Perguntas, perguntas, perguntas. E ela nunca saberia as respostas.

Após se atormentar durante horas com mais questionamentos e com o frio cortante

que lhe queimava a pele, voltou para casa. Enquanto percorria seu condomínio, o som de

risos a fez erguer os olhos do chão. Seus vizinhos estavam decorando a árvore

em seu

jardim com pequenas lâmpadas de Natal.

— Oi, Holly - sua vizinha deu uma risada, saindo de trás da árvore com lâmpadas

ao redor da cintura.

— Estou decorando Jessica - riu seu companheiro, enrolando os fios emaranhados

ao redor das pernas dela. — Acho que ela dá um lindo gnomo de jardim.

Holly sorriu tristemente enquanto os observava rindo juntos.

— Já é Natal - pensou Holly em voz alta.

— Eu sei - Jessica parou de rir o suficiente apenas para responder. — O ano simplesmente voou, não acha?

— Passou rápido - disse Holly baixinho. — Rápido demais.

Holly atravessou a rua e continuou a caminho de casa. Um grito fez com que Holly

se virasse a tempo de ver Jessica perder o equilíbrio e cair na grama, envolta numa pilha de

lâmpadas. Seus risos ecoaram rua abaixo e Holly entrou em casa.

— Tudo bem, Gerry - anunciou Holly quando entrou. — Saí para uma caminhada

e estive pensando seriamente sobre o que você disse e tive de chegar à conclusão que você

tinha perdido a cabeça quando escreveu aquela mensagem. Se você realmente quiser dizer

aquilo, então me envie alguma espécie de sinal, se não, vou entender perfeitamente que foi

tudo um grande engano e que você mudou de ideia - disse ela casualmente para o espaço.

Olhou ao redor da sala de estar, esperando para ver se algo acontecia. Nada aconteceu.

— OK, então - disse ela alegremente. — Você cometeu um erro, eu entendo. Vou

simplesmente desconsiderar a última mensagem. - Ela olhou ao redor do

aposento

novamente e aproximou-se da janela. — Certo, Gerry, esta é sua última chance...

As luzes na árvore do outro lado da rua se acenderam e Jessica e Tony dançaram ao

redor do jardim, rindo. De repente as luzes piscaram e se apagaram. Eles pararam de

dançar e seus rostos se entristeceram.

Holly girou os olhos.

— Vou tomar isto como um não sei.

Sentou-se à mesa da cozinha e bebericou uma caneca de chá quente para aquecer o

rosto congelado. Um amigo diz a você que a ama e um finado marido lhe pede que se

apaixone novamente, então você faz uma xícara de chá.

Ela ainda tinha três semanas de trabalho até o feriado de Natal, o que significava

que, se precisasse, só teria de evitar Daniel por 15 dias úteis. Aquilo parecia viável.

Esperava que, por ocasião do casamento de Denise, no final de dezembro, houvesse

tomado uma decisão sobre o que fazer. Mas primeiro precisava passar seu primeiro Natal

sozinha e estava apavorada.

Quarenta e nove

— OK, ONDE QUER QUE EU A COLOQUE? - ofegou Richard, arrastando a

árvore de Natal em sua sala de estar. Uma trilha de sementes de pinheiro marcava o

caminho que conduzia à porta da sala de estar, ao longo do corredor, à porta de entrada e

ao interior do carro. Holly suspirou, teria de passar aspirador na casa mais uma vez naquele

dia para se livrar da bagunça e fitou a árvore com desgosto. Elas tinham um odor tão

refrescante, mas droga, faziam muita confusão.

— Holly! - repetiu Richard, e ela saltou de seus pensamentos para encará-lo.

Ela abafou o riso.

— Você parece uma árvore falante, Richard. - Tudo o que conseguia enxergar eram

os sapatos marrons dele destacando-se debaixo da árvore, parecendo um diminuto pedaço

de tronco marrom.

— Holly - rosnou ele, perdendo ligeiramente o equilíbrio em consequência do peso.

— Oh, desculpe - disse ela rapidamente, dando-se conta de repente que ele estava

prestes a cair. — Ao lado da janela.

Ela mordeu o lábio e retrocedeu, enquanto ele se chocava com tudo ao seu redor, à

medida que se encaminhava à janela.

— Pronto - disse ele, limpando as mãos e recuando para examinar seu trabalho.

Holly franziu a testa.

— Ela está parecendo um pouco pelada, não acha?

— Bem, você vai ter de decorá-la, claro.

— Sei disso, Richard, mas estava me referindo ao fato de que ela tem somente uns

cinco galhos sobrando. E em alguns trechos está careca - lamentou-se ela.

— Eu avisei a você para comprar a árvore mais cedo, Holly, para não deixar para

fazer isso na véspera de Natal. De qualquer forma, esta era a melhor de um lote de ruins;

vendi as melhores semanas atrás.

— Imagino. - Holly franziu a testa. Não queria, de jeito nenhum, comprar uma

árvore de Natal aquele ano. Não estava sequer com disposição para comemorar e não tinha

crianças a quem agradar, para se preocupar com decorações. Entretanto, Richard insistira e

Holly achava que tinha de ajudá-lo em seu novo negócio de venda de árvores de Natal,

além de sua próspera empresa de paisagismo. Mas a árvore era horrível e enfeite algum

conseguiria esconder isso; olhar para ela a fazia desejar ter comprado uma semanas atrás.

Assim, ao menos, talvez se parecesse com uma árvore de verdade, em vez de assemelhar-se

a uma trave com umas quantas sementes de pinheiro penduradas.

Não conseguia acreditar que já era véspera de Natal. Passara as últimas semanas

trabalhando além do expediente, tentando aprontar a edição de janeiro da revista, antes que

todos entrassem em recesso de Natal. Haviam por fim terminado no dia anterior e quando

Alice sugeriu que fossem comemorar o Natal no Hogans, ela educadamente recusou. Ainda

não havia falado com Daniel; ignorara todas as ligações dele, evitara o Hogan's como uma

praga e havia pedido a Alice para lhe dizer que estava em reunião sempre que ele ligasse

para o escritório. Ele ligava quase todos os dias.

Não pretendia ser grosseira, mas precisava de mais tempo para pensar muito bem

em tudo aquilo. Tudo bem, ele não a havia pedido em casamento, mas era quase como se

ela estivesse tomando uma grande decisão como aquela. O olhar de Richard a trouxe de

volta à realidade.

— Desculpe, o quê?

— Perguntei se você gostaria que eu a ajudasse a decorá-la.

O coração de Holly afundou. Aquilo era trabalho seu e de Gerry, de ninguém mais.

Todos os anos, sem exceção, eles punham para tocar um CD de Natal, abriam uma garrafa

de vinho e decoravam a árvore...

— Eh... não, está tudo bem, Richard, eu mesma faço isto. Tenho certeza que você

tem coisa melhor para fazer agora.

— Bem, na verdade eu gostaria muito - disse ele ansiosamente. — Normalmente

eu, Meredith e as crianças fazemos isto juntos, mas perdi a oportunidade este ano... — Ele

calou-se.

— Oh. - Holly sequer pensara no fato de que o Natal de Richard também estava

sendo difícil; estava egoisticamente envolvida em suas próprias preocupações.

— Tudo bem então, por que não? - sorriu ela. Richard iluminou-se e parecia uma

criança.

— A única coisa é que não tenho certeza de onde estão os enfeites. Gerry costumava guardá-los em algum lugar no sótão...

— Não tem problema - ele sorriu de modo encorajador. Este também costumava

ser meu trabalho. Vou encontrá-los. - Ele subiu a escada em direção ao sótão.

Holly abriu uma garrafa de vinho tinto e apertou o PLAY no toca-cds; White Christmas, de Bing Crosby, começou a tocar baixinho ao fundo. Richard voltou com um

saco preto pendurado ao ombro e um chapéu empoeirado de Papai Noel.

— Hô-hô-hô!

Holly riu e estendeu-lhe um copo de vinho.

— Não, não - ele acenou com a mão. — Estou dirigindo.

— Você pode tomar um copo ao menos, Richard - disse ela, sentindo-se decepcionada.

— Não, não - disse ele. — Eu não bebo e dirijo.

Holly lançou os olhos para o céu e bebeu de uma só vez o copo de vinho do irmão,

antes de começar o seu próprio. Quando Richard saiu, ela havia terminado a garrafa e

estava abrindo outra. Percebeu a luz vermelha piscando na secretária eletrônica. Esperando

que não fosse quem achava que era, apertou o botão do PLAY.

— Oi, Sharon, aqui é Daniel Connelly. Desculpe incomodá-la, mas eu tinha o seu

número de telefone de quando você ligou para o clube meses atrás, para inscrever Holly no

karaokê. Hummm... bem, realmente espero que você possa transmitir a ela um recado meu.

Denise tem estado tão ocupada com os preparativos para o casamento que eu sabia que

não podia contar com ela para que se lembrasse... - Ele riu ligeiramente e pigarreou. — De

qualquer forma, eu estava me perguntando se você poderia simplesmente dizer a Holly que

estou indo para a casa de minha família em Galway para o Natal. Estou indo para lá

amanhã. Não consegui falar com ela no celular, sei que ela está de férias do trabalho agora e

não tenho o número da casa dela... então se você..

A gravação foi cortada e Holly esperou que a próxima mensagem fosse reproduzida.

— Desculpe, Sharon, sou eu novamente. Eh... isto é, Daniel. A gravação foi cortada. De qualquer forma, eu gostaria que você simplesmente dissesse a Holly que estarei

em Galway nos próximos dias e que estou com meu celular, se ela quiser falar

comigo. Sei

que ela precisa pensar em algumas coisas, então... - Ele fez uma pausa. — De qualquer

forma, é melhor que eu desligue antes que seja cortado novamente. Vejo vocês todos no

casamento na semana que vem. OK, obrigado... Tchau.

A segunda mensagem era de Denise dizendo que Daniel estava procurando por ela,

a terceira mensagem era de seu irmão Declan também dizendo que Daniel estava

procurando por ela e a quarta mensagem era de uma velha amiga de colégio, que Holly não

via há anos, dizendo que havia conhecido um amigo dela chamado Daniel em um pub na

noite anterior, o que a fizera lembrar-se de Holly e, oh sim, Daniel estava procurando por

Holly e queria que ela ligasse para ele. A quinta mensagem era novamente de Daniel.

— Oi, Holly, aqui é Daniel. Seu irmão Declan me deu seu número. Não acredito

que sejamos amigos há tanto tempo e você nunca tenha me dado o número de telefone de

sua casa, ainda que eu tenha uma leve suspeita de que eu o tinha o tempo todo sem saber...

- Fez-se silêncio enquanto ele soltava o ar. — De qualquer maneira, realmente preciso falar

com você, Holly. Acho que deveria, ser pessoalmente e antes que nos víssemos no

casamento. Por favor, Holly, atenda minhas ligações. Não sei de que outra forma chegar

até você. - Silêncio, outra inspiração profunda e o ar sendo expelido. — OK, bem, isto é

tudo. Tchau.

Holly apertou o PLAY novamente, perdida em pensamentos. Sentou-se na

sala de

estar olhando para a árvore e ouvindo canções de Natal. Chorou. Chorou por seu Gerry e

por sua árvore de Natal pelada.

Cinqüenta

— FELIZ NATAL, QUERIDA! - Frank abriu a porta para uma trêmula Holly de

pé na soleira.

— Feliz Natal, pai - sorriu ela, e deu-lhe um grande abraço de urso. Inspirou enquanto circulava pela casa. O delicioso cheiro de pinheiro, misturado ao do vinho e do

jantar de Natal sendo preparado na cozinha encheu suas narinas e ela foi golpeada por uma

pontada de solidão. O Natal fazia com que se lembrasse de Gerry. Gerry era Natal. O Natal

era um tempo especial que passavam juntos, quando se escondiam do estresse do trabalho

e apenas relaxavam e divertiam a família e os amigos e aproveitavam seu tempo sozinhos.

Sentiu tanta falta dele que aquilo a fez ficar enjoada.

Havia visitado o cemitério aquela manhã para lhe desejar feliz Natal. Era a primeira

vez que ia até lá desde o funeral, e havia sido uma manhã angustiante. Nada de presente

para ela na árvore, nada de café da manhã na cama, nada de barulho, nada de nada. Gerry

quisera ser cremado, o que significava que tivera de ficar de pé diante de uma parede com o

nome dele gravado. E ela realmente se sentira como se estivesse conversando com uma

parede. Ainda assim, havia lhe contado como correria seu ano e quais eram os planos para

aquele dia; contou que Sharon e John estavam esperando um menino e que

planejavam

chamá-lo Gerry. Contou-lhe que seria a madrinha; que seria dama de honra no casamento

de Denise. Explicou-lhe como era Tom, porque Gerry não o havia conhecido e falou sobre

seu novo emprego. Não mencionou Daniel. Sentiu-se estranha ali de pé, conversando

consigo mesma. Queria ter experimentado algum tipo de sensação, profunda e espiritual,

de que ele estava ali com ela, ouvindo-lhe a voz, mas na verdade apenas se sentiu falando

com uma insossa parede cinzenta.

Sua situação não era um espetáculo extraordinário no dia de Natal. O cemitério

estava abarrotado de visitantes, famílias levando suas mães e pais idosos para visitar os

cônjuges falecidos, mulheres jovens como Holly, perambulando sozinhas, homens jovens...

Ela havia observado uma jovem mãe transtornada sobre uma lápide, enquanto seus dois

filhos, assustados, olhavam sem saber o que fazer. O mais novo deveria ter apenas três

anos. A mulher secara rapidamente os olhos para preservar as crianças. Holly sentiu-se

grata por poder se dar ao luxo de ser egoísta e ter de se preocupar somente consigo mesma.

Onde, diabos, aquela mulher encontrava forças para atravessar o dia com duas crianças

pequenas com que se preocupar, foi um pensamento que voltou regularmente à cabeça de

Holly naquele dia.

Em resumo, não havia sido um bom dia.

— Oh, feliz Natal, querida! - anunciou Elizabeth, atravessando a cozinha de braços

abertos para abraçar seu bebê. Holly começou a chorar. Sentiu-se como aquelas crianças no

cemitério. Também precisava de sua mãe. O rosto de Elizabeth estava corado da quentura

da cozinha e o calor de seu corpo aqueceu o coração de Holly.

— Desculpe. - Ela enxugou o rosto. — Eu não queria fazer isto.

— Psiu - disse Elizabeth em tom consolador. Ela não precisava dizer mais nada;

estar ali já era o bastante.

Holly aparecera para visitar a mãe na semana anterior, em pânico quanto ao que

fazer a respeito da situação com Daniel. Elizabeth, que normalmente não era uma mãe do

tipo cozinheira, estava no meio de seu bolo de Natal para a semana seguinte. O rosto

estava coberto de manchas de farinha, as mangas do suéter estavam enroladas até os

cotovelos, pequenas quantidades de farinha acumulavam-se nos cabelos. A bancada da

cozinha achava-se coberta de passas, uvas e cerejas espalhadas. Farinha, massa, tabuleiros e

latas de alumínio cobriam as superfícies. A cozinha fora decorada com enfeites coloridos e

brilhantes e aquele maravilhoso festival de cheiros enchia o ar.

No instante em que Elizabeth pôs os olhos na filha, Holly soube que ela pôde perceber que algo estava errado. As duas sentaram-se à mesa da cozinha, abarrotada de

guardanapos de Natal vermelhos e verdes, com estampas de Papai Noel, renas e árvores de

Natal. Havia caixas e caixas de biscoitos de Natal para a família disputar, biscoitos de

chocolate, cerveja e vinho, uma quantidade enorme de coisas... Os pais de Holly haviam

abastecido bem a família Kennedy.

— O que está se passando em sua cabeça, querida? - perguntou a mãe de Holly,

empurrando um prato de biscoitos de chocolate na direção da filha.

O estômago de Holly roncou, mas ela não conseguiu tocar a comida. Mas uma vez

havia perdido o apetite. Respirou fundo e explicou à mãe o que havia acontecido entre ela e

Daniel e a decisão com a qual se confrontava. Sua mãe ouviu pacientemente.

— O que sente por ele? - perguntou Elizabeth, examinando o rosto da filha. Holly

deu de ombros, impotente.

— Gosto dele, mãe, realmente gosto, mas... - Deu de ombros novamente e calou-

se.

— É porque ainda não se sente preparada para outro relacionamento? - sua mãe

perguntou baixinho.

Holly esfregou a testa com força.

— Não sei, mãe, sinto que já não sei de mais nada. - Ela pensou por um momento.

— Daniel é um ótimo amigo. Está sempre ali comigo, sempre me faz rir; me faz sentir bem

comigo mesma... - Pegou um biscoito e começou a esfarelá-lo. — Mas não sei se algum dia

vou me sentir pronta para outro relacionamento, mãe. Talvez sim; talvez não; talvez esteja

tão pronta quanto jamais vá me sentir. Ele não é Gerry, mas não estou esperando que seja.

O que sinto agora é um tipo de sentimento diferente; mas é um sentimento bonito

também. - Ela parou para pensar a respeito daquele sentimento. — Não sei se algum dia

vou amar de novo da mesma maneira. Acho difícil acreditar que isto aconteça, mas é um

pensamento agradável achar que um dia talvez possa acontecer. - Ela sorriu tristemente

para a mãe.

— Bem, você não vai saber se consegue se não tentar - disse Elizabeth,

encorajando-a. — É importante não apressar as coisas, Holly. Sei que sabe disto, mas tudo

que quero para você é que seja feliz. Você merece. Se ser feliz é com Daniel, com o homem

da lua ou sem ninguém, apenas quero que seja feliz.

— Obrigada, mãe. - Holly sorriu fracamente e descansou a cabeça no ombro macio

da mãe. — Só não sei qual destas coisas vai fazer isto por mim.

Por mais confortadora que a mãe tenha sido naquele dia, Holly não estava mais

próxima de uma decisão. Primeiro precisava atravessar o dia de Natal sem Gerry.

O restante da família de Holly, exceto Ciara, que ainda estava na Austrália, juntou-

se a eles na sala de estar e um por um cumprimentaram-na com abraços calorosos e beijos.

Eles reuniram-se em volta da árvore e trocaram presentes e Holly permitiu que as lágrimas

fluíssem o tempo todo. Não tinha forças para escondê-las; não tinha forças para se

importar. Mas as lágrimas eram uma estranha mistura de felicidade e tristeza. A estranha

sensação de se sentir sozinha, ainda que amada.

Holly afastou-se furtivamente da família para conseguir um momento para si mesma; a cabeça era uma mistura de pensamentos que precisavam ser ordenados e

arquivados. Deu por si em seu velho quarto, olhando pela janela para o dia

escuro e

tempestuoso. O mar rugia feroz e ameaçador e Holly tremeu diante de sua força.

— Então é aqui que você está se escondendo.

Holly virou-se para ver Jack observando-a da porta do quarto. Deu um sorriso ligeiro e voltou a olhar para o mar novamente, pouco interessada em seu irmão e na recente

falta de apoio da parte dele. Escutou o barulho das ondas e observou a água escura engolir

os flocos de gelo que começavam a cair em meio à chuva. Ouviu Jack suspirar alto e sentiu

seu braço ao redor dos próprios ombros.

— Desculpe - disse ele baixinho.

Holly ergueu as sobrancelhas, pouco impressionada, e continuou a olhar para frente.

Ele assentiu para si mesmo devagar.

— Você está certa por me tratar assim, Holly, venho agindo como um completo

idiota ultimamente. E sinto tanto...

Holly virou-se para encará-lo e os olhos dela brilharam.

— Você me decepcionou, Jack.

Ele fechou os olhos devagar, como se até mesmo pensar naquilo o fizesse sofrer.

— Eu sei. Simplesmente não consegui lidar bem com toda a situação, Holly. Achei

tão difícil lidar com Gerry... você sabe...

— Morrendo - Holly concluiu por ele.

— Sim. - Ele contraía e descontraía o maxilar e parecia haver finalmente aceitado o

fato.

— Não foi exatamente fácil para mim, sabe, Jack. - Fez-se silêncio entre eles.

—

Mas você me ajudou a empacotar todas as coisas dele. Enfrentou a tarefa comigo e tornou

tudo muito mais fácil - disse Holly sentindo-se confusa. — Você estava ali ao meu lado,

por que simplesmente desapareceu de repente?

— Meu Deus, aquilo foi tão difícil de fazer - ele balançou a cabeça com tristeza. —

Você foi tão forte, Holly... você é forte, Holly - corrigiu-se ele. — Empacotar as coisas dele

me arreventou, estar naquela casa e ele não estar lá simplesmente... acabou comigo. E então

percebi que você estava se aproximando de Richard, e imaginei que estaria tudo bem se eu

me afastasse porque você tinha a ele... - Ele deu de ombros e corou diante do ridículo de

sua explicação.

— Você é um bobo, Jack - disse Holly, cutucando-o de brincadeira na barriga. —

Como se Richard pudesse em algum momento tomar o seu lugar.

Ele sorriu.

— Oh, não sei, vocês dois parecem unha e carne ultimamente. - Holly ficou séria

outra vez.

— Richard me deu muito apoio neste ano que passou e acredite, as pessoas não

pararam de me surpreender durante toda esta experiência - acrescentou ela, dando-lhe uma

alfinetada. — Dê-lhe uma chance, Jack.

Ele olhou para o mar e assentiu devagar, digerindo aquilo. Holly colocou os braços

ao redor dele e sentiu o abraço reconfortante e familiar do irmão. Apertando-a ainda mais

forte, Jack disse:

— Estou aqui do seu lado agora. Vou deixar de ser tão egoísta e vou tomar conta

de minha irmãzinha.

— Ei, sua irmãzinha está se saindo muito bem por conta própria, muito obrigada –

disse ela com ar triste enquanto observava o mar chocar-se violentamente contra as rochas,

a espuma beijando a lua.

Eles sentaram-se para a refeição e a boca de Holly se encheu de água diante da

comida exposta à sua frente.

— Recebi um e-mail de Ciara hoje - anunciou Declan.

Todos fizeram oon e aah.

— Ela mandou esta fotografia. - Ele fez circular ao redor da mesa a fotografia que

havia imprimido.

Holly sorriu à vista da irmã deitada na praia, comendo um churrasco de Natal com

Matthew. O cabelo estava louro e a pele, bronzeada, e ambos pareciam muito felizes.

Olhou para a fotografia durante algum tempo, sentindo-se orgulhosa de que a irmã

houvesse encontrado seu lugar. Depois de viajar pelo mundo procurando, achava que Ciara

finalmente encontrara algum contentamento. Holly tinha esperanças de que aquilo por fim

acontecesse com ela também.

Passou a foto para Jack e ele sorriu e examinou-a.

— Estão dizendo que deve nevar hoje - anunciou Holly, pegando a segunda porção

de comida. O último botão de sua calça já estava aberto, mas afinal de contas era Natal;

tempo de dar e eh... comer...

— Não, não vai nevar - disse Richard, chupando um osso. — Está frio demais para isto.

Holly franziu a testa.

— Richard, como pode estar frio demais para nevar?

Ele lambeu os dedos e limpou-os no guardanapo que estava enfiado em sua camisa

e Holly tentou não rir quando percebeu que ele estava usando um colete de lã preto com

uma grande estampa de uma árvore de Natal enfeitada na frente.

— É preciso que fique mais quente para que possa nevar - explicou ele. Holly deu

uma risadinha.

— Richard, a temperatura na Antártida é cerca de menos um milhão e lá neva. Isto

não é nenhum pouco quente.

Abbey abafou o riso.

— É a forma como as coisas funcionam - disse ele sem se importar.

— Se você está dizendo... - Holly girou os olhos.

— Na verdade, ele está certo - acrescentou Jack pouco depois e todos pararam de

mastigar para olhar para ele. Aquela não era uma frase que ouvissem com frequência. Jack

continuou a explicar como a neve funcionava e Richard ajudou-o nas partes científicas.

Ambos sorriram um para o outro e pareceram satisfeitos por serem os Drs. Sabe-Tudo.

Abbey ergueu as sobrancelhas na direção de Holly e elas compartilharam um olhar secreto

de choque.

— Você quer alguma verdura no seu molho, pai? - perguntou Declan sério, oferecendo ao pai uma travessa de brócolis.

Todos olharam para o prato de Frank e riram. Mais uma vez, parecia um mar de molho.

— Ha-ha - fez Frank, pegando a travessa da mão do filho. — De qualquer maneira,

vivemos muito perto do mar para conseguir - acrescentou.

— Conseguir o quê? Molho? - provocou Holly e todos riram novamente.

— Neve, boba - disse ele, agarrando o nariz dela como costumava fazer quando ela era criança.

— Bem, aposto um milhão com todos vocês que hoje neva - disse Declan, relanceando ansiosamente os irmãos e irmãs.

— É melhor você começar a economizar, Declan, porque se seus brilhantes irmãos

dizem que não neva, então não neva! - brincou Holly.

— É melhor vocês pagarem então, garotos. - Declan esfregou as mãos avidamente,

acenando na direção da janela.

— Oh, meu Deus! - exclamou Holly, pulando excitada da cadeira. — Está nevando!

— Tanto pior para aquela teoria então — disse Jack a Richard, e ambos riram enquanto observavam os flocos brancos cintilando no céu.

Todos abandonaram a mesa de jantar e vestiram apressadamente o casaco para

correr para fora como crianças excitadas. Apesar de tudo, era exatamente o que eram.

Holly olhou de relance para os jardins que cobriam a rua e avistou as famílias de cada uma

das casas do lado de fora, olhando para o céu.

Elizabeth colocou os braços ao redor dos ombros da filha e a apertou com força.

— Bem, parece que Denise vai ter um Natal branco para combinar com seu

casamento de branco - sorriu ela.

O coração de Holly bateu loucamente quando pensou no casamento de Denise.

Em poucos dias teria de se confrontar com Daniel. Embora Elizabeth estivesse lendo a

mente da filha, perguntou a Holly baixinho e gentilmente, para que ninguém escutasse:

— Já pensou no que vai dizer a Daniel?

Holly olhou de relance para os flocos de neve, resplandecentes sob o luar, contra o

céu escuro cheio de estrelas. O momento era tão mágico; exatamente ali, naquele

momento, tomou sua decisão final.

— Sim, já pensei. - Ela sorriu e respirou fundo.

— Bom. - Elizabeth beijou seu rosto. — E lembre-se, Deus a orienta e conduz.

Holly sorriu diante daquelas palavras.

— É melhor que sim, porque vou precisar muito dele nos próximos dias.

— Sharon, não carregue a mala, é muito pesada! - gritou John para sua mulher e

Sharon deixou cair a bagagem zangada.

— John, não sou uma inválida. Estou grávida - gritou em resposta.

— Sei disso, mas o médico lhe disse para não levantar coisas pesadas! - disse ele

firmeiramente, caminhando até o lado dela no carro e agarrando a bagagem.

— Bem, foda-se o médico, ele nunca esteve grávido - gritou Sharon, observando

John se afastar furioso.

Holly fechou com força o porta-malas do carro. Tivera o suficiente no que dizia

respeito às explosões de raiva de John e Sharon; ficara metida ali no carro, ouvindo-os

discutir por todo o caminho até Wicklow. Agora, tudo o que queria era ir para

o hotel e

relaxar em paz e tranquilidade. Também estava começando a ficar com medo de Sharon;

seu tom de voz havia subido três oitavas nas últimas duas horas e ela parecia prestes a

explodir. Na verdade, Holly tinha realmente medo que ela explodisse, tal o tamanho da

barriga, e não queria estar por perto quando isso ocorresse.

Holly agarrou sua bagagem e olhou de relance para o hotel. Parecia-se mais um

castelo. Era o local que Tom e Denise haviam escolhido para a chegada de seu casamento

de ano-novo e não podiam ter escolhido lugar mais bonito. O prédio era recoberto de hera

verde-escura que subia por suas velhas paredes e um enorme chafariz decorava o pátio

dianteiro. Centenas e centenas de metros de jardins de um verde exuberante, lindamente

conservados, espalhavam-se por todos os lados do hotel; Denise não teria seu casamento

branco afinal de contas; a neve derreteria minutos após a chegada. Ainda assim, Holly

compartilhara um lindo momento com sua família no dia de Natal, e aquilo conseguira

levantar seu astral por um curto tempo. Agora, tudo o que queira era encontrar seu quarto

e cuidar de si mesma. Não tinha sequer certeza se seu vestido de dama de honra ainda

servia, depois de exagerar na comida no Natal. Era um temor que ela não desejava

compartilhar com Denise, já que ela provavelmente teria um ataque cardíaco. Talvez alguns

pequenos ajustes não fossem muito difíceis... também arrependeu-se de ter dito a Sharon

que estava preocupada com o tamanho do vestido, pois Sharon havia gritado que não

conseguia sequer entrar nas roupas que usara no dia anterior, que dirá num vestido que

havia sido ajustado meses atrás.

Holly arrastava a bagagem atrás de si sobre a pedra de calçamento quando foi subitamente empurrada e saiu voando, enquanto alguém tropeçava em sua bagagem.

— Desculpe - ouviu uma voz monótona dizer e olhou para trás zangada, para ver

quem quase a fizera quebrar o pescoço. Viu uma loura alta, cujos quadris faziam bum-bum-

bum em direção ao hotel. Holly franziu a testa, aquele andar lhe era familiar. Sabia que o

conhecia de algum lugar, mas... uh-oh!

Laura.

“Oh, não”, pensou em pânico, Tom e Denise haviam convidado Laura apesar de

tudo! Precisava encontrar Daniel rápido, para avisá-lo. Ele ficaria aborrecido ao descobrir

que havia recebido um convite. E se o momento fosse apropriado, ela terminaria aquela

conversa com ele. Se ele ainda quisesse falar com ela; afinal, fazia quase um mês desde que

falara com ele da última vez. Cruzou os dedos com força atrás de si e apressou-se na

direção da recepção.

Foi saudada pelo caos.

A recepção estava repleta de pessoas furiosas e bagagens. Reconheceu instantaneamente a voz de Denise acima do barulho.

— Olhe, não me interessa se vocês cometeram um engano! Consertem! Reservei

cinquenta apartamentos meses atrás para os convidados de meu casamento!

Ouviu? Meu

casamento! Agora, não vou enviar dez deles para alguma espelunca na estrada. Se vire!

Um recepcionista muito assustado engoliu em seco, acenou loucamente e tentou

explicar a situação. Denise enfiou o dedo na cara dele.

— Não quero ouvir mais desculpas! Simplesmente consiga mais dez quartos para os

meus convidados!

Holly localizou um Tom perplexo e caminhou até ele.

— Tom! - ela abriu caminho pela multidão.

— Oi, Holly - disse ele, parecendo muito perturbado.

— Em que quarto está Daniel? - ela prontamente perguntou.

— Daniel? - perguntou ele, parecendo confuso.

— Sim, Daniel! O padrinho... quero dizer, seu padrinho - corrigiu-se ela.

— Não sei, Holly - disse ele, virando-se para agarrar um membro da equipe do

hotel.

Holly saltou diante dele, bloqueando sua visão do funcionário.

— Tom, realmente preciso saber! - disse ela em pânico.

— Olhe, Holly, realmente não sei; pergunte a Denise - gemeu ele, e correu pelo

corredor atrás do funcionário do hotel.

Holly olhou para Denise e engoliu em seco. Denise parecia possessa e Holly não

tinha a menor intenção de perguntar nada a ela naquele estado de espírito. Entrou na fila

atrás de todos os outros hóspedes e vinte minutos mais tarde e mais algumas manobras

para furar a fila, chegou ao princípio.

— Oi, eu queria saber se você poderia me dizer em que quarto está Daniel

Connelly, por favor - perguntou ela rapidamente.

O recepcionista balançou a cabeça.

— Lamento, não podemos informar o número do quarto de nossos hóspedes.

Holly girou os olhos.

— Olhe, sou amiga dele - explicou ela e sorriu com doçura. O sujeito sorriu educadamente e balançou a cabeça outra vez.

— Sinto muito, mas é contra a política do hotel...

— Escute! - gritou ela e até Denise parou de gritar ao seu lado. — É muito importante que você me diga!

O homem engoliu em seco e balançou a cabeça devagar, aparentemente assustado

demais para abrir a boca. Por fim, disse:

— Sinto muito, mas...

— Aaaaaggghhh! -gritou Holly frustrada, interrompendo-o novamente.

— Holly - disse Denise, colocando gentilmente a mão em seu braço —, o que há

de errado?

— Preciso saber em que quarto está Daniel! - gritou ela, e Denise pareceu assustada.

— Quarto 342 - gaguejou ela.

— Obrigada! - gritou Holly zangada, sem saber por que ainda estava gritando, e

encaminhou-se furiosa na direção dos elevadores.

Holly precipitou-se pelo corredor, arrastando a mala atrás de si e verificando os

números nas portas. Quando chegou ao quarto dele, bateu furiosamente e ao ouvir passos

se aproximando, percebeu que sequer pensara no que iria dizer. Respirou fundo enquanto

abriam a porta.

Ela parou de respirar.

Era Laura.

— Querida, quem é? - ouviu a voz de Daniel. Holly o viu sair do banheiro com

uma minúscula toalha enrolada ao redor de seu corpo nu.

— Você! - disse Laura aos gritos.

Cinquenta e um

HOLLY PERMANECEU DO LADO DE FORA DO QUARTO de Daniel e olhou de Laura para Daniel e de volta para Laura outra vez. Deduziu, pela seminudez de

ambos, que Daniel já sabia que Laura iria ao casamento. Também presumiu que ele não

havia informado Tom e Denise, já que eles não a haviam avisado. Mas mesmo que

soubessem, não considerariam importante dizer a ela. Holly não havia contado a nenhuma

de suas amigas o que Daniel lhe dissera antes do Natal. Enquanto fitava o quarto de hotel,

percebeu que aquilo significava que não tinha absolutamente nenhum motivo para estar

onde estava naquele exato momento.

Daniel agarrou com força sua minúscula toalha, engoliu em seco no lugar, seu rosto

a imagem do choque. A expressão de Laura era de indignação. A boca de Holly se

escancarou. Por um instante, ninguém disse uma palavra. Holly podia quase ouvir os

cérebros de todos funcionando. Por fim alguém falou, e Holly desejou que não houvesse

sido aquela pessoa em especial.

— O que você está fazendo aqui? - sibilou Laura.

A boca de Holly se abria e fechava como a de um peixinho dourado. Daniel franzira

a testa confuso enquanto olhava de uma garota para outra.

— Vocês duas... - Ele interrompeu a pergunta como se aquela ideia fosse

totalmente ridícula, mas então pensou a respeito e decidiu perguntar assim mesmo: —

Vocês duas se conhecem?

Holly engoliu em seco.

— Ah! - O rosto de Laura se contorceu de desprezo. — Ela não é nenhuma amiga

minha! Peguei esta piranha beijando meu namorado! - gritou Laura, então se conteve

quando percebeu o que havia dito.

— Seu namorado? - gritou Daniel, atravessando o aposento para juntar-se a elas na

porta.

— Desculpe... ex-namorado - murmurou Laura, fitando o chão. Um ligeiro sorriso

cruzou o rosto de Holly, satisfeita pelo fato de Laura haver despejado aquilo.

— Sim, Stevie, não é? Um grande amigo de Daniel, se me lembro bem.

O rosto de Daniel enrubesceu enquanto ele olhava para ambas, parecendo completamente perdido. Laura olhou para Daniel, perguntando-se zangada como aquela

mulher conhecia seu namorado... seu atual namorado, era isso.

— Daniel é um grande amigo meu - explicou Holly, cruzando os braços no peito.

— Então você veio para roubá-lo de mim também? - perguntou Laura amargurada.

— Oh, por favor, quem é você para falar - disparou Holly e Laura corou.

— Você beijou Stevie? - perguntou Daniel, entendendo devagar os pontos principais daquela história. Ele parecia zangado.

— Não, eu não beijei Stevie. - Holly girou os olhos.

— Beijou - gritou Laura como uma criança.

— Oh, quer calar a boca? - Ela olhou para Laura e riu. — Em que isto lhe interessa

de qualquer forma? Suponho que você tenha voltado com Daniel, então

parece que no

final tudo deu certo para você! - Holly virou-se para Daniel.

— Não, Daniel - continuou Holly. — Não beijei Stevie. Estávamos em Galway no

final de semana da despedida de solteira de Denise e Stevie estava bêbado e tentou me

beijar – ela explicou calmamente.

— Oh, você é uma mentirosa - disse Laura amargamente —, vi o que aconteceu.

— E Charlie também. - Holly ignorou Laura e continuou a encarar Daniel. — Pergunte a ele se não acreditar em mim, mas se você não acreditar em mim, realmente

estou pouco ligando - acrescentou ela. — De qualquer forma, vim até aqui para ter aquela

conversa com você, mas obviamente você está ocupado. - Ela olhou de relance para a

reduzida toalha enrolada ao redor da cintura dele. — Então, vejo ambos mais tarde no

casamento.

E com isso Holly girou sobre os calcanhares e desceu o corredor, arrastando a mala

atrás de si. Olhou de relance para Daniel, que ainda a observava da porta, girou a cabeça e

dobrou a curva. Parou quando percebeu que havia alcançado um corredor sem saída. Os

elevadores ficavam do outro lado. Continuou a andar até o final para não parecer

completamente estúpida e passar pela porta deles novamente. Esperou um instante no fim

do corredor, até que ouviu a porta se fechar. Voltou na ponta dos pés, dobrou a curva

outra vez, passou furtivamente pela porta do quarto dele e correu para o elevador.

Pressionou o botão e deu um suspiro de alívio, fechando seus olhos cansados. Não

estava sequer zangada com Daniel; na verdade, de modo realmente infantil, estava contente

que ele houvesse feito algo que os impedisse de ter sua pequena conversa. Então, ela havia

sido descartada e não o contrário, como estava esperando. Mas Daniel não podia ter estado

tão apaixonado assim por ela, pensou, se havia sido capaz de esquecê-la e voltar para Laura

tão rápido. Bem, pelo menos não ferira os sentimentos dele... mas o achava um completo

idiota por aceitar Laura de volta.

— Você vai entrar ou o quê?

Os olhos de Holly se arregalaram; sequer ouvira as portas do elevador se abrirem.

— Leo! - sorriu ela, entrando e abraçando-o. — Eu não sabia que você viria!

— Vou fazer o cabelo da abelha rainha hoje - riu ele, referindo-se a Denise.

— Ela está assim tão mal? - recuou Holly.

— Está simplesmente furiosa porque Tom a viu no dia do seu casamento. Ela acha

que dá azar.

— Bem, vai dar azar se ela acreditar nisto - sorriu Holly.

— Não vejo você há séculos - disse Leo, olhando de relance para o cabelo de Holly

e deixando aquilo muito óbvio.

— Eu sei - lamentou-se Holly, cobrindo as raízes de seus cabelos com as mãos. —

Andei tão ocupada no trabalho este mês que simplesmente não tive tempo.

Leo ergueu as sobrancelhas e pareceu divertido.

— Nunca pensei que iria ouvir você dizer estas palavras a respeito de trabalho.

Você é outra mulher.

Holly sorriu e ficou pensativa.

— É, realmente acho que sou.

— Venha, então - disse Leo, saltando em seu andar. — O casamento só é daqui a

algumas horas; vou prender seu cabelo para esconder estas raízes horríveis.

— Oh, tem certeza de que não se importa? - Holly mordeu o lábio, sentindo-se

culpada.

— Não, não me importo mesmo. - Leo balançou a mão em sinal de pouco caso. —

Não podemos deixar que você estrague as fotos do casamento de Denise com este cabelo,

podemos?

Holly sorriu e arrastou sua mala para fora do elevador atrás dele. Aquilo era mais

ele, por um instante ele simplesmente estava sendo gentil demais.

Denise olhava para Holly excitada, na cabeceira da mesa do salão de recepção do

hotel, enquanto alguém batia num copo com uma colher e os discursos começavam. Holly

movia nervosamente as mãos no colo, passando e repassando seu discurso, sem sequer

ouvir o que os outros oradores estavam dizendo.

Ela deveria tê-lo escrito, porque agora estava tão nervosa que não conseguia se

lembrar do começo. Seu coração bateu loucamente quando Daniel sentou-se e todos

aplaudiram. Ela era a próxima, e não haveria fugas para dentro do banheiro dessa vez.

Sharon agarrou sua mão trêmula e assegurou-lhe que tudo correria bem. Holly retribuiu

com um sorriso inseguro, não se sentindo nem um pouco bem. O pai de Denise anunciou

que Holly iria falar e todos no aposento viraram-se para encará-la. Tudo o que pôde ver foi

um mar de rostos, à medida que todos se concentravam nela. Ergueu-se devagar da cadeira

e olhou de relance para Daniel em busca de apoio. Ele piscou para ela. Ela retribuiu o

sorriso e as batidas de seu coração diminuíram. Seus amigos estavam todos ali. Olhou de

relance para o aposento e localizou John sentado à mesa com os amigos dele e de Gerry.

John ergueu o polegar na direção dela e seu discurso saiu voando pela janela, enquanto um

novo se formava em sua cabeça. Ela pigarreou.

— Por favor, perdoem-me se eu ficar um pouco sentimental enquanto falo, mas

estou simplesmente tão feliz por Denise hoje. Ela é minha melhor amiga... - Holly parou e

olhou de relance para Sharon ao seu lado. — Bem, uma delas... - Todos riram. — E estou

tão orgulhosa dela hoje e feliz por ela ter encontrado o amor com um homem maravilhoso

como Tom.

Holly sorriu quando viu lágrimas encherem os olhos de Denise. A mulher que nunca chorava.

— Encontrar alguém que você ame e que o ama é um sentimento maravilhoso.

Mas encontrar a verdadeira alma gêmea é um sentimento ainda melhor. A alma gêmea é

alguém que o entende como ninguém mais, o ama como ninguém mais, estará com você

para sempre, não importa o que aconteça. Dizem que nada dura eternamente, mas creio

firmemente que, para alguns, o amor continua mesmo depois de termos partido. Sei uma

coisa ou outra a respeito de ter uma pessoa assim, e sei que Denise encontrou sua alma

gêmea em Tom. Denise, fico feliz em lhe dizer que um laço como este nunca morre. - Um

bolo formou-se na garganta de Holly e ela precisou de um momento para se recompor

antes de continuar. — Estou ao mesmo tempo honrada e aterrorizada de que Denise tenha

me pedido para falar hoje.

Todos riram.

— Mas estou feliz por ter sido convidada a compartilhar este maravilhoso dia com

Denise e Tom e faço um brinde a eles, para que tenham muitos outros dias maravilhosos

como este juntos.

Todos aclamaram e estenderam a mão para seus copos.

— Entretanto! - Holly elevou a voz acima da multidão e ergueu a mão para silenciá-

la. O barulho diminuiu e mais uma vez todos os olhos pousaram nela. — Entretanto,

alguns convidados aqui hoje estão cientes da lista que um maravilhoso homem inventou. -

Holly sorriu quando a mesa de John, Sharon e Denise aclamaram. — E uma das regras que

continha era nunca, jamais, usar um vestido branco caro.

Holly deu uma risadinha quando a mesa de John enlouqueceu e Denise ficou histérica, lembrando a funesta noite em que aquela regra fora adicionada à lista.

— Portanto, em nome de Gerry - disse Holly — eu os perdoo por quebrar esta regra, só porque vocês estão tão maravilhosos, e vou pedir-lhes que se juntem a mim num

brinde a Tom e Denise e seu vestido branco muito, muito, muito caro, e sei disso porque

fui arrastada a todas as lojas que vendem vestidos de noiva na Irlanda!

Os convidados ergueram seus copos e repetiram:

— A Tom e Denise e seu vestido branco muito, muito, muito caro! - Holly sentou-

se e Sharon abraçou-a com lágrimas nos olhos.

— Foi perfeito, Holly.

O rosto de Holly se iluminou quando a mesa de John ergueu os copos na direção

dela e aplaudiu. E então a festa começou.

Lágrimas formaram-se nos olhos de Holly quando observou Tom e Denise dançando juntos pela primeira vez como marido e mulher, e ela lembrou-se daquele

sentimento. Um sentimento de excitação, de esperança, de pura felicidade e orgulho, um

sentimento de não saber o que o futuro reservava, mas de estar completamente pronto para

enfrentar tudo o que acontecesse. E aquele pensamento a fez sentir-se feliz; não choraria,

receberia de braços abertos tudo que acontecera. Desfrutara cada segundo de sua vida com

Gerry, mas era hora de seguir adiante. Mover-se para o próximo capítulo de sua vida,

levando consigo recordações maravilhosas e experiências que a ensinariam e ajudariam a

dar forma ao futuro. Certamente seria difícil; havia aprendido que nada jamais era fácil. Mas

não parecia tão difícil quanto alguns meses atrás, e supunha que dentro de outros poucos

meses, seria ainda menos difícil.

Ela havia recebido um presente maravilhoso: vida. Às vezes, a vida era cruel e

prematuramente arrancada, mas o que contava era o que se fazia com ela, não sua duração.

— Quer dançar? - A mão surgiu diante dela; ergueu os olhos e viu Daniel sorrindo

em sua direção.

— Claro. - Ela sorriu e segurou a mão dele.

— Posso dizer que você está linda esta noite?

— Pode - sorriu Holly. Estava feliz com sua aparência; Denise havia escolhido para

ela um belo vestido lilás, com uma enorme abertura na lateral, arrematado por um colete

que escondia a barriga que adquirira no Natal. Leo havia feito um lindo trabalho em seu

cabelo, prendendo-o no alto e deixando alguns cachos caírem soltos sobre os ombros. Ela

se sentia linda. Sentia-se como a princesa Holly, e riu consigo mesma pensando naquilo.

— Foi um bonito discurso o que você fez - sorriu ele. — Percebo que o que eu lhe

disse foi um egoísmo de minha parte. Você disse que não estava pronta e eu não quis ouvir

- desculpou-se ele.

— Está tudo bem, Daniel; acho que não vou estar pronta por um tempo muito, muito longo. Mas obrigado por me esquecer tão rápido. - Ela ergueu as sobrancelhas e

acenou na direção de Laura, que se sentava mal-humorada em sua própria mesa.

Daniel mordeu o lábio.

— Sei que deve parecer rápido demais para você, mas quando não retornou nenhuma de minhas ligações, até mesmo eu tive uma pista de que você não estava

preparada para um relacionamento. E quando fui para casa para as férias e me encontrei

com Laura, a velha chama se acendeu outra vez. Você estava certa, nunca a esqueci.

Acredite, se eu não soubesse, com todo meu coração, que você não estava apaixonada por

mim, eu nunca a teria trazido ao casamento.

Holly sorriu para Daniel.

— Sinto muito tê-lo evitado o mês inteiro. Eu estava me dando um pouco de tempo. Mas ainda acho que você é um bobo. - Ela balançou a cabeça, enquanto via Laura

olhar de cara feia para ela.

Daniel suspirou.

— Eu sei que ela e eu temos muito que discutir nos próximos dias e realmente vou

levar as coisas devagar, mas, como você disse, para algumas pessoas o amor simplesmente

continua - Holly girou os olhos para o céu.

— Oh, não comece a repetir o que eu disse para usar com essa aí - riu ela. — Bem,

a não ser que você esteja feliz. Embora eu não veja como possa fazer isto. - Ela suspirou

dramaticamente e Daniel riu.

— Estou feliz, Holly, acho que simplesmente não consigo viver sem o drama. - Ele

olhou de relance para Laura e seus olhos se enterneceram. Preciso de alguém que seja

apaixonado por mim e, para o melhor e para o pior, Laura é apaixonada. E você? Está

feliz? - Ele estudou o rosto de Holly.

Holly pensou a respeito.

— Esta noite estou feliz. Vou me preocupar com o dia de amanhã, quando amanhã

chegar. Mas estou chegando lá...

Holly formou uma roda com Sharon, John, Denise e Tom e aguardou a contagem

regressiva.

— Cinco... quatro... três... dois... um! FELIZ ANO NOVO! - Todos aplaudiram e

bolas de todas as cores do arco-íris caíram do teto do salão de recepção e cobriram as

cabeças da multidão.

Holly abraçou alegremente os amigos, com lágrimas nos olhos.

— Feliz ano-novo. - Sharon a abraçou com força e beijou-a no rosto. Holly colocou a mão sobre a barriga de Sharon e segurou com força a mão de Denise.

— Feliz Ano-novo para todos nós!

Epílogo

HOLLY FOLHEOU OS JORNAIS para ver qual deles continha a foto de Denise

e Tom no dia do casamento. Não era todos os dias que o maior DJ da Irlanda e uma das

garotas de “As Garotas e a Cidade” se casavam. De qualquer forma, era o que Denise

gostava de pensar.

— Ei! - gritou o irritado vendedor. — Isto aqui não é uma biblioteca, ou você compra os jornais ou os deixa aí.

Holly suspirou e mais uma vez começou a recolher todos os jornais da prateleira.

Precisou fazer duas viagens até o balcão devido ao peso dos jornais e o sujeito sequer pensou em ajudá-la. Não que ela quisesse a ajuda dele de qualquer maneira. Mais

uma vez uma fila se formou atrás da caixa. Holly sorriu e não se apressou. Era culpa dele

mesmo; se ele simplesmente a deixasse folhear os jornais, não precisaria atrasá-lo.

Encaminhou-se ao começo da fila com os últimos jornais e começou a acrescentar barras

de chocolate e pacotes de balas à pilha.

— Oh, e também quero uma sacola, por favor. - Ela piscou e sorriu

docemente.

O velho olhou para ela por cima do aro dos óculos, como se ela fosse uma colegial

desobediente.

— Mark! - gritou ele, zangado.

O adolescente sardento surgiu de um dos corredores da loja mais uma vez, com

uma marcadora de preços nas mãos.

— Abra a outra caixa, filho - ordenou o velho e Mark arrastou-se até a caixa.

Metade da fila atrás de Holly moveu-se para o outro lado.

— Obrigada. - Holly sorriu e encaminhou-se à saída. Quando estava prestes a puxar

a porta, ela foi empurrada pelo outro lado, fazendo com que as compras mais uma vez se

esparramassem todas no chão.

— Sinto muito - disse o homem, inclinando-se para ajudá-la.

— Oh, está tudo bem - respondeu Holly educadamente, não querendo virar-se para

ver o olhar convencido do velho, que lhe queimava as costas.

— Ah, é você! A chocólatra! - disse a voz e Holly ergueu os olhos surpresa.

Era o cliente amistoso com estranhos olhos verdes, que a havia ajudado da outra

vez.

Holly deu uma risadinha nervosa.

— Nós nos encontramos novamente.

— Holly, não é? - perguntou ele, entregando a ela as barras de chocolate tamanho

família.

— Certo, Rob, não é? - replicou ela.

— Você tem uma boa memória - riu ele.

— Você também - ela abriu um sorriso. Colocou tudo de volta na sacola, perdida

em pensamentos, e ficou de pé novamente.

— Bem, tenho certeza que em breve vou topar com você de novo. - Rob sorriu e

dirigiu-se à fila.

Holly ficou olhando para ele, ainda aturdida. Por fim, aproximou-se.

— Rob, há alguma chance de que você quisesse tomar aquela xícara de café hoje?

Se não puder, está tudo bem... - Ela mordeu o lábio.

Ele sorriu e olhou de relance para a aliança no dedo dela.

— Oh, não se preocupe com isto - ela estendeu a mão. — Só representa um tempo

de lembranças felizes hoje em dia.

Ele acenou com a cabeça, em sinal de entendimento.

— Bem, neste caso, eu adoraria.

Eles atravessaram a estrada e encaminharam-se ao Greasy Spoon.

— Por falar nisto, sinto muito por ter fugido de você da última vez - desculpou-se

ele, olhando-a nos olhos.

— Não se preocupe; eu normalmente escapo pela janela do banheiro depois do

primeiro drinque - brincou Holly.

Ele riu.

Holly sorriu enquanto se sentava à mesa, esperando que ele voltasse com as bebidas. Ele parecia legal. Ela relaxou sobre o encosto da cadeira e contemplou pela janela

o dia frio de janeiro, que fazia as árvores dançarem loucamente ao vento. Pensou no que

havia aprendido, na pessoa que havia sido e na pessoa que se tornara. Era uma mulher que

havia recebido conselho do homem que amava, que o havia seguido e tentado com todas as

forças curar a si mesma.

Agora, possuía um emprego que adorava e sentia-se confiante para buscar o que

desejava. Era uma mulher que cometia erros, que por vezes chorava nas manhãs de

segunda-feira ou à noite sozinha na cama. Era uma mulher que frequentemente ficava

entediada com a própria vida e achava difícil levantar-se para o trabalho pela manhã. Era

uma mulher que na maioria das vezes tinha dias ruins, que olhava no espelho e se

perguntava por que não podia apenas se arrastar para a academia mais vezes, era uma

mulher que de vez em quando detestava seu trabalho e se perguntava qual a razão para ter

de viver neste planeta. Era uma mulher que simplesmente às vezes fazia tudo errado.

Por outro lado, era uma mulher com um milhão de lembranças felizes, que sabia o

que era o verdadeiro amor e que estava pronta para experimentar mais vida, mais amor e

construir novas lembranças. Se acontecesse em dez meses ou dez anos, Holly obedeceria a

última mensagem de Gerry. O que quer que a esperasse dali para a frente, sabia que abriria

seu coração e seguiria para onde a vida a conduzisse.

Nesse meio tempo, simplesmente viveria.